

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

FRED MACIEL

***“ALTERAR LA HISTORIA HACIÉNDOLA, NO SOLO CONTÁNDOLA”:*
INTELECTUALIDADE E CULTURA POLÍTICA SANDINISTA EM SERGIO
RAMÍREZ**

**FRANCA
2018**

FRED MACIEL

***“ALTERAR LA HISTORIA HACIÉNDOLA, NO SOLO CONTÁNDOLA”:*
INTELECTUALIDADE E CULTURA POLÍTICA SANDINISTA EM SERGIO
RAMÍREZ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em História. Área de Concentração: História e Cultura Política.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro

**FRANCA
2018**

FRED MACIEL

**“ALTERAR LA HISTORIA HACIÉNDOLA, NO SOLO CONTÁNDOLA”:
INTELECTUALIDADE E CULTURA POLÍTICA SANDINISTA EM SERGIO
RAMÍREZ**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em História.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____
Prof. Dr. Marcos Sorrilha Pinheiro, UNESP

1° Examinador: _____
Prof. Dr. Héctor Luis Saint-Pierre, UNESP

2° Examinador: _____
Prof. Dr. Samuel Alves Soares, UNESP

3° Examinador: _____
Profª Drª Mariana Martins Villaça, UNIFESP

4° Examinador: _____
Prof. Dr. Gabriel Passetti, UFF

Franca, 10 de Abril de 2018.

AGRADECIMENTOS

Há mais de dez anos a Nicarágua tornou-se meu objeto de estudo. As viagens que fiz, as conversas com pesquisadores e, principalmente, o contato com os *nicas* foram fundamentais nesse longo processo de conhecimento e análise tanto da história quanto da realidade desse país centro-americano. A conclusão do doutorado encerra apenas mais uma etapa, uma contribuição para as ainda raras reflexões acerca da região; contudo, distante de abarcar toda a complexidade e particularidade das terras nicaraguenses. Terras essas de Darío e Sandino, mas também dos Somoza e Ortega. Seguramente este “*chele brasileño*” seguirá pesquisando os caminhos (e descaminhos) dessa fascinante nação. Como afirmou certa vez Sergio Ramírez, a Nicarágua “*es una isla feliz en un mar de gasolina*”.

Invariavelmente, escolhas implicam perdas. E algumas pessoas foram importantes para que os passos da vida acadêmica fossem menos cansativos. Aos familiares e amigos, poucos e valiosos, agradeço os incentivos e apoios.

Ao professor Marcos Sorrilha Pinheiro, por toda a confiança e ensinamentos nesses anos de convivência. Em meio a um ambiente acadêmico cada vez mais rígido, indiferente e por vezes frustrante, sinto-me privilegiado por ter sido orientado por um grande amigo.

Aos professores Héctor Luis Saint-Pierre (um dos grandes responsáveis pelo meu crescimento e manutenção na área acadêmica) e Marcos Alves de Souza pelas significativas considerações e correções do presente trabalho.

Aos funcionários do Programa de Pós-Graduação em História da FCHS-Unesp/Franca pela atenção e significativas ajudas.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento ao desenvolvimento deste projeto.

Aos funcionários das instituições visitadas, pesquisadores e pessoas consultadas e entrevistadas, especialmente ao *Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica* (IHNCA) da *Universidad Centroamericana* (UCA) e aos pesquisadores Roberto Cajina, Leonel Delgado Aburto e David Close pelos preciosos comentários acerca da condução e desenvolvimento deste trabalho.

“Toda revolución engendra una contrarrevolución, o al menos una restauración. El poder mismo con su guadaña disolverá la fraternidad idealista que ha pensado la revolución y la ha hecho posible, porque sólo hay un instante para el ideal, el que media entre el triunfo de la idea y el primer decreto que congela esa idea.”

(Sergio Ramírez, ‘Juan de Juanes’)

“Hay una ambición de volver a contar la historia, o reinventarla, o corregirla.”

(Sergio Ramírez, ‘La pasión crítica’)

*“Nos tomamos el Cielo por asalto
pero qué lejos estuvimos de ser ángeles”*

(Gioconda Belli, ‘Carlos, ojalá las hormiguitas no te lo cuenten’)

MACIEL, Fred. *“Alterar la historia haciéndola, no solo contándola”*: intelectualidade e cultura política sandinista em Sergio Ramírez. 2018. 246 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMO

Neste trabalho analisamos a atuação e obra do intelectual nicaraguense Sergio Ramírez, buscando identificar a existência de uma cultura política sandinista. Personagem ativo desde a luta antiditatorial até a transição do regime da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) nos anos 1990, Ramírez pode ser considerado um dos interlocutores responsáveis pela mobilização de uma tradição política sandinista de destaque do viés ético-histórico e igualmente uma fonte para sua verificação. A identificação da intelectualidade nicaraguense e de suas marcas mostra-se relevante na apreensão dos projetos histórico-culturais atuantes no país, de modo a entender como especificidades locais influenciaram no desenvolvimento e na prática de tais “homens de letras”. Através principalmente do estudo de suas ações e produção literária, visaremos aclarar como referida ampla cultura política sandinista fornecia símbolos e representações políticas com as quais Ramírez dialogou, pautando suas ações políticas e elaborações intelectuais. Desse modo, não esquecendo que os intelectuais desempenham uma função social responsável por organizar representações políticas e produzir interpretações sobre a realidade de seu tempo e comunidade, objetivamos retratar como, por meio de Ramírez, projetos políticos nicaraguenses foram edificados e como as atuações desse intelectual também contribuem no reconhecimento da diversidade do sandinismo, com suas ressignificações, releituras e vertentes identificáveis especialmente após a derrota eleitoral da FSLN em 1990. Enquanto força mobilizadora e ideal aglutinador, o sandinismo (e sua cultura política e tradições) é uma marca fundamental da história política recente da Nicarágua, assim como Ramírez é a grande referência intelecto-cultural dessa mesma época, e analisá-los é fundamental na compreensão dos caminhos atuais desse ainda pouco estudado país centro-americano.

Palavras-chave: Nicarágua. Sandinismo. Intelectualidade. Cultura política. Sergio Ramírez.

MACIEL, Fred. *“Alterar la historia haciéndola, no solo contándola”*: intellectuality and Sandinista political culture in Sergio Ramírez. 2018. Thesis (Ph.D. in History) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

ABSTRACT

In this work, we analyze the performance and work of the Nicaraguan intellectual Sergio Ramírez, seeking to identify the existence of a Sandinista political culture. Active character since the anti-dictatorial fight until the transition of the regime of the Sandinista National Liberation Front (FSLN) in 90's, Ramírez can be considered as one of the interlocutors responsible for the mobilization of a Sandinista political tradition that highlights the ethical-historical bias and also a source for his verification. The identification of the Nicaraguan intellectuality and its brands is relevant in the apprehension of the historical-cultural projects in the country, in order to understand how local specificities influenced the development and practice of such “men of letters”. Through mainly the study of his actions and literary production, we aim to clarify how this broad Sandinista political culture provided symbols and political representations with which Ramírez dialogued, guiding his political actions and intellectual elaborations. Thus, not forgetting that intellectuals play a social function responsible for organizing political representations and producing interpretations about the reality of their time and community, we aim to portray how, through Ramírez, Nicaraguan political projects were built and how the performance of this intellectual also contributed to the recognition of the diversity of Sandinismo, with its re-significations, re-readings and strands identifiable specially after the FSLN 's electoral defeat in 1990. As a mobilizing force and agglutinator ideal, Sandinismo (and its political culture and traditions) is a fundamental mark of Nicaragua's recent political history, just as Ramírez is the great intellectual-cultural reference of the same epoch, and analyzing them is fundamental in understanding the current ways of this still little studied Central American country.

Keywords: Nicaragua. Sandinismo. Intellectuality. Political culture. Sergio Ramírez.

MACIEL, Fred. *“Alterar la historia haciéndola, no solo contándola”*: intelectualidad y cultura política sandinista en Sergio Ramírez. 2018. Tesis (Doctorado en Historia) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2018.

RESUMEN

En este trabajo analizamos la actuación y obra del intelectual nicaragüense Sergio Ramírez, buscando identificar la existencia de una cultura política sandinista. Personaje activo desde la lucha antidictatorial hasta la transición del régimen del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) en los años 1990, Ramírez puede ser considerado uno de los interlocutores responsables por la movilización de una tradición política sandinista que destaca el sesgo ético-histórico y también una fuente para su verificación. La identificación de la intelectualidad nicaragüense y de sus marcas se muestra relevante en la aprehensión de los proyectos histórico-culturales actuantes en el país, de manera a entender cómo las especificidades locales influenciaron en el desarrollo y la práctica de tales “hombres de letras”. A través principalmente del estudio de sus acciones y producción literaria, pretendemos aclarar como referida amplia cultura política sandinista proporcionaba símbolos y representaciones políticas con las que Ramírez dialogó, pautando sus acciones políticas y elaboraciones intelectuales. De este modo, no olvidando que los intelectuales desempeñan una función social responsable de organizar representaciones políticas y producir interpretaciones sobre la realidad de su tiempo y comunidad, objetivamos retratar cómo, por medio de Ramírez, proyectos políticos nicaragüenses fueron edificados y cómo las actuaciones de ese intelectual también contribuyen en el reconocimiento de la diversidad del sandinismo, con sus resignificaciones, lecturas y vertientes identificables especialmente después de la derrota electoral del FSLN en 1990. En cuanto fuerza movilizadora e ideal aglutinador, el sandinismo (y su cultura política y tradiciones) es una marca fundamental de la historia política reciente de Nicaragua, así como Ramírez es la gran referencia intelecto-cultural de esa misma época, y analizarlos es fundamental en la comprensión de los caminos actuales de este todavía poco estudiado país centroamericano.

Palabras clave: Nicaragua. Sandinismo. Intelectualidad. Cultura política. Sergio Ramírez.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|------------|
| MAPA 1 – Nicarágua..... | 10 |
| FIGURA 1 – Daniel Ortega em comício para as eleições de 1990..... | 129 |
| FIGURA 2 – Augusto C. Sandino em um de seus retratos mais conhecidos..... | 129 |
| FIGURA 3 – Alfonso Robelo, Jimmy Carter, Daniel Ortega e Sergio Ramírez em visita oficial da Junta de Governo à Casa Branca (setembro de 1979)..... | 130 |
| FIGURA 4 – Sergio Ramírez e membros da Direção Nacional da FSLN (Humberto Ortega, Tomás Borge, Daniel Ortega e Bayardo Arce)..... | 131 |

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| INTRODUÇÃO..... | 11 |
| 1 TRAÇOS POLÍTICO-SOCIAIS, MARCAS CULTURAIS E ASPECTOS DA ATUAÇÃO DA INTELLECTUALIDADE NA NICARÁGUA..... | 28 |
| 1.1 Breve panorama da participação dos intelectuais na América Latina..... | 29 |
| 1.2 Providencialismo e cultura política pragmática-resignada..... | 38 |
| 1.3 Rubén Darío..... | 54 |
| 1.4 O movimento vanguardista..... | 63 |
| 1.5 A força da tradição: famílias e a questão de linhagem..... | 76 |
| 2 SERGIO RAMÍREZ E SEU CONTEXTO: RELAÇÕES E TRAJETÓRIA DO ESCRITOR MILITANTE..... | 87 |
| 2.1 “ <i>Quieren ellos volcarse por esta ventana</i> ”: inícios e formação intelectual..... | 88 |
| 2.2 Firmando o compromisso: militância intelectual nos anos 1970..... | 106 |
| 2.3 FSLN no poder..... | 113 |
| 3 CULTURA POLÍTICA SANDINISTA: FORMAÇÃO E CONSTRUÇÃO INTELLECTUAL..... | 132 |
| 3.1 Sandino: ação e ideias..... | 133 |
| 3.2 FSLN: origens e apropriação da imagem de Sandino..... | 139 |
| 3.3 Sergio Ramírez e o resgate do Sandino histórico..... | 148 |
| 3.4 “ <i>Mentiras verdaderas</i> ” e a literatura como ação..... | 168 |
| 4 CULTURA POLÍTICA SANDINISTA E SUAS TRADIÇÕES: PERSISTÊNCIA E RESSIGNIFICAÇÕES..... | 185 |
| 4.1 Transição e estruturação do “danielismo/orteguismo”..... | 186 |
| 4.1.1 Sandinismo ou orteguismo?..... | 191 |
| 4.2 Vertentes e atualizações da cultura política sandinista..... | 197 |
| 4.3 Sandinistas no século XXI (?)...... | 212 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 221 |

REFERÊNCIAS..... 231

Mapa 1 - Nicarágua



Fonte: Mapas del Mundo. Disponível em: <<http://es.justmaps.org>>. Acesso em: 12 abril 2018.

INTRODUÇÃO

Ao pensarmos na Nicarágua, a primeira e principal referência recai na Revolução Sandinista. O processo revolucionário que impôs a queda do regime ditatorial da família Somoza marcou a busca pela autodeterminação e reafirmação nacional em um amplo cenário de desigualdades e autoritarismo. A vitória insurrecional permitiu a ascensão de um novo governo, de projetos renovados e alcance popular. Sem dúvidas, a condução política do incipiente processo e as estratégias de atuação e articulação foram questionáveis, mas isso não retira a significância dessa etapa histórica ou diminui seu impacto nacional e regional. Além disso, os sucessos alcançados com a então nova realidade e a projeção da *Frente Sandinista de Liberación Nacional* (FSLN) como grande liderança foram cruciais para a edificação do sandinismo como uma força político-ideológica fundamental no país.

No decorrer de dito regime, foi percebida como necessidade premente a participação e envolvimento do maior número possível de atores sociais dos mais variados grupos e segmentos, visto que, ao menos inicialmente, a proposta central do grupo que assumia o poder estava vinculada à democratização do país, conseqüentemente à conquista da soberania nacional (apontada pela cúpula dirigente como “libertação nacional”), e à transformação social. Ou seja, a melhora das condições de vida de grande parte da população que escassa e limitadamente tinha acesso a serviços básicos, como educação e saúde.

Esses foram alguns dos principais traços do complexo panorama de inserção e atuação do intelectual Sergio Ramírez. Nascido em 1942 em Masatepe, cidade próxima à capital Manágua, oriundo de uma família de músicos pelo lado paterno e aficionado por histórias em quadrinhos quando criança, Ramírez desde jovem mostrou sua vocação para às letras, com a publicação de contos em periódicos locais. Em 1959 ingressou no curso de Direito da *Universidad de León*, local onde teria grande contato com a atividade política de resistência ao somozismo e conseqüentemente iniciara sua vida política.

No ano seguinte, ao lado de colegas, fundou o grupo *Ventana*, cuja revista homônima publicava textos em defesa da autonomia universitária, introduzindo também aspectos políticos no âmbito literário. Esses mesmos membros se reconheciam como “*Generación de Autonomía*”, pregadores de uma literatura que ia além de um trabalho artístico, uma forma de manifestar o compromisso com a realidade social¹. No início da década de 1960 entrou em contato com Carlos Fonseca Amador, um dos organizadores da Frente Sandinista e principal

¹ VARGAS VARGAS, José Ángel. Sergio Ramírez: escritor y político. **InterSedes** – Revista Electrónica de las Sedes Regionales de la Universidad de Costa Rica, v. 3 n. 5, 2002. Nota 7, p. 232.

articulador político-intelectual de dito movimento que então se iniciava, por meio da Frente Estudantil Revolucionária (FER).

Segundo Ramírez, Carlos Fonseca foi um dos principais inspiradores de sua ação política e literária. Porém, sua incorporação definitiva à luta antiditatorial só se daria em meados dos anos 70, quando, em viagem profissional à Alemanha, acompanhou pela televisão a ação da FSLN em uma recepção ao embaixador estadunidense Turner Shelton, tomando membros somozistas como reféns.

Posteriormente, Ramírez também formaria, juntamente com outros nomes destacados da sociedade nicaraguense, o chamado *Grupo de los Doce*, grupo de civis destacados que apoiavam a FSLN e que contribuíram na aceitação dos sandinistas em âmbito local e internacional. Com a vitória da insurreição armada em 1979, sua participação política foi ampliada, culminando em seu cargo como vice-presidente da República após as eleições de 1984, com Daniel Ortega sendo eleito dirigente do país. Não podemos ignorar o fato também de que a ascensão a tal posição foi influenciada por sua condição de intelectual, como trabalharemos no decorrer da tese. Como principal representante do mencionado *Grupo de los Doce*, podemos considerar que Ramírez encarnou o símbolo de um novo sentido político pretendido por alguns membros da FSLN, de viés não apenas guerrilheiro/militarista e/ou orientado à via armada, buscando até mesmo uma imagem mais ampla e heterogênea em relação à participação de distintos setores sociais.

Nesse contexto, a derrota eleitoral da Frente Sandinista em 1990 foi, possivelmente, tão relevante quanto a ascensão da mesma em meados de 1979. Ambos os processos deixaram marcas significativas na história política e social da Nicarágua, sendo alvo de discussões e de exercícios analíticos a respeito. A saída do projeto político sandinista do governo também merecerá nossa atenção nessa tese. Naquele momento, a FSLN chegou aos comícios na pior situação econômica da história do país, que teve como efeito a reversão de muitas conquistas dos anos iniciais do regime sandinista que significaram melhorias nas condições de vida da população (especialmente nos campos da educação e saúde, no número de empregos e na reversão da retração produtiva)². Ademais, em meio a tal cenário, no qual o conflito militar se transferia para a área política, promoveu-se de maneira mais contundente do que nos comícios de 1984 a passagem de uma lógica de democracia participativa – tentada com uma extensa mobilização popular – a uma de democracia representativa.

² VILAS, Carlos. **El legado de una década**. Managua: Lea Grupo Editorial, 2005. p. 124.

O entrelaçamento histórico do político e do militar em toda a região centro-americana dava mostras de como era difícil para os países irem às urnas; visto que até meados dos anos 80 o “modelo guerreiro” ainda superava os esquemas democráticos contemporâneos (centrados principalmente na representatividade e no sufrágio universal). Segundo o pesquisador mexicano Raúl Benítez Manaut:

Esta simbiosis de lo político y lo militar, que entre 1979-1980 y 1987 se proyectó a lo militar, por las dimensiones que alcanza retorna progresivamente a lo político a partir de la firma del compromiso de Esquipulas II. Así, las mismas fuerzas que despliegan su esfuerzo en lo militar, buscan la legitimidad en lo político, principalmente en la lucha electoral. Esto explica porque la lucha electoral adquiere gradualmente importancia en países donde anteriormente fue irrelevante, siendo menospreciada por las élites oligárquicas-militares de El Salvador, Guatemala y Honduras. También explica el porqué en países donde lo democrático-electoral nunca existió (como en Nicaragua), ahora adquiere una nueva dimensión, tanto de reconquista de legitimidad y hegemonía perdidas (para el sandinismo), como de lucha por el respaldo de la población (para las fuerzas que apoyan políticamente a Violeta Barrios)³.

Nesse sentido, diversas análises dos resultados eleitorais de fevereiro de 1990 buscaram o(s) motivo(s) da derrota sandinista: muito se questionou a intensa mobilização popular (por vezes forçada e centrada no Serviço Militar Patriótico), a prioridade militar no projeto político, o insucesso com os camponeses e povos da Costa Atlântica, a crise econômica, etc. A análise da percepção conjuntural é igualmente presente e válida⁴, entendendo que a vitória da UNO (*Unión Nacional Opositora*) foi resultado de um conjunto de fatores, mas principalmente pela guerra. Muito mais do que uma oposição às estratégias da FSLN, a população pareceu ter votado contra a permanência do conflito armado que desgastava o país há quase uma década.

Desse modo, não seria errôneo avaliar que o nicaraguense votou contra a política governamental que o frustrou e aguçou a crise econômica, mas igualmente podemos considerar que a população não tinha opções reais. Como indicou Edelberto Torres-Rivas, o voto a favor da UNO deve ser visto na dimensão trágica de uma sociedade forçada à

³ BENÍTEZ MANAUT, Raúl. Centroamérica: paz, desarrollo y democracia versus guerra y militarismo. El reto de los años noventa. In: FACULTAD LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES. **Seguridad, Paz y Desarme: Propuestas de Concertación Pacífica en América Latina y el Caribe – Estudio Estratégico de América Latina 1990-1991**. Santiago de Chile: CLADDE/FLACSO, 1992. p. 176.

⁴ Ver: CAJINA, Roberto. **Transición y reconversión militar en Nicaragua, 1990-1995**. Managua: CRIES, 1996; MACIEL, Fred. **Da montanha ao quartel: atuação e influência do Exército Popular Sandinista na Nicarágua**. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Franca, 2013; ROUQUIÉ, Alain. **Guerras y paz en América Central**. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

persistência na guerra. Uma vez em situações de crise social prolongada, o voto e a escolha parecem determinados pelo ambiente de desespero imediato: “Frente ao caos social se opta pela segurança e pela ordem⁵”. Há também a visão mais ampla das eleições, levando em consideração sua configuração e a maneira como foram encaradas pela liderança sandinista: como uma extensão do processo de negociação e pacificação regional que deveria conduzir ao fim do apoio estadunidense à Contra, de forma a encerrar os enfrentamentos armados e neutralizar oposições diplomáticas⁶.

Apesar do que apontam essas análises posteriores, o revés eleitoral não era esperado pela direção da Frente Sandinista, tampouco a maioria da oposição confiava na superação dos votos do bloco governista. Como afirmou o então general sandinista Hugo Torres, em entrevista a nós concedida⁷: “Nos doeu muito, porque havíamos semeado nossos sonhos, nossos anseios de construir um mundo diferente. Foi como se tivéssemos recebido um golpe na nuca, foi horrível. Porém, foi derrotado através do voto”. Essa mesma resignação pode ser encontrada na obra de nosso objeto central: Sergio Ramírez. Contudo, em Ramírez, a frustração dá mostras de centrar-se na transformação político-ideológica de dirigentes sandinistas, esvaziados dos antigos ideais revolucionários, valores éticos e corrompidos pelo poder.

Com a saída do governo, Ramírez permaneceria na esfera política nicaraguense, desta vez como líder do setor sandinista no Congresso. Já no início da década de 1990, as cisões internas na FSLN voltaram a ganhar espaço. Se as mesmas, que já existiam desde os anos 1970 com as três facções pré-movimento insurrecional (Guerra Popular Prolongada, Tendência Proletária e Tendência Insurrecional/Terceiristas), foram suplantadas em favor de um projeto nacional de transformação política e social visando a superação do passado autoritário do país, com a derrota eleitoral o campo para as divergências estava aberto novamente.

Assim, em meados de 1994, Sergio Ramírez deixou os quadros da FSLN, em função de sua posição ideológica mais flexível e orientada à democracia, oposta à ala radical e rígida liderada por Daniel Ortega. Este último grupo não aceitava a derrota de 1990 e pregava medidas drásticas como oposição ao governo de Violeta Chamorro, que vencera aquele pleito

⁵ TORRES-RIVAS, Edelberto. La recomposición del orden: elecciones en Centroamérica. In: **Revista Española de Investigaciones Sociológicas** n. 50. Madrid, abril-junho de 1990. p. 119.

⁶ VILAS, Carlos. Nicaragua: el camino de la derrota electoral y el porvenir de la revolución sandinista. In: **Realidad** – Revista de Ciencias Sociales y Humanidades N. 14. San Salvador, março-abril 1990. p. 136.

⁷ Referida entrevista foi realizada em visita à Nicarágua em fevereiro de 2012, inserida em uma pesquisa de campo vinculada ao desenvolvimento do projeto de pesquisa de Mestrado intitulado “Da montanha ao quartel: atuação e influência do Exército Popular Sandinista na Nicarágua”.

(fomento ao retorno à luta armada, evitar qualquer colaboração com o novo regime, atravancar processos no Congresso, etc.).

Entre 1994 e 1995, juntamente com outros membros expulsos ou afastados voluntariamente da FSLN, Ramírez formou o *Movimiento Renovador Sandinista* (MRS), partido político de “inspiração social e democrática”, surgido “principalmente de contradições sobre a política e ação do partido [FSLN], em relação à democracia interna, luta política e social e reformas constitucionais, em clara oposição à crescente tendência *caudillista* de Daniel Ortega⁸”. Nas eleições presidenciais de 1996 foi candidato pelo mesmo MRS, obtendo cerca de 1,3% dos votos. Depois disso, se retirou da vida política pública, dedicando-se exclusivamente ao ofício de escritor. E são justamente os escritos elaborados no período pós-regime sandinista os que tratam de maneira crítica a etapa indicada pelo autor como de “utopia compartilhada”.

A análise da trajetória de Sérgio Ramirez e sua relação com a FSLN, tanto na atuação política como em forma de escritos (literários ou não), tomam uma dimensão ainda mais interessante e importante se considerarmos a existência de uma ampla cultura política sandinista com posteriores ressignificações e variantes. Explicamos: a influência de Augusto C. Sandino e sua atuação entre fins dos anos 20 e meados dos anos 30 foi marco na constituição da Frente Sandinista enquanto movimento popular de massas, além de referência de uma geração de jovens que então lutava contra o regime autoritário da família Somoza. Alguns traços fundamentais podem ser destacados no pensamento de Sandino: soberania, autonomia nacional, nacionalidade e, como consequência, seu conceito de justiça social⁹. A FSLN, criada no início da década de 1960, tomou como pressuposto seguir o “legado” deixado por Sandino; não uma proposição teórica, mas sim consequências da práxis, uma vez que o chamado “*General de hombres libres*” não era um teórico, mas um homem de ação¹⁰.

Nesse sentido, tendo igualmente como influência a vitória dos revolucionários cubanos em 1959, uma geração de jovens nicaraguenses se impulsionou à radicalização em oposição ao somozismo, reunidos principalmente em organizações políticas segmentadas e estudantis. Estas últimas seriam os primeiros canais atuantes de socialização política e presentes na formação de uma cultura política sandinista, presente durante toda a luta insurrecional de maneira mais difundida e generalizada, e durante o regime da FSLN de modo

⁸ MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. **Principios y programa aprobados por la convención constitutiva**. Managua: [s.n.], 1995. Tradução livre.

⁹ RAMÍREZ, Sergio. **El pensamiento vivo de Sandino**. Tomo 2. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984. p. 434.

¹⁰ Ibid. p. 433.

distinto no começo e no fim da década de 1980, em função da difusão em tradições políticas e vertentes específicas. Neste último período, as cisões internas retratavam de um lado o discurso considerado oficial, do presidente Daniel Ortega e seu grupo de seguidores, e de outro, antigos membros e militantes que criticavam a transformação autoritária e “*caudillista*” de Ortega e o “desvirtuamento” do pensamento sandinista original; possibilitando diferentes postulações de tal legado e reinterpretações próprias em distintos setores que ainda se considera(va)m sandinistas.

Desse modo, mesmo com a derrota eleitoral em 1990, tal cultura política sandinista, baseada nos princípios defendidos por Sandino, parece ter permanecido e inclusive reivindicada por grupos dissidentes da FSLN, principalmente o já citado *Movimiento Renovador Sandinista* e o *Movimiento por el Rescate del Sandinismo* (criado em 2005 e conhecido como *El Rescate*). Abre-se espaço, então, para uma possível discussão entre o fim do projeto político de uma organização que se autointitulava sandinista (FSLN) e seus legados na sociedade nicaraguense. Ou seja, a interpretação de que a derrota eleitoral não significou o fim do sandinismo enquanto força aglutinadora. Mais do que isso, podemos considerar Ramírez como grande representante e interlocutor de uma tradição política singular derivada de tal cultura política, de valoração ética e histórica, de modo que por meio de sua atuação e obra podemos não apenas verificar dita cultura política como também perceber seu impulso e desenvolvimento.

Para além da relevância e centralidade de Sergio Ramírez, dito exercício analítico mostra-se relevante no estudo do sandinismo como tradição política, e mais especificamente, da cultura política e suas tradições presentes ao seu redor. Tal temática ainda foi pouco abordada e carece de pesquisas se levarmos em consideração a magnitude da influência sandinista na Nicarágua. Destacaremos algumas considerações acerca do assunto.

Segundo o historiador Steven Palmer¹¹, é possível analisar o sandinismo como uma formação narrativa carregada de multiformes simbologias e apelos a referências culturais locais. Através da significativa ação de Carlos Fonseca, uma extensa e radical ideologia seria o centro de uma insurreição que chegaria ao poder, legitimando a FSLN e seu governo como autores da revolução.

¹¹ PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of Sandinismo in Nicaragua. In: **Latin American Research Review**, vol. 23, n.1, 1988. p. 97-98.

Edelberto Torres-Rivas, pesquisador guatemalteco, possui extenso trabalho acerca da América Central. Para o sociólogo¹², o sandinismo foi, e ainda é, uma poderosa força identitária, em alguns momentos confusa, com elementos históricos, políticos e ideológicos. Mais que um pensamento de esquerda, uma atitude militante; mas não uma ideologia, visto que, para Torres-Rivas, não possui estrutura lógica para dar respostas aos desafios dos problemas nacionais.

Outro ponto de vista, indo além do aspecto essencialmente político, pode ser indicado. Coletando relatos e entrevistas de camponeses da região de Siuna, uma das fronteiras agrícolas nicaraguenses, a antropóloga panamenha Fernanda Soto Joya¹³ percebeu como prevalece uma imagem congelada da revolução, de modo que “*la memoria colectiva sandinista se convierte en una historia sentimental que asocia al Sandinismo con un universo afectivo nacido del lado más cristalino del corazón*”. Reconhece-se, então, a força do sandinismo enquanto projeto político que, mesmo envolto em contradições, vincula-se igualmente a uma estrutura de sentimentos, ao mundo afetivo. Interpretações como essas auxiliam a reforçar a hipótese de existência de uma ampla cultura política sandinista com diferentes tradições e vertentes¹⁴.

O recorte temático espaço-temporal da tese focaliza a atuação e produção intelectual de Sergio Ramírez, entendido como aporte e exemplo central da existência do sandinismo como cultura política, a partir da segunda metade do século XX, principalmente no período de transição do regime da Frente Sandinista e, especialmente, por meio da questão da ética e do poder trabalhada pelo mesmo, evidenciando como a derrota eleitoral não significou o fim do sandinismo enquanto ideal mobilizador.

Na América Latina a presença de distintas e específicas culturas políticas parece amalgamada com a história do continente, em uma relação direta com as esferas de poder e seus inúmeros atores sociais envolvidos e com seus respectivos significados nacionais. Não

¹² TORRES-RIVAS, Edelberto. La difícil existencia de las izquierdas centroamericanas. **A Contracorriente**, v. 6, n. 2, 2009.

¹³ SOTO JOYA, Fernanda. **Ventanas en la memoria: recuerdos de la Revolución en la Frontera Agrícola**. Managua: UCA Publicaciones, 2011.

¹⁴ Principalmente se a cultura política for compreendida, como: “um feixe de orientações políticas de uma comunidade nacional ou subnacional; em segundo lugar, tem componentes cognitivos, afetivos e valorativos que incluem tanto os conhecimentos e crenças sobre a realidade política quanto os sentimentos políticos e os compromissos com valores políticos; em terceiro lugar, o conteúdo da cultura política é o resultado da socialização primária, da educação, da exposição aos *midia* e das experiências adultas em relação às ações governamentais, sociais e econômicas; e, em quarto lugar, a cultura política afeta a atuação governamental e a estrutura política, condicionando-as, ainda que não as determinando, porque sua relação causal flui em ambas direções”. Ver: ALMOND, Gabriel. *A Discipline Divided. Schools and Sects in Political Science*. Londres: Sage, 1990, p. 144 apud LLERA, Francisco J. *Enfoques en el estudio de la cultura política*. In: CASTILLO, Pilar del; CRESPO, Ismael (org.). **Cultura Política - enfoques teóricos y análisis empíricos**. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997. p. 59.

obstante, por sua própria diversidade, tal temática ainda possui campos a serem estudados, especialmente referente à América Central. Assim, existe um vasto campo carente de pesquisas, principalmente no Brasil, acerca do istmo centro-americano, envolvendo temáticas como o desenvolvimento político no fim do século XX e a participação e influência de intelectuais nos processos políticos e sociais de referido período. A figura de Sergio Ramírez (bem como sua atuação) e o sandinismo foram – e considerando a persistência e ressignificações de tradições políticas e vertentes associadas a essa cultura política, ainda são – etapa relevante na história nicaraguense e latino-americana; aprofundar em sua análise e na da conflitante Nicarágua mostra-se importante na compreensão da heterogênea e peculiar América Central.

Nesse sentido, compreendemos que a América Latina foi e é cenário da presença e atuação de inúmeras e distintas culturas políticas, cada uma com suas particularidades e ligações com o quadro político, social e cultural nacional e regional. O caso nicaraguense e a constatação da existência de uma abrangente cultura política sandinista se inclui nesse referencial. Nessa lógica, usaremos como base o conceito de Serge Berstein¹⁵, entendendo cultura política como uma complexa noção de explicação dos comportamentos políticos no decorrer da história, um conjunto homogêneo com discurso codificado (vocabulário, símbolos, ritos) que permite suprir ao mesmo tempo uma leitura comum do passado e uma projeção coletiva do futuro. Tal fenômeno de múltiplos parâmetros, adaptável ao comportamento humano, constitui um conjunto coerente no qual os elementos estão em estreita relação, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que a ela se associa.

A interpretação de Ângela de Castro Gomes¹⁶ também contribui na aclaração do conceito. Segundo a historiadora, cultura política pode ser compreendida como um sistema de representações, complexo e heterogêneo, mas capaz de permitir a compreensão dos sentidos que determinado grupo atribui a uma dada realidade social, em determinado momento do tempo; uma orientação das condutas dos atores sociais em um tempo mais longo, redimensionando o acontecimento político para além da curta duração.

Na Nicarágua, os estudos sobre a ideia de cultura política ainda são escassos. O tema, por vezes, é abordado e diluído em pesquisas de opinião e análises de opções partidárias em períodos próximos a pleitos eleitorais. Exames mais aprofundados podem ser encontrados em

¹⁵ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

¹⁶ GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (org). **Culturas Políticas: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2005.

duas obras de pesquisadores nicaraguenses: “*Cultura política nicaragüense*” de Emilio Álvarez Montalván e “*El síndrome de Pedrarias*” de Oscar-René Vargas¹⁷. Através da indagação de como os valores da cultura política nicaraguense influenciaram no desenvolvimento do país e no comportamento de dirigentes, Álvarez Montalván sublinhou, no decorrer do livro, traços persistentes de personalismo, paternalismo, patrimonialismo, visão a curto prazo e violência política como alguns dos valores que formam o caráter nacional e que seguem permeando a história local. Vargas também elucidou aspectos característicos da cultura política nicaraguense. O autor reconheceu a diversidade cultural existente em diferentes setores, mas focalizou marcas das elites. As ideias do Estado como mero produto de conquista após disputas (“*Estado-botín*”), das manipulações e mentiras, do rasto religioso e do domínio do passado são atributos apresentados na explicação do modo da vida política nacional. Tais reflexões coadunam na noção de que a Nicarágua seria prisioneira de uma cultura política tradicional e autoritária, remontando ao período colonial e resistindo até os tempos atuais¹⁸.

Assim, através de tais perspectivas, tratamos de reconhecer a existência de uma ampla cultura política com suas distintas tradições (representadas em ações mais e menos organizadas) associadas ao sandinismo, ou seja, um conjunto de referências estabelecido com as ideias e pensamentos de Sandino revividos por uma geração de jovens radicalizados e descontentes com o somozismo, elucidando uma vertente especificamente influente e presente na obra e atuação de Sergio Ramírez. Desse modo, no decorrer da tese, buscamos entender como uma interpretação comum do passado (e igualmente do presente) foi produzida e consolidada através do tempo, integrando-se ao imaginário e à memória coletiva de um grupo social atuante na vitoriosa insurreição de 1979, no governo da década de 1980 e na transição governamental. Podendo a mesma ser notada ainda atualmente, em partidos e grupos políticos oriundos de cisões internas da Frente Sandinista e em posicionamentos diluídos em meio à população.

A ideia de cultura política, bem como de intelectual e sua ação política, relacionam-se diretamente com outro conceito relevante em nosso trabalho, o de poder. Em sua definição geral, poder é a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos¹⁹. Em seu sentido

¹⁷ ÁLVAREZ MONTALVÁN, Emilio. *Cultura política nicaragüense*. Managua: Colección Presidencial Enrique Bolaños Geyer, 2003 e VARGAS, Oscar-René. **El síndrome de Pedrarias: cultura política en Nicaragua**. Managua: Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN), 1999.

¹⁸ ORTEGA HEGG, Manuel. **Cultura política, gobierno local y descentralización**. San Salvador: FLACSO, 2001. p. 14.

¹⁹ STOPPINO, Mario. Poder. In: BOBBIO, Norberto (org). **Diccionario de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

social, refere-se desde a capacidade geral de agir até à capacidade do homem em determinar o comportamento de outro homem. Porém, não se define como uma “coisa” ou sua posse, mas sim como uma relação entre pessoas. E tal relação mostra-se como triádica, envolvendo a pessoa/grupo que detém o poder, a pessoa/grupo que a ele está sujeito, e a esfera de atividade à qual se refere. Podemos articular o poder em duas vertentes: poder potencial e poder atual (ou poder em ato). Enquanto o poder atual é uma relação entre comportamentos, o potencial é uma relação entre atitudes para agir.

No estudo da política, o poder é um dos fenômenos mais difundidos na vida social, vinculando-se a distintos modos de exercícios (persuasão, manipulação, coerção, recompensa, etc.). Max Weber²⁰, por exemplo, possui extensa obra acerca de ditas relações de mando e obediência, encontradas tipicamente na política e baseadas no fundamento de legitimidade. De acordo com Weber, três tipos de poder podem ser identificados: poder legal, poder tradicional e poder carismático.

O poder legal, característico da sociedade moderna, funda-se sobre a crença na legitimidade jurídica definidora da função do detentor do poder, ou seja, a lei apresenta-se como fonte do poder. A crença no caráter sacro do poder é a característica central do poder tradicional, cuja fonte é a própria tradição e o aparelho administrativo é de tipo patriarcal. O poder carismático, por sua vez, atrela-se à dedicação afetiva à pessoa do chefe, de modo que a fonte de poder não possui vínculos pré-determinados. Nota-se, portanto, que o fenômeno do poder é amplo e consideravelmente discutido nas ciências humanas.

Nessa perspectiva, considerando tal complexidade, a análise da temática do poder a partir do discurso e das obras de Sergio Ramírez revela-se um aporte valoroso, uma vez que o intelectual nicaraguense permeia a questão do poder como contraposição na defesa de posturas éticas e humanas. Para Ramírez, o poder apresenta-se como arbitrário, mutável e manipulável, enquadrando-se em uma visão pessimista acerca do cenário político da Nicarágua. A reflexão a respeito das relações entre comportamentos dos grupos políticos atuantes desde o regime autoritário somozista até a transição após o governo sandinista, ajuda a sublinhar uma instabilidade e fragilidade das esferas de poder quando distantes do uso da força e violência, além de permitir a percepção acerca do alcance e impacto da intelectualidade na ação política.

Como o cerne de nosso trabalho está no exame da figura de Sergio Ramírez, e nossa abordagem se dá a partir de uma história dos intelectuais, faz-se necessária a apresentação da

²⁰ WEBER, Max. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

ideia do que aqui se concebe por intelectual, bem como a sua relação com o poder. De acordo com Norberto Bobbio²¹, os intelectuais vinculam-se à produção e transmissão de ideias, de símbolos, de visões de mundo, mediante o uso da palavra. O próprio Bobbio citou outra definição – de Jean-Paul Sartre – pertinente à discussão. Nessa “definição persuasiva”, o papel dos intelectuais seria o de viver as próprias contradições e superá-las através do radicalismo, sendo verdadeiro o revolucionário, e falso o reacionário; entendendo como verdadeiro aquele que se engaja e falso aquele que não o faz.

Na relação entre intelectuais e poder, Bobbio ainda pontuou considerações distinguindo as tarefas do intelectual e do político, cabendo a este último tomar decisões e ao intelectual, agitar ideias, levantar problemas, elaborar programas ou apenas teorias gerais. Desse modo, podemos considerar que os intelectuais exercem um poder, ainda que mediante a persuasão e não pela coação.

Pensando na relação com o político, considerando os lugares de sociabilidade como uma condição para a elaboração intelectual²², pode-se também pensar os intelectuais como criadores e mediadores culturais e como atores do político, relativamente engajados na vida da cidade e/ou nos locais de produção e divulgação de conhecimento e promoção de debates²³. Nesse sentido, tratando sociabilidade nos termos apresentados pelo historiador francês Maurice Agulhon, enquanto categoria descritiva que serve para designar uma atitude geral das populações ao viver relações públicas, nos encaramos com a possibilidade de investigar as sociabilidades como maneira de seguir as trajetórias de indivíduos e grupos. Desse modo, é possível mapear suas ideias, tradições, comportamentos e formas de organização, de maneira que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidades em determinados momentos.

Ademais, partilhamos da ideia de Jean-François Sirinelli²⁴ de compreensão e extensão do termo intelectual, com seu respectivo caráter polissêmico. Neste, duas acepções são indicadas: uma ampla e sociocultural, tratando os intelectuais como criadores e mediadores culturais; outra mais estreita, baseada na noção de engajamento, na qual o intelectual é também ator de determinadas modalidades específicas.

²¹ BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder**. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

²² TREBITSCH, Michel; GRANJON, Marie-Christine (org). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelas: Éditions Complexe/IHTP-CNRS, 1998.

²³ GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda, GOUVÊA, Maria de Fátima (org). Op. cit.

²⁴ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: REMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 2003.

Essas ideias a respeito da noção de intelectual procuram delimitar as perspectivas sobre as quais assentaremos nosso trabalho. No caso estudado, Sergio Ramírez estava envolto a um conflitante e heterogêneo cenário, palco de intensas transformações sociais e políticas, seja no período de luta antiditatorial, durante ou após o regime sandinista. Reconhecendo sua condição de intelectual, Ramírez pode ser considerado produtor e transmissor de ideias e visões de mundo, nos termos apresentados por Bobbio, atrelando-se à ideia de cultura política do sandinismo por nós defendida, bem como por sua difusão e possíveis ressignificações.

Além disso, a presença do intelectual nicaraguense em determinadas esferas de sociabilidade (por exemplo, movimentos universitários que participou, grupos literários e a própria FSLN enquanto partido político) contribuem para a percepção da construção e desenvolvimento de uma tradição derivada da cultura política sandinista de orientação ética e histórica que apresentaremos. E, pela própria diversidade de sua obra como de sua atuação, uma marcação teórica rígida não se mostraria adequada, sendo, portanto, importante a consideração polissêmica de Sirinelli, mas vinculando Ramírez à sociedade em que viveu e vive, facilitando a extensão à ideia de engajamento²⁵.

Acreditamos que essas perspectivas permitem analisar com mais clareza a possível existência e permanência de uma ampla cultura política sandinista e suas releituras, e de que maneira foram atuantes e influentes em meio a uma sociedade em constantes e drásticas transformações como a nicaraguense na segunda metade do século XX. Ademais, centrar a análise em Sergio Ramírez e seus projetos e obras não significa ignorar outras esferas de âmbito nacional, já que o conflitante cenário nicaraguense do período abordado envolvia uma heterogênea inter-relação de atores sociais, aspectos políticos e socioculturais, da qual Ramírez e qualquer outro ponto de análise não estavam indissociáveis.

Como indicamos, nossa tese é a de que existe uma ampla cultura política sandinista, formada em meados do século XX com o reavivamento do pensamento de Augusto C. Sandino por uma geração de jovens e descontentes com o regime autoritário somozista, atuante durante o processo revolucionário (luta insurrecional e regime da FSLN) e persistente

²⁵ Igualmente relevante para a compreensão de Sergio Ramírez e sua obra e atuação é o conceito de geração, visto que o mesmo pode ser vinculado a um grupo importante na disseminação de uma possível cultura política sandinista, além de remeter à ideia já indicada de intelectual-militante presente nos anos 80 na Nicarágua, associada à de cidadão-combatente. Ultrapassando o sentido puramente biológico e natural, a ideia de geração mostra-se eficiente no alicerçamento das etapas iniciais de uma cultura política sandinista, envolvendo a perpetuação de um sentimento de pertencimento à mesma. Sobre isso, ver: SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998; BERSTEIN, Serge. Os partidos. In: REMÓND, René (org). Op. cit. e _____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

mesmo após a derrota eleitoral em 1990, com traços perceptíveis até a atualidade por meio de ressignificações e reivindicações em tradições políticas e vertentes de inspiração sandinista. E, centralmente, como integrante desta geração de jovens, Sergio Ramírez apresenta-se como exemplo e personagem ativo de e em uma vertente específica da cultura política sandinista, de valorização do sentido ético, humano e histórico. A utilização de tais adjetivos não pretende ser celebrativa, mas sim uma tentativa de diferenciação em meio à amplitude dessa cultura política sandinista e distintos discursos decorrentes dela. Ademais, tal cultura política e releituras podem ser utilizadas como subsídio no entendimento da transição política a partir da década de 1990, de modo a perceber o fim de um programa/projeto político e não do sandinismo. Com essa premissa, a divisão dos quatro capítulos da tese buscou uma ordenação não apenas cronológica, mas de encadeamento explicativo, de modo a facilitar a compreensão da temática ao leitor e tornar mais fluida a construção textual.

Dessa forma, procuramos primeiramente expor o contexto da Nicarágua em relação às referências históricas, sociais e culturais do país que delinearão a vivência e atuação de setores letrados e intelectuais, bem como possibilitaram e influíram nos projetos desenvolvidos por Ramírez. Portanto, no primeiro capítulo, um dos eixos centrais foi a exposição do quadro sociocultural nicaraguense. Comumente identificada como pouco letrada, em especial, porém não exclusivamente, em seus setores mais pobres, a população nicaraguense carrega consigo desde os tempos coloniais traços marcantes de tradicionalismo (no sentido de apego a práticas locais arraigadas e aversão a mudanças), religiosidade e providencialismo. Tais características se estendem também às elites, de modo que o pensamento político e o processo de construção do Estado na Nicarágua foram igualmente permeados por essas singularidades. Referido panorama mostra-se relevante no entendimento de quem foram e são os intelectuais na Nicarágua, favorecendo o estabelecimento de como certas particularidades socioculturais demarcaram os mesmos e seguem circunscrevendo a intelectualidade local. Através do apontamento de características como o providencialismo e a manutenção da ideia de uma presumível cultura política pragmática-resignada temos a possibilidade de análise do impacto do pensamento político das elites (sejam as governistas, as econômicas e/ou as letradas) na formação do Estado e da sociedade nicaraguense. Assim, com interpretações do desenvolvimento político-cultural e político-institucional do país, torna-se factível a percepção da construção do cenário onde a intelectualidade nicaraguense iria atuar; do mesmo modo, entender as raízes culturais de projetos intelectuais e as possíveis justificativas de reduzidas participações desses mesmos letrados, com destaque para alguns esforços e ações culturais e sociopolíticas que tornaram-se referências para a construção da

intelectualidade no país, como os casos de Rubén Darío e do movimento vanguardista nicaraguense.

Com o cenário nicaraguense aclarado em suas particularidades culturais, sociais e políticas, a figura de Sergio Ramírez poderia ser analisada de maneira mais adequada, com os subsídios fornecidos pelas especificidades locais e com as quais Ramírez sempre esteve envolto. Assim, no segundo capítulo apresentamos os pontos marcantes da biografia pessoal, intelectual e política do autor nicaraguense, em constante relação com os debates e mudanças promovidas no país. Temporalmente, limitamos a análise até o fim do regime sandinista (início 1990), de modo a incluir o período seguinte (pós-derrota eleitoral da FSLN e de reorganização das forças políticas) no terceiro capítulo, uma vez que consideramos ser mais claro no mesmo o processo de afirmação de uma cultura política sandinista em diálogo e demarcada pelos escritos e ações de Ramírez. De acordo com o tema exposto no primeiro capítulo, era perceptível o histórico de recorrentes disputas e conflitos na Nicarágua. Era nesse divergente e heterogêneo cenário que se inseria Sergio Ramírez. Enquanto referência intelectual e cultural do período, Ramírez tornou-se um dos principais articuladores do projeto sócio-político sandinista, tendo ações relevantes não apenas durante os anos 1980 (sendo vice-presidente entre 1985 e 1990), mas igualmente na etapa de luta antiditatorial e após a derrota eleitoral da Frente Sandinista em 1990. Contabilizando dezenas de publicações, Ramírez tornou-se uma referência na literatura centro-americana. Em um país historicamente pouco letrado, a figura de Ramírez ganha proporções ainda maiores se pensarmos na dimensão de sua atuação política. Nesse sentido, buscamos abordar a trajetória do intelectual nicaraguense, levando em consideração sua inserção no cenário já apresentado no capítulo anterior; porém, não como agente passivo, mas sim como ativo em funções de organização das representações políticas, produzindo interpretações sobre a realidade de sua comunidade. A construção da figura do escritor militante, que percebia a necessidade de (re)escrever a história do país, aliado à sua participação política, tornam possível a visão do mesmo como um dos interlocutores que, em sua trajetória, foi responsável pela mobilização de uma cultura política do sandinismo e, portanto, uma fonte para a sua verificação.

O terceiro capítulo terá seu foco na construção do sandinismo como cultura política, levando em consideração o reavivamento da figura de Sandino e seu ideário. As apropriações e elaborações realizadas pela FSLN, e significativamente por Carlos Fonseca, foram determinantes na ampliação da representatividade simbólica e política de Sandino, por isso iremos nos deter em alguns detalhes referentes à tal recuperação. Pautado na percepção de ações, direcionamentos e escritos (discursos, contos, ensaios, romances) de Ramírez como

elementos efetivadores de tal cultura política, o resgate de um Sandino histórico cuja principal herança estaria atrelada à consideração de um sentido ético pode ser utilizada como subsídio no entendimento da transição política a partir da década de 1990, de modo a perceber o fim de um programa/projeto político e não do sandinismo. De maneira geral, os feitos históricos se refletiram na literatura nicaraguense, sobretudo durante e após a Revolução Sandinista. Em seu ‘realismo cotidiano’, Ramírez buscou utilizar a literatura como forma de ficcionalizar a história e se nutrir do que a história oficial deixou de contar. Essa associação entre história e ficção, através de “mentiras verdadeiras”, mostra-se um subsídio na tentativa de elucidar a construção/difusão do sandinismo enquanto força mobilizadora política, social e cultural.

Nesse sentido, através de uma estratégia dialética, Sandino foi simultaneamente cancelado e preservado no mais alto nível da história nicaraguense. Inúmeras e distintas interpretações de seus feitos conduziram à criação de tradições políticas igualmente diferentes. Desse modo, no quarto e último capítulo da tese trataremos da elasticidade da ideia de cultura política sandinista, ou melhor, de suas diferentes tradições políticas e vertentes. Em função da ampla disseminação e influência da figura de Sandino na Nicarágua, seria muita pretensão afirmar que somente Sergio Ramírez fez uso de tais noções. Assim, buscamos responder questionamentos acerca de ressignificações e vertentes do sandinismo enquanto cultura política em uma perspectiva mais atual. Apesar da constatação de praticamente inexistir uma consciência coletiva entre os intelectuais nicaraguenses, de modo a não se perceberem e não serem percebidos como grupo com valores e ambições em comum, é possível identificar visões da intelectualidade local em torno do sandinismo e da própria FSLN, seja com partidos e movimentos oriundos de dissidências; além da própria profundidade do imaginário do sandinismo e de memórias da revolução difundidos em inúmeros setores. Atualmente, falar em sandinismo recai inevitavelmente na conduta dos recentes governos da FSLN liderados por Daniel Ortega, e compreender suas reestruturações sociopolíticas e cultural-simbólicas são importantes para notar as singularidades e o relevo das construções intelectuais de Ramírez, sem pretender indicar os discursos e feitos desse último como mais fiéis ao ideário de Sandino ou mais corretos que os posicionamentos de outros atores sociais e políticos.

As fontes utilizadas no desenvolvimento da tese – essencialmente obras de Sergio Ramírez (romances, ensaios, contos, discursos) e de intelectuais de sua geração, escritos “formativos” do sandinismo (Carlos Fonseca e Augusto C. Sandino), documentos publicados pela FSLN e outros vinculados à figura de Ramírez (textos de periódicos, publicações partidárias do *Movimiento Renovador Sandinista*, leis e decretos do período sandinista) – são

amparo e fundamentação das análises propostas. Por meio, por exemplo, de discursos de Ramírez no decorrer da década de 1980 podemos ter a dimensão cultural e política de seus posicionamentos como intelectual comprometido com o projeto revolucionário então em curso, as criações ao redor do resgate da figura histórica e humana de Sandino, bem como encontrar subsídios para o entendimento da participação da intelectualidade no programa da FSLN e da expansão e fortalecimento do sandinismo enquanto cultura política e ideia mobilizadora. Dessa forma, dentre as dezenas de publicações do autor nicaraguense, escolhemos aquelas que de fato possuem elementos que colaboram na percepção de nossa ideia de uma cultura política sandinista, conforme listadas nas referências do presente trabalho.

Reafirmamos: centrar a análise em Sergio Ramírez e suas ações e obras não significa ignorar outras esferas de âmbito nacional ou afirmar que seu comportamento era mais adequado em comparação com outros, já que o conflitante cenário nicaraguense do período abordado envolvia uma heterogênea inter-relação de atores sociais, aspectos políticos e socioculturais da qual Ramírez e qualquer outro ponto de análise não estavam indissociáveis. Ademais, a própria ambivalência do intelectual latino-americano deve ser levada em consideração. De um lado, o desejo de autonomia de pensamento e criação genuína, fomentando o caráter cultural nacional; de outro, a influência e adoção de ideias, teorias e orientações provenientes de países mais desenvolvidos. De modo que a “autoconsciência” desses intelectuais e sua apreciação pela opinião e participação pública passavam pela percepção de um compromisso histórico com a “verdade”. Como diletantes que operavam como produtores privilegiados de sentido, geralmente fora do âmbito acadêmico, tais intelectuais conformavam uma função polivalente: pensadores e políticos, escritores e diplomáticos, fundadores e líderes de partidos, inspiradores de ideologias e críticos dos sonhos coletivos. Mesmo que, como afirmamos, na América Central a categoria intelectual não atue como parte de uma classe única com interesses concretos, tampouco constitua um grupo bem definido, a análise da ação de um intelectual que teve um rol político e cultural protagônico, como Sergio Ramírez, mostra-se relevante para compreendermos os caminhos trilhados por um país tão pouco estudado²⁶, porém consideravelmente significativo nas transformações políticas do istmo e da região latino-americana.

²⁶ Apesar dessa constatação, reconhecemos esforços e pesquisas recentes em âmbito acadêmico brasileiro que abordam a história nicaraguense, com dissertações e teses próximas à área da História. Ver, p.e.: PIVA, Marco Antonio. **A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos Trabalhadores para a América Latina na década de 1980**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016; SALGADO, Maria Mercedes.

Recrutamento em movimentos de alto risco: o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016; BRANDÃO, Letícia Araujo. **A utopia de Ernesto Cardenal:** um poema de amor à Nicarágua Sandinista. 2015. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015; GONÇALVES, Felipe Canova. **A TV dos sandinistas:** identidade nacional e televisão na Revolução Nicaraguense (1979-1990). 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015; SÁ, Roger dos Anjos de. **A Revolução Sandinista:** do triunfo à derrota (1979-1990). 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014; MORLINA, Fabio Clauz. **Teologia da libertação na Nicarágua sandinista.** 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009 e SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira:** 1926-1934. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2005.

Capítulo 1 – Traços político-sociais, marcas culturais e aspectos da atuação da intelectualidade na Nicarágua

“*Avancemos, brigadistas, guerrilleros de la alfabetización, tu machete es la cartilla para liquidar de un tajo la ignorancia y el error*”. Assim se iniciava o hino da Cruzada Nacional de Alfabetização, um dos primeiros, e principais, feitos do então incipiente regime sandinista, ascendido ao poder após longo período de luta antiditatorial contra o somozismo. Reunindo cerca de 60.000 participantes, entre nicaraguenses e voluntários estrangeiros, referida Cruzada, em 1980, reduziu significativamente a taxa de analfabetismo no país, passando de mais de 50% a menos de 13% ao final desse mesmo ano. A estrofe seguinte do mesmo hino mencionava “*muchos siglos de incultura*” a serem superados. De fato, a própria *Frente Sandinista de Liberación Nacional* (FSLN) indicava como uma de suas prioridades a alfabetização e instrução da população, ainda que fossem imbuídas de valores revolucionários para a construção de uma “Nova Nicarágua”.

Mais do que os resultados dessa empreitada educacional²⁷, nos interessa a percepção por parte dos próprios nicaraguenses do quadro sociocultural do país. Tal como pontuamos na introdução, a população nicaraguense carrega consigo desde os tempos coloniais traços marcantes de tradicionalismo (no sentido de apego a práticas locais arraigadas e aversão a mudanças), religiosidade e providencialismo. Como citado, por tais características se estenderem também às elites, o pensamento político e o processo de construção do Estado na Nicarágua foram igualmente permeados por essas singularidades.

Sendo assim, a existência de atores sociais letrados, seja nas elites ou nos grupos subalternos, marcaria de maneira relevante a organização e a transformação da sociedade nicaraguense desde meados do século XIX, quando da independência do país (ocorrida em 1821). Por mais que as marcas culturais e as divisões sociais não foram significativamente alteradas com o surgimento e desenvolvimento de grupos intelectuais, a emergência de uma cultura letrada acabou por dar sentido totalizador ao manejo simbólico na tentativa de superar tais contradições internas.

Porém, analisar ditos setores letrados requer um mínimo de compreensão de todo o panorama social, cultural e político no qual surgiram. As já mencionadas marcas culturais, características fundamentais e persistentes no país centro-americano, bem como a influência

²⁷ Informações e detalhes da Cruzada Nacional de Alfabetização e dos projetos educacionais sandinistas podem ser encontrados em: CARDENAL, Ernesto (et al.). **Nicarágua: a experiência da esperança**. Campinas: Papirus, 1987.

de fatores objetivos (ingerência estadunidense, economia internacional, contexto regional, estrutura étnica da sociedade, etc.) foram e são importantes nesse exercício analítico. Portanto, visando entender quem foram e são os intelectuais na Nicarágua, iremos adiante contextualizar as construções e projetos intelectuais estabelecidos no país principalmente a partir do fim do século XIX, assim como elucidar quais particularidades socioculturais demarcaram os mesmos e seguem circunscrevendo a intelectualidade nicaraguense.

1.1 Breve panorama da participação dos intelectuais na América Latina

Antes de aprofundarmos a temática exclusivamente na Nicarágua e no personagem central de nossa pesquisa, Sergio Ramírez, faz-se necessário apresentar alguns aspectos da atuação dos intelectuais no cenário latino-americano, justamente para aclarar certas referências presentes no período a ser abordado, sejam de persistências no contexto nacional e regional ou de distinções reconhecíveis nas ações de Ramírez.

Se aplicarmos a ideia de intelectual em ampla abrangência, o conceito de letrado pode ser utilizado como amparo, enquanto aquele que possui erudição, que é instruído. Em um ambiente de transformações sociais, associados aos constantes projetos de modernização que então ganhavam corpo no século XIX latino-americano, os letrados poderiam ser associados a aspirações e projeções de progresso político e social. Nesse sentido, segundo Carlos Altamirano:

Las élites culturales han sido actores importantes de la historia de América Latina. Procediendo como bisagras entre los centros que obraban como metrópolis culturales y las condiciones y tradiciones locales, ellas desempeñaron un papel decisivo no sólo en el dominio de las ideas, del arte o de la literatura del subcontinente, es decir, en las actividades y las producciones reconocidas como culturales, sino también en el dominio de la historia política. Si se piensa en el siglo XIX, no podrían describirse adecuadamente ni el proceso de la independencia, ni el drama de nuestras guerras civiles, ni la construcción de los estados nacionales, sin referencia al punto de vista de los hombres de saber, a los letrados, idóneos en la cultura escrita y en el arte de discutir y argumentar. Según las circunstancias, juristas y escritores pusieron sus conocimientos y sus competencias literarias al servicio de los combates políticos, tanto en las polémicas como en el curso de las guerras, a la hora de redactar proclamas o de concebir constituciones, actuar de consejeros de quienes ejercían el poder político o ejercerlo en persona. La poesía, con pocas excepciones, fue poesía cívica²⁸.

²⁸ ALTAMIRANO, Carlos. Introducción general. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, 2008. Vol. I. p. 09.

Já na passagem ao século XX, o papel das elites culturais teve suas variações entre os países da região, contudo, pareceu ficar mais evidente a diferenciação entre as esferas política e cultural, além do desgaste nos laços tradicionais entre tais letrados e a vida política, fomentado, por exemplo, pela divisão do trabalho oriunda da inserção da modernização capitalista. Ainda assim, dito ingresso no “mundo moderno” foi tardio, de modo que os países americanos seguiam culturalmente com papéis provincianos em relação às grandes metrópoles europeias. Como ressaltou o intelectual mexicano Alfonso Reyes, a América Latina havia “*llegad[o] tarde al banquete de la civilización europea*”²⁹.

É claro que, como na maioria dos casos, o espaço característico dos intelectuais na América Latina foi (e segue sendo) as cidades. E, tal condição urbana acabava por definir também o tipo de cultura no qual se formavam, basicamente seguindo um padrão europeu ocidental. Interessante notar que essa matriz ocidental permaneceu mesmo nos projetos de autonomia que surgiram entre o fim do século XIX e início do XX. Como abordaremos mais adiante, a Nicarágua possui um contundente exemplo com seu grupo vanguardista. Ademais de seu sinal essencialmente masculino (“*bajo el poder de los varones*”³⁰), a gradativa ampliação e diversificação do modelo cultural letrado latino-americano deu-se em função de fatores como o desenvolvimento das cidades, o crescimento demográfico, a extensão do sistema de ensino e a consolidação da educação superior. Posteriormente, já na segunda metade do século XX, a ampliação do número de estudantes e diplomados tornou-se quase massiva, o que favoreceu a extensão do universo de onde se recrutariam os intelectuais, ou melhor, daqueles que seriam social e culturalmente percebidos como tal³¹.

Desse modo, as transições políticas e as reorganizações sociais, atreladas a uma progressiva superação do antigo regime pré-industrial hispano-americano, conduziram à aparição de um novo tipo de “sábio”, marcado pela criação de um espaço comunicativo próprio (remetendo à ideia de autonomia do campo de Pierre Bourdieu³²), de modo que a emergência de uma nova esfera de aparição pública estava focada a converter-se na consciência moral da sociedade³³. Assim, “*este nuevo tipo de ‘sabio’ conlleva en sí mismo*

²⁹ REYES, Alfonso. Notas sobre la inteligencia americana. **Sur**. Buenos Aires, 1936.

³⁰ ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2008. p. 15.

³¹ Ibid. p. 13.

³² Como instrumento de análise de práticas e dominações de um determinado espaço social, a noção de campo caracteriza um espaço simbólico onde concorrências e disputas internas validam e legitimam representações. Ver: BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

³³ GRANADOS, Aimer. Alfonso Reyes en Sur América: diplomacia y campo intelectual en América Latina, 1927-1939. **Historia y espacio**. N. 38, Cali, Colombia, 2012. p. 06.

ciertas características que progresivamente y durante la primera mitad del siglo XX latinoamericano rompe con el ‘sabio’ de la ‘república de las letras’ del siglo XIX³⁴’.

Ditas mudanças, então, nos concilia com uma percepção do intelectual que serve como uma primeira aproximação para a exploração do nosso escopo temático:

Los intelectuales son personas, por lo general conectadas entre sí en instituciones, círculos, revistas, movimientos, que tienen su arena en el campo de la cultura. Como otras élites culturales, su ocupación distintiva es producir y transmitir mensajes relativos a lo verdadero (si se prefiere: a lo que ellos creen verdadero), se trate de los valores centrales de la sociedad o del significado de su historia, de la legitimidad o la injusticia del orden político, del mundo natural o de la realidad trascendente, del sentido o del absurdo de la existencia. A diferencia de élites culturales del pasado, sean magos, sacerdotes o escribas, la acción de los intelectuales se asocia con lo que Régis Debray llama grajoestera – es decir, con el dominio que tiene su principio en la existencia de la imprenta, los libros, la prensa. Su medio habitual de influencia, sea la que efectivamente tienen o sea a la que aspiran, es la publicación impresa. Los intelectuales se dirigen unos a otros, a veces en la forma del debate, pero el destinatario no es siempre endógeno: también suelen buscar que sus enunciados resuenen más allá del ámbito de la vida intelectual, en la arena política. Más aun, a veces quieren llegar a la sede misma del poder político. Como escribió Wolf Lepenies: ‘El intelectual es un viajero, pero de tanto en tanto quiere hacer también de maquinista’³⁵.

Sabe-se que o reconhecimento de tais setores letrados passava pela própria comunidade intelectual, mas também pela população em geral. Dessa maneira, até meados do século XX, era corriqueira a concepção do “homem de letras” como apóstolo secular, como educador do povo ou da nação, um exemplo a ser imitado. Veremos que através dessa associação, poder cultural e poder político tornaram-se esferas intercambiáveis na Nicarágua, de modo que a luta pelo poder cultural letrado levou tanto a passividades discursivas quanto a fugas e oposições, e é justamente nesse ponto que podemos analisar o sandinismo enquanto cultura política.

Portanto, pensar a história dos intelectuais na região latino-americana envolve o desafio de sair da problemática acerca da concepção normativa do intelectual como salvador, um ator imbuído de valor sagrado de uma missão intramundana. A tarefa mostra-se atenuada pela percepção da afirmação do “poder das letras”, da considerável presença de tais atores sociais, detentores de um quase monopólio da escrita em meio a sociedades praticamente analfabetas, nas esferas de poder. Cria-se, desse modo, uma margem de autonomia, visto que

³⁴ GRANADOS, Aimer. Op. cit. p. 13.

³⁵ ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2008. p. 14-15.

podem não apenas apoiar um poder, mas igualmente deter um, propriamente o monopólio da escrita.

De acordo com Ángel Rama³⁶, desde a fundação do regime colonial até a maior parte do século XX as elites letradas formaram parte do sistema de poder. De maneira geral, suas funções centravam-se na produção de discursos de legitimação da ordem social, incluída a definição da cultura legítima, que era a desses mesmos letrados. A partir dessa estrutura, as mudanças e/ou descontinuidades foram e são implantadas nas modalidades do papel social e em seus discursos de legitimação. Ademais, como já mencionado, a reivindicação do “capital cultural” (novamente em referência a Bourdieu) apresentava-se como fator de excelência social, naquilo que Rama trata como “*la tenaz tendencia aristocrática de los letrados*”³⁷. As mudanças viriam apenas na segunda metade do século XX, demarcadas pela aparição de partidos políticos de base popular, pelo desenvolvimento de uma cultura de massa (teatro, literatura de folhetim, música popular, etc.) e pelo surgimento de escritores de origem mais simples que os tradicionais. Ou seja, abandonava-se o critério de superioridade social baseado na disparidade cultural.

Se fizermos uma associação com o passado, não seria errôneo apontar que, na América hispânica, o intelectual procede do letrado colonial; porém, em uma linha descontínua, com metamorfoses e transições, como ressaltado pelo historiador argentino Tulio Halperin Donghi³⁸. Assim, a atividade literária foi um dos principais instrumentos de aporte de divulgação e crescimento do intelectual e, com o desenvolvimento da mesma, o escritor progressiva e posteriormente se converteu em um profissional, passando a se pensar como tal, como sujeito social. O impulso de periódicos e revistas de maneira mais efetiva no início do século XX, por sua vez, pareceu efetivar a passagem da “viva voz à palavra estampada”³⁹. Assim, com o crescimento do mercado editorial, podemos indicar a imposição de instâncias de consagração e cooptação, reforçadas também pela renovação no ensino universitário (especialmente pela influência da reforma de Córdoba⁴⁰).

³⁶ RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideo: Arca, 1998.

³⁷ Ibid. p. 108.

³⁸ HALPERIN DONGHI, Tulio. Intelectuales, sociedad y vida pública en Hispanoamérica a través de la literatura autobiográfica. In: HALPERIN DONGHI, Tulio. **El espejo de la historia**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987. p. 55.

³⁹ GRANADOS, Aimer. Op. cit. p. 12.

⁴⁰ A Reforma Universitária de 1918 foi um movimento estudantil iniciado na Universidad Nacional de Córdoba, na Argentina, e posteriormente estendida a outras universidades e países latino-americanos. Os princípios básicos do ativismo estudantil eram de busca pela autonomia universitária (administrativa, política e docente), cogoverno estudantil, implantação de cátedras livres e democratização do ensino.

Mais do que a ideia em si, o termo “intelectual” pode ser encontrado precocemente em José Enrique Rodó, José Ingenieros e Manuel González Prada, por exemplo. Depois da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o uso de tal conceito se fez mais frequente, principalmente nos meios culturais ligados à esquerda; já na década de 1920, tornou-se corrente. Atrelado à ideia do conceito, é interessante salientar que a história dos intelectuais não exime de suas tarefas à história intelectual, que trabalha sobre os feitos de discurso sob a ideia de que eles dão acesso a um deciframento da história que não se obtém por outros meios⁴¹.

Em uma nova regressão temporal, constata-se que a história dos intelectuais latino-americanos não pode prescindir nem do legado das civilizações pré-colombianas nem da continuada presença indígena em meio às novas sociedades surgidas com a conquista espanhola⁴². Já nos primeiros séculos de dominação colonial, os principais atores letrados e intelectuais eram membros do clero, numa conexão com a ideia de “conquista espiritual e intelectual”. Os sinais iniciais de uma possível transformação contundente nesse clima intelectual ocorreram somente em meados do século XVIII, atrelada à ascensão de uma cultura ilustrada. Nesse quadro, a transição da antiga cultura barroca à ilustrada foi mais incipiente e contundente na América hispânica do que na luso-brasileira. Dita defasagem de ritmo pode ser ligada à maior centralidade e intercâmbio dos então colonos com a ilustração europeia. Nas palavras de Jorge Myers:

Si la Nueva España -la colonia más rica en recursos materiales y simbólicos de todo el imperio- fue el epicentro de la nueva cultura ilustrada, la producción de letrados compenetrados con los ideales de la ilustración ibérica -que, a diferencia de la francesa o la inglesa, buscó conciliar los valores de la fe heredada con aquéllos de la nueva ciencia de la naturaleza y del hombre- proliferó en todas las colonias del vasto imperio⁴³.

Consequentemente, outros grupos sociais começaram a “competir” com o clero pela posição de “primazia intelectual”, dentre eles funcionários da Coroa, sábios especializados nas novas ciências, jesuítas proscritos, juristas e advogados. Já citamos a ruptura da ordem colonial, vinculando-a a crescente diversificação e modificação nas estruturas de recrutamento dos quadros intelectuais dos novos estados latino-americanos. Foi nesse contexto que emergiu uma espécie de setor “patriota” do antigo funcionariado colonial, além da nova função social

⁴¹ ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2008. p. 22.

⁴² MYERS, Jorge. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2008. p. 30.

⁴³ Ibid. p. 34.

associada a um nascente tipo de ator intelectual, o jornalista político convertido em figura pública crítica e doutrinária. Interessante ressaltar que ambos (o letrado patriota e o jornalista letrado), em muitos casos, poderiam coincidir em uma mesma pessoa, mas não necessariamente resultavam em figuras equivalentes.

Na segunda metade do século XIX, uma versão de “esfera pública”⁴⁴ começou a ganhar corpo nos principais países da região (Brasil, México, Argentina, Chile, Uruguai, Peru), com o espaço do debate público e das experiências associativas se expandindo para além do marco estritamente estatal. Como resultado, para mais do que ditos movimentos associativos, deu-se o incremento do número de periódicos, o crescimento do público leitor e a multiplicação dos espaços de sociabilidade fora do Estado e da Igreja. Estava marcado, então, o estímulo à figura do intelectual:

*La figura del ‘intelectual’ latinoamericano se complejizó a través de alusiones al poeta nacional, vate de su pueblo, al intérprete de los rasgos culturales más profundos inscritos en la ‘psique’ nacional, al historiador y al profeta de las nuevas naciones*⁴⁵.

Interessante notar a articulação dos historiadores no lugar dos “profetas utópicos”, confluindo na ideia de que um futuro possível aparecia como uma função do conhecimento adequado do passado colonial.

Outro fator comum no interior da intelectualidade latino-americana, ainda no fim século XIX, foi o estabelecimento do exílio, muitas vezes, como condição necessária para a “visualização” do continente como unidade (cultural, política, social, econômica). Ou seja, podemos perceber que através das expatriações, os horizontes intelectuais dos escritores públicos eram ampliados, permitindo a formação de laços transnacionais intensos e duradouros, contribuindo também na visão de suas próprias pátrias sob distintas perspectivas⁴⁶. Não apenas os exílios, mas também as migrações voluntárias (para Paris principalmente, então grande centro cultural do período) propiciavam estes novos olhares⁴⁷.

⁴⁴ Aqui seguiremos a concepção de Jürgen Habermas. Para o mesmo, a esfera pública agiria na mediação entre o Estado e a esfera privada, caracterizando-se abstratamente (não constituindo uma organização e não necessariamente um espaço) pelo debate entre os membros da sociedade. De acordo com o sociólogo e filósofo alemão, determinado sujeito faria parte de uma esfera pública se portador de uma opinião pública (enquanto reputação, consideração realizada em relação aos outros), sendo função da esfera pública construir a mesma, alicerçada na capacidade de racionalização pública. Ver: HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

⁴⁵ MYERS, Jorge. Op. cit. p. 39.

⁴⁶ Ibid. p. 41.

⁴⁷ Ibid. p. 42.

No campo da escrita, por sua vez, o ensaio político tornava-se gênero dominante entre os letrados, especialmente até as últimas décadas do século XIX. Foi nesse período que as obras de *ciencia social*, bem como as de literatura de ficção, passaram a competir por essa centralidade. É notório, portanto, que o fim do XIX foi relevante nas novas acepções em torno dos letrados/intelectuais, sendo possível identificarmos, ao menos, quatro incipientes arquétipos da intelectualidade latino-americana: o “científico”, aquele especializado nas então chamadas ciências da sociedade (sociologia, medicina, psiquiatria, criminologia); o intelectual militante da revolução social; o intelectual modernista, defensor do prazer da literatura (enquanto prática nobre e exigente) como um fim em si mesma; e o escritor “popular”, produto das transformações da indústria cultural e dos massivos meios de comunicação (considerados como “anomalia” no século XIX, tal figura se tornaria “norma” no XX).

Como qualquer outra categoria social, suas particularidades respondem a pressões internas e externas, e sua inserção nas sociedades advém precisamente do modo como resolvem tais pressões. Na transição do século XIX ao XX, a relação que os intelectuais latino-americanos mantinham com sua sociedade, com os poderes institucionais e factuais que se desenvolveram na região desde a conquista ibérica até a Revolução Mexicana, com seus próprios pares, respondia a pressões e exigências surgidas do próprio meio em que deviam atuar, e cujas regras e expectativas deveriam adaptar seus discursos e ações⁴⁸.

As modificações avançam atadas ao caminhar do século XX:

A medida que se ingrese en el siglo XX y a lo largo del resto de la centuria se puede registrar a hombres y mujeres, sean escritores o artistas, creadores o difusores, eruditos, expertos o ideólogos, en el papel que los hace socialmente más visibles: actores del debate público, el intelectual como ser cívico – “conciencia” de su tiempo, intérprete de la nación o voz de su pueblo, tareas acordes con la definición de los intelectuales como grupo ético⁴⁹.

Nesse novo ambiente, podemos afirmar que a vida intelectual latino-americana correu por canais nacionais, e não houve nenhum cenário central que canalizasse a produção intelectual do período, como aconteceu com Paris em âmbito europeu – a ponto de a capital francesa ser tratada como “autoridade intelectual”. Apesar disso, tal genuíno compromisso

⁴⁸ MYERS, Jorge. Op. cit. p. 49.

⁴⁹ ALTAMIRANO, Carlos. Introducción – Élités culturales en el siglo XX latinoamericano. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. Vol. II. p. 09.

hispano-americanista não anulou o “desejo” europeu; de modo que as elites letradas da região seguiam tendo como modelo a referência europeia.

O compromisso inicial era regionalista, mas demonstrava ter um alcance mais limitado, localista. A alteração desse quadro se daria de maneira progressiva, superando a mescla de desconhecimento e indiferença das intelectualidades nacionais sobre os demais países da região. Indicamos anteriormente o início das mudanças conjunturais após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo nos anos 1920; logo, foi nesse período que a comunicação entre os ambientes da *intelligentsia* do subcontinente deu-se de maneira mais contundente.

Aclarando essa etapa de transições sociais e econômicas entre os séculos XIX e XX, o pesquisador argentino Carlos Altamirano⁵⁰ aponta como o espaço das elites tornou-se menos homogêneo, particularmente com a promoção da “profissionalização” da atividade política e da especialização da “gente de saber”. À vista disso, deu-se também o avanço progressivo de esboços, dentro de cada sociedade nacional, dos contornos de uma esfera, de um campo intelectual.

Contudo, é preciso salientar que, até as décadas de 1930 e 1940, as universidades da América Latina pouco atuaram nos impulsos de renovação dos ambientes dos chamados homens de letras. Assim, os cenários mais recorrentes de promoção da sociabilidade intelectual eram as revistas, as redações de jornais, ateneus e os cafés. De maneira geral, as universidades do século XIX tiveram que se renovar frente aos desafios impostos pela modernização do saber e às pressões dos novos aspirantes, setores médios que ganhavam cada vez mais espaço na sociedade. Por isso, até o início do século XX, sob percursos de adaptações, o fomento à dita sociabilidade intelectual ainda era limitado nesses meios.

Se as universidades não haviam se tornado o principal “centro produtor” da intelectualidade regional, os letrados (e aqueles que ambicionavam ser), desse modo, buscaram outras vias para concretizar suas aspirações e ideias. O posto público, como servidor estatal subalterno, por exemplo, ofereceu a alguns escritores sem patrimônio familiar a possibilidade de levar adiante uma carreira literária, uma vez que a especialização/profissionalização para esse setor viria apenas em meados do século.

Ao avançarmos temporalmente, um traço político foi comum a vários países do continente, o das ditaduras militares e/ou regimes autoritários. A despeito de toda caracterização e quadro sociocultural que os envolvem, nos concerne um aspecto interessante: em decorrência das conturbadas situações internas de inúmeros países, importante parcela

⁵⁰ ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2010. p. 13.

literária da região foi escrita nas prisões e em exílios. A respeito desses últimos, já citados anteriormente:

[...] difícilmente pueda trazarse una historia de la vida literaria latinoamericana sin referencia a la obra y a la acción de los exilados, al peregrinaje de los disidentes, a la emigración de quienes trataron de escapar a la persecución y buscaron un ambiente menos hostil para el ejercicio de la creación intelectual. Fue así durante el siglo XIX y lo será igualmente en el siglo XX⁵¹.

Outro campo de atuação costumeiro na América Latina foi a diplomacia. A dupla função de intelectual e diplomata propiciava que o homem de letras construísse a imagem e o prestígio de seu país no exterior, além de efetivar o exercício de uma espécie de “mecenato” por parte do Estado – assim como fizeram alguns jornais com seus correspondentes internacionais.

A intercomunicação entre intelectuais, seja nacional ou internacionalmente (neste último caso, principalmente como diplomatas ou exilados), permite a reflexão em torno da ideia de uma rede intelectual. Segundo Altamirano⁵²: “*La noción de red intelectual indica una forma de sociabilidad y una cadena de contactos e interacción entre artistas, gente de letras, editores y otros tipos de agentes culturales, ligados por convicciones ideológicas o estéticas compartidas*”. Assim, torna-se possível perceber e analisar modos de comunicação e de circulação de ideias entre indivíduos e grupos localizados em diferentes lugares.

Nesse sentido, as revistas demonstram ser um relevante exemplo de abordagem. Por meio delas podemos estudar as direções e disputas de pensamento nas sociedades modernas, além da oportunidade de traçar um mapa das linhas de sensibilidade de uma determinada cultura política em um dado momento. Jean-François Sirinelli⁵³ reportou a pertinência das revistas ao indicá-las como meio destacado para alcançar conhecimento sobre a produção intelectual, já que através da seleção do conselho editorial e dos laços de confiança entre autores e leitores, “redes” são formadas e possibilitam a identificação da estrutura de campos intelectuais a serem tratados. Amostras como a *Revista Mexicana de Sociología* e *Cuadernos Americanos*, ambas editadas pela *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM), e a argentina *Desarrollo Económico*, do *Instituto de Desarrollo Económico y Social* (IDES), propiciam a perspectiva não apenas das citadas redes, mas também da identidade latino-

⁵¹ ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2010. p. 17-18.

⁵² Ibid. p. 18-19.

⁵³ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996. p. 248-249.

americana na visão dos intelectuais⁵⁴. Ademais, a importância dos empreendimentos editoriais pode ser estendida, visto que não apenas as revistas e os livros são um dos suportes de inscrição e circulação dos discursos intelectuais, mas também o estabelecimento e o trabalho de uma casa editorial costuma ser veículo de uma operação tanto comercial quanto cultural.

Por fim, após a apresentação dessas breves considerações a respeito dos letrados e da intelectualidade na América Latina, faz-se necessário buscarmos a superação da representação hegemônica que associa de maneira irreflexiva as ideias de “intelectual”, “pesquisador” e “acadêmico”, uma vez que acaba por estimular a dissociação das práticas intelectuais de suas relações com as de outros atores sociais⁵⁵. Alfonso Reyes⁵⁶ já reforçava essa ideia ao indicar que a *intelligentsia* latino-americana “*está más avezada a la calle; entre nosotros no hay, no puede haber torres de marfil*”. Portanto, pensar o intelectual na América Latina pode enveredar para outros campos que não apenas o da criação intelectual, mas de relações profundas entre a ação cultural e a ação política, ou ainda, entre a pena e o fuzil. E, na Nicarágua o cenário se repetiu.

1.2 Providencialismo e cultura política pragmática-resignada

Apontamos algumas características e ambivalências do intelectual latino-americano, por vezes vagando no dilema entre a ação e a palavra. Alguns autores⁵⁷ consideram a existência em toda a região, e não apenas na Nicarágua ou na América Central, de uma considerável tradição consagrada à velha pergunta pelo destino e vocação das sociedades do Novo Mundo, tradição essa encarnada, por exemplo, pelos grandes ensaístas. Se dito questionamento, em um plano mais amplo, passava também pela distinção entre os âmbitos latino-americano e anglo-saxão em referência à autoconsciência dos intelectuais e suas consequentes apreciações pela opinião pública; faz-se necessário elucidar o recorte espacial de nosso objeto de pesquisa, ou seja, aprofundarmos no entendimento mais estrito das particularidades locais centro-americanas e, especificamente, nicaraguenses.

⁵⁴ Um artigo da historiadora Heloisa Jochims Reichel é elucidativo nessa questão. Ver: REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade latino-americana na visão dos intelectuais da década de 1960. **Estudios Ibero-Americanos**, v. XXXIII, n. 2, 2007. p. 116-133.

⁵⁵ MATO, Daniel. Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. In: MATO, Daniel (org.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: CLACSO, 2002. p. 22.

⁵⁶ REYS, Alfonso apud ALTAMIRANO, Carlos. Op. cit. 2010. p. 20.

⁵⁷ Ver: MANSILLA, Hugo C. F. (et al.). **Os intelectuais e a política na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

A América Central foi, e segue sendo, uma das regiões mais conturbadas e heterogêneas do cenário político-social mundial. As inúmeras e problemáticas transições desde a independência dos países do istmo em meados do século XIX ocasionaram o surgimento de diferentes formas de governo e de atores e grupos sociais. Nesse quadro, apesar de tais alternâncias no campo político, não seria um equívoco reconhecer a persistência de certas marcas e comportamentos culturais oriundos do período colonial. De acordo com o escritor e sociólogo guatemalteco Mario Monteforte Toledo⁵⁸, uma das justificativas pode residir no fato de que, na América Central, as aceleradas e profundas mudanças favoreceram etapas mais propícias à ação que à reflexão; de modo que os pensamentos e ideias que surgiam eram diluídos em jornais e manifestos, geralmente em forma de panfletos.

Não seria a questão de tratar de uma limitação intelectual ou cultural, mas alguns entraves podem ser considerados determinantes na preservação de traços culturais coloniais. A exigência de um Estado forte e capaz, após as independências, de promover mudanças foi frustrada, juntamente com seu ideal nacionalista, pela necessidade de importação de recursos e pessoal para a construção de obras e serviços públicos, por exemplo. Além disso, a fusão de interesses por parte de históricos partidos (liberal e conservador) no decorrer da expansão econômica e política, assim como a constante ingerência estadunidense e a superficial flexibilidade dos grupos governantes contribuíram igualmente ao resistente desenvolvimento da intelectualidade e às permanências socioculturais na região.

Dessa maneira, através do apontamento de características como o providencialismo e a consideração da manutenção de uma cultura política pragmática-resignada, temos a possibilidade de análise do impacto do pensamento político das elites (sejam as governistas, as econômicas e/ou as letradas) na formação do Estado e da sociedade nicaraguense. Assim, com interpretações do desenvolvimento político-cultural e político-institucional do país, torna-se factível a percepção da construção do cenário onde a intelectualidade nicaraguense iria atuar; do mesmo modo, entender as raízes culturais de projetos intelectuais e as possíveis justificativas de reduzidas participações desses mesmos letrados.

Indicamos anteriormente como a Europa seguia como principal referência para as lideranças políticas latino-americanas, mesmo com a emergência de uma tendência voltada ao nacional e ao regional. Desse modo, o Estado nacional europeu transformou-se no modelo estatal que orientou consideravelmente o processo de gestação e desenvolvimento das sociedades políticas pós-coloniais na América Latina; baseando-se, então, em um parâmetro

⁵⁸ MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Los intelectuales y la integración centroamericana. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 29, n. 4, 1967. p. 833.

de consolidação de uma sociedade nacional que partilhava conjuntos de direitos e obrigações cidadãs, e de um Estado que, em sua estrutura e funcionamento, responde a esses direitos e obrigações⁵⁹.

O grande problema da percepção desse modelo não é sua estrutura em si, mas a disposição das elites latino-americanas, e também das ciências sociais da região, de maneira geral, em utilizar (ou tentar determinadamente) esse e outros conceitos gerados pela história europeia de maneira acrítica e anacrônica, ignorando as distintas lógicas de condicionamentos desses processos.

Ao menos na Nicarágua, a pretensão parecia ser a de alcançar e consolidar um modelo de Estado Nação; isto é, um padrão baseado no funcionamento dentro de uma racionalidade legal-funcional e de uma estrutura de valores que transcendem e superam o poder e a vontade dos governantes. As características centrais seriam a alta capacidade de regulação social, a integração social e territorial, uma contundente soberania externa, além de uma dependência estatal para com a sociedade civil que funcionaria integrada a uma estrutura de direitos cidadãos.

Contudo, como analisaremos, o modelo efetivado não foi o acima exposto, mas sim uma estrutura de poder que o pesquisador nicaraguense Andrés Pérez-Baltodano⁶⁰ denomina “Estado Conquistador”, alicerçado em um marco de valores patrimoniais herdados do período colonial. Por sua vez, suas características são marcadamente opostas às do Estado Nação: baixa capacidade de regulação social, fragmentação social e territorial, grande dependência externa e um considerável nível de autonomia estatal em relação à sociedade.

A explicação para a persistência de tal Estado Conquistador pode ser associada justamente às marcas culturais nicaraguenses citadas anteriormente. Dito de outra forma, o fracasso do Estado Nação se daria, principalmente, pelos modos como as elites “pensaram” o desenvolvimento histórico do país⁶¹. Nessa linha de pensamento, as centralidades de um pragmatismo e de uma resignação fortaleceriam a ideia da história nicaraguense percebida como um processo determinado por forças condicionantes externas, estímulos que os nicaraguenses não poderiam controlar. Interligado a esses traços, o providencialismo demonstraria forte influência na sociedade. O mesmo seria entendido como: *“Esa permanente expectación de sujetar la vida a un ser providencial es, sin duda, de tipo religioso pues en*

⁵⁹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Entre el Estado Conquistador y el Estado Nación**: providencialismo, pensamiento político y estructuras de poder en el desarrollo histórico de Nicaragua. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica – Universidad Centroamericana, 2003. p. 21-22.

⁶⁰ Ibid. p. 49-85.

⁶¹ Ibid. p. 25.

*ella el tipo de relación es la fe ciega, la entrega total del devoto a su santo patrono sin poner ninguna condición*⁶²”. Dessas particularidades resultaria uma cultura política pragmática-resignada, derivada principalmente da cosmovisão religiosa expressada no providencialismo. Por meio dela, a capacidade de ação política tanto das elites quanto da sociedade seria limitada; de maneira a dificultar a identificação de obstáculos objetivos-estruturais do desenvolvimento nacional nicaraguense e a articulação de visões e estratégias coletivas necessárias para superar tais percalços⁶³.

Assim sendo, tal raciocínio entenderia que a história nicaraguense foi condicionada, em determinadas situações, por fatores materiais e objetivos, como por exemplo, a ingerência estadunidense, a economia internacional e os padrões e divisões estruturais da própria sociedade. Porém, como reflexo de dita cultura política pragmática-resignada, os nicaraguenses demonstrariam enfrentar impulsos objetivos que operariam em seu contexto nacional (e internacional) dentro de um marco cultural que acabaria por condicionar os impactos e as consequências dessas influências.

Essas ideias apresentadas essencialmente por Andrés Pérez-Baltodano podem ser consideradas inseridas em uma perspectiva determinista, com algumas generalizações e visões vinculadas a uma compreensão eurocêntrica. Contudo, para nossa análise aqui protosta, mostra-se relevante na percepção como construção na historiografia local nicaraguense, uma linha de pensamento que nos possibilita problematizar as dimensões da ideia de cultura política e os alcances das participações e atuações engajadas de diferentes setores.

Por conseguinte, tratar da relação entre pensamento político – entendido enquanto referência às imagens e conceituações do poder e da ordem social que orientaram a prática política das elites nicaraguenses – e formação do Estado na Nicarágua envolve diretamente a maneira como os nicaraguenses participaram, e participam, da constituição de sua própria realidade social. E por isso, estender esta análise até a intelectualidade, percebendo seus membros também como agentes centrais de pensamentos políticos, contribui para a elaboração do cenário no qual tal país centro-americano vivenciou distintas visões e construções do poder e da história.

A consideração de uma natureza antidemocrática das esferas de poder predominantes na Nicarágua geraria um discurso político construído pelas elites para as elites, isto é, preponderantemente autorreferencial e demonstrado em mensagens oficiais e pronunciamentos de políticos. Referido discurso fomentaria a reprodução de um universo

⁶² ALVAREZ MONTALVÁN, Emilio. **Cultura política nicaragüense**. Managua: Hispamer, 2000. p. 48.

⁶³ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 28.

epistemológico dentro do qual as elites se comunicariam com o restante da sociedade. Nesse panorama, a realidade, assim concebida, se legitimaria e se reproduziria na mesma.

Obviamente que tal quadro apresentado não correspondia à totalidade das elites, especialmente se tratamos do segmento letrado. Se ampliarmos o campo à região centro-americana, uma perspectiva apresentada pelo político e sociólogo guatemalteco Mario Monteforte Toledo é curiosa, envolvendo o período compreendido entre as independências e as primeiras décadas do século XX e dividindo os intelectuais em dois grupos⁶⁴:

a) um, com poucas ideias e muitos interesses, que se opôs às mudanças por considerá-las anárquicas, contrárias às leis divinas;

b) outro, com poucos interesses e muitas ideias, que promoveu mudanças por considerá-las justas, atreladas à vontade humana e congruentes com o progresso da região europeia e dos Estados Unidos; também tratados como “intelectuais de ação”.

Para além dessa divisão, seria possível apontar igualmente como intelectuais “independentes” – em vários países da região, seriam a maioria, não alienados ao poder – adotariam um esteticismo ético e político, bem como um personalismo verbalista. Rechaçando a política, entendendo-a como atividade truculenta e indigna, evitariam qualquer responsabilidade nos atos governamentais.

A situação acima apresentada favorecia a recaída na velha ambiguidade presente na intelectualidade centro e latino-americana. Nessas circunstâncias, os intelectuais se moveriam em uma difícil posição entre a tradição que procuravam destruir, o novo quadro que tratavam de fundar e também as pressões interventoras do progresso material, a cujo favor advogariam sem esclarecer como poderiam executar sob os auspícios de um sistema espiritualista de pensamento⁶⁵. Tais incertezas do intelectual latino-americano podem ser expressadas de outra maneira. Segundo o pesquisador boliviano Hugo Mansilla⁶⁶, o cenário teria, de um lado, o desejo de autonomia de pensamento e criação genuína, e de outro, a adoção de ideias, teorias e orientações provenientes dos países mais desenvolvidos e influentes.

Mansilla mencionou a presença de influência predominantemente estadunidense e europeia nos setores intelectuais da América Latina, porém, se centrarmos a análise na região centro-americana, outras incitações ideológicas podem ser apontadas. Da Europa, a crítica da situação pós-Primeira Guerra Mundial, da perda da razão e do humanismo no sistema socioeconômico de então e de suas elites. Do México, a revolução iniciada em 1910; como

⁶⁴ MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Op. cit. p. 833.

⁶⁵ Ibid. p. 834.

⁶⁶ MANSILLA, Hugo C.F. Intelectuais e política na América Latina: uma breve abordagem a uma ambivalência intelectual. In: MANSILLA, Hugo C. F. (et al.). Op. cit. p. 13-14.

impacto na esfera cultural e não como estímulo a levantamentos sociais. A figura de José Vasconcelos, titular da Secretaria de Educação mexicana, era erigida por intelectuais centro-americanos como referência e exemplo de um homem de pensamento universal de tipo humanista. Da Argentina, a já citada revolução universitária, atrelada às ideias de democratização da cultura e unificação latino-americana. O movimento dos estudantes de Córdoba fomentou na região uma acelerada politização dos intelectuais, impulsionando o ativismo do papel do intelectual na sociedade. Por fim, associado a esse último influxo, e oriundo de várias partes, o marxismo. Seguindo nessa perspectiva, o interesse por leituras marxistas facilitaria a aglutinação de um pensamento político em torno do anti-imperialismo, atingindo intelectuais, partidos e atores políticos.

O impacto desses incentivos foi sentido de maneira diversificada na região, contudo, em comum foi a emergência de debates intergeracionais que envolviam a defesa e superação de tradições culturais. Nas palavras de Mario Monteforte Toledo⁶⁷:

Los universitarios y los maestros nutridos en la nueva ideología unionista jugaron un papel de transcendencia en los movimientos populares surgidos después de la Segunda Guerra Mundial, y algunos todavía son líderes de grupos de izquierda. Los universitarios y los intelectuales de 1920 siguieron diferente trayectoria. En su mayoría se opusieron a las dictaduras hasta 1944 y continuaron predicando la unión centroamericana en sentido político e idealista; pero sus intereses se fueron mezclando con los de las clases altas y al llegar el momento en que los partidos y los sindicatos propusieron cambios estructurales y una política antiimperialista, colaboraron francamente con la reacción y algunos figuran hoy entre sus líderes intelectuales. Esta pugna intergeneracional tuvo un receso en vísperas de la Segunda Guerra, cuando el antifascismo conglomeró del mismo lado a derechas e izquierdas; mas luego se recrudeció y en cierto modo subsiste, aunque languideciendo ante la importancia del conflicto ideológico en uno de cuyos extremos se hallan las nuevas generaciones intelectuales.

Um dos reflexos dessas relações foi o florescimento de uma literatura nacionalista de considerável preocupação e teor social, assim como o desenvolvimento de uma nova ideologia política de caráter nacionalista, já com inclinações socializantes. É certo também que acontecimentos como a depressão mundial, o nazifascismo, a Guerra Civil Espanhola e até mesmo o governo de Lázaro Cárdenas no México contribuíram para uma (re)divisão e (re)organização dos intelectuais centro-americanos. O período de crise econômica nas décadas de 1930 e 1940 atingiu históricas fortunas da região, abrindo brechas entre os setores sociais mais abastados e fazendo com que os intelectuais estivessem mais próximos de distintos

⁶⁷ MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Op. cit. p. 836.

grupos sociais. Dessa aproximação, por exemplo, a valorização da cultura mestiça local e do *indigenismo* tem uma de suas raízes. Os conflitos na Europa representaram uma espécie de agitação ideológica na intelectualidade do istmo. A ideia de “hispanidade” parecia mostrar-se controversa, uma reação ao aparecimento também na América de adeptos da “Espanha republicana”. Ao passo que discursos antifascistas e democráticos, impensados em regimes autoritários e oligárquicos americanos, tiveram seu espaço, principalmente pela definição cada vez mais clara de um alinhamento do principal ator internacional na região, os Estados Unidos, contra as chamadas “Potências do Eixo”. Finalmente, a influência mexicana sintetizada na política de Cárdenas atuou como modelo cultural para inúmeros intelectuais centro-americanos, especialmente aqueles exilados no país; expandindo-se rapidamente e de maneira entusiasmada a grupos progressistas por todo o subcontinente.

Em vista disso, e sob o prisma analítico dos autores aqui expostos, dita fragmentação entre os intelectuais ocasionariam o surgimento e/ou o reforço de determinados grupos⁶⁸. Dentre eles, poderíamos mencionar os progressistas; eminentemente combativos, alguns com vocação quase messiânica, entendendo-se e buscando atuar como motor ideológico das mudanças sociais. Opostos aos defensores de um tradicionalismo de pensamento, comumente tratados como grupo de reação ou reacionários, resistentes às mudanças. Um setor intermediário envolveria intelectuais que advogariam um rompimento com um passado negativo e uma crença na necessidade de progresso social; porém, insistentes na identidade cultural sustentada nas “boas tradições”, vinculada a uma influência das democracias europeias. De maneira mais generalizada, a presença também de membros ligados à esquerda latino-americana; tratando a realidade como obstáculo onipresente, uma parte extremista desse setor encontrava problemas na ação, uma vez que a descrença no sistema democrático controlado pelas oligarquias vai distanciando-os das camadas populares e do interesse em participar dos mecanismos de mudança. Ademais, os chamados “desenvolvimentistas”, detentores de um discurso de supremacia do capitalismo e da democracia burguesa; amparando-se no desenvolvimento como equivalente da prosperidade do setor empresarial, centrariam a ideia da necessidade das sociedades centro-americanas remodelarem-se de acordo com os parâmetros ocidentais.

⁶⁸ As referências às divisões e grupos podem ser encontradas em: MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Op. cit. 1967; MONTEFORTE TOLEDO, Mario, VILLAGRÁN KRAMER, Francisco. **Izquierdas y derechas**. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1968; MARSAL, Juan (et al.). **Los intelectuales políticos**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971; ARROSA SOARES, Maria Susana (org.). **Os intelectuais nos processos políticos da América Latina**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1985.

Nesse amplo espectro, a diversidade na intelectualidade foi benéfica, permitindo diferentes visões em torno do pensamento político e cultural. Contudo, foi igualmente prejudicial no aspecto corporativo e na contestada profundidade das reflexões (entre outros fatores, uma consequência da grande fragmentação). Desse modo, não seria equivocado afirmar que os intelectuais não atuaram – e seguem não atuando – como componentes de uma classe única ou grupo homogêneo, com interesses definidos e concretos, independente da origem e formação cultural de cada um deles. A própria categorização de “intelectual” parece ser muito ampla e generalizada no istmo. Como expôs Monteforte Toledo: “*En Centroamérica [...] unas cuantas publicaciones bastan para otorgar la categoría de intelectual*⁶⁹”.

Se considerarmos essa conjuntura como referência de análise (seja como constatação ou apoio), nos restaria, então, questionar a origem da mesma. É nessa indagação que retornamos ao início dessa seção: as particularidades nicaraguenses ao redor de características culturais como o providencialismo e uma possível cultura política pragmática-resignada. De acordo com Andrés Pérez-Baltodano⁷⁰:

[...] si el concepto de pragmatismo-resignado ofrece una caracterización del pensamiento político del país, el providencialismo constituye la representación conceptual del conjunto de “reglas anónimas” que condicionan y regulan la manera en que las élites nacionales visualizan el poder y la historia.

Já apontamos que referida estrutura remeteria ao período colonial. Desde as primeiras décadas do século XIX, já era possível perceber o poder da Igreja e o peso do catolicismo na região. Em 1821, a *Acta de Independencia de Centroamérica* explicitava tal quadro ao indicar em um de seus artigos a conservação “pura e inalterável” da religião católica e a certeza da continuidade da fé professada. Além disso, a ausência de um pensamento político suficientemente capaz de perceber e tentar buscar a organização do desenvolvimento da região deixaria-a exposta aos tratados imperativos estruturais, originados de sua história local e de sua precoce dependência em relação à Europa.

Para os adeptos dessa linha de pensamento, a limitação da reflexão política das elites centro-americanas nesse período poderia ser associada a um quadro de conflito social que, antes da independência, era “regulado” dentro do próprio sistema de dominação colonial, porém, após a etapa de emancipação, “desinstitucionalizou-se”, criando condições de

⁶⁹ MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Op. cit. p. 846.

⁷⁰ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 115.

instabilidade social. Por um lado, o aparato administrativo colonial centro-americano não demonstraria a capacidade necessária de regulação para outorgar às elites a faculdade de impor suas vontades dentro do espaço territorial da região, acrescido da consideração de um atraso cultural e das restritas visões e aptidões políticas que dificultariam ainda mais a rearticulação da ordem social vigente. Por outro, dita limitada capacidade reflexiva dificultaria a impulsão de transformações do antigo aparato estatal colonial (Estado Conquistador). Nesse sentido, Pérez-Baltodano indicaria que a pobreza de pensamento das elites centro-americanas mostrava-se congruente com uma considerada pobreza cultural da população em geral⁷¹.

As disputas locais de interesses e posições também refletiriam desordem, sem articulações e expressões organizadas e/ou que orientassem as aspirações dos nicaraguenses. Assim: “*Dentro del deprimente panorama regional centroamericano, Nicaragua ofrecía el espectáculo de una formación social en estado cuasi-natural, sin instituciones y sin la capacidad para organizar el conflicto político generado por el rompimiento del orden colonial*”⁷². Foi nesse ambiente conturbado que a histórica polarização entre duas cidades (León e Granada), ou melhor, entre as elites dessas cidades, deu-se de maneira contundente e decisiva. Com interesses econômicos baseados principalmente na atividade comercial com a Europa, através de rotas via *Gran Lago* (ou lago Cocibolca) e rio *San Juan*, as elites de Granada basicamente agregavam os setores mais tradicionalistas do país. As elites de León, por sua vez, eram compostas principalmente por agricultores, criadores de gado, ex-funcionários do aparato administrativo colonial e membros da hierarquia da Igreja Católica. Em ambas, duas estruturas de interesse atuavam, bem como duas tendências político-ideológicas: uma conservadora, atuando na defesa especialmente da alta hierarquia católica e dos setores proprietários, que aspiravam hegemonizar a ordem social herdada do período colonial; outra liberal, sustentada por grupos médios da sociedade (artistas, profissionais, etc.), que ambicionavam transformações na estrutura social da colônia para abri-la a suas aspirações, interesses e necessidades. É importante salientar que as linhas de pensamento conservadora e liberal estavam presentes nessas duas principais cidades, porém, a dominância de cada uma delas era um fator que reforçava tal divisão (em Granada, a proeminência da orientação conservadora e em León, da liberal).

A possível ausência de tal capacidade política das elites em identificar interesses e aspirações compartilhadas por distintos setores sociais teria como uma de suas consequências

⁷¹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 129.

⁷² Ibid. p. 130.

um vazio no poder, criado também pela inexistência de uma estrutura de dominação legal capaz de organizar o conflito social nicaraguense. Nessa visão historiográfica local, tal panorama pós-independência, no qual as debilidades do aparato estatal e as limitações político-culturais das elites seriam centrais, as iniciativas de criação de estruturas estáveis de ordem social seriam frustradas. As lacunas originadas, portanto, nas esferas política e social permitiriam o ajuste e disseminação de marcas culturais que pareciam favorecer o conflito e a resignação em detrimento da busca de interesses nacionais e de transformações qualitativas nas estruturas de poder. Como afirmamos anteriormente, mesmo com um tom determinista, esse olhar de Pérez-Baltodano mostra-se proeminente para a análise da ideia de cultura política local e para reflexões em torno de traços histórico-culturais nicaraguenses. Não queremos recair em um entendimento de que a Nicarágua e a América Central tiveram um processo de formação do Estado distante do ideal, mas sim evitar a desconsideração dos problemas e peculiaridades envolvidas em dito processo. Como abordaremos em capítulos posteriores, a própria resistência no período antiditatorial e a efetivação de uma insurreição de caráter popular já conformam um contraponto a uma completa resignação.

Ademais dos traços que indicamos anteriormente, a emergência, por exemplo, de uma cultura política de uso da força, sobretudo no amparo de agentes políticos, foi sentida e consideravelmente perpetrada na história nicaraguense. A citada polarização entre granadinos e leoneses assimilou reflexos dessa última característica:

León contaba con el Obispo y con el Cabildo Eclesiástico; pero todo leonés, por el hecho de pertenecer a la localidad, se consideraba liberal desde su nacimiento. Granada, la poderosa rival de León, era por razón del antagonismo, el centro del partido contrario. En consecuencia, todo granadino, desde la cuna, era considerado como conservador hasta la muerte. Los pueblos del Estado observaban la misma rigurosa clasificación y pertenecían ciegamente a Granada o a León, estando prontos a derramar su sangre en defensa de una u otra ciudad⁷³.

A separação em eixos político-ideológicos, de certa forma, efetivava as identidades espaciais das duas principais cidades da Nicarágua. A segmentação entre as terminologias usadas para denominar os adeptos de cada uma das cidades e seus posicionamentos também teve suas particularidades. Os granadinos e seus aliados, que comumente receberam a alcunha de conservadores, foram tratados em diferentes períodos como *serviles* (servis, por suas relações com a então metrópole e forças estrangeiras), *timbucos* (no país, palavra que

⁷³ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 159.

significava “porco gordo”; usada na referência aqueles que possuíam uma “*panza llena*”, que gozavam de comodidades) e *legitimistas*. Os leoneses, tradicionalmente liberais, eram denominados também de *fiebres* (insurrectos, subversivos), *calandracas* (derivado de *calandrajo*, que significa trapo velho; passando depois a pessoas frágeis, e principalmente a cães sem dono e magros que perambulam lixeiras e mercados em busca de migalhas) e *democráticos*. Longe de parecerem exatos, tais apelidos e ofensas buscavam retratar os granadinos como ricos bem alimentados e os leoneses como pobres famintos.

Essa divisão conflituosa reforçaria a ideia entre as elites, sejam as de Granada ou León, de que a superação da herança colonial não seria um desafio a elas enquanto detentoras da capacidade de reflexão e ação nacional. Desse modo, abriria-se espaço para um entendimento cultural providencialista e externo. Ou seja, seria disseminado por toda a sociedade um sentimento de resignação e impotência, justificado pelas ações da “Providência” e de poderes exteriores, como as ingerências dos Estados Unidos. Esses últimos seriam percebidos pelos nicaraguenses como um poder externo que, assim como Deus, teria a capacidade de construir ou destruir a felicidade das nações.

Os primeiros governos conservadores da Nicarágua cristalizariam esse pensamento pragmático-resignado e até mesmo anti-intelectual (Fruto Chamorro, presidente nicaraguense entre 1854 e 1855, e os grupos mandatários do período clamavam o lema “*Nada de libros, nada de modelos*”⁷⁴), exacerbando uma noção de favor da providência divina, mais do que a capacidade política reflexiva dos governos e governantes, como principal determinante dos rumos do país.

A contraparte liberal, por sua vez, fundamentaria seu idealismo em uma ordem baseada no respeito absoluto e inquestionável às leis e tradições, garantindo sua reprodução. O advogado e político Máximo Jerez foi a referência local dessa linha de pensamento. Contudo, o grande desafio de seus adeptos não seria encarnar o liberalismo de seu tempo, e sim conseguir ultrapassar sua superficialidade filosófica e doutrinária, retratada normalmente em uma aceitação acrítica de ideias básicas positivistas, de postura anticlerical e orientação centro-americanista.

Sendo assim, o panorama nicaraguense apresentaria a tendência dos conservadores em aceitar a ordem social e cultural do país como uma condição natural. A perspectiva liberal, no outro elo, tenderia a adotar posições mais normativas, distantes da realidade. As posições distintas e conflitantes gerariam, durante longo período na história nicaraguense, um constante

⁷⁴ CHAMORRO ZELAYA, Pedro Joaquín. **Fruto Chamorro**. Managua: Editorial Unión, 1960. p. 114.

estado de confronto, simplificado no embate legalidade conservadora x liberdade liberal. Todavia, ambas contribuiriam para a institucionalização de um pensamento político pragmático-resignado, que se alimentava do providencialismo já destacado principalmente por Andrés Pérez-Baltodano⁷⁵.

Dita persistente debilidade das elites em identificar interesses em comum interferiria não apenas nas formações de pensamentos políticos, mas igualmente no ponto de vista cultural. Durante praticamente toda a primeira metade do século XIX, a Nicarágua pareceria distante de uma comunidade nacional sustentada em memórias e aspirações coletivas. As concepções resignadas e providencialistas, bem como as insistentes divergências entre conservadores e liberais, teriam relevante parcela no incremento de uma noção de pátria com forte conotação local, apoiada nas identificações familiares e comunitárias. A ideia de um território natural, apenas formalmente soberano, daria mostras de estar acima daquela que previa um espaço político nacional:

La debilidad político-institucional de Nicaragua durante la primera mitad del siglo XIX no debe atribuirse simplemente a los obstáculos objetivo-estructurales que Nicaragua enfrentó en sus primeras décadas de vida independiente sino también a las deficiencias culturales del país y, más concretamente, a la ausencia de un pensamiento político capaz de identificar estos obstáculos y de articular las visiones colectivas y las estrategias de desarrollo necesarios para superarlos⁷⁶.

Se os interesses imediatos e as identidades locais atravancariam a articulação de esforços nacionais, somente uma considerável força externa pareceria possibilitar a transformação de tal quadro. A chamada “Guerra Nacional” (1856-1857) poderia ser o impulso necessário. Após a entrada do flibusteiro norte-americano William Walker⁷⁷ em território centro-americano em 1854 e sua “autoproclamação” como presidente (situação permitida pelas debilidades locais decorrentes dos embates internos nicaraguenses e amparada sob a Doutrina Monroe), um esforço conjunto nacional e regional foi promovido para a deposição do “aventureiro”. Como consequência, o país teve sua economia gravemente debilitada e Granada foi quase completamente incendiada pelas forças ocupantes. A aliança entre legitimistas (conservadores) e democráticos (liberais) também contribuiu para o

⁷⁵ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 199.

⁷⁶ Ibid. p. 233.

⁷⁷ Para uma exposição e análise detalhada do episódio, ver: SCROGGS, William O. **Filibusteros y financieros: la historia de William Walker y sus asociados**. Managua: Banco de América, 1974 e WALKER, William. **La guerra de Nicaragua**. San José, Costa Rica: EDUCA, 1970.

posterior acordo que definiria Manágua como capital nacional (1857), de modo a aliviar os conflitos entre as cidades.

É certo que a Guerra Nacional conseguiu desenvolver um sentimento nacionalista que unificou os “patriarcas” e as elites, mas esses sentimentos pareceram não transcender às massas, que se mantiveram leais a suas comunidades locais sem terem internalizado um sentido de identificação da Nicarágua como um Estado Nacional. Além disso, os grupos políticos democráticos e legitimistas adotaram oficialmente os nomes de Partido Liberal e Partido Conservador, respectivamente; contudo, não modernizaram seus pensamentos políticos, tampouco transcenderam suas identidades espaciais e posições excludentes.

Apesar do momento de cooperação e união durante a Guerra Nacional, os esforços para estabelecer uma nova ordem pareceram se resumir em reorganizações partidárias em torno de personalidades e de interesses particulares e imediatos. Desse modo, a lógica localista de distribuição de influência e poder entre granadinos e leoneses, entre conservadores e liberais, foi decisiva na persistência da fragmentação da sociedade nicaraguense.

O período seguinte foi caracterizado pelo domínio político dos conservadores (*Treinta Años Conservadores* ou Primeira República Conservadora), etapa de recuperação econômica e terminada somente no fim do século XIX com a ascensão dos liberais liderados por José Santos Zelaya, no evento denominado como “Revolução Liberal” (1893). Em um quadro de insolvência econômica e apreensão financeira, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela instabilidade política e por intervenções diretas e armadas por parte dos Estados Unidos⁷⁸.

De fato, especialmente durante os *Treinta Años*, um processo de desenvolvimento econômico, assumidamente elitista e excludente, reforçou a marginalidade das massas e freou o avanço de novos grupos sociais associados ao progresso do cultivo cafeeiro. Contudo, outros andamentos ocorreram e, para a análise aqui proposta, é oportuna a visão das ações culturais do período. A busca pelo conhecimento da realidade nicaraguense esteve vinculada a impulsos renovados (e inesperados?). Mesmo que escassos, alguns periódicos passavam a ter relevância no cenário nacional. Dirigidos por prestigiados representantes da cultura nicaraguense da época (destacavam-se Anselmo H. Rivas, Modesto Barrios, José Dolores

⁷⁸ A ocupação do território nicaraguense por tropas estadunidenses foi contundente a partir de 1912 e entre os anos de 1927 e 1933. No primeiro momento, soldados do corpo de fuzileiros navais (*marines*) contribuíram na deposição de Zelaya e apoiaram seus sucessores conservadores. O retorno dos *marines* na segunda metade dos anos 20 objetivava por fim à guerra civil seguida dos golpes conservadores e liberais (especialmente Emiliano Chamorro e Juan Bautista Sacas em 1926).

Gámez, Fabio Carnevalini e Jesús Hernández Somoza), tais veículos agregaram “*la flor y nata de la intelectualidad del país*”, interessados na superação do aguçado localismo e divisão vigentes, bem como na promoção do desenvolvimento cultural da Nicarágua⁷⁹. Um exemplo dos obstáculos encontrados era a *Universidad de León*, a primeira do país:

Pese a que la Universidad de León se instaló sólo cinco años antes de la declaración de la Independencia de Centroamérica (1821), lo cierto es que el espíritu colonial que presidió su fundación prevaleció en su quehacer durante las primeras siete décadas de su existencia. De esta manera, y al igual que lo ocurrido con otras universidades de la América Hispana, siguió siendo ‘colonial fuera de la colonia’⁸⁰.

Como indicado, a ascensão liberal no fim do século XIX, atrelada à emergência de Manágua como novo centro político-econômico do país e a consolidação dos setores cafeeiros, facilitaram a amenização das tensões e permitiam espaço para a possibilidade de reconstrução cultural e reestruturação dos pensamentos e práticas políticas. É possível encontrar compreensões de que as elites não teriam aproveitado amplamente tal oportunidade, de modo que se constataria um desenvolvimento estatal não traduzido em um igual desenvolvimento da sociedade civil como um todo.

O início do século XX presenciou cisões internas nos principais grupos políticos nicaraguenses, principalmente entre os conservadores, ocasionando o surgimento de novos grupos e partidos (por vezes, com curta vida). Emiliano Chamorro (presidente em 1917-1921 e interinamente em 1926) consolidou-se como figura referencial dos setores conservadores, tratando a si e a seus adeptos como “genuínos”, representando as principais famílias de Granada e reiterando visões pragmático-resignadas e nostálgicas aos *Treinta Años*.

Diante de todo esse panorama, percebemos que as grandes preocupações políticas e sociais das elites nicaraguenses redundavam nos insistentemente citados interesses particulares, localistas e imediatos. Reduzidos e invariavelmente distantes dos setores políticos no poder e da mesma forma da população, letrados e intelectuais pareciam indivíduos sem identificação e alheios a possíveis tentativas de progresso cultural. Desde o período pós-colonial até as primeiras décadas do século XX, a situação controversa dos intelectuais centro-americanos era permeada, de um lado, pela codificação da cultura vivida

⁷⁹ Um elucidativo histórico dos primórdios da imprensa escrita na Nicarágua pode ser encontrado em: MONTÁLVAN, Gustavo A. Historia del periodismo en Nicaragua. **Revista Conservadora**, n. 76, 1967. p. 54-64.

⁸⁰ TÜNNERMANN, Carlos. **Perspectivas del desarrollo de la educación superior en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1993. p. 26.

como exílio (apropriações culturais que enunciavam um lugar privilegiado frente ao corpo social) e, de outro, pela codificação da história, da sociedade ou da política nacional que marcava uma identidade e uma responsabilidade ética (tratado aqui sem esquecer o poder cultural dos letrados, articulado tradicionalmente às hegemonias)⁸¹. Possivelmente, tal situação só se transformaria na segunda metade do século, com as gerações de intelectuais orgânicos comprometidos com a mudança social, que alentariam projetos de reconstrução nacional e constituição da cidadania, articulando o “povo” como eixo fundamental desta proposta (mesmo que condicionado por uma vanguarda política e cultural que o impulsiona).

O contexto nicaraguense seguiria com novos conflitos e dissidências, perpassado por alternâncias no poder entre liberais e conservadores. Merece destaque o segundo governo do conservador Adolfo Díaz (1926-1929), cenário de inúmeras rebeliões e resistências liberais, destacando-se líderes como Juan Bautista Sacasa e José María Moncada, além do general de origem camponesa e vertente liberal que recorreu à tática guerrilheira como oposição à intervenção estadunidense: Augusto C. Sandino⁸². Em dito momento, a admissível consolidação de uma cultura política pragmática-resignada praticamente anulava o pensamento político como elemento constitutivo e transformador da realidade. É claro que a intervenção afetou diretamente as possibilidades de articulação de um consenso social, de interesses e obrigações, que poderia servir de base para um desenvolvimento estatal mais amplo. Todavia, as elites nicaraguenses coincidiriam em aceitar tal papel interventor dos Estados Unidos, concomitantemente ao processo de manutenção da oposição e antagonismo que havia separado os grupos desde a independência. Ou seja:

La intervención facilitó el surgimiento de alianzas domésticas artificiales (la alianza líbero-conservadora que sustituyó al gobierno de [José] Madriz), la fabricación de fuerzas políticas sin base popular (la revolución del general Juan José Estrada contra Zelaya) y la eliminación de auténticos movimientos políticos populares (el movimiento de Sandino), en detrimento de un desarrollo político nacional fundamentado en el poder y en el balance de fuerzas de los actores y de las organizaciones políticas domésticas⁸³.

Nessa acepção, a cultura política dos grupos de poder, retratada na incapacidade das elites e na ausência de organizações políticas aptas a condicionar os efeitos da intervenção,

⁸¹ DELGADO ABURTO, Leonel. **Márgenes recorridos**: apuntes sobre procesos culturales y literatura nicaragüense del siglo XX. Managua: IHNCA, 2002. p. 55.

⁸² A força simbólica do “*general de hombres libres*”, como ficou conhecido, será abordada em capítulo posterior, mas sua menção é importante em uma etapa histórica marcada pelo intervencionismo estadunidense.

⁸³ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 446.

seria, então, identificada como um dos elementos explicativos de porque dita intervenção desembocou na ditadura somozista e não na consolidação de uma identidade nacional.

Não abordaremos os pormenores do regime autoritário da família Somoza, e as pontuações acerca da organização, ascensão e atuação da FSLN e dos sandinistas no poder serão trabalhadas em capítulos posteriores. Assim, e por fim, é importante salientar que os traços socioculturais aqui tratados formaram parte considerável da estrutura estatal e da base política na qual a atuação dos intelectuais locais, mesmo que limitada, pode ser percebida. Da mesma forma, teria-se também uma perspectiva de que a indicada suposta debilidade ideológica das elites e partidos políticos, desde a independência até o somozismo, acabaria por reforçar a função dogmática da Igreja Católica. Amparada no perpetrado providencialismo, mostraria-se como única instituição capaz de articular e reproduzir um marco normativo condicionador e legitimador da realidade nicaraguense. Seria justamente essa eficácia organizativa explorada inicialmente por Anastasio Somoza García para acelerar a “institucionalização” do somozismo enquanto prática política.

Veremos que, mesmo após o regime sandinista, era persistente a baixa propensão de regulação social do Estado nicaraguense, assim como sua fragmentação social e espacial. Na transição para o século XX, o estabelecimento de uma visão tecnocrática da função de governo, com a aceitação e utilização acrítica do marco teórico e normativo construído pelos organismos financeiros internacionais, acentuaria um discutível atraso político das elites e sua improdutiva centralização na tendência de utilizar um discurso declamatório e eminentemente denunciatório.

Enfim, em sua construção histórica, a Nicarágua evidenciaria sua marca de “*sociedad disociada*”⁸⁴, amparada em uma possível cultura política pragmática-resignada que impulsionaria a sociedade a assumir que o politicamente desejável deveria sempre subordinar-se ao circunstancialmente possível. Em um panorama geral:

El pensamiento político pragmático-resignado del conservatismo nicaragüense ha expresado simplemente una actitud instintiva para la defensa de un “orden” fundamentado en intereses tradicionales particulares. A su vez, el voluntarismo normativo del liberalismo ha expresado una posición anti-oligárquica, pero no ha sido capaz de articular un pensamiento democrático, que exprese e integre los intereses y las aspiraciones de los diferentes sectores de la sociedad nicaragüense. Finalmente, el socialismo ha intentado representar los intereses de las masas sin lograr articular un pensamiento que haga explícitos los valores

⁸⁴ SERRANO CALDERA, Alejandro. En busca de la nación. In: ARÉVALO CUADRA, Elisa et al. **Historia y violencia en Nicaragua**. Managua: UNESCO/UPOLI, 1997. p. 13.

*que unen a los diversos grupos sociales, étnicos y culturales, componentes de la sociedad marginal de este país*⁸⁵.

Se a configuração de um sentido universal de bem coletivo e de visões comuns do futuro eram insuficientes ou carentes, ainda assim, alguns esforços e ações culturais e sociopolíticas tornaram-se referências para a construção da intelectualidade no país. São os casos de Rubén Darío e do movimento vanguardista nicaraguense que trataremos de imediato.

1.3 Rubén Darío

No início deste capítulo apresentamos algumas considerações acerca do letrado/intelectual latino-americano e suas ações. Indicamos como, inicialmente, o direcionamento à literatura e às artes em geral, mais do que as atuações políticas, permearam o desenvolvimento desse setor. Nesse sentido, a ideia de “intelectual artista” emerge como um novo tipo analítico. Através de sua diversidade de presença institucional e discursiva, promove-se a insistência na primazia do trabalho intelectual fundado em todas as possibilidades da palavra (esta última entendida como “casa das ideias”). Na compreensão proposta, reclama-se a específica autoridade do sujeito literário, discute-se e rechaça-se a sujeição do artista a valores e práticas alheias à arte.

Em dito quadro, podemos reconhecer a figura do poeta nicaraguense Rubén Darío. Talvez ao lado do cubano José Martí, Darío encarna a acelerada passagem do letrado do século XIX que, focalizado na atividade intelectual, privilegia a afirmação da autonomia e do saber da arte, sustentados como único respaldo para intervir no mundo das ideias⁸⁶.

Nascido em 1867 na cidade de Metapa⁸⁷, Félix Rubén García Sarmiento⁸⁸ iniciou ainda garoto a escrever seus primeiros versos (o primeiro soneto de sua autoria foi publicado quando tinha treze anos). Em meio a um ambiente cultural e social arcaico, também desde jovem possuía a firme decisão de distanciar-se de práticas provincianas, levada adiante em cidades centro-americanas vizinhas e rapidamente nas hispano-americanas mais modernas (para além do âmbito exclusivamente regional). De formação autodidata, Darío “abastecia-se”

⁸⁵ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 759.

⁸⁶ ZANETTI, Susana. El modernismo y el intelectual como artista: Rubén Darío. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). Op. cit. 2008. p. 523.

⁸⁷ Localizada no departamento de Matagalpa e a 90 quilômetros da capital Manágua, desde 1920 o município mudou seu nome para Ciudad Darío, em homenagem ao poeta local.

⁸⁸ Apesar de não figurar em seu nome de batismo, o sobrenome Darío era amplamente usado no tratamento local aos seus familiares, em função de um antigo e influente parente, de tal forma que se converteu em patronímico da família de Rubén.

nas bibliotecas públicas e religiosas (sobretudo a Biblioteca Nacional de Manágua, gerida pelos jesuítas), frutos do desenvolvimento incipiente na região da indústria cultural. Nesse último contexto, as necessidades de favores políticos (especialmente participações em cargos diplomáticos) e o mecenato acabaram por estabelecer um mínimo vínculo com os poderes políticos; porém, os jovens intelectuais do período fizeram da situação seus instrumentos de formação e de captação de recursos e público para as artes, buscando progressivamente independentizar-se de tal tutela que pretendia concluir-se em discursos nacionais e hispânicos.

A mudança de Darío para o Chile em 1886 indicou, segundo Susana Zanetti⁸⁹, o deslocamento também das experiências estéticas do primeiro modernismo, exemplificada com o mexicano Manuel Gutiérrez Nájara, o colombiano José Asunción Silva e o já citado José Martí. Como “chefe” desse novedio grupo cultural – alcunhado por alguns de *Jóven América* –, Rubén Darío baseava seus discursos, de firmes convicções cosmopolitas, em se definir como artista moderno, envolto ao conflito e às tensões entre vocação e mercado. A passagem para o país sul-americano pode ser vinculada à então escassa possibilidade de crescer como poeta no contexto centro-americano e à importância que havia adquirido o Chile no âmbito do desenvolvimento econômico e da modernização da vida urbana. Sob a influência das correntes francesas da arte, ainda no Chile, lançou sua principal obra e marco do modernismo hispânico: “*Azul...*”, em 1888.

Apontado como símbolo do nascimento do conto moderno na língua espanhola, antecipando-se aos europeus no impulso do movimento, “*Azul...*” é composto por relatos e poemas. Mesmo utilizando evasões e cenários fantasiosos, sem uma representação realista da época ou do entorno de Darío, uma postura antiburguesa carregada de crítica pode ser percebida. Na obra, por exemplo, está presente o conto “*El rey burgués*”, um dos mais emblemáticos do modernismo. Nele, encontramos elementos de crítica à ignorância de um personagem monarca, à sua vulgaridade e fascínio pelo dinheiro, que condena um artista à marginalidade, refletindo o materialismo da sociedade e a não valorização das artes. Como um todo, a obra traz consigo a estetização do espaço interior e a estilização da crítica à modernização, marcando o início da afirmação do rol do artista e da arte como intervenção nas discussões sociais.

Anos depois, Darío se mudou para Buenos Aires e ali trabalhou como cronista do jornal *La Nación* e em outros periódicos de menor impacto. Nesse período, tornou-se membro do *Ateneo de Buenos Aires*, estabelecendo vínculo com outros literatos já consagrados. Mais

⁸⁹ ZANETTI, Susana. Op. cit. p. 526.

adaptado ao estilo *porteño* e com a boemia quase como uma imposição, Rubén Darío teve algumas mudanças: “*su escritura transgresora se ampara en un cronista agresivo, irónico, y a la vez confidente y zalamero*⁹⁰”. Suas amizades e simpatias se inclinavam a jovens artistas e pensadores, entre eles os socialistas José Ingenieros, Roberto Payró e Leopoldo Lugones e o anarquista Alberto Ghirardo; contudo, como ocorreu com outros modernistas, Darío não desenvolveu interesse pelos movimentos sociais modernos (o anarquismo, por exemplo).

Apesar dessa faceta, desde os anos de Chile, insistiu na crítica ao colonialismo e ao imperialismo inglês e estadunidense, especialmente quando envolviam a Nicarágua. Tais preocupações parecem revelar a busca por uma literatura realmente representativa dos hispano-americanos, uma procura por uma própria identidade, que passaria pela evasão e pela pesquisa de novos modelos, permitindo um múltiplo olhar sobre sua terra⁹¹.

Sua primeira etapa como escritor culminou com a publicação de “*Prosas profanas*” (1896), uma profunda renovação da poesia em espanhol. Adepto de uma estética baseada na liberdade, apontava rechaço às escolas literárias e aos pensamentos submetidos a princípios irrevogáveis:

*Yo no tengo literatura “mía” [...] para marcar el rumbo de los demás: mi literatura es mía en mí; quien siga servilmente mis huellas perderá su tesoro personal y, paje o esclavo, no podrá ocultar sello o librea. Wagner, a Augusta Holmes, su discípula, dijo un día: “Lo primero, no imitar a nadie, y sobre todo, a mí”: Gran decir*⁹².

Reconhecendo que não era um poeta para as multidões, mas admitindo que deveria ir a elas, distanciou-se do aristocratismo das elites sociais tradicionais e igualmente das posturas magisteriais, inclinando-se a zombar do modelo dos ilustrados. Construía, assim, um discurso e uma imagem próximos do leitor, como sentimental, sensível. Tal busca pela autonomia envolvia a construção de um lugar “legítimo” do escritor e que, através da linguagem, “*el artista mediatiza su figura a través de máscaras, ensueños, sacralizaciones y desacralizaciones*⁹³”; ou seja, centrava-se na ideia de que o trabalho com forma era o que caracterizava o artista moderno.

⁹⁰ ZANETTI, Susana. Op. cit. p. 528.

⁹¹ MORAES, Isabella Lígia. Modernidade e modernismo em Rubén Darío. **Cadernos CESPUC**, Série Ensaios, n. 22, 2013. p. 112-113.

⁹² DARÍO, Rubén. **Poesía**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977. p. 179.

⁹³ MORO, Diana Irma. **La narrativa de Sergio Ramírez y las significaciones de la figura de Rubén Darío en la constitución de la literatura nicaragüense**. Tese de Doutorado em Letras. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2013. p. 74.

Darío e seu modernismo, por vezes, podem parecer duais. Ao construir seu próprio “território” com níveis concretos e simbólicos, sua poesia expressava um sentir universal que, com uma carga sutil de compromisso social, desembocava na problemática do ser humano ante a modernidade – essa última em duas perspectivas, uma desencantada e outra entusiasta do progresso. Entre as possibilidades hispano-americanas perante um projeto de modernidade e a apresentação desse mesmo como projeto falido, percebemos uma visão cosmopolita, mas sempre evocando seu “*lugar de arraigo*”, o hispano-americano, entregando sua própria versão de tal projeto de modernidade. Desde o início de sua poesia, o autor nicaraguense pareceu centrar sua “tarefa” na busca de sua “voz poética”, “*y ello lo hace a través de reflexiones sobre el mundo moderno y la defensa de los ideales y valores del mundo antiguo, un mundo con visión señorial a través de la cual se busca sustentar la función social del poeta y de la poesía*”⁹⁴.

Ditas reflexões podem ser abordadas por meio de evidências contidas em alguns traços principais da escrita de Darío. No já citado aspecto anti-aristocrático, o poeta nicaraguense apresentava críticas ao aparato colonial que sobrevivia e persistia nos países hispânicos, constituindo um entrave a um produtivo desenvolvimento do projeto de modernidade. Um questionamento pode ser levantado quanto a essa característica dariana: como conciliar referida crítica à ordem aristocrática comungando com valores estéticos que vinculam os aspectos artístico e aristocrático? Quer dizer, são numerosos os exemplos em que Darío outorga ao poeta um traço distintivo perante a sociedade. Assim como apontado na citação acima de Rodríguez Murillo, a evidência é que as denúncias poéticas darianas estavam direcionadas ao duradouro aparato estatal de traço aristocrático (ou o Estado Conquistador definido por Pérez-Baltodano), enquanto que os ideais e valores ligados à arte permaneciam inalterados⁹⁵. Na forma de colonialismo, a marca aristocrática e senhorial era refutada e denunciada como obstáculo à libertação política, econômica e ideológica dos latino-americanos. Dessa consideração extraímos a exaltação ao hispano-americanismo e a oposição às ingerências externas, especialmente estadunidense, encontradas na obra de Rubén Darío.

É claro que, em certos momentos, foi maior o distanciamento do que a aproximação com sua terra natal. Seu desenvolvimento artístico e intelectual deu-se em países estrangeiros, um exílio voluntário também como fuga ao retratado cenário senhoril-colonial nicaraguense e em busca de horizontes mais propícios para suas práticas artísticas. Aqueles que, como Darío,

⁹⁴ RODRÍGUEZ MURILLO, Marco Antonio. Modernismo y sociedad en la obra poética de Rubén Darío. **Temas Antropológicos**, Revista Científica de Investigaciones Regionales, v. 35, n. 1, 2012/2013. p. 95.

⁹⁵ Ibid. p. 99.

deslocavam-se de seus centros de origem diferenciavam-se dos demais intelectuais por parecerem não estar tão atados às pressões políticas locais. A opção por destinar textos ao âmbito nacional fez com que autores como os já citados Manuel Gutiérrez Nájera e José Asunción Silva, o cubano Julián Del Casal e o uruguaio José Enrique Rodó, por exemplo, sofressem com interferências e influências sociais e morais, e por vezes, não participassem e intervissem em debates e dimensões mais amplas. Darío, por sua vez, desde jovem distanciou-se dos cenários nicaraguenses, impulsionado pela falta de respaldo em seu país – por sua história, cultura e produção artística. De acordo com Susana Zanetti:

En este sentido el desplazamiento dariano es radical, porque lo inicia siendo adolescente, y porque tangencialmente Nicaragua es objeto privilegiado de su producción poética e intelectual – no busca allí a sus pares o a su público y ocasionalmente vuelve a ella –. No es un exiliado ni un inmigrante, es más bien un migrante, no se establece de modo definitivo en ningún lugar, es un extranjero, a quien no le es ajena la discriminación⁹⁶.

Tal “errância” e pertencimento fundamentados na escrita fazem com que o poeta nicaraguense se apoie numa tradição do conhecimento enriquecido pela peregrinação, condicionados também por valores universalistas e cosmopolitas. Desse modo, legitimava seu diálogo com um extenso mundo letrado, com o qual modulava distâncias, apoiava e discutia concepções, respondia críticas e configurava ficções e gestos simbólicos.

Em cenários nos quais as elites tradicionais imperavam, bem como era sentido o peso da religião e de traços socioculturais que os censuravam, os modernistas buscaram espaços e estratégias alternativas para romper a ordem cultural latino-americana vigente. O estabelecimento de uma espécie de rede de vínculos entre os letrados foi uma necessidade premente colocada em prática. Em sua vasta obra de poemas e contos, Darío teve parcela de contribuição significativa na difusão das culturas dos distintos países do continente, articulando legados e laços; sendo, por exemplo, árduo defensor do idioma espanhol em terras ocidentais.

Para tanto, a imprensa mostrava-se instrumento proveitoso. Por meio da mesma, promoviam-se ações de “relição”, ou seja, de condições de produção e recepção, abrindo possibilidades de uma extensa e intensa rede de vínculos não somente entre os intelectuais, mas, sobretudo, entre escritores e público. Periódicos e revistas tornaram-se, então, objetos artísticos de valioso aporte. A título de exemplo, revistas do período modernista como as

⁹⁶ ZANETTI, Susana. Op. cit. p. 535.

mexicanas *Azul*⁹⁷ (1894-1896), dirigida por Gutiérrez Nájera e Carlos Díaz Dufoo, e *Revista Moderna* (1898-1903, posteriormente *Revista Moderna de México*, 1903-1911), criada por Bernardo Couto Castillo e Jesús Valenzuela, ou a uruguaia *Revista Nacional de Literatura y Ciencias Sociales* (1895-1897), tendo Rodó como responsável, e a venezuelana *El Cojo Ilustrado* (1892-1915), difundiram mais do que os ideais do modernismo, ampliando os espectros da literatura hispano-americana e ambicionando elementos de coesão cultural por toda a América Latina.

É certo também que a perspectiva dariana do hispano-americanismo teve relevante influência do contexto do fim do século XIX, especificamente a derrota espanhola na chamada Guerra Hispano-Americana em 1898 no âmbito hispano-falante⁹⁸. No mesmo período, já como correspondente do *La Nación* na Espanha, Darío multiplicou seus laços internacionais, afirmando seu saber errante e habilitando-o a novas interpretações acerca da vida social e do destino político-cultural do hispano-americano, por inúmeras vezes catalisadas no questionamento do valor da arte em conformação da sensibilidade e das experiências humanas⁹⁹:

*¿Qué es lo americano? ¿Qué es lo moderno? ¿Cómo encontrar la modernidad? ¿Cuál es la función del arte? ¿Quiénes son los modernos? ¿Cuál es el triunfo de Calibán? ¿Qué significa lo nuevo americano? ¿Qué representa el crepúsculo de España?*¹⁰⁰

Se sua intuição de poeta lhe oferecia acesso a uma compreensão privilegiada do processo histórico¹⁰¹, seu pensamento centralizava-se na promoção de diálogos interculturais e intercontinentais. No alvorecer do século XX, reverter a ignorância com relação à América Latina era um dos objetivos da *Mundial Magazine*, revista dirigida por Darío publicada entre 1911 e 1914 e com circulação em solo latino-americano, na Espanha e em Paris, na qual colaboraram vários intelectuais hispano-americanos contemporâneos ao nicaraguense. O fomento às relações entre espanhóis e hispano-americanos favoreceu seu reconhecimento em

⁹⁷ Assim como no título da principal obra de Rubén Darío, o ‘azul’ ganhou marcas de símbolo do supremo ideal entre os modernistas, atrelado à graça e à beleza, ao sensorial presente em ideias impalpáveis e em elementos do cotidiano (como o céu azul). Em Darío, o “pássaro azul” remetia ao próprio gênio e inspiração poética: “*Hoy, en plena primavera, dejo abierta la puerta de la jaula al pobre pájaro azul*”. Ver: DARÍO, Rubén. *Azul...* Valparaíso: Imprenta y Litografía Excelsior, 1888. p. 70.

⁹⁸ Ao contrário de José Martí, para quem a guerra de 1898 causou repulsa ao hispano-americanismo, Darío, enquanto defensor de uma forte ligação com a Espanha, percebeu na ocasião a necessidade de reforçar certa unidade hispânica, visando o progresso cultural das nações hispano-americanas.

⁹⁹ ZANETTI, Susana. Op. cit. p. 536.

¹⁰⁰ DARÍO, Rubén. *El modernismo y otros ensayos*. Madrid: Alianza, 1989. p. 09.

¹⁰¹ HALPERIN DONGHI, Tulio. Op. cit. p. 61.

território europeu como poeta moderno e líder desse movimento artístico-literário modernista. Conforme ele próprio atestaria, “*el movimiento que en buena parte de las flamantes letras españolas me tocó iniciar, a pesar de mi condición de ‘meteco’, echada en cara de cuando en cuando por escritores poco avisados*¹⁰²”.

Enfim, tais características singularizam o itinerário intelectual de Rubén Darío, marcado pela passagem, cruzamento e tomadas de distância entre suas condições de poeta (artista) e intelectual. Em seus discursos e configurações, o modernismo pareceu significar uma renovação na literatura em língua espanhola e igualmente uma voz crítica a uma nova geração que se adaptava às transformações mundiais. Por isso, as reflexões sobre a identidade moderna alcançaram dois níveis: um social, atrelado ao lugar da América Hispânica nesse “mundo moderno”; e outro individual, a respeito do artista e sua posição na sociedade. As inovações darianas na linguagem (com uso de métricas diferentes) e seus elementos de crítica social codificados em representações mágicas e da natureza marcariam a passagem do século XIX ao XX, influenciando gerações futuras, especialmente na Nicarágua, onde passaria a ser referenciado como “pai da literatura nacional”, uma figura metonímica para afirmar o poder das letras.

O regresso do poeta à Nicarágua deu-se somente em 1907, após vários anos estabelecido com certa estabilidade em Paris. Recebido com inúmeras homenagens e comoção popular¹⁰³, Darío permaneceu poucos meses no país antes de retornar à Europa, dessa vez como embaixador nicaraguense em Madrid, atrelado ao governo do liberal José Santos Zelaya. Com a derrocada desse último (em 1909), renunciou a seu cargo diplomático e, mais uma vez, mudou-se para Paris. Já acometido pelos efeitos dos anos de boemia e alcoolismo, seus últimos anos foram destinados a projetos editoriais (com viagens a vários países) e também à sua autobiografia¹⁰⁴. Com o início da Primeira Guerra Mundial, decidiu partir para solo americano a fim de promover o pacifismo para as nações da região. Depois de escalas nos Estados Unidos e na Guatemala, chegou a León em 1916. Em menos de um mês, faleceu em 06 de fevereiro daquele ano.

Indicamos anteriormente as marcantes características providencialistas e a contundente influência da Igreja Católica na Nicarágua. Interessante notar os carregados traços dessa religiosidade na descrição de um dos últimos momentos da vida de Rubén Darío, atentando-se ao fato do poeta ter sido contumaz crítico do conservadorismo político e intelectual da Igreja.

¹⁰² DARÍO, Rubén. Op. cit. 1977. p. 301.

¹⁰³ Na biografia de Darío, o nicaraguense Edelberto Torres Espinosa tratou o momento como “*la apoteosis en su Jerusalén*”.

¹⁰⁴ Ver: DARÍO, Rubén. **La vida de Rubén Darío escrita por él mismo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

A passagem a seguir registra a extrema-unção recebida por Darío em 1916, retratando todo o ambiente religioso impregnado naquele período:

El cortejo litúrgico sale de la iglesia de la Recolectión; lo preside el señor Pereyra y Castellón, imponente, con las vestiduras de su alta dignidad y acompañado de numerosos sacerdotes que visten también los ornamentos correspondientes a su jerarquía canónica. Camina el obispo a la sombra de un magnífico palio rojo de flecos dorados, portando en sus manos el Sacramento en el áureo copón. Sigue una teoría de numerosos eclesiásticos, los seminaristas y los alumnos del Colegio Tridentino, portando el pabellón nacional. Completa la procesión la muchedumbre de todas las clases sociales. Al pasar el Sacramento, las gentes se arrodillan como bajo un impulso eléctrico. Darío está preparado para recibir la augusta visita. El obispo pasa entre una valla de estudiantes y penetra en la alcoba, en donde se ha improvisado un altar. El poeta moribundo se recoge en sí, conmovido y pálido; su faz acusa ya el eclipse final. A las preguntas que le hace el prelado en materia de fe, contesta de manera clara y audible: Sí, creo¹⁰⁵.

A imagem de Rubén Darío passaria a ser praticamente santificada por toda a sociedade nicaraguense. Convertido em símbolo da literatura e da arte nacional, reconhecido e estimado internacionalmente, a fragmentada sociedade do país encontrou em sua admiração pelo poeta um ponto de referência comum e um orgulho compartilhado; como apresentado previamente, algo ausente em boa parte da história independente da Nicarágua. Depois de sua morte, governantes, políticos, intelectuais e figuras públicas e diplomáticas impescindiram do uso do prestígio dariano, “*el más grande capital cultural de los nicaragüenses*¹⁰⁶”. Ademais, rapidamente foi construída uma “monumentalização” de seus restos e de seu nome, envolvendo, por exemplo, a retirada do cérebro do poeta e a disputa entre aqueles que alegavam o direito de conservá-lo.

Se vislumbrarmos o modo no qual a figura de Darío operou na articulação da literatura com a política nicaraguense, perceberemos que na formação de discursos sobre a nação, figura e obra darianas formaram pontos de ligação e disputa, ao mesmo tempo. Uma primeira apropriação contundente se deu com a Igreja Católica e setores conservadores, que efetivaram uma operação performativa e discursiva visando converter seu antigo opositor em símbolo da cultura conservadora restaurada pela intervenção dos *marines* estadunidenses¹⁰⁷. No regime somozista, por sua vez, a busca de um discurso aglutinador dirigido a diferentes setores da aristocracia (exportadores, comerciantes, profissionais, intelectuais) amparou-se no uso da

¹⁰⁵ TORRES ESPINOSA, Edelberto. **La dramática vida de Rubén Darío**. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1982. p. 407.

¹⁰⁶ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. p. 395.

¹⁰⁷ BLANDÓN GUEVARA, Erick. **Discursos transversales: la recepción de Rubén Darío en Nicaragua**. Managua: Banco Central de Nicaragua, 2011. p. 106.

figura de Darío como sustentação política-cultural de prestígio que desse certa legitimação nacional. A aposta simbólica era dizer ao mundo, e à América Latina em particular, que Rubén tinha uma pátria e essa era Nicarágua: *“La figura de Darío canonizada por el somocismo se asienta en la idea del joven poeta, cuyo principal motivo es el paisaje de su tierra natal; el paisaje, por lo tanto, pasa a ser un símbolo de nacionalidad”*¹⁰⁸.

O movimento vanguardista (que será tratado adiante) igualmente dialogou com a imagem do poeta, criticando seus exacerbados usos pelo poder público, porém reconhecendo-o enquanto figura fundadora da literatura e da cultural nacional. Por fim, a retomada e releitura das obras darianas na segunda metade do século XX por Carlos Fonseca e pela Frente Sandinista apresentaram um Darío latino-americanista, com a construção de uma figura política do poeta e recuperada em uma perspectiva anti-imperialista¹⁰⁹ em contraposição com a imagem estética promovida pelo regime Somoza para ostentação em celebrações oficiais. Em resumo, segundo María del Carmen Pérez Cuadra: *“Darío es una constante en la definición de la nacionalidad, que ha sido manipulado o usado como símbolo ideológico capaz de imponerse a la comunidad imaginada, es decir, a la nación”*¹¹⁰.

Sem dúvida a figura de Rubén Darío encarnou, no decorrer do século XX, sinais de uma exacerbação nacionalista necessária para a busca de uma harmonia identitária local. Antes da emergência de Sandino – e depois ao lado da imagem do líder guerrilheiro – já se configurava como uma encarnação de um “destino desejável” aos nicaraguenses. Assim como retratado, a ausência de uma cultura intelectual no país reforçou a centralização em Darío. Sem referentes anteriores ou nomes culturais a quem seguir (ao menos ao conhecimento da população em geral), o “príncipe da língua castelhana” apresentava-se quase como um personagem sagrado, erigido à referência de um progresso cultural. *“No hay bibliotecas, teatros o salas de concierto; tampoco se realizan reuniones públicas ni conferencias. Los periódicos no se conocen entre la gente del pueblo, ni libros de ninguna clase. Nunca vi a un criollo leyendo en las provincias centrales [...]”*¹¹¹.

¹⁰⁸ MORO, Diana Irma. Op. cit. p. 100.

¹⁰⁹ A valorização dariana na América Latina foi gerada, em grande medida, nos anos 1960, principalmente através de intelectuais da cubana Casa de las Américas que recuperaram um Darío anti-imperialista, funcional ao discurso revolucionário, e que respaldaria a ação discursiva sandinista. Durante o governo sandinista, a consideração da literatura como aliada na (re)construção da nação montou sobre a figura de Darío todo um quadro cultural de “arquivo literário” que não deixava de ser político.

¹¹⁰ PÉREZ CUADRA, María del Carmen. La imagen de Rubén Darío en dos momentos de la historia literaria nicaragüense: la generación de vanguardia y la generación de los años sessenta. **Istmo** - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 01, 2001.

¹¹¹ BELT, Thomas. **El naturalista en Nicaragua**. Managua: Banco Central de Nicaragua, 1976. p. 179.

Nesse cenário apontado por autores como sendo praticamente nulo em erudição e distante das letras (“*En Nicaragua [...] no existe lo que propiamente pueda llamarse educación*”¹¹²), somente décadas depois um impulso renovador foi promovido. O grupo que o executou e suas ações tornar-se-iam parâmetro intelectual para gerações futuras, permanecendo por longo período como orientação aos projetos culturais nacionais colocados em prática, até mesmo durante o regime sandinista. Trata-se do movimento vanguardista nicaraguense, abordado a seguir.

1.4 O movimento vanguardista¹¹³

Sabe-se que a esfera literária foi, e ainda é, elemento importante na divulgação de ideias e no retrato das conjunturas locais centro-americanas. A prosa foi o caminho mais utilizado em âmbito regional, predominando os romances de tema histórico, influenciados pelos acontecimentos políticos do período, como o conflito contra a invasão do flibusteiro norte-americano William Walker, as tentativas unionistas e as inúmeras ingerências estadunidenses. A particularidade nicaraguense centra-se na primazia da poesia em detrimento à prosa, principalmente pelo impacto e repercussão de Rubén Darío.

Desse modo, o início do século XX, especialmente a década de 1920, mostra-se como período chave para a compreensão do desenvolvimento das letras latino-americanas. Como retratou Hugo Verani¹¹⁴: “*Son los años de lanzamientos de manifiestos, de proclamas y de polémicas violentas, de una intensa búsqueda de originalidad, de insurgencia expresiva y formal que estalla en realizaciones que transforman radicalmente el curso de las letras continentales*”. Nesse quadro, o ano de 1922 foi central na eclosão vanguardista latino-americana. Por meio de uma raiz comum, manifestos e movimentos emergiram em inúmeros centros de atividade cultural, dos quais escolhemos mencionar: as publicações *Prisma*, dos ultraístas argentinos, e *Actual*, do estridentismo mexicano de 1921; em 1922, se organizou a

¹¹² SQUIER, Ephraim George. **Nicaragua, sus gentes y paisajes**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989. p. 248.

¹¹³ O objetivo desse item é apresentar o movimento que influenciou significativamente a cultura letrada da Nicarágua, expondo suas principais características e os pontos que posteriormente impactariam nas formulações culturais sandinistas e nas próprias referências de Sergio Ramírez. Não é nossa intenção discutir as interpretações acerca das vanguardas estético-políticas na América Latina ou um trabalho direto com as fontes do período. Sobre essa questão, ver, por exemplo: SCHWARTZ, Jorge. **Las vanguardias latinoamericanas**. Textos programáticos y críticos. México: Fondo de Cultura Económico, 2002; BELLUZO, Ana Maria de Moraes (org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina**. São Paulo: Editora Unesp, 1990; PIZARRO, Ana (org.). **América Latina: palavra, literatura e cultura**. Volume III. São Paulo/Campinas: Memorial/Editora Unicamp, 1994.

¹¹⁴ VERANI, Hugo. Manifiestos de la vanguardia en Nicaragua. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, n. 15, ano 8, 1982. p. 181.

Semana de Arte Moderna em São Paulo, foi inaugurada a fundação *Proa*, em Buenos Aires, cidade onde nasce o Editorial *Claridad* de Antonio Zamora; no início de 1923, obras marcantes foram publicadas, como *Fervor de Buenos Aires* de Jorge Luis Borges e *Crepusculario* de Pablo Neruda.

Metaforicamente usada de uma derivação do termo francês *avant-garde*, a terminologia ‘vanguarda’, no início do século XX, fazia referência à liderança cultural e artística. Assim, a ascensão de uma geração ansiosa por mudanças contribuiu decisivamente para o florescimento, durante os anos 20, dos vários “ismos”, fenômeno este muito mais vasto do que usualmente se reconhece e que respondeu a particularidades próprias da realidade latino-americana¹¹⁵. Portanto, em referido período na América Latina, o modernismo já estava em sua fase final e os movimentos vanguardistas tornavam-se marcos políticos nacionalistas, contestando os padrões estilísticos então vigentes. Autores como Vicente Huidobro e o criacionismo no Chile, Eduardo Carranza e o movimento *Piedra y Cielo* colombiano, e a poesia negra do cubano Nicolás Guillen tornaram-se referências para exemplificar essa etapa de contestação e transição, quase sempre sendo a crítica social um traço comum.

Dessa forma, pode-se entender que os movimentos de vanguarda, em seu caráter continental, conformaram um processo estético de conjunto, estruturado de acordo com parâmetros comuns. Segundo Ana Pizarro¹¹⁶: “*El vanguardismo constituye un discurso privilegiado en el sentido de poner de manifiesto a través de su sintaxis las contradicciones de la complejidad cultural e ideológica de un momento de crisis*”. O panorama vinculava-se à dinâmica de uma cultura dependente latino-americana, sendo o surgimento vanguardista impactado pela Europa. No sentido de tal fenômeno resultante do contato e influência direta entre representantes de culturas distintas e as consequentes mudanças nas configurações culturais de um ou de ambos os grupos, o processo de assimilação e integração ganhava igualmente caráter continental, principalmente através de discursos de um universo social e histórico em profunda transformação, de modo que se concretizasse a busca de um fundamento epistêmico que atravessasse a história literária da região. O quadro era regional, mas a Nicarágua merece destaque porque, no istmo centro-americano, foi o único país a mostrar um desenvolvimento unitário e ideário coletivo em torno do vanguardismo, uma

¹¹⁵ VERANI, Hugo. Op. cit. p. 181.

¹¹⁶ PIZARRO, Ana. Sobre la vanguardia en América Latina. Vicente Huidobro. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, n. 15, ano 8, 1982. p. 109.

presença vanguardista consistente, ainda que tardia e/ou intermitente¹¹⁷. Contudo, por vezes, em algumas análises, tal movimento é reduzido à atuação de José Coronel Urtecho, sendo Pablo Antonio Cuadra considerado já um pós-vanguardista.

O impulso renovador do vanguardismo nicaraguense foi, de fato, iniciado por Coronel Urtecho em fins da década de 1920. Especificamente, em 1927, o então jovem nicaraguense de 21 anos retornou de estudos nos Estados Unidos e deparou-se com sua cidade natal, Granada, com traços consideravelmente diferentes do histórico tradicionalismo e conservadorismo local (para Ernesto Cardenal, com aspecto burguês e despreocupado, sem tradições de nenhuma espécie¹¹⁸; para Giuseppe Bellini, uma cidade comercial e sem cultura¹¹⁹). Foi também nesse mesmo ano que Coronel Urtecho publicou o poema que seria considerado o marco inicial do movimento vanguardista nicaraguense. Mais do que um rompimento com o modernismo literário, “*Oda a Rubén Darío*” denunciava a falta de autenticidade de certa poesia dariana e de um homem que caía repentinamente na superficialidade, vítima ele mesmo de sua “pompa grotesca¹²⁰”. Objetiva-se despojar Darío de suas vestimentas anacrônicas, seu antiquado disfarce de príncipe com o qual se apresentava nas grandes paradas militares, em prol do Rubén sincero e sem artifícios¹²¹, conforme argumentava. Essa busca do humano em determinado autor, personagem ou ator social, uma tarefa de “*matar al ‘cisne’ para encontrar al hombre*¹²²”, foi vista outras vezes na historiografia e na literatura latino-americana, como, por exemplo, Gabriel García Márquez havia feito com Bolívar em “*El general en su laberinto*” (1989). Ainda sobre a referida obra de Coronel Urtecho, afirmou Ernesto Cardenal: “*Era una verdadera batalla literaria la que iba a comenzar, y la oda a Rubén fue un grito de guerra y su primer manifiesto*”¹²³.

A gestação do movimento vanguardista, no fim da década de 1920, estava envolta em um conturbado ambiente político-social, como indicamos anteriormente neste capítulo. Nas palavras de Pedro Xavier Solís:

Gestado entre 1927 y 1931, y modulado por la situación histórica (la intervención norteamericana, la gesta de protesta de Sandino, el caos de la

¹¹⁷ BELLINI, Giuseppe. Notas sobre la evolución de las vanguardias en Centroamérica: Nicaragua. In: SÁINZ DE MEDRANO, Luis. **Las vanguardias tardías en la poesía hispanoamericana**. Roma: Bulzoni Editore, 1993.

¹¹⁸ CARDENAL, Ernesto. El grupo de vanguardia en Nicaragua. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, n. 15, ano 8, 1982. p. 73.

¹¹⁹ BELLINI, Giuseppe. Op. cit. p. 77-78.

¹²⁰ Ibid. p. 76.

¹²¹ CARDENAL, Ernesto. Op. cit. p. 72.

¹²² BELLINI, Giuseppe. Op. cit. p. 76.

¹²³ CARDENAL, Ernesto. Op. cit. p. 73.

*postguerra) esta nueva forma irrumpe en imágenes desmesuradas y dislocaciones verbales, cambios eidéticos y estéticos, buceos en el universo nativista cuya penetración fermental creó con su palabra de raíz vernácula - como ningún otro movimiento - la expresión de la entidad nicaragüense y su renacimiento cultural*¹²⁴.

A consideração desse contexto é fundamental para compreender o direcionamento dos vanguardistas nicaraguenses. A ocupação de Granada por forças rebeldes na primeira fase da guerra civil (1912), considerada uma humilhação aos oligarcas associados ao Partido Conservador, bem como a posterior intervenção estadunidense, tiveram suas consequências no movimento vanguardista. Lembrando que o núcleo vanguardista era composto por granadinos, a justificativa da ideologia anti-imperialista de alguns intelectuais (José Coronel Urtecho, por exemplo) poderia ser atrelada à *dollar diplomacy* aplicada por forças interventoras dos Estados Unidos e que afetou significativamente o poder da elite granadina. Nesse mesmo sentido, em oposição ao “falso modernismo estrangeirizado”, a postura antiburguesa de certos vanguardistas granadinos estava vinculada ao privilégio dado a um modelo de nação rural gerado pela elite granadina no início do século XX em contraposição ao modelo nacional cosmopolita. Dita posição partia da crítica que a elite tradicional católica fazia aos então novos costumes modernos exercidos por jovens de Granada, considerados danosos por estarem associados aos “invasores” protestantes estadunidenses e anglo-saxões¹²⁵.

Portanto, no início dos anos 1930, setores da elite granadina antes adeptos de valores cosmopolitas e modernizantes do fim do século XIX se empenharam em interromper uma “onda de imoralidade” atrelada às práticas culturais e econômicas aplicadas por forças estadunidenses que ocupavam o país. Era uma reação de grupos tradicionais frente às mudanças modernizantes: urbanização, modernização econômica, consumismo e expansão da esfera estatal, por exemplo. Ou seja, criou-se uma cisão entre o modelo liberal do século XIX associado com a formulação de desenvolvimento dos “invasores” estadunidenses e um modelo de modernidade nacionalista e anti-imperialista que seria traduzido nos textos do grupo vanguardista nicaraguense.

¹²⁴ SOLÍS, Pedro Xavier. **El movimiento de vanguardia de Nicaragua**: análisis y antología. Managua: Fundación Vida, 2001. p. 21.

¹²⁵ CHIRIBOGA HOLZHEU, Alessandra. Forma e ideología en la vanguardia nicaragüense. **Tiresias**, n. 4, p. 66-87, 2010. p. 71-72. Outro produto de tal posicionamento ideológico foi o apoio de vanguardistas à organização e atuação dos “*Caballeros Católicos*”, grupo que se propunha a definir a “verdadeira identidade nicaraguense”, combatendo o protestantismo e a maçonaria, além de buscar fortalecer a fé e a religiosidade entre a população nicaraguense (RODRÍGUEZ ROSALES, 2005). A percepção de que as condições da modernidade levaram à perda da moralidade era representada também no suporte político a Carlos Cuadra Pasos, primeiro presidente dos *Caballeros Católicos*, pai de Pablo Antonio Cuadra e mentor ideológico dos vanguardistas.

Aparte do debilitado cenário granadino, a capital Manágua foi afetada por um terremoto em 1931. A situação abalada da cidade pode ser considerada favorável para a atuação do movimento vanguardista, no sentido de um “renascimento” de Granada, criando obra nova a partir de uma visão jovem; mas, salienta-se, a partir de uma cidade colonial e tradicional. Como exposto em um dos principais documentos dos vanguardistas:

*Hay que aprovechar la presencia en esta ciudad de algunos elementos jóvenes de afición literaria para formar un núcleo de vanguardia que trabaje por abrir la perspectiva de una literatura nacional y constituir una especie de capital literaria que sea como el meridiano intelectual de la nación*¹²⁶.

Nesse mesmo documento, intitulado “*Ligera exposición y proclama de la anti-academia nicaragüense*”, apresentou-se a ideia de “criar” um espaço cultural e geográfico em crise para assim reconstruí-lo por meio de uma modernidade de natureza colonial¹²⁷. Um processo denominado por Leonel Delgado Aburto¹²⁸ como uma espécie de “colonialismo interno benéfico”. Buscava-se, então, efetivar o projeto de deslocar a produção cultural e literária de León e Manágua e, por consequência, também os sistemas políticos, culturais e econômicos do século XIX associados a essas cidades (em essência, o liberalismo e o positivismo), para assim promover um modelo de produção cultural e de nacionalismo próprios.

Neste impulso, Coronel Urtecho deixou evidências de tal projeto em obras próprias, como em “*Rápido tránsito*” de 1953. Sobre este livro, Delgado Aburto informou que:

*Coronel va a intentar una colonización de la historia nacional, en sentido doble: tomando a la Colonia como época cultural modélica (rechazando conceptos fundamentales de la modernidad política, como la democracia y la información), y, en segundo lugar, por una operación de reescritura de la historia nacional y centroamericana para “colonizar” su sentido interpretativo*¹²⁹.

Percebe-se, dessa maneira, a centralidade conjuntural de Granada e da atuação dos jovens intelectuais da cidade. Por meio desse panorama, duas linhas são perceptíveis na

¹²⁶ VERANI, Hugo. Op cit. p. 175.

¹²⁷ CHIRIBOGA HOLZHEU, Alessandra. Op. cit. p. 78.

¹²⁸ DELGADO ABURTO, Leonel. Textualidades de la nación en el proceso cultural vanguardista. **Revista de Historia de Nicaragua**, n. 10, 1997. p. 28.

¹²⁹ DELGADO ABURTO, Leonel. Postvanguardia y nostalgia modernista: ciudades americanas y crónica de sí en *Rápido tránsito* de José Coronel Urtecho. **Istmo**: Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 16, 2008.

ordenação do movimento de vanguarda nicaraguense: romper com o passado recente do modernismo (também chamado por vanguardistas como “*rubenismo caduco*”), e buscar e afirmar a identidade nicaraguense como necessidade imediata dessa geração que sofria a intervenção estrangeira (quase exclusivamente dos Estados Unidos).

Assim sendo, o afã em estabelecer e se situar dentro de um cânone literário nacional definiu a projeção nacionalista do grupo granadino. Buscava-se, então, criar uma ponte entre a época colonial e o século XX, “apagando” o período liberal da história nicaraguense. Dito de outra maneira, tinha-se o desejo de fortalecer uma identidade e uma “comunidade imaginada”¹³⁰ hispânica; de modo a reforçar tal laço hispânico, mas desde um foco regional periférico. A epígrafe de Jean Cocteau¹³¹ em uma obra de Pablo Antonio Cuadra¹³² é exemplo sintomático dessa perspectiva, uma vez que aparecia assim grafado: “*Canta bien el poeta sólo cuando canta en su árbol genealógico*”. Estava ali, portanto, também a afirmação da necessidade de conexão com suas próprias origens, com sua terra e cultura: “[...] *la vanguardia es una búsqueda y no una escuela*”.

Se analisarmos os principais nomes do vanguardismo nicaraguense, perceberemos que, basicamente, tal movimento foi articulado por jovens provenientes da politicamente destituída oligarquia granadina¹³³, tendo como epicentro articulador prévio o *Colegio Centroamérica* de Granada, instituição regida por jesuítas. A relevância de tal fato está na constatação de que a educação jesuíta proveu a esses jovens uma formação humanista sólida, vinculada à percepção clara da ideia de pertencimento à classe dirigente e igualmente ao fornecimento de uma base retórica escolástica¹³⁴.

Ao pensarmos na atitude estética e política do grupo, três elementos podem ser considerados determinantes: a) a introdução de correntes literárias da vanguarda internacional em oposição à poética modernista (como tratado anteriormente, especialmente contra Rubén Darío como ícone de uma estética cosmopolita, etérea e não nacional); b) retomando suas origens conservadoras e oligárquicas, a polêmica paralela contra o liberalismo, a democracia e o mundo burguês provinciano norte-americano; e c) a estruturação de discursos modelados (por vezes inconscientemente) pelos exercícios espirituais “ignacianos”, interpelativos, à

¹³⁰ Ver: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

¹³¹ Poeta, romancista, dramaturgo e cineasta surrealista francês (1889-1963).

¹³² CUADRA, Pablo Antonio. Hacia nuestra poesía vernácula. vanguardia. **El Correo**, n. 55, Granada, 1932.

¹³³ A chamada “época de ouro” dessa oligarquia foi o período dos *Treinta Años Conservadores* (1857-1893), em que governaram os patriarcas granadinos.

¹³⁴ DELGADO ABURTO, Leonel. “Resistencia de la memoria”: (Pos) Vanguardia, dictadura y restitución afiliativa en José Coronel Urtecho. **Estudios**: Revista de investigaciones literarias y culturales, v. 19, n. 38, 2011. p. 76.

espera quase permanente da intervenção discursiva da divindade (o tratado providencialismo)¹³⁵.

Importante ressaltar que, inicialmente, a preocupação do grupo vanguardista nicaraguense era muito mais estética/literária do que política, sendo esta última progressivamente incorporada às ações do movimento, como reflexo do amadurecimento das ideias dos mesmos. Assim, em seu surgimento, não seria errôneo definir o vanguardismo nicaraguense como um movimento de renovação literária que pretendia conduzir o surgimento de uma nova poesia, despojada de símbolos considerados desnecessários; em resumo, uma “*poesía desnuda*”¹³⁶. Consequentemente, os antigos recursos estilísticos seriam progressivamente excluídos, visando à configuração de uma nova poesia com elementos da paisagem, costumes e tradição nicaraguenses.

Se os vanguardistas pretendiam encontrar em seus próprios valores nativos a essência de dita nova poesia, objetivando o renascimento das artes e letras nacionais, o resgate da autenticidade do espírito nicaraguense era questão central. Tal orientação nova em comparação com o vanguardismo latino-americano passaria necessariamente pelo abordado tema da revisão de Rubén Darío. Era claro para os vanguardistas que Darío personificava o início da literatura nicaraguense, tornando-se a principal referência cultural do país. Contudo, o que se almejava era abrir um espaço na concepção renascentista da poesia nacional, rascunhando criações vigorosas e rítmicas de Darío. A respeito dessa “*profunda rebelión rubeniana*”, afirmou Giuseppe Bellini:

*La vanguardia no solamente ha renovado la expresión poética de Nicaragua, sino que ha descubierto al país y participado activamente de su historia y su condición, procurando proyectarlo hacia un futuro de signo distinto, anclado en el espíritu eterno de la tierra. La rebelión contra Rubén Darío fue, en realidad, un acto de amor hacia él, que todo lo había cantado, y el comienzo de toda renovación*¹³⁷.

A partir dessas referências o movimento vanguardista se desenvolveria e criaria identidade própria, mesmo com pouco tempo de efetiva atuação. Como já indicado, José Coronel Urtecho foi o responsável pelo impulso criador dos vanguardistas. À época de seu retorno à Nicarágua, trouxe consigo um vasto conhecimento da literatura estrangeira, base importante para as produções vanguardistas. Coronel Urtecho foi responsável também pela

¹³⁵ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2011. p. 76.

¹³⁶ VALLEJOS ESCOTO, Irvin. **La vanguardia nicaragüense**. Ciudad Darío: Instituto Franciscano Rubén Darío, 2012. p. 08.

¹³⁷ BELLINI, Giuseppe. Op. cit. p. 91.

posição antiburguesa dos vanguardistas, ao delimitar o “espírito opaco, denso e pesado” da burguesia liberal nicaraguense. Refratária por posição e desprovida de tradição, estaria inerte ante o bem e o mal, além de demonstrar desprezo pelas artes. Considerada produto direto da intervenção estadunidense e até mesmo favorável à intervenção estrangeira, dita burguesia reproduziria práticas e costumes *yankees*; posição tratada por Coronel Urtecho como bastarda e espúria, inadaptável ao ambiente vanguardista nicaraguense. Dessa postura apreende-se aquela proposta já citada de reviver a genuinidade da transferência da poesia espanhola à América.

Ao lado de Coronel Urtecho, nomes como Pablo Antonio Cuadra (conhecido como PAC), Joaquín Pasos, Octavio Rocha, Manolo Cuadra e Luis Alberto Cabrales (único membro não oriundo de Granada; nasceu em Chinandega, na porção ocidental do país¹³⁸) buscaram, de maneira coletiva e concomitantemente, romper com o passado modernista e afirmar a identidade nicaraguense. Nessa construção coletiva, alguns traços merecem ser destacados. Primeiramente, o caráter de grupo; ou seja, o autorreconhecimento como grupo (especialmente no núcleo granadino), evidenciado, por exemplo, na assinatura coletiva dos trabalhos.

Outro traço foi a precocidade criadora do grupo. Seus membros possuíam cerca de 20 anos quando o movimento impactou significativamente na Nicarágua. Ernesto Cardenal, nesse sentido, afirmou que a poesia de vanguarda nicaraguense surgiu nos bancos escolares, em referência à origem comum vinculada ao *Colegio Centroamérica*. Associado a este aspecto, vê-se a ideia de promoção geracional.

A questão familiar também é central na análise social e política da Nicarágua, podendo também ser aplicada no exame da vanguarda. Desta forma, além do parentesco, a maioria dos membros do grupo vanguardista pertencia a importantes famílias ligadas ao Partido Conservador e grandes proprietários de terra. A percepção filiativa, portanto, é fundamental para entender o direcionamento do incipiente vanguardismo nicaraguense.

Quanto ao posicionamento do grupo, a atitude de promover uma renovação foi considerada polêmica, visto que as frágeis condições tanto da literatura nacional quanto do quadro político do país não eram os mais adequados para a criação poética. Nesse sentido, segundo Vallejos Escoto, “*era el movimiento de vanguardia en el sentido militar del término:*

¹³⁸ Curiosamente, Chinandega era uma cidade sob influência de León (ambos os departamentos são fronteiriços). A participação de Cabrales no movimento vanguardista deu-se em função do encontro com José Coronel Urtecho em 1927, ambos os jovens retornando do exterior: Cabrales da França e Urtecho dos Estados Unidos.

*como individuos que marchan al frente, decididos a mantener la posición de avanzada*¹³⁹”. De tal orientação desprende-se o projeto de ruptura com o passado literário imediato, recaindo no mencionado rechaço ao cultivo anacrônico do *darianismo* (no campo poético, representado no desprezo ao soneto); e também a revisão de valores, um plano geral de rever aspectos da cultura nacional e de seus representantes.

Os produtos desses direcionamentos reforçaram o sentido de renovação da poesia nacional, erigindo-a como criação pura, fruto da vida corrente dos nicaraguenses. Desse modo, as próprias temáticas trabalhadas pelos poetas vanguardistas podem ser elucidativas, retratando assuntos regionais, de índole anti-intervencionista, com espírito antiburguês e, tardiamente, tratando o *indigenismo* e a mestiçagem. José Coronel Urtecho caminhou por temas cotidianos e pelo regionalismo, representando principalmente o amor e a mulher. Pablo Antonio Cuadra trabalhou a exaltação à natureza, ao nicaraguense, até mesmo em uma busca pelo autóctone.

Aqui se pode fazer um paralelo entre os dois principais nomes do movimento vanguardista nicaraguense. Internacionalmente, contemporaneamente à atuação dos mesmos, PAC foi considerado o fundador da poesia nacional na América Central, com sua obra ganhando impacto justamente por sua significativa atuação sócio-política (oposto à intervenção estadunidense, foi preso e exilado no regime somozista). Se PAC e seu cristianismo humanista converteram-se em símbolos da oposição ao somozismo anos mais tarde, Coronel Urtecho, por sua vez, teria relação distinta, sendo ministro da Educação, diplomata e deputado durante o regime da família Somoza. A relação da vanguarda com os Somoza, especialmente com Anastasio Somoza García, será abordada adiante, mas podemos adiantar que o movimento vanguardista teve uma perspectiva incomum, ao transcender a conjuntura de rompimento estético (fim dos anos 20 e início dos 30) e atuar com certa autoridade cultural e, até mesmo, em aliança (mesmo que por vezes tensa e crítica) com o projeto desenvolvimentista da ditadura dos Somoza¹⁴⁰. O que queremos sublinhar é que a ideia de inventariar e construir uma tradição cultural popular e nacional passou pela edificação representativa e simbólica de sujeitos letrados modernos nacionalistas. Assim, tanto em Coronel Urtecho como em Cuadra pode-se notar a orientação desse “populismo idealizante”¹⁴¹, caracterizado pela ambição de estabelecer um marco cultural popular.

¹³⁹ VALLEJOS ESCOTO, Irvin. Op. cit. p. 43.

¹⁴⁰ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2011.

¹⁴¹ Idem. Posteriormente (a partir dos anos 50), esta linha se conectaria com o sandinismo e com a Teologia da Libertação, sendo que tal justaposição ideológica foi elaborada, nos campos da poesia e da teologia, audaciosamente, pelo sacerdote sandinista Ernesto Cardenal.

Em uma perspectiva mais ampla e generalista, percebe-se que em meados dos anos 30 os membros do movimento vanguardista nicaraguense se inclinaram à direita, a favor até mesmo de uma burguesia que antes condenavam. Tal posicionamento está atrelado ao entendimento coletivo da ação política do grupo e sua relação direta com Somoza García, então chefe da Guarda Nacional e primeiro da família a assumir as esferas nacionais de poder. A ligação dos vanguardistas com a política passava por complexas acepções, individuais e coletivas, e por vezes contraditórias. Tentaremos abordar os principais pontos.

Primeiramente, é preciso assimilar o aspecto coletivo: eram jovens católicos na religião, escolásticos ou maritanianos na filosofia e antipartidários na política (visto que declaravam representar uma ideia de mudança baseada em uma “ditadura sã” sustentada por intelectuais, camponeses e artesãos, que trabalhassem pelo bem da Nicarágua), além de serem convencidos da necessidade de um poder forte e da falácia democrática, esta última a qual atribuíam as guerras civis e conflitos que afetavam o país¹⁴². Além disso, a tentação totalitária dos vanguardistas teve como base também o culto literário ao novo; repeliam, dessa forma, o comunismo, por o considerarem profundamente internacionalista e contrário à intenção de afirmação do nacional. Assim sendo, como expôs Gema Palazón Sáez:

*La admiración por regímenes totalitarios europeos (como el de Hitler y Mussolini) y el ferviente catolicismo de figuras como Coronel Urtecho fundamentaban la principal oposición al ejército invasor, pero también la vista benévola sobre un gobierno fuerte, centralizado y no expuesto a los vaivenes democráticos*¹⁴³.

Nesse sentido, o apoio a Somoza García deu-se através da percepção do mesmo como única figura capaz de pacificar o país e governar com mãos firmes. Desse modo, o grupo vanguardista encontrou no patriarca somozista uma resposta ao projeto político fascista com o qual comungavam:

En tan sólo unos años, los poetas granadinos habían pasado de reivindicar la gesta patriótica de Sandino – como mantiene Jorge Eduardo Arellano –, a apoyar la candidatura de su verdugo. [...] De hecho, si hay algo que caracterizó a los poetas que integraron el grupo vanguardista fue precisamente su capacidad para variar sus apoyos políticos en función de

¹⁴² SOLÍS, Pedro Xavier. Op. cit. e ARELLANO, Jorge Eduardo. El movimiento nicaraguense de vanguardia. **Boletín Nicaraguense de Bibliografía y Documentación**, n. 63, p. 69-102, 1990.

¹⁴³ PALAZÓN SÁEZ, Gema. El grupo vanguardista y la articulación de la nación. Estética y política en la vanguardia nicaraguense. In: FUENTES, Manuel; TOVAR, Paco. **A través de la vanguardia hispanoamericana: orígenes, desarrollo, transformaciones**. Tarragona: Publicacions URV, 2011. p. 224.

*las condiciones históricas sin renunciar a los ejes vertebradores de su apoyo nacional*¹⁴⁴.

Como mencionado por Palazón Sáez, as aproximações com Sandino decorriam da pretensão da reelaboração histórica do grupo para reforçar o elemento nacional. Como consequência, o rechaço à intervenção dos estadunidenses e a reivindicação da figura de Sandino, uma espécie de referência inevitável, apresentado como única oposição nacional frente à ingerência estrangeira que destituiu o Partido Conservador do poder.

Nessa ambivalência de apoios, pode-se afirmar que o projeto vanguardista foi ao mesmo tempo modernizador e profundamente reacionário em termos políticos¹⁴⁵, de modo que a universalidade e o nacionalismo se converteram na principal tensão sobre a qual edificar a identidade nacional. Ou seja, pareceu efetivar-se uma aliança paradoxal entre ruptura e tradição, com o movimento vanguardista vinculando tradição, modernidade e renovação numa mesma tentativa de impor um ponto de vista nacionalista particular para estabelecer um “cânone” letrado e sustentar, assim, um projeto de continuidade literária que, contraditoriamente, se baseava na ruptura com a anterior tradição nicaraguense e na busca de “novas” tradições.

Por conseguinte, o que podemos desprender da análise desse quadro que o grupo vanguardista estava envolto é a passagem de uma concepção estética que buscava estabelecer uma literatura nacionalista para uma intenção e ação política que pretendia alterar de forma significativa a articulação histórica do nacional. A alteração da identificação política do grupo conduziu à tratada ambiguidade: ao mesmo tempo, radicalmente modernos no campo estético e defensores de outro extremismo na política. Dessa maneira, promoveu-se o questionamento de princípios democráticos modernos, dentro de um entendimento político nacionalista de direita, proclamando a necessidade de um líder (que identificariam em Anastasio Somoza García) que se impusesse sobre os partidos políticos e sobre a própria democracia, terminando com uma conturbada história de guerras civis.

Para além dessa atuação decisiva dos vanguardistas na (re)construção do nacional, no campo literário, os meios de difusão utilizados foram basicamente páginas de jornais e revistas. Inicialmente, a revista *Criterio*, criada por Coronel Urtecho em 1929 e com participação de quase todos os membros do grupo vanguardista. Pouco depois, sob a organização de PAC e Octavio Rocha, os suplementos *rincón de vanguardia* (1931) e *vanguardia: cartucho literario* (1932-33) – ambos com os títulos em minúsculas – fizeram

¹⁴⁴ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 225.

¹⁴⁵ Idem.

parte do jornal granadino *El Correo*. Todos com a proposta de atrelar literatura e nacionalismo, visando “escandalizar e sacudir” Granada para assim despertar o interesse pelas letras¹⁴⁶. Ademais, não buscaram se abrir aos campos estrangeiros, pois alegavam se tratar de uma luta nacional, e a isso podemos associar que alguns dos grandes poetas nicaraguenses sejam até hoje quase desconhecidos em outras fronteiras.

Já em um segundo momento do movimento vanguardista, em 1942, o grupo se reuniu novamente sob o nome de *Cofradía del Taller San Lucas*, organização de estrutura gremial que pretendia representar os intelectuais adeptos do catolicismo. Das reuniões nasceu outra publicação: a revista *Cuadernos del Taller San Lucas*, fundada por PAC e com apenas cinco números publicados (dois números em 1942 e os demais em 1943, 1944 e 1951). A relevância dessa nova etapa do movimento vanguardista deu-se no esforço em fomentar cursos pré-universitários de literatura e arte, que seriam as bases da organização da *Universidad Centroamericana* (UCA), fundada após o ambiente aberto pelo *Taller San Lucas*. A proposta experimental dessa reagrupação dos vanguardistas foi curta devido a fatores como a adoção da estética *indigenista*, mestiça e católica que marcou a produção intelectual nicaraguense de meados do século XX. Além disso, após a publicação dos *Cuadernos*, o grupo granadino controlou os principais órgãos culturais de imprensa do país: o suplemento *La Prensa Literaria* do jornal *La Prensa* (a partir de 1965), as revistas *El Pez y la Serpiente* (1960) e *Revista Conservadora* (1960 – depois *Revista Conservadora del Pensamiento Centroamericano* e *Revista del Pensamiento Centroamericano*).

Neste ínterim, entre as duas etapas do movimento vanguardista (início dos anos 30 até o início da década seguinte), a citada perspectiva *indigenista* e mestiça ganhou espaço. Basicamente, percebeu-se a necessidade de articular uma tradição que fosse funcional ao novo projeto vanguardista que se pretendia impulsionar e que endossasse a ideia de uma identidade nacional mestiça, com origem no tempo colonial. Assim, a partir de um cânone mestiço, hispânico e católico, os vanguardistas reinventaram o conteúdo folclórico da cultura nicaraguense. Ao considerarem a mestiçagem princípio unificador, um inventário fundacional foi erigido e manteria sua hegemonia cultural, do qual a política cultural sandinista da década de 1980 seria herdeira. Nessa ideia de autonomia literária, promoveu-se a construção de uma “comunidade imaginada” onde o mestiço, hispano-falante, majoritariamente católico e residente da região do Pacífico do país, se tornaria o arquétipo do nicaraguense.

¹⁴⁶ CARDENAL, Ernesto. Op. cit. p. 74.

No fim da década de 1920, José Coronel Urtecho constatou: “*No existe un ambiente de cultura nicaragüense, es decir una cultura como fenómeno colectivo*”¹⁴⁷. Dentre outros fatores, a partir dessa convicção deu-se um passo para a organização do movimento vanguardista nicaraguense. Como apresentamos no decorrer destes últimos tópicos, duas fronteiras demarcaram tal movimento: no plano estético, o modernismo de Rubén Darío e as variadas reações que o enfrentavam; e no plano histórico, a situação política do país e a perda de poder que os jovens poetas vinculados à vanguarda experimentariam como classe e que os aproximou ideologicamente do modelo do fascismo católico. Interessante notar a relação ambígua com Darío. Por um lado, os poetas granadinos se apresentaram como a alternativa à cultura europeizante do Modernismo; porém, ao mesmo tempo, aproveitaram o prestígio e fama internacional dariana para defender a universalidade da cultura nicaraguense e converter Rubén em pai da literatura nacional¹⁴⁸. Desse modo, enquanto “amado inimigo”, Darío foi o perfeito ideograma da mestiçagem e da continuidade histórica, bem como da dimensão universal que se pretendia atribuir à cultura nacional.

Ademais, duas fases são identificáveis no movimento vanguardista. Em um primeiro momento, a ideia de gerar uma estética, um pensamento iconoclasta, parecia central. Posteriormente, o envolvimento direto na política nacional a partir de meios de difusão, como jornais e revistas (além das citadas no texto, destacamos *La Reacción* e *Ópera Bufo*, onde Joaquín Pasos publicava suas caricaturas). Através principalmente de Coronel Urtecho e PAC, o folclore foi utilizado como ponto de partida para traçar uma nova historiografia da cultura nacional. Nos termos de Coronel Urtecho:

*El contenido folklórico y el acento regional no conducían a restringir [...] sino al contrario, a enriquecer la universalidad de la cultura popular elaborada en Nicaragua durante la Colonia. Lo verdaderamente constitutivo de esta universalidad era el catolicismo [...] y su medio de comunicación el castellano*¹⁴⁹.

De fato, os vanguardistas se preocuparam em elaborar uma reescrita da história que a salvaguardasse dos infortúnios da guerra civil, das “ameaças democráticas” e das transgressões estrangeiras, de maneira que eles mesmos se erigiram como um dos eixos decisivos da nacionalidade e da cultura nacional. O paradigma da nacionalidade nicaraguense foi construído desde então sobre a base de um cânone letrado e homogeneizado-

¹⁴⁷ CORONEL URTECHO, José apud VALLEJOS ESCOTO, Irvin. Op. cit. p. 13.

¹⁴⁸ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 226.

¹⁴⁹ CORONEL URTECHO, José apud PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 229.

homogeneizante da diversidade cultural nicaraguense, incorporando o elemento indígena a partir da assimilação que o modelo de colonização espanhol impôs; buscando, portanto, definir a identidade local mediante a supressão de toda diferença étnica e racial em favor de um discurso de mestiçagem.

O movimento vanguardista exerceu papel decisivo dentro da história política e social da Nicarágua, cuja periodização se desenvolveu em função da construção da história nacional. Sobre tal importância:

Es bien cierto que la generación de los sesenta llevó a cabo una nueva propuesta intelectual en la que sobresalía una nueva ética social. Sin embargo, la vanguardia y su “ciclo de larga duración” junto a su idealismo social, permeó mucho del proyecto nacional revolucionario, reclamando incluso su derecho de administrar la identidad desde la “propia originalidad artística” como hizo Pablo Antonio Cuadra, u orientando el desarrollo artístico del ideal nicaragüense con moldes estéticos preconcebidos incluso desde los años treinta, o ejerciendo el derecho de reinterpretar para el canon literario los discursos emergentes¹⁵⁰.

A promessa vanguardista da literatura como representação comunal seguiu – e ainda segue – manipulando, em certa medida, a memória como enunciação, uma constante que dá continuidade à memória intelectual e política centro-americana¹⁵¹.

1.5 A força da tradição: famílias e a questão de linhagem

Na análise do movimento vanguardista e nas demais seções desse capítulo indicamos um traço que merece ser abordado com mais atenção e profundidade, em função de sua grande relevância na organização social, cultural e político-econômica nicaraguense: a questão familiar.

Desde o período colonial, não apenas na Nicarágua, as consideradas “famílias notáveis” fizeram parte do eixo central a partir do qual a história política latino-americana foi articulada. Em determinados países, a influência estendeu-se do fim do vínculo formal com os espanhóis até primeiras décadas do século XX. Em outros, tal tema perdurou a períodos mais recentes ou ainda é percebido. Nesse último caso podemos incluir o país aqui tratado.

Através de características como a frágil, ou ainda em formação, diferenciação entre público e privado, entre ação individual e coletiva, e a circulação efetiva de redes familiares e

¹⁵⁰ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 1997. p. 30.

¹⁵¹ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2011. p. 84.

grupos de linhagem condicionada por fatores políticos e econômicos que reforçam ou debilitam suas ações, é possível apreendermos como as estruturas de parentesco introduzem(iram) aspectos específicos no comportamento político coletivo e no acesso de certos grupos ao poder estatal.

Anteriormente apontamos o surgimento de uma camada burguesa na sociedade nicaraguense, especificamente com o aparente progresso advindo do cultivo cafeeiro. Porém, em comparação com outros países do istmo, nos quais o auge do comércio de café foi muito importante na modernização estrutural dos mesmos, na Nicarágua o impacto dessa atividade foi menor e mais diluído, mas ainda assim com sua significância. Algumas marcas e especificidades sociopolíticas servem de amparo a tal quadro. Segundo o pesquisador argentino Carlos Vilas¹⁵², a articulação de relações capitalistas e pré-capitalistas, bem como a inserção no mercado internacional incutiram uma fisionomia particular à burguesia nicaraguense, com traços perceptíveis ainda no fim do século XX: reduzida capacidade empresarial, práticas “prebendárias¹⁵³” no poder político e na geração de formas patrimoniais de dominação, e debilidade organizativa autônoma. De maneira geral, o controle direto e excludente estatal teve valor estratégico na transformação de alguns grupos socioeconômicos no setor nacionalmente dominante:

Este papel del Estado y la relevancia de su control directo y excluyente por los grupos contendientes revela la fragilidad del sistema de clases y de los regímenes políticos hasta muy recientemente: la ausencia o extrema debilidad de organizaciones sociales y de una representación política de los intereses, la vulnerabilidad de las instituciones políticas, el recurso siempre listo a la violencia y a la acción directa para mantener el control estatal de la sociedad¹⁵⁴.

Ademais, nesse panorama de domínio oligárquico e clientelístico, dito ápice cafeeiro efetivou a consolidação – ainda que breve – de uma ideologia predominantemente liberal,

¹⁵² VILAS, Carlos María. Asuntos de familia: clases, linajes y política en la Nicaragua contemporánea. **Desarrollo Económico**, v. 32, n. 27, 1992.

¹⁵³ No sentido de emprego rendoso, mas de pouco trabalho. O termo é recorrente em análises sobre as estruturas políticas latino-americanas. “En Nicaragua la prebenda es el fruto apetecido por algunos políticos locales que están siempre dispuestos para amarrarse con el gobierno de turno, prestando su apoyo incondicional a cambio de una colocación en el engranaje estatal, no importa cuál sea el poder del Estado, porque lo que importa para ellos es el aseguramiento de un suculento ingreso, una cómoda posición y pingües ganancias por la colaboración prestada. Son pues colaboracionistas en grado sumo”. Ver: D’CIOFALO, Giovanni. Prebendarismo: significados y consecuencias. **La Prensa**. Opinión. 24 de julho de 2015. Disponível em <<http://www.laprensa.com.ni/2015/07/24/opinion/1871388-prebendarismo-significados-y-consecuencias>>. Acessado em 08/02/2016.

¹⁵⁴ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 414.

representando em José Santos Zelaya e seu “projeto burguês” de consolidação da soberania nacional fundamentado na penetração territorial do Estado.

Interessante ressaltar uma mudança no comportamento político das elites conservadoras, especialmente as de Granada, no período anterior à instauração do somozismo. Após o fim da guerra civil de meados da década de 1920 (1926-1927), e com o país já ocupado por *marines*, oficiais estadunidenses entendiam que o *caudillismo* era a principal ameaça à estabilidade na Nicarágua, compreendendo-o como uma forma de clientelismo político que acreditavam inibir mudanças pacíficas nos governos. Dessa forma, as medidas centraram-se na supervisão das eleições presidenciais e igualmente na criação de uma força constabulária local, a Guarda Nacional. Através dessa última, a esperança era de que se tornasse o núcleo dos setores médios nativos e estes o bastião de um regime democrático. Tal pretensão de estabilidade via modernização (forçosa) da cultura política nicaraguense baseava-se na atuação da Guarda Nacional como mediador entre a população rural e o Estado, uma visão antielitista que buscava eliminar a influência do *caudillo* e seu aparato local.

De fato, os *caudillos* foram debilitados pela crescente força política da Guarda Nacional. Contudo, as elites e oligarquias conservadoras afetadas perderam a fé nos ideais políticos dos EUA que por tanto tempo vangloriavam e passaram a abraçar o corporativismo autoritário, em um desenvolvimento de novas concepções das relações Estado-sociedade. Ou seja, o esforço americano em impor a “democracia” não apenas falhou em produzir uma profunda e durável democratização, como também pavimentou o caminho ao autoritarismo¹⁵⁵. A atuação e o controle dos *caudillos* sobre o Partido Conservador não foi alterada, porém, a campanha estadunidense obrigou o desenvolvimento de novas estratégias, voltando a atenção para os setores urbanos e ao incremento de formas corporativistas de mobilização política, por exemplo; readequando decisiva e permanentemente as estruturas conservadoras. Em resumo:

In the end, U.S. efforts to impose ‘democracy’ in Nicaragua only pushed elite Conservatives further away from the U.S. model of development they had once admired. Certainly their efforts to establish a corporatist dictatorship also reflected a broader trend, for elites throughout Latin America were then rejecting electoral politics in favor of new forms of authoritarian governance. In large part, these elites turned against electoralism with the rise of mass politics¹⁵⁶.

¹⁵⁵ GOBAT, Michel. **Confronting the American Dream**. Nicaragua under U.S. imperial rule. Durham, NC: Duke University Press, 2005. p. 206.

¹⁵⁶ Ibid. p. 230.

Já no regime somozista, os setores conservadores dos grupos dominantes tradicionais foram subordinados ao autoritário mandatário do país e seus próximos. Na década de 1960, com a progressiva diversificação econômica regional, o surto algodoeiro e o crescimento industrial atrelado ao mercado centro-americano propiciaram um novo manejo dos instrumentos políticos e a apresentação do próprio Estado como intermediário das agências internacionais de desenvolvimento. Desse modo, criou-se uma lacuna entre os novos segmentos da burguesia ligados à modernização capitalista e os usos e estilos da política tradicional, ressaltados pela já citada debilidade organizacional de tal burguesia nicaraguense.

Se os aspectos políticos e econômicos tiveram destaque na formação e atuação dos principais grupos sociais e elites do país, o regionalismo pode ser considerado outro elemento objetivo, mais do que meramente simbólico. Salientamos desde o início desse capítulo a insistente dificuldade de organização e articulação da sociedade nicaraguense. Para além desse aspecto, contribuíram para o fortalecimento do localismo o lento desenvolvimento do mercado nacional (associado à desintegração entre as regiões do país), a deficiente infraestrutura de comunicações e transportes, e as dificuldades no processo de acumulação.

Sabe-se que, historicamente, as duas principais cidades da Nicarágua são Granada e León, palcos das tratadas divisões entre conservadores e liberais. Em ambas, podemos salientar traços distintivos que favorecem a compreensão da força familiar e local na construção cultural nicaraguense. Em Granada, encontramos a origem de vários dos principais sobrenomes do país (entre eles, Cuadra, Lacayo, Chamorro, Cardenal, Guzmán, Zavala). Uma sólida e complexa rede de parentesco entre os granadinos é beneficiada pela localização territorial privilegiada sobre o lago *Nicaragua*. Em León, por sua vez, predominam os “*apellidos del algodón*”, de famílias consolidadas através do incremento das exportações agrícolas e também da modernização capitalista permitida pela maior inserção no sistema institucional somozista (sobrenomes Sacasa, Icaza, Vijil, Guardián, Terán).

Ao pensar somente no século XX, o caráter relativamente fechado das regiões econômicas da Nicarágua e de seus grupos sociais por várias décadas reforçou as estruturas sociais e de parentesco então presentes, do mesmo modo como tais estruturas contribuíram para a consolidação do poder econômico e à gravitação política: “*La clase existe ante todo como conjunto y red de familias originarias de un determinado territorio, como interrelación de estructuras de linaje, extensos pero excluyentes tejidos de parentesco dentro de los cuales todo el mundo es, de alguna manera, primo de todo el mundo*”¹⁵⁷”.

¹⁵⁷ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 418.

Nesse sentido, o entrelaçamento das famílias por meio do matrimônio entre suas jovens gerações permitiu a reprodução de uma estrutura de prestígio e poder que conseguiu se preservar por longo período. Uma estrutura que nem mesmo o somozismo foi capaz de eliminar ou limitar, e que também serviu de amparo ao fortalecimento do sandinismo em sua etapa de controle político nos anos 1980, como abordaremos mais adiante.

Cabe aqui uma pequena reflexão a respeito da existência de uma identificável cultura política presente em meio a tais famílias e suas interligações, uma cultura política que ressalta o uso das redes de parentesco e linhagem como força política e social. Baseando-se no conceito de Serge Berstein¹⁵⁸, cultura política pode ser entendida como uma complexa noção de explicação dos comportamentos políticos no decorrer da história, um conjunto homogêneo com discurso codificado (vocabulário, símbolos, ritos) que permite suprir ao mesmo tempo uma leitura comum do passado e uma projeção coletiva do futuro. Tal fenômeno de múltiplos parâmetros, adaptável ao comportamento humano, constitui um conjunto coerente no qual os elementos estão em estreita relação, permitindo definir uma forma de identidade do indivíduo que a ela se associa. Nesse sentido, estendendo a ideia ao quadro apontado:

Los contactos cotidianos estrechos entre parientes que se crían, juegan y crecen juntos, van a las mismas escuelas y colegios, toman juntos la primera comunión y se casan entre ellos, refuerzan la convicción de una identidad de origen y de futuro, consolidan la diferenciación respecto del resto de la sociedad y dotan a la clase de elementos de casta¹⁵⁹.

Desse modo, percebe-se que uma orientação das condutas coletivas desses grupos e atores sociais passa a redimensionar o acontecimento político para além da curta duração. Com forte ligação com as esferas econômicas nacionais, tais redes de parentesco acabaram por desempenhar quase permanentemente funções não apenas econômicas, mas de assistência e retribuição, sejam elas reais ou simbólicas. Até mesmo por isso, essa noção ampla de família é atribuída, na Nicarágua e na América Central, como característica central dos setores mais acomodados e privilegiados da sociedade.

O apontado reflexo nas atividades econômicas é exemplificado em dois grandes grupos banqueiros nicaraguenses. Um, de perfil conservador e associado à tradicional família granadina Pellas¹⁶⁰: *Banco de América* (fundado em 1952, atualmente Grupo BAC

¹⁵⁸ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

¹⁵⁹ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 419.

¹⁶⁰ A família Pellas constitui um dos grupos econômicos mais fortes da América Central. Presidente do 'Grupo Pellas', Carlos Pellas Chamorro é considerado o homem mais poderoso da região, controlando empresas e

Credomatic). Outro, ligado a setores de produtores de algodão, comerciantes de León e Chinandega, e comerciantes de Manágua: BANIC (*Banco Nicaragüense*; fundado em 1953, nacionalizado em 1979 e novamente privatizado em 1998, encerrou suas atividades em 2001). É claro que a diversificação das atividades comerciais e a modernização agroexportadora oriunda do capitalismo financeiro contribuíram decisivamente para certo rompimento nas fronteiras de consanguinidade e regionalismo que tanto demarcavam tais grupos. Contudo, essas afinidades não foram completamente eliminadas, mas sim foram estabelecidos novos espaços de aproximação, entendimento e associação.

Estendendo o tema temporal e analiticamente, a influência e alcance das redes familiares nicaraguenses podem ser notados de maneira contundente na organização do próprio regime sandinista articulado pela FSLN, como citado anteriormente. Se explorarmos a incorporação de jovens pertencentes a famílias tradicionais nos quadros sandinistas na etapa de luta antiditatorial (sobretudo na década de 1970¹⁶¹) notaremos que tal fato esteve mais próximo de um projeto deliberado pela dirigência sandinista do que da ideia de um desenvolvimento espontâneo ou de uma identificação ideológica.

O foco eram os membros mais jovens da sociedade justamente por considerarem os mesmos mais propensos a uma aproximação do que aqueles já arraigados em tradicionais posições políticas e resistentes marcas culturais (a abordada cultura política pragmática-resignada). Assim, os meios escolares secundário e universitário transformaram-se em significativo aporte de mobilização ao movimento sandinista. A participação de grupos ativistas na UCA e na *Universidad de León* foram de significativa relevância na aproximação com esferas sandinistas (por exemplo, membros de uma das tendências da FSLN, a maoísta Guerra Popular Prolongada, estavam presentes na referida universidade leonesa).

Além disso, outro fator decisivo no estabelecimento de relações com outros setores sociais (não apenas estudantis/universitários) foi a atuação do chamado *Grupo de los Doce*. Formado por doze personalidades¹⁶² de setores médios e altos da sociedade nicaraguense que

companhias como o *Ingenio San Antonio* (um complexo agroenergético que produz açúcar, álcool, biocombustíveis e energia elétrica) e a *Compañía Licorera de Nicaragua* (produtora do renomado rum *Flor de Caña*).

¹⁶¹ A FSLN se estabeleceu no princípio dos anos 1960, porém, seu auge organizativo se deu apenas no decênio seguinte. No próximo capítulo trataremos do assunto com mais detalhes, assim como suas relações com os movimentos estudantis e o desenvolvimento universitário no país.

¹⁶² Eram eles: Sergio Ramírez (escritor), Arturo Cruz (agente do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID), Carlos Tünnermann (reitor da *Universidad de León*), Miguel d’Escoto (sacerdote católico), Joaquín Cuadra Chamorro (renomado advogado de empresas como o *Banco de Nicaragua* e *Nicaragua Sugar State*), Felipe Mántica Abaunza (dono da rede de supermercados locais *La Colonia*), Ricardo Coronel Kautz (proprietário agrícola e filho do líder do movimento vanguardista José Coronel Urtecho), Fernando Cardenal

possuíam consenso social, prestígio profissional e reconhecida trajetória antisomozista¹⁶³, constituíam o vínculo interlocutor entre a FSLN e os grupos burgueses de oposição, visando a realização de uma extensa aliança social contra o regime dos Somoza. A “missão” de unidade nacional baseava-se em uma proposta de não dialogar com o então mandatário do país, visto que o objetivo era erradicar totalmente o somozismo, e unificar as forças de oposição (especialmente tais setores burgueses dispersos após a morte de seu principal líder, Pedro Joaquín Chamorro, em 1978), radicalizando até onde fossem possíveis suas abordagens.

Sendo assim, a propensa aliança entre sandinistas e conservadores era reforçada pela política repressiva somozista. A perseguição a jovens da burguesia conservadora por suas condições como colaboradores ou militantes sandinistas avivou o potencial conflito entre seus pais e um governo que naquele momento não apenas os excluía das atividades econômicas, mas também convertia seus filhos em vítimas. Estava configurado o projeto de união nacional, arquitetado pela Frente Sandinista e liderado pela Tendência Insurrecional (ou Terceiristas, dirigida pelos irmãos Daniel e Humberto Ortega), e que resultou em pactos e vinculações familiares entre dirigentes guerrilheiros e grupos burgueses conservadores, permitindo igualmente posteriores acessos ao governo de diferentes membros antisomozistas e de representantes de setores empresariais emergentes.

Contudo, tal participação no regime sandinista dos anos 1980 deu mostras de reforço das redes familiares tradicionais/conservadoras, de modo que no fim dessa década poucos eram os associados a setores empresariais liberais e recentes na estrutura estatal. Carlos Vilas indicou ditos desentendimentos como expressão das contradições entre revolução e burguesia. Podemos ir além e salientar as crescentes atitudes centralizadoras da FSLN e os recursos à mobilização popular utilizados pelo governo, mesmo que esses últimos por vezes não passassem de estratégias retóricas. Ou seja, sim, as alianças foram formalizadas, mas pareceram muito mais atreladas à questão dos negócios do que a identidades políticas e sociais.

O panorama era de acesso de famílias tradicionais às funções públicas, permitindo a incorporação de herdeiros dessas famílias na FSLN. É importante observar que referida

(sacerdote jesuíta e professor universitário), Emilio Baltodano Pallais (empresário), Ernesto Castillo (advogado), Carlos Gutiérrez Sotelo (cirurgião dentista) e Casimiro Sotelo Rodríguez (arquiteto).

¹⁶³ O regime da família Somoza proporcionou a abertura liberal econômica que favoreceu a ascensão e participação dos incipientes setores burgueses, porém, de maneira desigual. Assim: “*El concepto de ‘competencia desleal’ es clave para entender el anti-somocismo de estos sectores. Expresa la base objetiva de las contradicciones entre la burguesía somocista y la no-somocista. Somoza ejerció esta competencia manipulando el aparato estatal en su beneficio. De hecho, la política económica de Somoza beneficiaba a toda la clase capitalista, pero era el grupo Somoza el que tuvo cada vez más posibilidades de canalizar ganancias a su favor*”. Ver: PARTIDOS y movimientos políticos en Nicaragua. **Revista Envío**, n. 38, Managua, 1984.

abertura foi promovida pelo processo revolucionário e seus dirigentes, e não por essas famílias, que dispunham de uma identidade de classe muito mais clara e definida em comparação com os sandinistas e que evitaram laços matrimoniais com esses emergentes personagens políticos revolucionários. A “segunda revolução conservadora” estava em curso:

*Los apellidos ilustres de Granada poblaron rápidamente los niveles superiores del gobierno revolucionario, ante todo en el ámbito del ejército y de la reforma agraria. A mediados de la década de 1980 el perfil sociológico del gobierno sandinista denotaba la existencia de una amplia y al mismo tiempo densa matriz de interrelaciones familiares en los más altos niveles de decisión estatal*¹⁶⁴.

Se “*León puso los muertos, Granada puso los ministros*¹⁶⁵”, e se a realidade era perceptível para a população (ao contrário de pesquisadores estrangeiros que imaginavam a construção de uma sociedade sem classes), a identificação de alguns exemplos de tal cenário não parece uma tarefa tão difícil¹⁶⁶.

Um dos membros da Direção Nacional da FSLN e líder guerrilheiro, Luis Carrión Cruz, é filho de *don* Luis Carrión Montoya, grande empresário e uma das lideranças do grupo financeiro BANIC. Com o triunfo revolucionário, *don* Luis presidiu o então recém-criado Sistema Financeiro Nacional, encarregado de conduzir o novo setor bancário estatal. Além disso, o comandante Luis Carrión Cruz é também sobrinho de Arturo Cruz Porras, economista e político que presidiu o Banco Central da Nicarágua e atuou como embaixador nos Estados Unidos e que, na segunda metade dos anos 1980, aliou-se a grupos contrarrevolucionários. Através de sua esposa Marta Patricia Lacayo, Luis Carrión Cruz ligou-se familiarmente com Joaquín Cuadra Chamorro, outro a atuar como presidente do Banco Central (brevemente também como ministro de Finanças do governo sandinista) e descendente de uma das famílias mais tradicionais de Granada. *Don* Joaquín era pai do general Joaquín Cuadra Lacayo, chefe do Estado-Maior do Exército Popular Sandinista (EPS), tio e sogro do general Osvaldo Lacayo Gabuardi, segundo chefe do Estado-Maior do EPS e irmão da citada Marta Patricia Lacayo, esposa de Luis Carrión Cruz.

Outro exemplo da extensão das redes familiares e de parentesco no regime instaurado após o movimento insurrecional de 1979: os sacerdotes e irmãos Fernando e Ernesto Cardenal. O primeiro foi ministro da Cultura e o segundo, da Educação. Ambos são primos de Pedro Joaquín Chamorro, antigo editor do jornal *La Prensa* assassinado pelo regime

¹⁶⁴ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 423-424.

¹⁶⁵ Ibid. p. 423. Nota 23.

¹⁶⁶ Esses e outros exemplos foram consultados e identificados em: VILAS, Carlos María. Op. cit.

somozista em 1978, de Ernesto Castillo Martínez, ministro da Justiça e posteriormente embaixador na então União Soviética, e de Alejandro Martínez Urtecho, pai de Alejandro Martínez Cuenca, ministro de Comércio Exterior. Uma sobrinha dos irmãos, Vanessa Castro Cardenal, é esposa do líder revolucionário Jaime Wheelock Román, membro da Direção Nacional da FSLN e ministro de Desenvolvimento Agropecuário e Reforma Agrária (MIDINRA – *Ministerio de Desarrollo Agropecuario y Reforma Agraria*). O mencionado Alejandro Martínez Urtecho é primo do poeta vanguardista José Coronel Urtecho, cujos filhos Ricardo e Manuel Coronel Kautz também trabalhavam no governo, na direção do MIDINRA. Outro filho de Coronel Urtecho, Carlos Coronel Kautz, trabalhou no Instituto Nicaraguense de Pesca antes de unir-se à contrarrevolução. A teia amplia-se a um primo dos Coronel Kautz, o comandante guerrilheiro Richard Lugo Kautz, que ocupou a chefia da Marinha de Guerra sandinista; este, por sua vez, era primo de mais um líder guerrilheiro, Walter Ferrety Lugo.

É interessante notar que, em dito setor agropecuário, a aliança estabelecida entre grupos tradicionais e movimentos proletários (a Tendência Proletária da FSLN era liderada por Jaime Wheelock Román) permitiu que esses últimos participassem na base do poder estatal, ao mesmo tempo em que os clássicos grupos agrários interferiam nas estratégias de desenvolvimento de tal setor (especialmente na reforma agrária), imprimindo uma concepção empresarial e estatista¹⁶⁷.

Com tais exemplos percebemos a construção de um governo ainda atrelado aos elementos tradicionais, de modo que a estratégia de amplas alianças da Frente Sandinista pareceu encontrar apoio em setores históricos de bases familiares sólidas. Seguramente essa origem conservadora dos traços técnicos e profissionais do regime sandinista contraditoriamente reforçou as divisões socioculturais tão criticadas durante a luta antiditatorial:

*[...] el rápido poblamiento de las altas esferas del Estado, el gobierno y el ejército por funcionarios de alto nivel social contribuyó a reproducir, dentro de la revolución, las más antiguas y consolidadas expresiones de la jerarquización social en Nicaragua: blancos vs. mestizos, ricos vs. pobres, señores vs. chapiollos*¹⁶⁸.

Entretanto, não foi uma característica exclusiva dos sandinistas. O governo seguinte de Violeta Chamorro retomou esses traços. Viúva de Pedro Joaquín Chamorro, foi eleita como demonstração de um país completamente desgastado com o ambiente de guerra vivido em

¹⁶⁷ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 426.

¹⁶⁸ Ibid. p. 428.

toda a década de 1980. Simbolicamente, sua figura de mãe e matrona ganhou significância em meio a uma sociedade tradicional e de cultura machista. A coalização vencedora das eleições de 1990 possuía Virgilio Godoy como vice-presidente, sendo esse responsável por aglutinar distintas figuras e vertentes liberais (empresários emergentes não ligados aos grupos tradicionais, nomes associados ao somozismo e à contrarrevolução), todos sob o auspício de um intenso revanchismo e igualmente um antissandinismo exacerbado.

Os vínculos familiares estavam novamente presentes: o ministro da Presidência e grande articulador do governo Chamorro, Antonio Lacayo Oyanguren, era genro de *doña Violeta*, sobrinho de Joaquín Cuadra Chamoro, primo de Joaquín Cuadra Lacayo, Osvaldo Lacayo Gabuardi (comandantes militares), da esposa de Luis Carrión Cruz e de Mariano Fiallos Oyanguren, então presidente do Supremo Conselho Eleitoral (CSE – *Consejo Supremo Electoral*). Uma das irmãs de Antonio Lacayo (que também atuou em cargos estatais) é casada com Alfredo César, importante assessor governista e posterior presidente da Assembleia Nacional. Outro ministro, Carlos Hurtado, está casado com uma prima de Antonio Lacayo, e mais uma irmã sua está casada com um irmão de Hurtado.

Enfim, em praticamente toda a história nicaraguense, as estruturas de linhagem e as redes de parentesco condicionaram e qualificaram a dinâmica da sociedade e do poder político. Mudanças sociais pareceram não alterar as identidades e lealdades, tampouco a gravitação do localismo: “*Lo viejo se reproduce en el seno de lo nuevo y con frecuencia apela a lo nuevo para sobrevivir*”¹⁶⁹.

Demonstrando sua eficácia em tempos de instabilidade, as redes familiares possibilitaram a resistência e adaptação de setores tradicionais no cenário nacional nicaraguense, conservando sua influência, prestígio e identidade. A relativa marginalidade da Nicarágua nos processos de transformação da economia ocidental e sua incorporação tardia à modernização capitalista podem mostrar caminhos à justificativa da força de tais redes de parentesco. Contudo, nos interessa mais aqui salientar como a presença dessas famílias tanto nos grupos/regime sandinistas quanto nos opositores pareceu servir como fonte de moderação das pressões externas.

Diante de tamanha rigidez nos vínculos sociais, os personagens alheios a tal processo são raros. Os casos mais notáveis são dos irmãos Humberto e Daniel Ortega, do líder e um dos articuladores históricos da FSLN Tomás Borge, e de Sergio Ramírez. Para eles, a ascensão social teve de ser buscada por outros meios e com outras estratégias. Abordaremos a

¹⁶⁹ VILAS, Carlos María. Op. cit. p. 434.

questão de Ramírez em capítulos seguintes e, por hora, resta-nos elucidar que as linhagens e redes de famílias notáveis na Nicarágua sobreviveram às mudanças políticas e econômicas das últimas décadas do XX e contribuíram ao seu desenvolvimento e orientação, com relativa independência de bandeiras partidárias e opções ideológicas.

Capítulo 2 – Sergio Ramírez e seu contexto: relações e trajetória do escritor militante

Desde o advento do processo revolucionário que impôs a queda do regime ditatorial da família Somoza em 1979, inúmeros foram os estudos, obras e trabalhos impulsionados pelo afã da vitória insurrecional, tanto na Nicarágua quanto em outros países da região, produzidos especialmente na década de 1980 e início da década posterior. A atenção de vários pesquisadores pareceu centrar-se na percepção de um período de rearticulação do problema nacional e democrático na Nicarágua¹⁷⁰, em um esforço que elencou forças sociais heterogêneas em torno de um objetivo comum: liquidar a ditadura somozista e abrir o caminho para uma nova realidade popular. Com o sucesso da insurreição popular conduzida pela FSLN, a “utopia compartilhada”, termo descrito por Sergio Ramírez¹⁷¹, foi, para muitos, a culminação de uma etapa e de uma época de rebeldia: a vitória de um conjunto de crenças e sentimentos compartilhados por uma geração de jovens, políticos, estudantes universitários e de todos aqueles que se sentiam lesados pelo governo dos Somoza e seus aliados. Independente do posterior desmoronamento ou não de tais valores ou da consideração de tal etapa como exceção em um cenário de resignação (imerso na defesa de uma cultura política pragmática-resignada feita por Pérez-Baltodano), a mudança política no país trouxe um foco de atenção internacional nunca antes visto em território nicaraguense¹⁷².

Em um panorama geral, era notório que a década de 80 começou na Nicarágua alentada por esperanças de mudança social, ampla democratização e consolidação nacional, elementos estes centrais do projeto revolucionário sandinista. Tal quadro desenvolveu-se em meio às tensões desgarradoras da guerra contrarrevolucionária, à agressão externa e à pior crise econômica da história nicaraguense, que, ademais, refletia o impacto da crise centro-americana. Foi concluída em um episódio eleitoral cujo resultado reconhecidamente não era esperado e que teria alcances visíveis no início da década seguinte.

Era nesse conflituoso e heterogêneo cenário que se inseria Sergio Ramírez. Enquanto referência intelectual e cultural do período, Ramírez tornou-se um dos principais articuladores do projeto sociopolítico sandinista, tendo ações relevantes não apenas durante os anos 1980

¹⁷⁰ RODRIGUES, Lygia. O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua. In: DAYRELL, Eliane; IOKOI, Zilda (orgs.). **América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

¹⁷¹ RAMÍREZ, Sergio. **Adiós Muchachos – A história da Revolução Sandinista e seus protagonistas**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

¹⁷² No fim da década de 1920 e começo da de 1930, a já tratada figura de Augusto César Sandino, aclamado como “*General de hombres libres*”, teve grande repercussão pelo seu movimento de resistência à ocupação e ingerência estadunidense na Nicarágua, mas, pelo próprio desenvolvimento dos meios de comunicação e difusão, não teve a mesma dimensão do vitorioso movimento revolucionário de fins dos anos 1970 e dos 1980.

(sendo vice-presidente entre 1985 e 1990), mas igualmente na etapa de luta antiditatorial e após a derrota eleitoral da Frente Sandinista em 1990. Advogado por formação e escritor por opção, Ramírez já possui mais de cinquenta publicações¹⁷³ (entre romances, ensaios, contos e testemunhos), tornando-o uma referência na literatura centro-americana. Em um país historicamente considerado pouco letrado, a figura de Ramírez ganha proporções ainda maiores se pensarmos na dimensão de sua atuação política. Remontando ao século XIX, podemos afirmar que Ramírez estava inserido em um arquétipo construído após as lutas de independência, no qual as novas nações latino-americanas caracterizaram-se pela proeminência de intelectuais letrados que foram elencados em múltiplas funções no esforço de construção da nação. Nesse sentido, pensar e analisar a atuação de Sergio Ramírez mostra-se fundamental na sustentação da existência de uma cultura política sandinista, visto que o autor nicaraguense se apresenta como exemplo e personagem ativo dessa e nessa cultura política, de modo que a mesma forneceu símbolos e representações políticas com as quais Ramírez dialogou em sua obra e ações.

Assim, adiante abordaremos a trajetória do intelectual nicaraguense, levando em consideração sua inserção no cenário já apresentado no capítulo anterior; porém, não como agente passivo, mas sim como ativo em funções de organização das representações políticas, produzindo interpretações sobre a realidade de sua comunidade. A construção da figura do escritor militante, que percebia a necessidade de (re)escrever a história do país, aliado à sua participação política, tornam possível a visão do mesmo como um dos interlocutores que, em sua trajetória, foi responsável pela mobilização da cultura política do sandinismo e, portanto, uma fonte para a sua verificação.

2.1 “*Quieren ellos volcarse por esta ventana*”: inícios e formação intelectual

Ao tratarmos da biografia do intelectual nicaraguense Sergio Ramírez, uma primeira e importante consideração a ser apontada é a não separação entre suas figuras de escritor e político. Por mais que sua vertente literária tenha sido a que o alçou ao reconhecimento nacional e internacional, seu lado político (especialmente sua participação na luta antiditatorial e no regime sandinista como vice-presidente da República) é igualmente significativo na análise de sua influência e relevância no ambiente nicaraguense e centro-americano. De acordo com um dos principais estudiosos da obra de Ramírez, José Ángel

¹⁷³ Até o momento, seu último romance foi “*Ya nadie llora por mí*”, publicado em 2017 pela editora Alfaguara. Ver: RAMÍREZ, Sergio. *Ya nadie llora por mí*. Madrid: Alfaguara, 2017.

Vargas Vargas¹⁷⁴, tais atividades de escritor e político são consubstanciais e inseparáveis; porém, o próprio Ramírez, em meados dos anos 1990, afirmou que se enquadraria mais como um escritor que por muito tempo esteve ligado à política.

Nascido em Masatepe em 1942 e estudante de Direito na Universidade de León nos anos 1960, Ramírez iniciou sua vida política justamente em tal período universitário. Em 1960, criou, ao lado de colegas, a Frente Ventana, movimento que advogava pela autonomia universitária e que possuía uma revista homônima (dezenove números foram publicados, entre 1960 e 1964). Em dito periódico, a *Generación de la Autonomía* apresentava a literatura para além de um trabalho artístico, como uma forma de manifestação do compromisso com a realidade social. Era o início da inter-relação das funções de escritor e político de Ramírez.

É importante aclarar o porquê do nome *Generación de la Autonomía* e o contexto em torno da mesma. O debate acerca da autonomia universitária na Nicarágua teve impacto no final da década de 1950 e o início da de 1960, sendo o escritor e advogado Mariano Fiallos Gil figura central no processo. Ao assumir o cargo de reitor da *Universidad Nacional de Nicaragua* (UNAN – mais antiga universidade do país, criada em 1812 e sediada em León), em 1957, Fiallos Gil estabeleceu novos parâmetros humanistas no ambiente acadêmico, rechaçando todo autoritarismo político, científico ou religioso, defendendo princípios democráticos e de liberdade. Nas palavras de um futuro reitor e também membro de tal geração, Alejandro Serrano Caldera: “*Aquello fue un renacer impresionante, fue como un viento de fronda renovador y oxigenante, que entró en la juventud nicaragüense por las puertas, ventanas y los pasillos de la universidad*¹⁷⁵”. A desejada autonomia universitária foi conquistada em 1958, através de um decreto assinado pelo então presidente Luis Somoza Debayle e seu ministro da Educação René Schick (depois presidente entre 1963 e 1966). A partir desse momento, com a autonomia administrativa e financeira (mas com recursos ainda provenientes do Estado), a universidade passou a se chamar *Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua*.

Contudo, outro acontecimento seria tão importante quanto a defesa da autonomia universitária para essa jovem geração. Em 23 de julho de 1959, uma forte repressão da Guarda Nacional contra uma manifestação de estudantes da UNAN nas ruas de León causou grande comoção, resultando em quatro mortes e mais de quarenta feridos. Na ocasião, o tradicional desfile carnavalesco dos novatos universitários teve considerável teor político em

¹⁷⁴ VARGAS VARGAS, José Ángel. Sergio Ramírez: escritor y político. *InterSedes* – Revista Electrónica de las Sedes Regionales de la Universidad de Costa Rica, v. 3, n. 5, 2002.

¹⁷⁵ Ver: SERRANO CALDERA, Alejandro. *Desde la universidad, 1957-1974: un enfoque de la universidad y la sociedad nicaragüense*. León: Editorial Universitaria/UNAN, 2007.

função do ataque ao grupo de jovens guerrilheiros treinados por Ernesto ‘Che’ Guevara em Honduras (episódio conhecido como *Masacre del Chaparral*, ocorrido em 22/07/1959), estando Carlos Fonseca (líder político e principal mentor intelectual da FSLN) entre os feridos. O testemunho de um dos presentes dá a dimensão da carga emotiva envolta no *Masacre de 23 de julio*:

*Serían aproximadamente las seis de la tarde del 23 de julio cuando la sangre estudiantil corrió sobre el pavimento, cuando jóvenes patriotas se convirtieron en mártires. Los últimos rayos del sol acompañaban en su agonía a los mártires. Aquellos rayos rojizos y hermosos, tibios y poéticos alumbraron con claridad aquella escena de sangre*¹⁷⁶.

Entre os novatos estava Sergio Ramírez, e o próprio indicou o evento como marco em sua construção política e na de sua geração:

*[...] podemos decir que a partir de entonces nos inscribimos como una generación decisiva en la historia de Nicaragua, porque fuimos hijos de hechos y acciones decisivas, de años decisivos y de una tarde decisiva, y porque a lo largo de todos estos años que han pasado desde aquel día seguimos identificados con el ideal de ruptura con el viejo orden, de liberación total de la nación, de transformación radical de la realidad, que empezamos a compartir en aquellos días, ideal que la sangre del 23 de Julio fijó en nosotros y que la República Popular Sandinista cristalizó después*¹⁷⁷.

A posterior incorporação à Frente Estudiantil Revolucionária¹⁷⁸ (FER) e o contato com Carlos Fonseca inspirariam suas ações políticas e literárias; um prelúdio à sua crescente participação no movimento e pensamento sandinista, culminando no exercício do cargo de vice-presidente da República entre 1985 e 1990. A derrota eleitoral sandinista nesse último ano, as consequentes cisões internas na FSLN e sua posição ideológica mais intensa e orientada à democracia conduziram ao afastamento de Ramírez da política institucionalizada, de maneira especial após a derrota como candidato à presidência em 1996.

Antes de examinarmos o percurso de Ramírez até seu período de atuação política no governo sandinista na década de 1980 alguns pontos merecem ser destacados e analisados

¹⁷⁶ Passagem de Rolando Abendaña Sandino contida em: <<http://archivo.elnuevodiario.com.ni/cultural/33477-sergio-ramirez-mercado-producto-dos-generaciones/>>. Publicado originalmente em 02 de outubro de 1998. Consultado em: 13/08/2015.

¹⁷⁷ RAMÍREZ, Sergio. **Las armas del futuro**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1987. p. 114.

¹⁷⁸ Constituída em 1962, a FER foi produto da mobilização de estudantes universitários, possuindo como marco fundador o *Primero Encuentro de Estudiantes Revolucionarios*, realizado no mesmo ano de 1962. Tal organização foi essencial no fornecimento de quadros para a insipiente FSLN (organizada nos primeiros anos dessa década), contribuindo para sua projeção nacional.

brevemente, em função de suas relevâncias na percepção da construção da figura intelectual e política do autor nicaraguense em questão.

Em primeiro lugar, há de se considerar o ambiente escolar – universitário principalmente – como espaço formador e aglutinador de concepções e visões comuns. No capítulo anterior indicamos a centralidade do caráter familiar na organização social e política do país. E, talvez tão relevante quanto, seja tal identificação dos colégios/universidades como espaços de socialização nos quais culturas políticas, por exemplo, podem ter sido construídas ou ao menos germinadas¹⁷⁹. Nesse sentido, tal como apresentamos na introdução, abordando a noção de sociabilidade nos termos apresentados pelo historiador francês Maurice Agulhon, enquanto categoria descritiva que serve para designar uma atitude geral das populações ao viver relações públicas, temos a possibilidade de explorar as sociabilidades como maneira de seguir as trajetórias de indivíduos e grupos. Desse modo, o mapeamento de ideias, tradições e comportamentos pode ser aplicado, em um exercício analítico para compreender afirmações de identidades e ações mobilizadoras.

Tendo dito isso, é possível observar que os membros do movimento vanguardista possuíam em comum a formação quando jovens no *Colegio Centroamérica* de Granada, o que permitiu a Ernesto Cardenal afirmar que a poesia nicaraguense de vanguarda havia surgido nos bancos escolares, conforme já expusemos. Assim, se nas primeiras décadas do século XX dito colégio jesuíta foi espaço importante na formação e união de jovens poetas, até mesmo devido à ainda incipiente influência da universidade no impulso de sociabilidades intelectuais na Nicarágua, já na segunda metade do século, a mencionada UNAN de León reuniu personagens e setores que seriam atuantes no período de luta antiditatorial e no próprio regime encabeçado pela FSLN.

Na Nicarágua, especialmente nas décadas de 1960 e 1970, os centros universitários apresentavam-se como principal núcleo opositor ao então governo somozista. Movimentos e organizações estudantis, particularmente aqueles associados à Universidade de León (Centro Universitário da Universidade Nacional), foram os primeiros canais de socialização política presentes na formação de uma incipiente cultura política sandinista, por exemplo. Entre livros e fuzis, o nascimento de tal cultura política antecederia a própria formação da Frente Sandinista (estabelecida nos primórdios da década de 1960). O marco seria justamente a

¹⁷⁹ Outra leitura possível é a de se pensar os colégios e universidades como espaço de formação de grupos culturais compostos por jovens que, por conta da proximidade e da amizade fortalecida pelos anos de formação educacional conjunta, passam a partilhar de uma mesma “estrutura de sentimento” que irá nortear uma mesma maneira de enxergar o mundo e de se posicionar no mesmo. Esta proposta de interpretação estaria fundamentada nas percepções de Raymond Williams sobre o assunto e podem ser vistas em: WILLIAMS, Raymond. O círculo de Bloomsbury. In: _____. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p. 201-230.

tentativa de fornecimento de respostas aos problemas e crises da sociedade, mas que só encontrariam amparo e conformação sólida na atuação política do movimento/organização que trazia o selo sandinista consigo: a FSLN¹⁸⁰.

Inclui-se nesse panorama a citada Frente Ventana¹⁸¹. Ao lado de Ramírez, o movimento era liderado por Fernando Gordillo, também aluno do curso de Direito da UNAN. Nascido em Manágua, Gordillo interrompeu seus estudos em função de uma grave doença que o acometeu ainda jovem (faleceu com 26 anos em 1967). Publicou poemas, contos e ensaios em periódicos locais¹⁸², mas sua maior influência foi na atuação política e enquanto líder estudantil, ao ponto de Ramírez considera-lo “*el paradigma del intelectual de izquierda de Nicaragua*”. Seu discurso “*Sobre Mariano Fiallos Gil*”, pronunciado em 1965, apresentou as bases do direcionamento de sua geração (a citada *Generación de la Autonomía*), inclinando o comprometimento do pensamento e da ação na preparação das transformações nas estruturas sociopolíticas nicaraguenses. Basicamente os escritores e personagens que fizeram parte dessa geração dos anos 60 foram aqueles que participaram ou foram marcados pelo também mencionado *Masacre de 23 de julio*: além de Ramírez e Gordillo, conformavam o grupo nomes como o de Octavio Robleto, Carlos Tünnermann, Alejandro Serrano Caldera, Joaquín Solís, Manolo Morales, Ernesto Castillo, Luis Felipe Pérez, Humberto Obregón, entre outros.

Ramírez resumiu o panorama de sua geração:

Los miembros del Frente Ventana pertenecían a su vez a la llamada Generación de la Autonomía, toda una pléyade de muchachos que bajo el liderazgo del Rector de la Universidad Nacional, el doctor Mariano Fiallos Gil, humanista y escritor, participaron en la conquista y consolidación de la autonomía universitaria, un gran hito cultural para el país. Esta generación, bautizada con sangre en la masacre estudiantil del 23 de julio de 1959, habría de desembocar tanto en la política como en la literatura, bajo un

¹⁸⁰ A terminologia ‘sandinista’ só passou a ser usada no nome da organização a partir de 1963. No início dos anos 1960 foi assentada como *Frente de Liberación Nacional* (em referência à organização independentista argelina). Três fatores foram fundamentais para a adoção ‘sandinista’: os estudos das ideias e vida de Sandino, a percepção da necessidade de um processo revolucionário genuinamente nicaraguense, e a ascensão de Carlos Fonseca como principal líder do movimento (o mesmo designava sua geração como os “*hijos de Sandino*”).

¹⁸¹ De acordo com Ramírez: “[...] se llamó Frente porque la literatura entraba a partir de entonces en el campo de la militancia [...]. Ventana sería el resultado de una circunstancia histórica y se afianzaría ideológicamente en medio de una contradicción crucial que nos ayudaría a forjar una conciencia política para el arte y la literatura que queríamos practicar [...]”. Ver: RAMÍREZ, Sergio. **El alba de oro**: la historia viva de Nicaragua. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1985. p. 280.

¹⁸² Sua obra foi compilada por Sergio Ramírez e Jorge Eduardo Arellano e publicada em 1989. Ver: GORDILLO, Fernando. **Obra**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.

*reclamo revolucionario que daría como fruto la creación del FSLN en 1963*¹⁸³.

Interessante notar que a Frente Ventana surgiu em paralelo à emergência política da Frente Sandinista, organizando-se com sua própria publicação (revista *Ventana*) e buscando reorientar o papel do escritor/poeta a um maior compromisso social, e adotando um enfoque “progressista” da problemática cultural do período, combatendo a dependência e alienação tão em voga para os setores letrados centro-americanos¹⁸⁴. Em dita compreensão, revela-se a importância de referido movimento:

*No obstante, considero que el papel primordial del “Frente Ventana” se centró en renovar el pacto social entre los intelectuales y las clases populares, a partir del cuestionamiento de la herencia vanguardista y de situarse como posible abanderado cultural del FSLN. En los años siguientes a su aparición, Ventana se convirtió en punto de encuentro para las discusiones políticas como plataforma universitaria solidaria con el FSLN. Beltrán Morales llegaría a afirmar, en su deseo de filiación política, que el “Frente Ventana” representaba “en lo intelectual, el equivalente al Frente Sandinista de Liberación Nacional”*¹⁸⁵.

Tal posição parece ser próxima àquela apresentada por Ramírez¹⁸⁶ em meados da década de 1970:

[...] nosotros, reclamando una literatura comprometida con los pobres y los humildes [...] combatimos la enajenación y la mentira de aquellas posiciones de la derecha, que mostraban una falsa preocupación cósmica por el exceso norteamericano de civilización y de consumo, en un país de hambrientos. Y derrotaremos a la derecha [...].

Uma posição oposta a essa estava presente em outro grupo do período: a chamada *Generación Traicionada*. Influenciados pela geração *beat*¹⁸⁷ estadunidense e por outros movimentos que alcançavam a região latino-americana, o grupo era majoritariamente formado

¹⁸³ RAMÍREZ, Sergio. Enciclopedia de Literatuta Nicaragüense. Disponível em: <<http://www.nicaraguaportal.de/kunst-und-kultur/sergio-ramirez/enciclopedia-de-literatura-nicaraguense.html>>. Acessado em 05/04/2016.

¹⁸⁴ DE LEÓN, Olver Gilberto (org.). **Literaturas ibéricas y latinoamericanas contemporáneas: una introducción**. Paris: Ophrys, 1981. p. 478.

¹⁸⁵ PALAZÓN SÁEZ, Gema. **Memoria y escrituras de Nicaragua**. Cultura y discurso testimonial en la Revolución Sandinista. Paris: Publibook, 2010. p. 137.

¹⁸⁶ RAMÍREZ, Sergio. **Balcenes y volcanes**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985. p. 177. A primeira edição da obra é de 1973.

¹⁸⁷ Movimento difundido na segunda metade dos anos 1950 e início dos 1960, configurando-se como uma das principais referências da contracultura estadunidense, com a propagação de ideais de liberdade criativa, intensidade no estilo narrativo e nos temas, linguagem informal e não conformismo. Destacaram-se escritores como Allen Ginsberg, Lawrence Ferlinghetti e Jack Kerouac.

por jovens recém-saídos do Instituto Ramírez Goyena de Manágua e ingressantes na *Universidad Centroamericana* (UCA). Nas palavras de Ivan Uriarte, um de seus principais membros:

*La Generación Traicionada es un movimiento que se da simultáneamente con una serie de movimientos que se dieron en América Latina y que se desprende de los movimientos hippies, del Festival de Woodstock, la generación beat, predominando sobre todo Allen Ginsberg, el Techo de la Ballena en Venezuela, los Nadaístas de Colombia, y nosotros, que surgimos paralelamente con el Grupo Ventana, donde estaban Sergio Ramírez y Fernando Gordillo. En ese contexto surge la Generación con la consigna que hoy me parece razonable: toda generación se siente traicionada por las generaciones anteriores. Nos sentíamos traicionados por los malos curas, los malos abogados, los malos médicos; por una sociedad que no satisfacía nuestras necesidades, por los malos políticos que nos habían hipotecado el país. Este país ha vivido hipotecado y sigue hipotecado*¹⁸⁸.

Liderado por Roberto Cuadra e Edwin Yllescas, o grupo tinha como principal veículo de publicação o suplemento semanal *La Prensa Literaria* (dirigido por Pablo Antonio Cuadra e vinculado ao jornal *La Prensa*). Ademais, eram – ou ao menos pretendiam ser – mais cosmopolitas, desejavam a proximidade com as metrópoles, desatando-se da “*impertinente realidad*” político-social da Nicarágua. A oposição à Frente Ventana apresentava-se na consideração da necessidade de distanciar a poesia das esferas política e social, sob o risco de tornar-se uma arte panfletária:

*Frente al nacionalismo político, propusieron el americanismo, enraizado en las posibilidades de la cultura indígena. Frente a la política clasista del comunismo marxista opusieron una política de identificación con la víctima de todo sistema: el hombre. Asumieron, pues, una postura americanista y humanista frente al nacionalismo y clasismo políticos*¹⁸⁹.

Uriarte reforçou tal ideia ao confirmar: “*A nosotros nos preocupaba más la calidad del texto literario. Un buen poema si era bueno, era revolucionario de por sí*¹⁹⁰”. A declarada orfandade literária do grupo chocava-se com a perspectiva politizada da Frente Ventana, de modo que os membros dessa última associavam os “*traicionados*” com a recorrente temática da dependência de modelos estrangeiros. Ramírez expôs o contraponto:

¹⁸⁸ SÁNCHEZ, Edwin. “Mi generación sigue siendo traicionada”. Entrevista com Iván Uriarte. *El Nuevo Diario*. Edição de 21 de abril de 2007. Disponível em: <<http://archivo.elnuevodiario.com.ni/nacional/208161-mi-generacion-sigue-siendo-traicionada/>>. Acessado em 06/04/2016.

¹⁸⁹ TÉLLEZ, Fanor. Poesía de los años sesenta: el fenómeno de irrupción. In: AA.VV. *Encuentro de poesía actual en Nicaragua*. Managua: Instituto Nicaragüense de Seguridad Social y Bienestar, 1994.

¹⁹⁰ Idem.

Desde la perspectiva literaria y cultural, Ventana tomaba posición contra la enajenación, de allí esa línea de choque en contra del otro grupo de jóvenes contemporáneos al nuestro, el de la Generación Traicionada, que proclamaba, desde la vieja tradición, una literatura incontaminada de política, como supuesta garantía de calidad en el experimento literario. Nosotros, por el contrario, queríamos la calidad, imprescindible en toda obra verdaderamente renovadora realizada por jóvenes, pero buscando asideros reales y propios, como punto de partida hacia lo universal, no al revés. Al revés, estaba la enajenación. Es así como concebíamos la autenticidad de la renovación¹⁹¹.

Em uma publicação marcante assinada por Ramírez, Gordillo e Alfonso Robles encontramos um dos motes do movimento: “*No somos la generación traicionada. Somos la generación que no debe traicionar a Nicaragua*¹⁹²”.

De maneira geral, ambos os grupos/movimentos foram guias geracionais, demonstrando sua importância tanto por suas projeções e repercussões quanto pela catalisação e polarização no âmbito cultural. A divergência de posicionamentos acerca do aspecto político dá-nos a brecha para tratarmos de outro ponto relevante na história nicaraguense da segunda metade do século XX e, especificamente, na análise das ações de Sergio Ramírez: a questão do compromisso.

Já indicamos que Ramírez iniciou seus estudos universitários em 1959; portanto, a década de 1960 e os temas e debates existentes na mesma foram significativos na construção do mesmo enquanto intelectual. De acordo com Claudia Gilman¹⁹³, durante os decênios de 1960 e 1970 a política constituiu-se no principal parâmetro de legitimação da produção literária dos escritores latino-americanos. Nesse entendimento, a construção narrativa não seria um elemento isolado e/ou distanciado do contexto sociopolítico, mas sim envolveria demandas de compromisso do discurso literário com causas políticas que tratariam, por exemplo, da inclusão de setores subalternos nas tramas ficcionais e da elaboração de referentes políticos (de crítica ou estímulo) acerca do poder instituído.

Ainda segundo Gilman, a noção de compromisso funcionou como uma espécie de “*concepto-paraguas*¹⁹⁴”, no qual distintas figuras intelectuais se complementavam em uma identidade progressista. Assim, diferentes perfis (ideólogo, militante, crítico ou apenas bom escritor) se reuniam sob a representação do escritor-intelectual comprometido:

¹⁹¹ RAMÍREZ, Sergio. Treinta años de Ventana. In: VENTANA. Publicación de arte y letras de los estudiantes de la Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1990. Edição facsimilar.

¹⁹² RAMÍREZ, Sergio; ROBLES, Alfonso; GORDILLO, Fernando. Proclama. Frente Ventana. *Ventana*, ano 2, n. 8, 1961, p. 2.

¹⁹³ GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil*. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.

¹⁹⁴ *Ibid.* p. 143.

Hasta mediados de la época, la politización de los intelectuales se expresó con una notación: el compromiso. Esa noción no involucraba un programa de acción concreto ni era fácilmente definible. El mayor problema que presentaba la noción era el deslizamiento entre dos polos: compromiso de la obra y compromiso del autor. [...] El compromiso no era un componente entre otros de la literatura sino su función de ser¹⁹⁵.

Pode-se desprender dessa ideia a percepção de que a modernização da cultura era em si uma tarefa autenticamente comprometida. O desenvolvimento ideológico e intelectual do movimento sandinista (ainda em sua fase de maturação, enquanto organização guerrilheira) na década de 1960, de certa forma, ligava-se a essa visão. O projeto de construção de uma “nova cultura” na Nicarágua já estava estabelecido em um dos primeiros documentos da Frente Sandinista, o “*Programa Histórico del FSLN*” de 1969¹⁹⁶. Nele, as bases da “*revolución en la cultura y la enseñanza*” centravam-se no desenvolvimento da cultura nacional (em substituição dos considerados “traços neocolonialistas” então presentes na esfera cultural), no fomento ao ensino popular (especificamente o combate ao analfabetismo) e na reforma universitária, cujo objetivo era a democratização do ensino superior e aumento de orçamento: “*Rescatar a la Universidad del dominio de las clases explotadoras, para servir al auténtico creador y forjador de nuestra cultura: el Pueblo. La enseñanza universitaria debe de estar orientada en función del hombre, en función del Pueblo*”.

A complexidade da análise em torno do crescimento e do pensamento da FSLN vincula-se também à extensa bibliografia produzida sobre o tema, ressaltando inúmeras variantes presentes no processo de elaboração ideológica do movimento, mas igualmente contribuindo ao questionamento da qualidade crítica de várias dessas obras.

Apesar da heterogeneidade, a FSLN teve traços aglutinadores que guiaram suas ações, ou ao menos pareciam fazê-lo. De um lado, a reivindicação entre seus princípios ideológicos de uma linha marxista-leninista; de outro, a aposta em um modelo de economia mista, respeito à propriedade privada e reconhecimento da influência do cristianismo (especialmente com a então crescente influência da Teologia da Libertação na região). Em um âmbito geral, é possível identificar a tentativa de adequar um movimento que se enquadrasse às condições históricas da Nicarágua. É claro que ainda assim, um intenso debate e crítica foram gerados; contudo, é de se ressaltar os esforços de (re)leitura da história do país, representados nas elaborações de discursos sobre a nação.

¹⁹⁵ GILMAN, Claudia. Op. cit. p. 144-146.

¹⁹⁶ FRENTE SANDINISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL. **Programas y proclamas del Frente Sandinista de Liberación Nacional**. Dirección Nacional del FSLN. Managua: Vanguardia, 1989. p. 05-06.

É nessa questão que a figura de Carlos Fonseca (1936-1976) ganha significância. Considerado o principal mentor intelectual da Frente Sandinista e do sandinismo enquanto movimento político-militar, Fonseca, suas obras e ações são fundamentais na identificação e compreensão de uma cultura política sandinista; além de ser, como indicado anteriormente, uma das referências político-intelectuais de Ramírez. De acordo com Gema Palazón Sáez:

Debido a la importancia que Carlos Fonseca, principal ideólogo del FSLN, cobraría en la fundación y configuración interna del Frente Sandinista desde los tempranos años sesenta y hasta su muerte, todo trabajo sobre la Revolución Popular Sandinista ha de recurrir tanto a su figura política como a su propia biografía, pues a través de su evolución ideológica se pueden seguir algunas de las contradicciones, debates y tendencias que el FSLN enfrentó antes de la toma de poder, así como el análisis crítico de la sociedad nicaragüense que le llevó a organizar un movimiento inspirado en la figura de A. C. Sandino¹⁹⁷.

Ademais, atentar para a biografia política de Fonseca contribui ao esclarecimento de como a questão do compromisso era tratada pelos quadros intelectuais sandinistas desde o período de luta antiditatorial. Nascido em Matagalpa (o departamento matagalpino é fronteiro aos de Manágua e León) e filho ilegítimo de Fausto Amador Alemán, membro de uma das famílias mais ricas da região e com vinculações ao Partido Liberal Nacionalista (PLN) de Somoza García¹⁹⁸, Carlos Fonseca teve sua infância e adolescência marcadas por precárias condições de vida, compartilhadas pela maioria dos trabalhadores e camponeses locais, que majoritariamente atuavam na produção e colheita cafeeira.

A revista estudantil *Segovia* foi o primeiro espaço de aproximação com a política. Criada em 1954 por Fonseca e outros colegas (Ramón Gutiérrez e Francisco Buitrago) do Instituto Nacional do Norte (INN – única escola pública secundária de Matagalpa), publicou números quase mensais até 1956. A revista não declarava ter objetivos de oposição direta ao governo somozista e suas publicações evitavam temas abertamente políticos, talvez conscientes dos vínculos do INN com o governo vigente e dos privilégios existentes para filhos de funcionários públicos, oficiais da Guarda Nacional e ativistas do PLN¹⁹⁹. Ainda

¹⁹⁷ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 77.

¹⁹⁸ Na década de 1950, Fausto Amador mudou-se para a capital Manágua e trabalhou na administração de várias empresas pertencentes a Somoza. Nos anos 1970, já havia acumulado grande quantidade de propriedades agrícolas e casas luxuosas em Manágua e Matagalpa. Após a vitória revolucionária, tais propriedades foram confiscadas pelo governo e devolvidas apenas nos anos 1990, passada a derrota eleitoral da FSLN. Ver: ZIMMERMANN, Matilde. **Carlos Fonseca e a revolução nicaraguense**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

¹⁹⁹ Apesar da proximidade com os Somoza, o INN possuía um histórico oposicionista. Segundo Zimmermann, publicações como *Vanguardia Juvenil* e *Espártaco* possuíam contundentes posições antissomozistas na segunda metade da década de 1940. O então estudante Tomás Borge, por exemplo, era um dos colaboradores de *Vanguardia Juvenil*. Ver: ZIMMERMANN, Matilde. Op. cit. p. 52.

assim, os escritos juvenis de Fonseca foram importantes na construção de seu pensamento político:

*Fue durante sus años como director de esta revista cuando C. Fonseca comenzó a gestar un movimiento (en principio intelectual y artístico) capaz de realizar una lectura crítica del contexto nicaragüense y de abanderar un intento por transformar las duras condiciones de vida del sector mayoritario de la población*²⁰⁰.

O próprio Fonseca apresentou traços do perfil de *Segovia*: “*nuestra acción culturizante tiene analogía con la que tomaría un combatiente que en medio del peligro adversario llegara donde el enemigo para solamente romper la nariz de un soldado*”²⁰¹. Enquanto opção cultural e possibilidade de ascensão intelectual e de compromisso dos jovens que a integravam, *Segovia* possuía como eixos articuladores as temáticas da relação entre educação e nação (ideia de progresso social atrelado à alfabetização), do papel central da juventude e da vontade de articulação de um movimento intelectual que buscasse responder as necessidades dos setores camponeses e operários. Tal modelo de pensamento e ação não chegou a transcender e/ou conduzir diretamente a organização da FSLN, tampouco a direção sandinista daria atenção a esses escritos posteriormente²⁰²; porém, os artigos presentes em *Segovia* e a própria constituição da revista dão mostras do início da articulação da comunidade estudantil em torno da questão do desenvolvimento da nação, transcendendo a tradicional visão política polarizada apenas entre liberais e conservadores²⁰³.

A perspectiva política-intelectual de Fonseca seria transformada na passagem da década de 1950 para a de 1960 em função de um fator: a Revolução Cubana. O triunfo guerrilheiro na ilha caribenha pareceu encerrar o modelo de desenvolvimento capitalista como horizonte de modernidade no pensamento de Fonseca, direcionando as apostas do futuro líder da FSLN na aliança operário-camponesa e revolucionária.

²⁰⁰ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 80.

²⁰¹ FONSECA, Carlos. Editorialoide. *Segovia*, n. 2, Matagalpa, 1954, p. 19 apud RODRÍGUEZ NÚÑEZ, Víctor (org.). Carlos Fonseca en *Segovia*. **Casa de las Américas**, n. 174, 1989, p. 3-11.

²⁰² Na década de 1980, a direção sandinista, através do *Instituto de Estudio del Sandinismo*, reeditou publicações de Carlos Fonseca, mas elas correspondiam ao período 1958-1976. A não consideração da obra do jovem Fonseca justifica-se no interesse da FSLN em vincular quase exclusivamente o pensamento do mesmo com o nascimento e desenvolvimento da frente guerrilheira no início dos anos 1960. Ver: FONSECA, Carlos. **Obras**. 2 v. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.

²⁰³ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 85.

A aproximação de Fonseca ao Partido Socialista Nicaraguense²⁰⁴ (PSN) deu-se antes de 1959, ainda no período de estudante do INN, quando teve os primeiros contatos com leituras marxistas. Em meados da década, começou a participar das reuniões e atividades do partido em Matagalpa e após deixar a cidade colaborou na organização da primeira célula estudantil do PSN em León, poucos anos antes de Ramírez iniciar seus estudos universitários.

A mudança de pensamento através do exemplo cubano pode ser explicada na percepção de que era possível um movimento armado à margem da estrutura organizacional do partido comunista chegar à tomada de poder. Ou seja, a “vitória da Revolução Cubana convenceu Carlos Fonseca de que a revolução era possível e que era necessária uma nova organização para conduzi-la²⁰⁵”. A linha de pensamento oficial do PSN nesse período indicava que o país não possuía condições sociais propícias para a conquista do poder pelo proletariado; uma vez que a extensa exploração agrícola presente no país ainda exigia uma modernização industrial para a estruturação de um movimento operário suficientemente forte para conduzir um processo revolucionário ao estilo soviético²⁰⁶.

Após 1959 os conflitos entre o incipiente pensamento marxista revolucionário de Fonseca e a política do PSN conduziram a seu distanciamento de referido partido (posteriormente Fonseca criticaria as posições do PSN como demasiado conservadoras e inoperantes). A influência cubana e dos escritos de Ernesto ‘Che’ Guevara exaltaram o sentido nacionalista de luta em Fonseca, encontrando em tal processo revolucionário e na figura de José Martí um correlato histórico através de exemplos e contextos nicaraguenses, especialmente no exemplo histórico de Sandino. A questão da inspiração e uso da figura de Sandino, bem como pontuações acerca da estruturação da FSLN, serão tratadas no próximo capítulo, porém, é importante citá-la no desenvolvimento ideológico-político de Carlos Fonseca:

En resumen: el contacto de Fonseca con la Revolución Cubana, sus desencuentros con el PSN y su creciente interés por la figura de Sandino resultaron determinantes a la hora de configurar el marco ideológico desde el que operaría el FSLN desde la década del sesenta²⁰⁷.

²⁰⁴ Fundado em 1944, o PSN atuava como o partido comunista do país. Uma cisão interna em meados dos anos 1960 provocou a expulsão de vários membros. Esses formaram o *Partido Obrero Socialista* (POS) em 1967. Três anos depois, em 1970, o POS mudou seu nome para *Partido Comunista de Nicaragua* (PC de N). Em 1989, PSN e PC de N foram dois dos quatorze partidos que formaram a coalizão *Unión Nacional Opositora* (UNO), vitoriosa diante da FSLN nas eleições presidenciais de 1990.

²⁰⁵ ZIMMERMANN, Matilde. Op. cit. p. 99.

²⁰⁶ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 84; ZIMMERMANN, Matilde. Op. cit. p. 94-95.

²⁰⁷ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 89.

Fonseca recuperou discursos e linhas de pensamento que conduziram à tentativa de elaboração de uma “comunidade política imaginada”, adaptando tais traços à realidade nicaraguense durante os anos que dedicou à luta revolucionária e ao estabelecimento dos fundamentos ideológicos que foram iniciados na revista *Segovia* e culminaram na formação da Frente Sandinista nos primeiros anos da década de 1960. Seus escritos posteriores formaram a base de um projeto político-cultural que trazia consigo a importância da participação intelectual na construção da nação, daí decorre a centralidade do tema da educação/alfabetização em suas obras.

Além disso, todo o contexto pós-Revolução Cubana evocou na região novos debates e ações em torno da esquerda latino-americana e da participação de atores sociais em projetos revolucionários, principalmente dos setores letrados. Foi justamente nesse âmbito que a formação político-intelectual de Sergio Ramírez ocorreu.

Assim, nas tentativas de efetivar as rupturas de paradigmas, bem como as lutas por hegemonizar a vanguarda cultural das novas gerações, em um cenário no qual a cultura letrada dava um sentido totalizador ao seu manejo simbólico, tal período de formação de Ramírez – da etapa dos estudos universitários (1959-64) até a viagem para a Alemanha e a publicação de “*Balcanes y volcanes*” (ambos em 1973) – coincidiu com os debates produzidos em certos círculos intelectuais da América Latina. Um contexto em que começam a se consolidar duas tradições presentes na esfera cultural nicaraguense e centro-americana: a ruptura estética e o trabalho com a linguagem literária junto com o olhar anti-imperialista, baseado em uma ideia de nação que confrontava com o poder somozista então vigente.

Em torno, por exemplo, das publicações da cubana *Casa de las Américas*, da uruguaia *Marcha* e da obra coletiva “*El intelectual y la sociedad*” (1969), um centro gravitacional foi construído e tornou-se relevante para a geração e consolidação de uma rede letrada latino-americana nas décadas de 1960 e 1970, contribuindo também na configuração de um “*nosotros*” latino-americano²⁰⁸. Com o desenvolvimento de uma política cultural eficiente, Cuba tornou-se um ponto de convergência, irradiando atração de vários setores letrados estrangeiros e conformando uma verdadeira rede intelectual latino-americana²⁰⁹, com afinidades políticas e discursos de comprometimento com os processos sociais desdobrados.

Em tal contexto, o debate em torno do papel do intelectual ganhou representatividade no período. Na perspectiva do principal líder cubano, Fidel Castro, caberia aos intelectuais

²⁰⁸ MORO, Diana Irma. Op. cit. p. 158.

²⁰⁹ COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina**: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005). 2009. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

envolvidos na revolução contribuir ao sucesso da mesma, de modo que uma liberdade de criação existiria somente caso não comprometesse a permanência revolucionária. De acordo com a historiadora Adriane Vidal Costa²¹⁰, coexistiam diferentes concepções ao redor da ideia de intelectual, com atuações fora e dentro da sociedade; nessa última visão, as qualidades do intelectual favoreceriam sua contribuição na organização e defesa do processo revolucionário, englobando em tal escopo figuras políticas como o próprio Castro e ‘Che’ Guevara. Na década seguinte (70’), por inúmeros motivos, o controle político sobre a esfera cultural ampliou-se e um discurso normatizador substituiria a diversidade de opiniões em dito debate, ocasionando o distanciamento de intelectuais da experiência cubana. Ainda assim, as diferentes interpretações de intelectuais geradas no período são importantes para percebermos o lugar de Ramírez nesse cenário, seja com proximidades ou afastamentos.

Sabe-se que Ramírez manteve relações bem amistosas com Julio Cortázar e Gabriel García Márquez, por exemplo; com ambos se convertendo em defensores do movimento revolucionário nicaraguense. A perspectiva de Cortázar especialmente, revela-se próxima ao discurso de Ramírez acerca de seu papel enquanto intelectual na sociedade. Além da ideia de condução da consciência de autoderminação, o escritor argentino tratava o compromisso do intelectual vinculado à ação prática, articulando produções intelectuais com atuações precisas para a manutenção do processo revolucionário. Dessa forma, o entendimento do povo como principal destinatário dos esforços intelectuais e revolucionários passava pela superação de obstáculos e criação de elos com o elemento popular. Nessa conformidade: “Caberia aos intelectuais estimular e facilitar os acessos imediatos do povo à cultura. Era chegada a hora da ação²¹¹”. Um teor semelhante à visão do dever em conduzir o povo e ao discurso de dar voz aos setores subalternos reconhecíveis em Ramírez.

Diante dessas referências, na Nicarágua, mais do que o questionamento do estatuto da arte, foi o do intelectual na sociedade que se apresentou como principal questão. Ou seja, era perceptível que jovens encontraram na FSLN o projeto político no qual o sentido histórico da proposta cultural ia além de uma renovação estética; contudo, parecia mais forte uma tensão entre os intelectuais latino-americanos que permeou a formação desses jovens nicaraguenses. Trata-se de uma correspondência com o caso cubano direcionada a certa culpabilidade atribuída por Guevara aos escritores do país pelo “pecado original” de não participarem ativamente do processo revolucionário. Em território centro-americano, o assunto desdobrou-

²¹⁰ COSTA, Adriane Vidal. Op. cit. p. 62-63.

²¹¹ Ibid. p. 317. Ver também: CORTÁZAR, Julio. El escritor y su quehacer en América Latina. In: _____. **Nicaragua, tan violentamente dulce**. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984. p. 77-89.

se basicamente em reflexões sobre a tensão entre o ofício intelectual – especialmente o de escritor – e o de político.

Em entrevista concedida a Arqueles Morales e publicada em 1985, Sergio Ramírez tratou dessa tensão:

Antes yo pensaba que el problema esencial entre el oficio de escritor y el oficio político se daba al ejercerlos al mismo tiempo y en el mismo espacio [...] cuando esto se entrecruza ni se es buen político ni buen escritor. Ese ha sido el fracaso del movimiento intelectual en la América Latina que quiere ser las dos cosas al mismo tiempo. [...] no se puede ser escritor de fin de semana. Porque el oficio de escribir es un oficio profesional, como cualquier otro, como hacer zapatos. [...] Centroamérica está plagada de escritores de fin de semana y obras inconclusas²¹².

Sob a perspectiva de uma tarefa cotidiana, Ramírez introduzia a temática da aproximação do intelectual ao sujeito popular. Ponto esse observável na análise de suas ações e que seria desenvolvido desde o período universitário do autor como uma relação orgânica entre intelectual letrado e subalternos²¹³. Mesmo sua mudança para a Costa Rica em 1964²¹⁴ pareceu não alterar tal perspectiva acerca da importância dada ao papel do letrado (intelectual-escritor) e sua concepção como “líder político-moral²¹⁵” na Nicarágua. Seu companheiro de *Ventana*, Fernando Gordillo²¹⁶, também ressaltava a função da literatura e a necessidade de compromisso do escritor ao questionar: “[¿]cuáles son las voces que pueden expresar el silencio de la mayoría[?]”. Na ideia e sentido de uma produção cultural letrada nova, os grupos e gerações nicaraguenses associados à esquerda nos anos 1960 procuraram descentralizar a luta cultural, apresentando a consciência utópica de um projeto nacional tido por moderno cujo guia era o “popular-subalterno”; uma oposição ao nicaraguense inventando

²¹² MORALES, Arqueles. Sergio Ramírez: gobernar con el mismo esmero con que escribo. **Casa de las Américas**, v. 25, n. 151, 1985. p. 73.

²¹³ De acordo Diana Irma Moro, reflexões sobre a tensão entre o ofício de escritor e de político, tomada de posição sobre o ato de escrever, caráter do compromisso como escritor com a realidade de seu país, função desejada a cumprir em relação à Nicarágua como nação e o lugar de alguns escritores latino-americanos acerca do contexto social e circunstâncias históricas e políticas só apareceram claramente nas obras de Ramírez após 1990. No entanto, nossa ideia é que o próprio direcionamento das ações do autor nicaraguense, seja no período de Frente Ventana, *Grupo de los Doce* ou no regime sandinista, permite a observação e o exercício analítico de questões em torno do papel do intelectual, de sua relevância no projeto de (re)construção da nação e, conseqüentemente, no desenvolvimento e edificação de uma cultura política sandinista, tal como defendemos. Ver: MORO, Diana Irma. Op. cit. p. 162.

²¹⁴ Após sua graduação, Ramírez casou-se nesse mesmo ano e na Costa Rica atou junto ao *Consejo Superior Universitario Centroamericano* (CSUCA) e à revista *Repertorio*, além de colaborar na fundação da *Editorial Universitaria Centroamericana* (EDUCA). Viveu no país até 1978, quando retornou à Nicarágua na fase final do movimento insurrecional contra o regime somozista, intercalado apenas pelo período na Alemanha (1973-75) como bolsista do Programa Artístico do Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (*Deutscher Akademischer Austauschdienst* - DAAD).

²¹⁵ BEVERLEY, John. Post-literatura. **Nuevo Texto Crítico**, ano VII, n.14/15, 1994-1995. p. 394.

²¹⁶ GORDILLO, Fernando. Op. cit. p. 211.

e inventariado anteriormente pelos vanguardistas, da Nicarágua católica, da aproximação e simpatia pró-fascista e de desvirtuado sentido de rebelião²¹⁷.

Pela citação acima de Gordillo depreende-se uma compreensão de que o papel do intelectual comprometido seria dar voz ao subalterno. Nesse sentido, a colocação de Gema Palazón Saéz²¹⁸ de que Ramírez e Gordillo se colocaram como mediadores sociais, ponte entre a organização guerrilheira e o espaço universitário, assim como entre a minoria intelectual letrada e as massas populares poderia ser considerada coerente com esse entendimento. Desse modo, podemos compreender o projeto nacional moderno de tais gerações sessentistas nicaraguenses como uma identificação da renovação cultural com a revolução política.

A questão da distância entre intelectuais e subalternos foi, possivelmente, superlativizada nesse período, uma “obsessão” que foi reforçada, mesmo que indiretamente, pela posterior adesão e integração de setores da intelectualidade ao processo revolucionário sandinista. Se tal quadro se atrelava a um esquema vertical de relações, o cenário era ampliável o suficiente para retomarmos um contexto já abordado no capítulo anterior, o do panorama sociocultural do país. Isto é, o questionamento acerca da possibilidade de um limitado, ou mesmo ausente, debate cultural²¹⁹ na Nicarágua teria como um de seus resultados a imposição de posições e o silenciamento de outras²²⁰. Como apontado, o planejamento letrado derivado dos vanguardistas ocasionava a subordinação de outros sistemas culturais (por exemplo, a oralidade) e igualmente daqueles que eram concebidos como “silêncio”, desprovidos de voz no jogo político-cultural letrado. Dessa forma, as proposições de Ramírez e sua geração pareciam focar na importância da citada renovação cultural, de modo que a almejada modernidade letrada (que acreditavam serem depositários) e/ou a universalidade da linguagem proporcionasse o nivelamento ideal entre intelectual e sujeito subalterno.

Voltemos brevemente à Frente Ventana para elucidar as propostas atuantes nos anos 1960 e notar como o desenvolvimento e desenrolar das mesmas foram determinantes para a efetivação, na década seguinte, de um ponto de encontro entre a projeção cultural necessária para conduzir o processo revolucionário e a consolidação de um novo paradigma intelectual. Afirmou Ramírez sobre o período e a crescente procura pela politização das artes:

²¹⁷ DELGADO ABURTO, Leonel. **Márgenes recorridos**: apuntes sobre procesos culturales y literatura nicaragüense del siglo XX. Managua: IHNCA, 2002. p. 28-29.

²¹⁸ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 113.

²¹⁹ Enquanto constituição de posições e confrontação de argumentos dentro de um processo social e político de autocompreensão intelectual e cultural. Ver: RINCÓN, Carlos. **La no simultaneidad de lo simultáneo**: postmodernidad, globalización y culturas en América Latina. Bogotá: Editorial Universidad Nacional, 1995. p. 107.

²²⁰ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. p. 27.

Esta idea de ruptura total con el orden establecido, supimos reflejarla también en la aspiración por una nueva actitud cultural, de compromiso con el cambio y con los humildes, explotados y marginados de Nicaragua, quienes deberían llegar a ser los actores, y no los espectadores de ese cambio [...] Desde las páginas de la revista [Ventana] expusimos una nueva conciencia política, y dejamos unidos desde entonces el arte a la política²²¹.

A questão foi bem explorada por Palazón Sáez²²², ressaltando o combate a produções culturais distanciadas das problemáticas do país, bem como a reação contra a herança nacional-católica vanguardista e a um modelo que seguia vinculado às classes oligárquicas. As ideias de compromisso social e político alcançariam as letras nicaraguenses, reforçando a emergência da figura do escritor preocupado em narrar a nação e seus personagens aglutinantes (Darío e Sandino ocupariam majoritariamente esse espaço). Nas palavras de Ramírez, novamente:

En una sociedad pobre como la nuestra, y sobre todo con vocación de revolución, una sociedad que ha organizado una revolución, la exclusión de un escritor que tiene una idea de cambio y, que además tiene una sensibilidad para transformar la sociedad, no es posible. Y aquí caemos en el viejo problema de la ubicación del artista en la sociedad latinoamericana. [...] El problema gira alrededor de cuál es la motivación verdadera del oficio de escritor. Te decía que para mí es muy importante dejarle una obra literaria a Nicaragua²²³.

Expressar o caráter cultural do país e da região mostrou-se uma das primeiras e primordiais tarefas na carreira do intelectual masatépino. A elaboração do texto “*Balcanes y volcanes*” vinculou-se justamente a tais pontos. Publicado originalmente na obra “*Centroamérica hoy*”, coletânea organizada pelo pesquisador guatemalteco Edelberto Torres-Rivas em 1973, constituiu-se na primeira grande visibilidade de Ramírez²²⁴, interagindo no espaço social e intelectual do istmo.

O ensaio do autor nicaraguense apresentava considerações sobre a região centro-americana, objetivando explicar como certas relações sociais derivavam de determinados tipos de modelos de produção. Assim, um dos fios condutores do texto é evidenciar a reprodução de um modelo metropolitano de cultura, no qual a criação literária era o principal reflexo e exemplo do processo. Diretamente influenciado pelos estudos de teoria social e

²²¹ RAMÍREZ, Sergio. **Seguimos de frente**. Escritos sobre la revolución. Caracas: Ediciones Centauro, 1985. p. 343.

²²² PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 110-115.

²²³ RAMÍREZ, Sergio. **Oficios compartidos**. México: Siglo XXI Editores, 1994. p. 20-21.

²²⁴ Em 1985, Ramírez republicou o texto em uma obra homônima composta também por outros ensaios a respeito de temas culturais nicaraguenses e centro-americanos. Ver: RAMÍREZ, Sergio. **Balcanes y volcanes**. Y otros ensayos y trabajos. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1985.

econômica do período (essencialmente as produções da CEPAL²²⁵ e suas noções de periferia e subdesenvolvimento), Ramírez direcionou suas argumentações em torno da situação de dependência da região, ressaltando a consciência periférica de uma América Central provinciana e desvinculada do universal. Dessa forma, o projeto regional era considerado uma cultura dispersa, mutável apenas com o restabelecimento da ideia de nação para dar vida às culturas nacionais. Ou seja, apresentava-se a tese de que as classes dominantes, donos de terra e a burguesia industrial que mantinham intactos os privilégios das oligarquias, em toda a história da América Central, não tiveram capacidade de elaborar e levar adiante um projeto de nação em cada um dos países da região²²⁶.

Nesse sentido, Ramírez demonstrou perceber na então cultura letrada uma espécie de sociedade “balcanizada”, em referência aos Balcãs, no sentido de fragmentação, de setores divididos e hostis entre si. Porém, e ainda assim, ao estabelecermos uma relação com as ideias iniciadas na Frente Ventana, dita cultura letrada trazia consigo o horizonte utópico dessa mesma sociedade segmentada. Desse pensamento desprende-se o compromisso e a necessidade de renovação cultural.

Outras reflexões podem ser igualmente direcionadas à questão desse setor letrado. Se Ramírez apresentava os grupos hegemônicos como incapazes de criar uma autêntica cultura nacional, as elaborações e produções culturais dos mesmos, retomando a ideia de Leonel Delgado Aburto, seriam limitadas ao “silêncio”, a “ruídos” ou à ausência de voz e participação nas tratadas esferas culturais. A percepção era a de que os intelectuais letrados seriam os responsáveis por darem voz ao silêncio subalterno (ou solidificar sua não participação), contudo, o panorama cultural centro-americano parecia não proporcionar as condições e os cenários ao desenvolvimento desse mesmo intelectual. Portanto:

El punto central con respecto a esta historización del silencio es que se trata en realidad de lo contrario, es decir, de su deshistorización. El ruido de los hegemónicos y el silencio de los subalternos son pospuestos, obnubilados por la cultura universal letrada y su horizonte teleológico nacionalista²²⁷.

Isto posto, a questão determinante nos anos 1970 e posteriormente no regime sandinista seria a de como resolver essa difícil relação cultural nicaraguense, entre intelectualidade e massas, renovação cultural e revolução política. A importância de

²²⁵ *Comisión Económica para América Latina*, fundada em 1948, com sede no Chile e vinculada à Organização das Nações Unidas (ONU). A partir de 1984, *Comisión Económica para América Latina y el Caribe*.

²²⁶ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 96; MORO, Diana Irma. Op. cit. p. 180.

²²⁷ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. p. 31.

“*Balcanes y volcanes*” reside em um traço inicializador em sua obra: desde referido ensaio, Ramírez foi delineando um relato sobre a Nicarágua, em grande medida apoiado na história ou construído com “a” História²²⁸. A convicção das necessidades de (re)escrever a história do país e do compromisso enquanto letrado contribuíram nas transformações de suas autofigurações, que caminhavam entre o intelectual centro-americano e o escritor-militante a serviço do projeto revolucionário.

2.2 Firmando o compromisso: militância intelectual nos anos 1970

A progressiva maturação ideológica e ativa da FSLN desde o fim da década de 1960 contribuiu para a sistemática e estratégica liderança da mesma perante as iniciativas culturais em um contexto considerado propício para encará-las a partir de uma perspectiva revolucionária e atribuí-las à sua luta política. A respeito de tal período:

*Los primeros años de la década del setenta constituyen el lapso de tiempo en el que Carlos Fonseca publica la mayoría de sus trabajos sobre la figura de Augusto César Sandino y los principales documentos programáticos para el FSLN. Son también los años en que la resistencia antisomocista se fortalece mediante la defensa de los Derechos Humanos de los presos políticos y son, por último, los años en que los intelectuales se suman a la lucha revolucionaria (ya sea en tareas guerrilleras o como portavoces del FSLN en el exterior)*²²⁹.

Especificamente sobre a intelectualidade, a meta parecia ser alcançar a confluência entre a ação desse setor (enquanto vanguardismo cultural) e as disposições da Frente Sandinista (enquanto vanguardismo político). A literatura seguia como produto cultural mais visível dessa relação, desempenhando papel relevante em um pretendido processo de “ressemantização” da realidade social. A subsequente chamada literatura revolucionária dos anos 1980 foi uma espécie de extensão de dita ideia, inserida na elaboração de um paradigma pelo qual ela mesma deveria se reger.

No capítulo anterior, apresentamos como o movimento vanguardista liderado por José Coronel Urtecho tratou de articular uma noção de cultura nacional a partir, principalmente, da renovação estética. Décadas depois, o debate girava ao redor do intelectual e sua participação na “luta de libertação”, ou seja, a centralidade política se sobrepunha às preocupações meramente de estilo. Apesar disso, é importante salientar que a questão do compromisso com

²²⁸ MORO, Diana Irma. Op. cit. p. 191.

²²⁹ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 116.

a revolução não eliminava tal cuidado estético; mas sim o descentralizava a um segundo plano. No ponto de vista de Palazón Saéz, com o qual concordamos, referida década de militância intelectual teve duas figuras paradigmáticas como referenciais: Ricardo Morales Avilés (1939-73) e Leonel Rugama (1949-70).

Nascido em Diriamba (departamento de Carazo, na região metropolitana de Manágua), o professor e poeta Morales Avilés vinculou-se à FSLN ainda na década de 1960, após contatos com Carlos Fonseca em 1963²³⁰. Vivendo no México nessa época, foi importante difusor do incipiente pensamento sandinista, estabelecendo conexões e organizando vínculos com nicaraguenses exilados. Retornou a seu país natal em 1966, conciliando a docência universitária e atuações nas estruturas clandestinas da Frente Sandinista. Após um período de prisão (1968-1971), dedicou-se ao fortalecimento e ampliação das bases militantes sandinistas, fomentando a formação de novos quadros. Foi assassinado pela Guarda Nacional em 1973, após ser detido juntamente com Óscar Turcios, outro membro da direção sandinista.

Considerado por Mónica Baltodano²³¹ “*el paradigma sandinista del intelectual revolucionario*”, Morales Avilés possui significativos escritos que parecem demonstrar sua vocação pedagógica e didática, sintetizando reflexões acerca das ideias de luta pela transformação da realidade e de formação político-ideológica dos militantes sandinistas²³². Para a temática aqui abordada, um desses escritos mostra-se relevante. Produzido em 1970 ainda no cárcere e publicado em 1972, “*Sobre la militancia revolucionaria de los intelectuales*” é um valioso reflexo da citada questão da relação entre compromisso intelectual, renovação cultural e revolução política.

Ao identificar opções e posições em torno da operatividade política e ideológica no contexto nicaraguense (sejam elas a então manutenção do somozismo, um conservadorismo nacional-popular dirigido por uma burguesia reformista ou a alternativa revolucionária associada à FSLN), Morales Avilés elucidava a necessidade de posicionamento dos intelectuais:

El intelectual quizás se preguntará y se identificará, o quizá ya lo hizo y se contestó y se identificó, o quizá se vaya preguntando y contestando e identificando. Lo que no puede es rehuir la toma de posición, no hay ninguna tierra de nadie.

²³⁰ Nesse mesmo ano, publicou seu primeiro escrito político: “*La Revolución Sandinista, fuerza motriz de la historia*”. O folheto serviu como uma declaração pública de sua vinculação à FSLN.

²³¹ BALTODANO, Mónica. **Memorias de la Lucha Sandinista**. V. 4 – Rebeldía e Insurrección en el departamento de Carazo. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica, 2011.

²³² Assim como realizado com outros autores/intelectuais, na década de 1980 seus trabalhos foram recompilados e publicados pela Editorial Nueva Nicaragua. Ver: MORALES AVILÉS, Ricardo. **No pararemos de andar jamás**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1983. (A primeira edição, de 1981, possuía o título “*Prosa política y poemas*”).

*Culturalmente hablando, los intelectuales o producen y renuevan la cultura para el gusto y la aceptación de la burguesía, y al servicio de su dominación; o instrumentalizan las formas y los medios culturales como arma revolucionaria al servicio del pueblo ¿Desempeñará el intelectual una función cultural dirigida al pueblo o será su posición una concesión a la burguesía y al imperialismo?*²³³

Para o autor, o papel do intelectual no processo revolucionário ultrapassaria as preocupações exclusivamente estéticas e culturais, visto que essas eram consideradas apenas partes integrantes, uma das frentes de luta do preconizado movimento revolucionário. Se a “cruza” da realidade parecia se impor sobre os debates estéticos e literários, o andamento de uma revisão crítica da intelectualidade e de suas ações e produções seria igualmente uma necessidade. Nas palavras de Morales Avilés:

*Ahora que el pueblo ha emprendido su lucha político-militar por su liberación, la cultura y la producción cultural cambian de sentido. “Hacer cultura es precisar las ideas que han de cristalizar la voluntad popular para el combate. Hacer trabajo intelectual, es unirse al pueblo en su lucha y a su movimiento. De aquí las responsabilidades del intelectual revolucionario y el desafío a que lo tiene sometido la realidad del país. De aquí también la tarea fundamental que ha de cumplir: emigrar hacia el pueblo”*²³⁴.

Democratização cultural e socialização de seus meios de produção. Pontos tratados por Morales Avilés e que se tornariam a base dos projetos culturais da Frente Sandinista e do Ministério da Cultura criado na década seguinte. A questão do caráter público (“*emigrar hacia el pueblo*”) envolvia certo “redescobrimento” de tal elemento popular, cultural e socialmente falando. Produzir e atuar sob dita dimensão transformaria o intelectual comprometido em veículo para uma maior e melhor compreensão da realidade do processo histórico, do sentido de luta e da organização revolucionária:

*La producción intelectual será invitación y ayuda a la identificación, al reconocimiento de la realidad del pueblo, encuentro de su yo, conciencia de sí para sí. Esclarecimiento, definición, y profundización de los problemas de la situación nacional, cuyas soluciones las dará la lucha revolucionaria*²³⁵.

Ao fim do texto, após apresentar as propostas de adesão do intelectual ao movimento revolucionário organizado, a figura de Leonel Rugama foi citada como exemplo da integração do esforço cultural na vontade libertadora popular: “[...] *el intelectual no sólo ha de esgrimir*

²³³ MORALES AVILÉS, Ricardo. Op. cit. p. 100.

²³⁴ Ibid. p. 102.

²³⁵ Ibid. p. 103.

*el arma de la crítica, sino empuñar las armas*²³⁶”. Desse modo, progressivamente a Frente Sandinista trazia a ideia da incorporação dos elementos intelectuais e culturais não apenas à esfera popular, mas também à imprescindibilidade dos mesmos no âmbito político.

Se Morales Avilés foi um dos grandes sintetizadores da ideia do compromisso intelectual, a atuação de Rugama reforçou a participação direta na etapa revolucionária. O jovem poeta e seminarista de Estelí iniciou sua militância na FSLN em 1967, com apenas 18 anos de idade. Atou como apoio e contato de núcleos guerrilheiros nas montanhas nicaraguenses, período esse em que começou também a escrever seus poemas. Em 1969, ingressou na *Universidad de León* (UNAN), sendo responsável pela reorganização da *Frente Estudiantil Revolucionario* (FER), contribuindo para a consolidação da mesma dentro do movimento estudantil e como intermédio entre estudantes e FSLN. Ainda na UNAN, dirigiu publicações internas, como a revista *El Estudiante*. Suas atividades para a Frente Sandinista o forçaram à clandestinidade e, no início de 1970, foi morto em uma ação da Guarda Nacional²³⁷. Os poemas carregados de convicção revolucionária de Rugama foram amplamente utilizados pelos sandinistas, assim como a mística ao redor da figura do poeta, erigido a grande exemplo de compromisso e atuação.

A menção aos dois simbólicos personagens contribui à percepção da premissa do compromisso intelectual revolucionário tão desejado pela direção sandinista. Compromisso que seria recobrado, por exemplo, por Ramírez em sua incorporação definitiva à luta antiditatorial na segunda metade da década de 1970.

Mais uma vez acerca de Morales Avilés e Rugama, e reiterando a questão tratada:

*En primer lugar, tanto Ricardo Morales Avilés como Leonel Rugama representan un paso más allá en los debates iniciados en la década del sesenta a partir del estatuto del intelectual, pues ambos optaron por la opción de la guerrilla y pensaron su producción poética y política desde su compromiso revolucionario. [...] En segundo lugar, las muertes en combate de ambos en manos de la Guardia Nacional los fijó en el imaginario sandinista como héroes y mártires de la patria, cuyo sacrificio debía servir como inspiración y ejemplo para el resto de militantes*²³⁸.

Fomentada por esses modelos, a reativação do debate em torno do intelectual e sua participação na chamada “luta de libertação” motivou a mobilização de distintos setores da

²³⁶ MORALES AVILÉS, Ricardo. Op. cit. p. 108.

²³⁷ Os relatos do episódio reforçaram a quase “santificação” de Rugama. Conta-se que mais de uma centena de membros da Guarda Nacional cercaram a casa onde o poeta e dois outros militantes sandinistas estavam escondidos. A suposta resposta dada por Rugama diante do pedido de rendição feito por um oficial somozista serviu de lema para vários combatentes guerrilheiros: “*¡Que se rinda tu madre!*”

²³⁸ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 117.

intelectualidade local e de maneiras igualmente diversas. Nesse âmbito, um movimento de referência organizado em meados de tratada década de 1970 foi o *Grupo Gradass*,²³⁹ trazendo novas vozes na inter-relação entre cultura e política.

Organizado e atuante entre os anos 1973 e 1975, referido grupo aglutinou diferentes intelectuais e setores vinculados às artes que naquele período haviam desenvolvido ou demonstrado interesse em iniciativas de renovação estética, como a já abordada Frente Ventana, o movimento de pintores *Praxis* e a *Comunidade de Solentiname* de Ernesto Cardenal. As propostas coletivas centravam-se na promoção da literatura comprometida, do teatro de rua e da *nueva canción*²⁴⁰ latino-americana. Compunham o *Grupo Gradass* nomes que se tornariam relevantes no desenrolar do projeto político-cultural da FSLN nos anos 1980 como Rosario Murillo (poetisa, atualmente esposa de Daniel Ortega, assessora de Imprensa e Comunicação da FSLN e eleita vice-presidente do país no pleito realizado em novembro de 2016), Carlos Mejía Godoy (um dos mais importantes cantores e compositores do país) e Erik Blandón (poeta e fundador da *Editorial Vanguardia*). Atuando como uma espécie de brigada cultural, *Gradass* servia de complemento às atividades guerrilheiras da FSLN, promovendo reuniões, debates e ações de resistência nos espaços urbanos. De maneira geral, o grupo demonstrava a percepção da necessidade de ir além do combate armado, envolvendo amplos setores da população e estendendo a oposição ao somozismo a inúmeras frentes:

En última instancia, “Gradass” se propuso, siguiendo la consigna de Ricardo Morales Avilés de “emigrar hacia el pueblo”, una forma de creación artística em contacto directo con las masas populares que cristalizó en la elaboración de la Misa Campesina²⁴¹ de Carlos Mejía Godoy²⁴².

Os novos espaços sociais nos quais a FSLN então começava a incorporar seus ideais de resistência e de luta pelo derrocamento do regime autoritário dos Somoza comprovava a importância da (auto)figuração da intelectualidade enquanto militantes e elementos-chave no

²³⁹ As primeiras atividades do grupo (apresentações e recitais) eram realizadas nos degraus (*gradass*, em espanhol) de igrejas; dando origem ao nome do agrupamento.

²⁴⁰ Movimento musical ocorrido na América Latina e Espanha. Seu início remonta a meados dos anos 1960, apresentando-se como uma produção cultural popular de forte teor e compromisso social, impulsionada pelo triunfo da Revolução Cubana e defendendo a necessidade de mobilização e transformação nas vigentes estruturas políticas e socioeconômicas. Destacaram-se artistas como Alí Primera (Venezuela), Víctor Jara (Chile), Mercedes Sosa (Argentina) e Carlos Puebla (Cuba).

²⁴¹ Disco de Mejía Godoy produzido em 1975. Marco na incorporação da Teologia da Libertação e da música folclórica local em celebrações católicas. Composto de nove canções, foi pensado como uma obra musical a ser cantada durante uma missa. Proibida pela hierarquia católica nicaraguense em 1976, continuou a ser celebrada em inúmeras regiões periféricas do país. Após a vitória revolucionária foi aberta e amplamente difundida, mesmo permanecendo sem aprovação oficial da cúpula católica.

²⁴² PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 122.

desenvolvimento do processo político-revolucionário. Nesse sentido, a ação de intelectuais comprometidos com tal etapa de transformação era entendida como fundamental no impulso para a população avançar em seus supostos traços de pragmatismo e resignação, como abordado no capítulo anterior.

Se o politicamente desejável (fim do regime somozista) ainda encontrava resistências, era preciso comprová-lo circunstancialmente possível. Em dito esforço, estabelecer alianças e ampliar a rede de colaboradores e simpatizantes, nacional e internacionalmente, apresentava-se cada vez mais essencial. E justamente nesse ponto Sergio Ramírez foi imprescindível, já na segunda metade da década de 1970.

Ramírez foi responsável – a convite da direção da FSLN – por organizar o chamado *Grupo de los Doce*, composto por doze personalidades da sociedade nicaraguense que possuíam prestígio e reconhecimento; uma demonstração do alcance em termos de alianças políticas que a FSLN estava disposta a negociar com as distintas oposições antissomozistas. Nessa época, Ramírez já havia retornado de seu período como bolsista na Alemanha (1973-75), mas ainda vivia na Costa Rica. Sua incorporação definitiva à luta antiditatorial e à Frente Sandinista (em 1975) foi marcada pela repercussão de uma ação guerrilheira na recepção ao embaixador estadunidense Turner Shelton, fazendo membros somozistas como reféns:

A decisão de abandonar a Alemanha tornou-se clara, para mim, numa noite de inverno do final de 1974, quando o *Tagesschau*, o telejornal que víamos antes do jantar, começou com uma notícia surpreendente. Um comando sandinista tinha ocupado, em Manágua, uma residência num bairro elegante, onde estava havendo uma festa, e mantinha familiares e ministros de Somoza como reféns.

[...]

Tomei, pois, a decisão de voltar e entrar na luta, e entrar para valer. Armand Gatty, que na época costumava dirigir peças numa sala de teatro experimental na Kurfurstendamm, tinha me proposto ir trabalhar com ele no Centro Pompidou, que estava para ser inaugurado, como roteirista de cinema. Recusei com pena, e a partir daquele instante nunca deixei de dizer a mim mesmo que aquela foi uma decisão crucial em minha vida. Eu teria perdido uma revolução e terminaria descendo todos os dias para comprar o *Le Monde* na banca da esquina e ficar sabendo das notícias do trópico longínquo, e essa é uma imagem que me apavora cada vez que penso nela²⁴³.

O contato com os irmãos Daniel e Humberto Ortega, em meio ao crescimento das divergências internas na FSLN, formalizou o ingresso de Ramírez à chamada Tendência

²⁴³ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2011. p. 106 e 111-112.

Insurrecional (ou Terceiristas, por ser a terceira tendência a surgir nas cisões sandinistas²⁴⁴). Mesmo fora do país, colaborou no enfraquecimento da imagem de Somoza, levantando as multiplicadas propriedades da poderosa família (o material foi organizado em reportagem pelo jornalista estadunidense Jack Anderson e publicado em vários periódicos) e elaborando o discurso denunciatório proferido por Fernando Cardenal no Congresso dos Estados Unidos em 1976, por exemplo.

Em 1977, com os planos de insurreição já avançando principalmente entre os Terceiristas, a ideia e estruturação do *Grupo de los Doce* se concretizou. Nas palavras de Ramírez:

Em maio de 1977 aconteceu no Apart Hotel San José, no bairro La California, a primeira reunião clandestina daqueles que formaríamos o governo revolucionário, destinado a ser anunciado justo no início da ofensiva militar que estava sendo preparada. Foi quando nasceu de verdade o Grupo dos Doze, como seria determinado pelos acontecimentos posteriores. Para alguns dos presentes era uma surpresa participar de uma mesma conspiração, principalmente para quem fazia parte do alto-comando da empresa privada e das finanças na Nicarágua: Felipe Mántica, industrial e dono da cadeia supermercados La Colonia; o doutor Joaquín Cuadra Chamorro, advogado do Bank of America e da Nicaragua Sugar Estate, de uma das famílias mais tradicionais de Granada; dom Emilio Baltodano, exportador de café e um dos donos da fábrica de café instantâneo Presto; Ricardo Coronel, outro dos filhos do poeta Coronel Urtecho, engenheiro agrônomo que trabalhava no engenho açucareiro San Antonio; o padre Miguel de Escoto, que tinha chegado de Nova York; Tito Castillo e eu, que morávamos na Costa Rica. Justo naqueles dias, o padre Fernando Cardenal estava dirigindo exercícios espirituais e não tinha conseguido sair da Nicarágua. Depois, se juntariam ao grupo o ex-reitor Carlos Tunnermann, o economista Arturo Cruz, funcionário do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington, Casimiro Sotelo, um arquiteto que vivia na Califórnia, e Carlos Gutiérrez, um dentista que morava no México e em cuja casa de Cuernavaca foi celebrada a reunião seguinte²⁴⁵.

A realização de uma ampla aliança social, para além de um esforço exclusivo de setores da intelectualidade, visava reiterar a percepção de necessidade de mudança política. É claro que o grupo representava social e politicamente setores médios e burgueses que não participavam do regime somozista, contudo, as declarações de apoio à Frente Sandinista contribuíram à aproximação com a população. Ao se manifestarem como representação política da FSLN, colocavam-se também como mediadores entre movimento popular e elites

²⁴⁴ As duas outras tendências eram a Tendência Proletária (TP), liderada por Jaime Wheelock e Luis Carrión, defensora da criação de um partido de trabalhadores e somente depois uma estrutura militar; e a Guerra Popular Prolongada (GPP), de orientação maoísta, reunindo os marxistas mais antigos da FSLN, em especial Tomás Borge.

²⁴⁵ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2011. p. 120-121.

nicaraguenses. A participação de intelectuais que se entendiam depositários da capacidade de dar voz à população, manejando-a simbolicamente, pode ser compreendida como tentativa de evidenciar uma espécie de aval dado à FSLN pela sociedade civil. E, de fato, isso foi explorado pela direção sandinista, realçando nacional e internacionalmente a destacada recepção popular ao *Grupo de los Doce* em seu retorno à Nicarágua em julho de 1978²⁴⁶. Acerca dessa representação do grupo, afirmou Gema Palazón Sáez:

El “Grupo de los Doce” constituía un paso más allá en este juego de pactos estratégicos. A partir de la relevancia pública de algunos intelectuales como el propio Sergio Ramírez o Ernesto Cardenal (ambos ya reclutados por el FSLN), los principales dirigentes sandinistas los convirtieron en portavoces de su proyecto revolucionario en el escenario mundial y les encomendaron la tarea de atraer hacia la alternativa sandinista a partidos políticos opositores a la dictadura, empresarios y sacerdotes, para dar así credibilidad y pluralismo político a la lucha insurreccional²⁴⁷.

Não é objetivo desse trabalho apresentar detalhes do contexto final do movimento insurreccional que triunfaria em 19 de julho de 1979²⁴⁸. O que nos parece significativo na análise dos fatos tratados é a aparente investida na construção da magnitude de setores da intelectualidade na configuração do projeto revolucionário. Acontecimento esse observável, por exemplo, na estruturação da política cultural do regime sandinista, como trataremos adiante.

2.3 FSLN no poder

Um dos fatores preponderantes no sucesso insurreccional sandinista foi a capacidade da FSLN (na autopercepção de vanguarda política) de conseguir se impor como principal opção oposicionista ao regime Somoza. Ao mesmo tempo, outro mérito foi reiterar a apresentação

²⁴⁶ O retorno foi favorecido por pressões do então presidente estadunidense Jimmy Carter e sua política de defesa dos direitos humanos, associado ao crescente descontentamento e mobilização popular após o assassinato de Pedro Joaquín Chamorro, editor do jornal *La Prensa* e reconhecido opositor ao regime dos Somoza, em janeiro de 1978.

²⁴⁷ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 123-124.

²⁴⁸ A bibliografia sobre o tema é considerável. Ver, p. ex.: LOZANO, Lucrecia. **De Sandino al triunfo de la revolución**. México: Siglo XXI Editores, 1985; MIRES, Fernando. **La rebelión permanente: las revoluciones sociales en América Latina**. Delegación Coyoacán: Siglo Veintiuno, 2005; NEPOMUCENO, Eric. **Nicarágua – um país acossado**. Porto Alegre: L&PM, 1985; ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. **50 anos de luta sandinista**. São Paulo: Quilombo, 1980; PIVA, Márcia. **Nicarágua, um povo e sua história: 1552-1984**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986; TOURAINE, Alain. **Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina**. São Paulo: Trajetória Cultural/Editora da Unicamp, 1989; VILAS, Carlos. **Nicarágua hoje: análise da Revolução Sandinista**. São Paulo: Vértice, 1986 e ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

de um projeto revolucionário que não poderia ser desenvolvido exclusivamente por tal “vanguarda política”, repercutindo na composição de alianças (com as elites e demais grupos de oposição) e na organização cooperativa (especialmente com os setores populares) do então novo governo. Ou seja, a conjuntura favorecia a superação (ao menos por um momento) de diferenças ideológicas e o rearranjo de uma histórica configuração sociocultural. O contexto permitia dar amplitude aos intelectuais enquanto porta-vozes de uma “nova Nicarágua”. Contudo, ainda assim, permaneciam sem a construção de uma identidade coletiva, praticamente inexistindo a auto percepção enquanto grupo autônomo na sociedade. Ressaltando um quadro já apresentado e trabalhado no capítulo anterior:

Nicaragua es, aún hoy, una nación joven, poblada por una sociedad subdesarrollada y con arraigo rural; en cuyo seno el limitado desarrollo cultural, político e ideológico, los déficits educativos y el peso de lo mágico-religioso constituyen elementos centrales y constantes en el panorama cultural y social. Este entorno confinó a la intelectualidad nicaragüense a ser un grupo social de existencia precaria, concentrado en pocos núcleos urbanos y con limitada capacidad para proyectar su discurso gremial e incidir en los asuntos públicos²⁴⁹.

Se o processo revolucionário foi importante para o relevo de setores da intelectualidade, cabe-nos apresentar alguns pontos referentes à participação dos mesmos no decorrer do regime sandinista.

Após a derrocada de Anastasio Somoza Debayle, uma Junta de Governo assumiu a direção política do país e, entre seus membros, encontravam-se dois intelectuais: Sergio Ramírez e Moisés Hassan. Doutor em Física pela *North Carolina State University* e membro da FSLN desde 1967, Hassan foi professor universitário e líder estudantil, destacando-se como membro da comissão política de uma das frentes insurrecionais no período antiditatorial. A presença de Ramírez e Hassan ao lado de um comandante guerrilheiro (Daniel Ortega²⁵⁰) dava mostras da dimensão pretendida pela FSLN, fundamentada não apenas nas amplas alianças sociais, mas também na importância dada à esfera cultural na

²⁴⁹ CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Los intelectuales públicos y el Frente Sandinista en Nicaragua: presencia, desencuentros y actualidad (1990-2012). *Cahiers des Amériques latines*, n. 74, 2014. p. 142-143.

²⁵⁰ Os outros dois membros da Junta de Governo eram Alfonso Robelo (empresário e representante de um setor emergente da empresa privada associado ao setor agroexportador) e Violeta Chamorro (viúva de Pedro Joaquín Chamorro). Em maio de 1980, ambos renunciaram a seus cargos por divergências com a FSLN e passaram a compor grupos de oposição ao governo. Seus substitutos foram Arturo Cruz (do *Grupo de los Doce*, posteriormente também rompendo com os sandinistas) e Rafael Córdova Rivas (líder político do Partido Conservador).

reorganização da Nicarágua, bem como à confiança depositada nos intelectuais na condução de tal processo.

O projeto cultural sandinista centrou-se principalmente nas atividades do então recém-criado Ministério da Cultura²⁵¹, sob os cuidados de Ernesto Cardenal e Daisy Zamora. As atribuições políticas a intelectuais seguiam como proposta, nomeando um sacerdote, poeta e escritor como ministro (Cardenal) e uma poetisa como vice (Zamora). Nos anos de governo sandinista (ao menos até 1987, quando referido ministério foi dissolvido), buscou-se efetivar a tão propagandeada relação entre revolução política e renovação cultural. Desse modo, a produção na esfera da cultura era atrelada como resposta à necessidade do novo regime em resolver as contradições do passado e consolidar sua força sociopolítica. Nesse sentido, expôs Cardenal:

*Cultural liberation in Nicaragua, has been part of the struggle for national liberation. [...] Our revolution is of the present, and especially of the future, but it is also of the past. [...] Our patrimony, which could not be seen before the Revolution, is now alive. National traditions now flourish. All of that which is our national culture has always been part of our national liberation, but liberation was the condition under which our culture could be converted into the common good*²⁵².

A compreensão dos artefatos culturais como importantes elementos na formação da “nova Nicarágua” e de “novo nicaraguense”, bem como na eliminação da antiga ordem imposta pela família Somoza estavam presentes também em documentos oficiais do governo. O decreto de criação do Dia da Independência Cultural (18 de janeiro – data do nascimento de Rubén Darío) dá exemplos do direcionamento de tal projeto:

*Considerando: [...] [q]ue la Revolución Popular Sandinista como nuestro máximo producto cultural, reconoce como suyos los movimientos y manifestaciones culturales que a lo largo de nuestra historia anterior, enriquecieron nuestra nacionalidad; y que en la nueva Nicaragua nutren nuestra definitiva independencia política, económica y cultural. Que sólo en el contexto de una Nicaragua Libre y Soberana podemos proclamar la existencia de una cultura nicaragüense, que ha sido modelada por el pueblo y por los grandes creadores que como Rubén Darío, son expresión de ese mismo pueblo*²⁵³.

²⁵¹ NICARAGUA. Ley creadora de los ministerios de Estado. Decreto No. 6 (aprovado em 20 de julho de 1979). Publicado em **La Gaceta** No. 01 de 22 de agosto de 1979.

²⁵² CARDENAL, Ernesto apud ROSSET, Peter; VANDERMEER, John. **Nicaragua, unfinished revolution: the new Nicaragua reader**. New York: Grove Press, 1986. p. 412.

²⁵³ NICARAGUA. Declaración oficial de la Independencia Cultural, el día 18 de enero. Decreto No. 928 de 17 de janeiro de 1982. Publicado em **La Gaceta** No. 21 de 27 de janeiro de 1982.

Desses apontamentos, pode-se desprender a noção de que conflitos poderiam existir, mas o que não poderia ser questionado era o projeto revolucionário em si e a força da nova ordem. Como trataremos adiante, o âmbito cultural foi um dos palcos principais da conturbada década sandinista, sendo elementar na difusão do furor revolucionário e na reorganização nacional; todavia, igualmente na exposição de significativas debilidades: “*Si el campo cultural se erigió como espacio privilegiado de las luchas políticas desde los años setenta, este espacio da cuenta también de las limitaciones y las dificultades que los sandinistas enfrentaron para traducirlas en una política estatal*”²⁵⁴.

A Cruzada Nacional de Alfabetização foi o marco inicial de um processo de institucionalização de uma prática cultural impulsionada a partir do Estado que reivindicava o caráter político de uma ação formativa integral ou criadora se estas se pretendiam revolucionárias. Isto é, na confluência Estado-revolução-cultura, a produção cultural era pensada como parte da dimensão política de todo o conjunto social, por mais que tal convergência fosse muita mais imposta do que debatida entre diferentes setores sociais.

Com inspirações perceptíveis na experiência cubana, atuava-se na elaboração de condições materiais para uma prática cultural fundamentada em novos valores emergidos após as transformações políticas, sociais e conjunturais passadas. Se em Cuba a ideia de “homem novo” e o aporte simbólico/instrutivo/artístico da mesma encontrava-se sintetizado no ensaio de Ernesto ‘Che’ Guevara “*El socialismo y el hombre en Cuba*”, na Nicarágua a obra referencial foi o trabalho coletivo “*Hacia una política cultural de la Revolución Popular Sandinista*”, publicado em 1982²⁵⁵. Nele, textos, pronunciamentos e discursos de figuras relevantes a referido plano como Ernesto Cardenal, Sergio Ramírez, Daniel Ortega e Tomás Borge foram recompilados e apresentados como bases de uma cultura que se pretendia democrática, popular, nacional e anti-imperialista, “*previendo sus problemas, y convocando al pueblo y a sus artistas e intelectuales a la máxima actividad creadora dentro del proceso revolucionario*”²⁵⁶.

O reconhecimento da política cultural enquanto meio de formação e criação pretendia reordenar a relação entre intelectuais e massas, pontuando ambos como protagonistas e propagadores. Era evidente a redução da anteriormente abordada distância intelectuais-subalternos, contudo, os primeiros ainda seguiam como condutores do processo (pelo menos para a direção sandinista e para a própria intelectualidade).

²⁵⁴ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 133.

²⁵⁵ MINISTERIO DE CULTURA. **Hacia una política cultural de la Revolución Popular Sandinista**. Managua: Ministerio de Cultura, 1982.

²⁵⁶ Ibid. p. 07.

A questão ao redor da concepção de cultura, avançando entre uma visão humanista e integral do povo como sujeito e um olhar democratizador, de acesso a um vasto conjunto de manifestações artísticas, era mediada pelo traço comum do vínculo com o aspecto educativo, concebido anteriormente por Carlos Fonseca e apontado nesse capítulo. Sergio Ramírez²⁵⁷, então membro da Junta de Governo, tratou a respeito do tema em discurso proferido em 1981:

Para la revolución popular sandinista se impone la necesidad de definir los objetivos de la educación y la cultura, a fin de poder saber hacia dónde conducen el proceso cultural y el proceso educativo, y cómo la educación y la cultura pueden servir realmente de correa de transmisión de todas las nuevas ideas y las nuevas actitudes que están involucradas en la revolución misma; lo que fundamentalmente nosotros definimos como la formación y la creación del hombre nuevo en nuestro país.

[...]

Insisto, pues, en que nosotros enfrentamos un desafío global ¿y de qué manera hemos resuelto hacer frente a ese desafío? Precisamente a través de procedimientos como el de la consulta educativa nacional.

As elaborações de Fonseca, sobretudo os textos a partir do fim dos anos 1960 quando se dedicou efusivamente a revisar Sandino, realçam uma função didática do intelectual com o povo, pensando a relação direta da intelectualidade com o político e a obrigação em contribuir com o projeto que se tencionava revolucionário: “[...] *la persona que tiene el privilegio de adquirir cierta instrucción tiene el deber de entregar estos conocimientos, por modestos que sean, al destino de las mayorías que no han tenido la oportunidad de tocar un libro, de tocar un papel*²⁵⁸”. Destaca-se que a referência seguia a do intelectual em sentido amplo, do letrado, indo de encontro à proposta governamental da FSLN de apresentar a superação da tendência em considerar escritores e artistas como únicos produtores culturais.

Nesse sentido, buscava-se a imagem da intelectualidade e da cultura nos termos mais integrais e abarcadores possíveis. Em meio às complexas relações sociais e políticas do contexto, socialização e democratização tornavam-se expressões-chave: “*nosotros no podemos restringir el concepto de cultura a la mera creación individual, al acto individual de crear, sino que debemos tomar la cultura en su sentido total*²⁵⁹”.

Uma importante questão é a indagação do balanço entre as exigências de transformação revolucionária e o real alcance de tal projeto político-cultural. Quer dizer, apesar da proclamação de uma cultura aberta, o “dever artístico-intelectual” ainda provinha de um rol convencional e restringido dentro dos parâmetros desenhados pela elite revolucionária

²⁵⁷ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 192-193.

²⁵⁸ FONSECA, Carlos. Op. cit. 1982.

²⁵⁹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 106.

sandinista. A ideia de uma abrangente e histórica cultura política nicaraguense que projeta identidades individuais e coletivas a partir de três indicadores (poder patriarcal, oligárquico e religioso) pode ter ocasionado uma baixa avaliação das instituições e dos atores sociais, resultando na separação entre culturas políticas das elites governamentais e culturas políticas da sociedade em geral. Assim, a tarefa de condução do processo de reorganização cultural do país recaía em intelectuais de uma geração que – como retratamos – se considerava portadora da modernidade e que, ademais, se infiltrava nas esferas de comando político, de forma a coadunar duas espécies de autoridades (poder cultural e poder político), mesmo que inconscientemente.

Percebe-se, então, que o projeto cultural sandinista buscava definir e forjar, em um país já historicamente dividido, uma cultura nacional como cimento da identidade nicaraguense e da unidade política²⁶⁰. Se relembrarmos as temáticas abordadas pelos vanguardistas, veremos que tais ideias do governo da Frente Sandinista eram muito próximas daquelas do movimento da década de 1930. Como apontado no capítulo anterior, o idealismo social vanguardista e seu paradigma de nacionalidade se viram refletidos nos ordenamentos sandinistas. O cânone se expandia da literatura para um projeto cultural mais amplo.

O senso de continuidade pode ir além, estabelecendo vínculos com o próprio regime somozista, duramente combatido pela FSLN. Uma espécie de “paternalismo” pode ser notada permeando os direcionamentos culturais e sociopolíticos de ambos os governos, convergindo em ações de centralização e controle sobre a população. Logicamente, os modos de aplicação de tais noções foram distintos, especialmente se o parâmetro for o exacerbado autoritarismo dos Somoza. No caso sandinista, uma das principais críticas reside na perspectiva dos intelectuais se escolherem como líderes (*“privilegiados en una sociedad pobre, en una sociedad atrasada, en una sociedad dependiente; [...] que frente a las masas, nuestros creadores se coloquen siempre como vanguardia en el arte”*²⁶¹), autointerpretando certo dever de possuir o “poder de decisão²⁶²” e a tarefa de instruir os setores populares. Em uma análise do projeto sandinista, apesar de sua retórica, a intelectualidade guardava para si a opção ao individualismo, oposta à concepção sempre coletiva da população. Algumas palavras de Leonel Delgado Aburto²⁶³ acerca de José Coronel Urtecho podem ser encaixadas nos propósitos executados nos anos 1980 e aclarar um pouco mais essa reflexão: “[reservar] para

²⁶⁰ BROWITT, Jeff. Amor perdido: Sergio Ramírez, la ciudad letrada y las fallas en el sandinismo gramsciano. *Istmo*, n. 8, janeiro-junho 2004.

²⁶¹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 103 e 285.

²⁶² BROWITT, Jeff. Op. cit.

²⁶³ DELGADO ABURTO, Leonel. Proceso cultural y fronteras del testimonio nicaragüense. *Istmo*, n. 2, julho-dezembro 2001.

el letrado el poder de decidir sobre el arte que enjendra el no-letrado, pero que este no asume. El letrado establece el canon del no-letrado, la separación guarda los estatus”.

Democratizar a cultura e socializar seus meios de produção significaria também transcender aqueles alienamentos dos grupos sociais distantes de tal esfera. O declarado profundo conteúdo popular se revelaria no esforço em democratizar a cultura universal do país, ao mesmo tempo em que a revolução despertaria os hipoteticamente reprimidos elementos de criatividade e resistência da população²⁶⁴ – sempre conduzidos pela cultura letrada. Para tanto, era preciso criar as condições que possibilitassem o contato com o âmbito cultural (Cruzada Nacional de Alfabetização, Centros Populares de Cultural, revistas, museus, bibliotecas, etc.) e fomentar o processo produtivo (oficinas de poesia e pintura, coletivos culturais, artesanato). Nessa abordagem, as iniciativas de intelectuais como Ramírez foram determinantes, mesmo que parecessem evidenciar o desenrolar de projetos pessoais e retificassem uma perspectiva elitista e letrada de cultura.

Iniciativas como os suplementos literários *Ventana* editado por Rosario Murillo no jornal *Barricada* (periódico oficial da FSLN e do então governo) e *Nuevo Amanecer Cultural* (jornal *El Nuevo Diario*) de Luis Rocha, os *Talleres de Poesía* organizados por Ernesto Cardenal, e a *Editorial Nueva Nicaragua* constituíam importantes alicerces dessa etapa de reestruturação do modelo cultural nicaraguense. Idealizada por Ramírez, a *Editorial Nueva Nicaragua* (ENN) foi gerada como órgão oficial de editoração e publicação do regime sandinista, adscrita à Junta de Governo. De acordo com sua lei criadora²⁶⁵, eram seus objetivos: “*publicar libros, revistas, folletos, panfletos, discos, etc., de carácter científico, educativo y cultural, para promover la difusión de las ideas, la ciencia y la cultura, en el contexto de la Revolución*”. Os primeiros títulos e coleções da editora centravam-se em obras de caráter político e formativo, além da divulgação de autores e pensadores locais (coleções *Biblioteca Popular*, *Pensamiento Vivo*, *Letras de Nicaragua*, *Ediciones Monimbó*, *Testimonio*, *Colección Tercer Aniversario*, *Biblioteca Popular de Cultura Universal*), todos comercializados a preços acessíveis e em locais de grande circulação da população (supermercados, bancas, pequenos estabelecimentos, etc.).

De modo geral, objetivava-se difundir não apenas uma restaurada perspectiva cultural, mas também uma nova visão da história nicaraguense, fundamentada na propagação massiva dos pensamentos dos chamados “*padres de la Revolución*”, Sandino e Carlos Fonseca, e dos

²⁶⁴ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2002. p. 32.

²⁶⁵ NICARAGUA. Ley creadora de la Editorial Nueva Nicaragua. Decreto Ley No. 616 de 06 de janeiro de 1981. Publicado em **La Gaceta** No. 7 de 12 de janeiro de 1981.

discursos dos principais dirigentes da Frente Sandinista (organizados na série da ENN *Habla la dirección de la Vanguardia* e utilizados nas formações dos novos quadros militantes)²⁶⁶. Ademais, no viés do esforço intelectual de Ramírez, podemos considerar a fundação da ENN como elemento constituinte de uma ampla cultura política sandinista, baseada em um projeto de construção da nação. Trataremos de tal assunto no próximo capítulo, porém, faz-se necessário ter a apreensão de Ramírez enquanto um dos interlocutores responsáveis pela mobilização de dita cultura política e igualmente uma fonte para sua verificação; marca essa manifesta, por exemplo, no já citado apego à necessidade de (re)escrever a história do país.

No desenvolvimento do projeto cultural governamental, Cardenal e o Ministério da Cultura buscaram defender e explorar ao máximo as ideias de democratização e socialização. A intensa participação estatal nos assuntos culturais era direcionada a uma orientação de colaboração direta da população. Advindos de um cenário historicamente dependente de influências externas (seja no pouco fomento nacional ou no uso sistemático de modelos estrangeiros durante o regime Somoza), era compreensível que a ideia de incorporação extensa da população fosse também uma resposta na pretendida tarefa de superação dos resquícios somozistas. Na consideração das dificuldades a serem ultrapassadas no campo ideológico, era preciso “*desjerarquizar el concepto de cultura para que esta dejara de estar al servicio de la clase dominante y para que, a partir de su carácter popular, recuperara los valores propiamente nicaraguenses*”²⁶⁷.

Por outro lado, tais novos parâmetros baseados na interação Estado-população (recordemos o “*emigrar hacia el pueblo*” de Morales Avilés) remetiam igualmente à tensão entre criação artística e esquema ideológico, ou seja, entre os limites permitidos para que uma produção artística-cultural fosse considerada revolucionária e de acordo com o projeto sandinista. Segundo Palazón Sáez²⁶⁸:

En última instancia, el problema consistía en cómo articular dos concepciones de la cultura (una vinculada a la creación individual que se reconocía como anterior a la Revolución y otra basada en la participación masiva como proyecto histórico del FSLN) que provocaban una tensión entre lo que podríamos denominar artistas aficionados y aquellos que ya gozaban de cierta proyección profesional.

²⁶⁶ VANNINI, Margarita. Políticas públicas de la memoria en Nicaragua. **A Contracorriente**, v. 12, n. 1, 2014. p. 78.

²⁶⁷ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 137.

²⁶⁸ Ibid. p. 138.

De certa forma, partia-se da premissa de que as consideradas novas formas de criação cultural oriundas desde o período antiditatorial deveriam, necessariamente, encontrar sua expressão através do concebido Ministério da Cultura. Nesse ponto, remontamos à ideia de excessiva centralização da FSLN e à tendência, no plano político-cultural, de condução de projetos individuais por parte de líderes sandinistas e intelectuais alocados em posições governamentais; aquilo que Leonel Delgado Aburto²⁶⁹ denominou “patriarcado cultural” e que buscou ser dissociado do criticado *caudillismo* político.

É interessante ressaltar uma consideração de Ramírez em discurso pronunciado em 1980: “*la cultura que alentó la clase dominante en Nicaragua hasta el 19 de julio de 1979 es un proyecto histórico fracasado*”²⁷⁰. É claro que a década de 1980 foi consideravelmente produtiva no campo cultural, sendo suas ações talvez as que mais deixaram lastros no país. Contudo, a centralidade de algumas personalidades intelectuais (incluindo o próprio Ramírez), a generalização com a população (com especificidades locais desconsideradas e tratando como “povo” somente aqueles inclinados à militância sandinista) e a rigidez de uma estrutura verticalizada devem igualmente ser ponderadas na análise do alcance de tal política cultural sandinista. Por vezes, uma recepção acrítica de fontes elaboradas por ditos personagens (especialmente os já renomados intelectuais e autores como Ramírez, Cardenal e Gioconda Belli) favoreceu a disseminação do discurso da citada ampla democratização (para Cardenal, “*esto no quiere decir que vamos a rebajar la cultura para que esté al alcance del pueblo, sino que vamos a elevar al pueblo, hasta la cultura más excelente*”²⁷¹) e socialização dos meios de produção cultural (materializada nos *talleres de poesía* e no fomento à literatura de testemunho).

Referidas oficinas de poesia foram concebidas como estímulo à criação artística, rememorando o projeto de Solentiname, mas sempre com a presença de um elemento político indissociável. Nelas, camponeses, combatentes, operários, jovens e demais setores populares recebiam lições literárias formativas e elaboravam poesias baseadas principalmente em componentes cotidianos e ligados à revolução. Se uma das pretensões norteadoras era a construção de uma nova hegemonia cultural ligada ao subalterno²⁷², ao mesmo tempo, a proposta foi alvo de críticas e tornou-se palco de um debate entre Ministério da Cultura e *Asociación Sandinista de Trabajadores de la Cultura* (ASTC).

²⁶⁹ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2002. p. 31.

²⁷⁰ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 104.

²⁷¹ CARDENAL, Ernesto. Cultura revolucionaria, popular, nacional, anti-imperialista. In: MINISTERIO DE CULTURA. Op. cit. p. 179.

²⁷² PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 143.

Fundada em fevereiro de 1980, referida associação foi concebida como uma organização de massa, com objetivos práticos e políticos. Por um lado, contribuir ao fomento e assistência para produções, publicações e exposições de materiais. Por outro, assim como ocorreu com outras entidades e ministérios, foi carregada com uma orientação e organização direcionadas à mobilização dos preceitos governamentais sandinistas. Representante de artistas e demais atuantes ligados às artes, a ASTC reconhecia seus integrantes como artistas profissionais ou semiprofissionais, e não apenas militantes; defendendo, ademais, a diversidade e qualidade das realizações de seus membros.

Através do suplemento cultural *Ventana*²⁷³, do jornal *Barricada*, as primeiras críticas da ASTC direcionavam-se aos *Talleres de Poesía*, apontados como estimuladores de uma uniformidade e limitação nas criações poéticas. De acordo com o pesquisador holandês Klaas Wellinga²⁷⁴, um dos problemas para o mal-estar gerado decorreu do fato de artistas já conhecidos e destacados não serem convidados a participar da direção cultural do país. Em tais oficinas de poesia, por exemplo, nenhum membro da *Unión de Escritores Nicaragüenses* foi chamado a tomar parte.

Dessa forma, os críticos apontavam que os *talleres* geravam produtos uniformes, de pobreza literária, e que seguiam regras do Ministério da Cultura, de maneira que as poesias pareciam de um só autor, excluindo distintas formas poéticas. Ao fundo de tais desaprovações quanto aos *talleres* percebiam-se discordâncias também com a condução do Ministério, acusado de não considerar a opinião ampla de intelectuais da cultura e não atender suficientemente demandas de artistas profissionais. A essa discussão, acrescentou Wellinga:

*Los escritores, por ejemplo, vivían con cierta intranquilidad, porque no se sentían completamente aceptados. La pregunta sobre las prioridades volvía una y otra vez a la discusión: ¿qué está primero? ¿La revolución o el escritor? Antes de la victoria sandinista, los escritores, en su gran mayoría, se habían incorporado a la lucha, dejando de lado la literatura. Pero después del triunfo de la revolución, ellos empezaron a sentir que sus vocaciones literarias eran vistas como un lujo inútil*²⁷⁵.

Sendo assim, não seria errôneo afirmar que uma disputa pelo protagonismo cultural estava em curso naquele momento, evidenciada também no conseqüente embate entre

²⁷³ Apesar da coincidência de nome, não há nenhuma ligação com a antiga publicação de Ramírez e Gordillo, editada entre 1960 e 1964.

²⁷⁴ WELLINGA, Klaas. Los intelectuales y el sandinismo: una relación crispada. In: ÁNGEL, Raquel (org). **Rebeldes y domesticados**: los intelectuales frente al poder. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1992. p. 112.

²⁷⁵ Ibid. p. 114.

Cardenal e Rosario Murillo (diretora da ASTC). Mais uma vez, o caráter pessoal parecia se sobrepor, expondo discrepâncias nas concepções de ambos sobre o “*quehacer*” cultural na Nicarágua daquele período, nas formas de entender e impulsionar a chamada “cultura revolucionária”: “*Los Talleres fueron entonces sólo una de las ventanas desde las que se mostraron las diferencias conceptuales, ideológicas, etcétera, entre quienes impulsaban el proyecto revolucionario*”²⁷⁶. Tais divergências, bem como o contexto de agressão contrarrevolucionária que demandava gastos cada vez maiores, desgastaram os projetos de desenvolvimento e democratização na área cultural, ocasionando o encerramento dessa pasta ministerial em 1988 (pouco depois a ASTC seria identicamente dissolvida). Nesse momento, o apoio a grupos profissionais orientados pela ASTC mostrava-se mais condizente, seja pela condição de adequação dos mesmos à conjuntura ou pela possibilidade de resultados mais imediatos²⁷⁷. No ano seguinte, criaram-se o *Instituto Nicaragüense de Cultura* e o *Consejo Nacional de Cultura*, órgãos substitutos ao MinC e responsáveis pela direção dos projetos na área em questão. A nomeação de Murillo como diretora do Instituto indicava que houve um vencedor na querela, do mesmo modo que a lacuna entre elites letradas e população ainda não havia sido superada²⁷⁸.

A velha dicotomia entre cultura de elite e arte das massas foi retratada ainda no início da década de 1980 por Bayardo Arce da seguinte forma: “*El arte no sirve para nada si no lo entienden los obreros y los campesinos*”. A pretensão e oportunidade inicial de socializar os meios de produção cultural resultaram em novas exclusões que diluíram sua efetividade social, acirrando os enfrentamentos entre o campo cultural e o campo do poder:

[...]los sandinistas tuvieron que enfrentar la disyuntiva de tratar de impulsar verticalmente un modelo que se pretendía popular, pero que estaba capitalizado por una capa intelectual que pretendía seguir conservando sus marcas diferenciadoras en función de la calidad estética y los valores que los habían convertido en clase dominante. [...]el origen de los conflictos en materia cultural partían de una incongruencia de base entre lo que los intelectuales habían sido durante la lucha clandestina y lo que la Revolución

²⁷⁶ PASTRANA HERNÁNDEZ, Guadalupe Xochitlanetzin. Los Talleres de Poesía del Ministerio de Cultura en la Nicaragua de los años ochenta. **Revista Humanismo y Cambio Social**, n. 5, ano 3, janeiro-junho 2015. p. 21.

²⁷⁷ GONÇALVES, Felipe Canova; GERALDES, Elen Cristina. Entre a democratização e a sobrevivência: possibilidades e desafios da política cultural da Nicarágua sandinista. **Políticas Culturais em Revista**, v. 8, n. 1, 2015. p. 71.

²⁷⁸ Para uma análise mais detalhada e aprofundada sobre a política cultural sandinista e questões relacionadas, ver: WELLINGA, Klaas. **Entre la poesía y la pared: política cultural sandinista, 1979-1990**. Amsterdam: Thela Publishers, 1994; WHISNANT, David E. **Rascally signs in sacred places: the politics of culture in Nicaragua**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995 e BEVERLEY, John; ZIMMERMAN, Marc. **Literature and politics in the Central American Revolutions**. Austin: University of Texas Press, 1990.

*quería que fuesen una vez que el proyecto ya no era derrocar a la dictadura, sino instaurar un nuevo orden social*²⁷⁹.

Portanto, a experiência nicaraguense na formulação e implementação de uma política cultural tida como revolucionária revelou contradições inerentes ao próprio processo de transição sociopolítica. Ou seja, o governo reconhecia a importância de um projeto cultural que transformasse o panorama vigente, porém, o Estado parecia esperar que os produtores culturais desenvolvessem tal política²⁸⁰. A confusão e as incertezas por parte da população eram inerentes a uma sociedade em transição, reforçadas ainda mais pela considerável distância entre esses setores populares e as elites (culturais e políticas) e pela imposição de padrões e generalizações.

Nesse período, e em meio aos debates acerca das práticas culturais, as intervenções de Ramírez (primeiramente enquanto membro da Junta de Governo e na segunda metade da década como vice-presidente) demonstravam um propósito de reconhecer um espaço privilegiado aos intelectuais no desenvolvimento cultural revolucionário, mas sempre destacando (mesmo como esforço retórico) o caráter popular com o qual o sandinismo havia se comprometido. Em discursos e declarações, um ponto comum é perceptível: o da consideração de que a cultura *“es también una función política y debe existir como función política; esto es, como función revolucionaria de transformación*²⁸¹”.

As ideias a respeito do âmbito cultural e da relevância de tal campo estão presentes principalmente em obras iniciais do autor, como o tratado *“Balcanes y volcanes”* (1973), *“El alba de oro”* (1983) e *“Estás en Nicaragua”* (1985); os dois últimos caracterizando-se como compilados de ensaios, discursos e relatos. Ligados à ambição de uma independência cultural e de um nacionalismo comprometido, os pensamentos de Ramírez manifestavam o tom triunfalista de uma revolução em marcha, superando estruturas antiquadas e reportando a ascensão de setores populares. Dentro dessa concepção e ponderando sua ocupação no aparato estatal, é compreensível a retórica a serviço da “causa revolucionária”, construindo estratégias ideológicas para erigir e solidificar uma imagem positiva do país e do processo em curso. Ainda sob a ótica da liderança dos intelectuais e a conversão dos mesmos em *“artífices de los nuevos mitos”*, a tentativa de modificar o sistema de normas e significados dentro do qual ocorreu o desenvolvimento histórico nicaraguense pareceu resultar no objetivo de transmitir ao povo um espírito de esperança, motivador de uma sociedade democrática, justa e

²⁷⁹ PALAZÓN SÁEZ, Gema. Op. cit. p. 153.

²⁸⁰ ROSS, Peter. Cultural policy in a transitional society: Nicaragua 1979-89. *Third World Quarterly*, v. 12, n. 2, 1990. p. 126.

²⁸¹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1985. p. 108.

igualitária²⁸², tal como alguns títulos de livros ensaísticos de Ramírez exemplificavam: “*Seguimos de frente*” (1985), “*Las armas del futuro*” (1987), “*Confesión de amor*” (1991).

As limitações de referido discurso recaiam em questões já trabalhadas nesse capítulo: a perspectiva da “cidade letrada” de Rama com seu elitismo e papel inflado da literatura, realçando a concepção de um veículo cultural mais capacitado para transformar a sociedade; e a autoproclamada liderança dos intelectuais-letrados na invenção do imaginário sociocultural da nação²⁸³. Apesar desses possíveis contrapontos, nessas lutas pela memória e pelos espaços simbólicos, as iniciativas culturais auxiliaram na reelaboração política e social do país, buscando dar sentido aquele momento presente e reafirmar a concretude do projeto revolucionário sandinista; uma vez que, conforme pontuou Ramírez, “*olvidate de la retórica, aquí lo que la gente quiere es la verdad, que le hablés a los ojos, que le digás en lo que andamos y para dónde vamos*”²⁸⁴.

Nesse sentido, e levando em consideração o panorama aqui exposto, era de certa forma congruente a participação da intelectualidade na condução política dessa etapa da história nicaraguense. Em 1984, a vitória eleitoral de Daniel Ortega era previsível, sendo utilizada pela FSLN principalmente como comprovação a atores internacionais do apoio popular ao processo. Mais do que a confirmação do comandante guerrilheiro como chefe político da Nicarágua (posto praticamente já ocupado por ele enquanto líder da Junta de Governo que atuou entre 1979 e 1984), nos interessa a ratificação de seu companheiro de chapa, a figura a exercer a função de vice-presidente: Sergio Ramírez.

Inicialmente, o processo eleitoral não estava previsto como reivindicação imediata ou urgente pelos sandinistas, evidenciado na ausência da questão no Estatuto Fundamental implementado em julho de 1979 e nos pronunciamentos públicos de dirigentes da FSLN. Em entrevista concedida a um periódico mexicano em 1981 expôs Ramírez:

*El proyecto histórico del pueblo nicaragüense no es circunstancial. La revolución no ganó el poder en las elecciones. Lo ganó enfrentada a la muerte... Aquí se ha dado una revolución con hegemonía popular. El esquema de nuestra revolución es popular. Todo podría cambiar en Nicaragua, menos la hegemonía popular del proceso*²⁸⁵.

²⁸² VARGAS VARGAS, José Ángel. Op. cit.

²⁸³ BROWITT, Jeff. Op. cit.

²⁸⁴ RAMÍREZ, Sergio. **Estás en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986. p. 94.

²⁸⁵ SCHERER GARCÍA, Julio. Sergio Ramírez, de la Junta de Gobierno de Nicaragua: El asedio de Estados Unidos pone en peligro el pluralismo político, la economía mixta y la libertad de prensa. **Proceso**, n. 228, março 1981.

Ademais, a desconfiança perante essa medida advinha da própria história local, com inúmeros comícios desconfiáveis e manipulados²⁸⁶, e do rechaço aos partidos políticos tradicionais e suas práticas associadas ao somozismo. Desse modo: “*Implicarse de inmediato en la democracia electoral significaba, para el sandinismo, inmiscuirse en un terreno desconocido e inseguro*”²⁸⁷. Contudo, a pressão internacional (de modo especial dos Estados Unidos) e a deterioração da situação interna motivaram a realização de eleições presidenciais, legislativas e municipais.

O boicote de partidos aglutinados na coalizão *Coordinadora Democrática Nicaragüense*²⁸⁸, alegando garantias insuficientes para a realização de um pleito transparente e aberto, gerou consideráveis contestações por setores da oposição, respaldados pelo governo estadunidense, mesmo com a presença de comissões internacionais de observação (destaca-se a delegação da *Latin American Studies Association - LASA*).

Mais do que o resultado (a FSLN obteve cerca de 67% dos votos e 61 das 96 cadeiras na Assembleia Nacional), tal etapa mostrou-se proveitosa no desenvolvimento político do país, servindo como uma espécie de catalizador e amplificador das posições político-partidárias dos atores envolvidos no processo revolucionário. Ainda assim, o impacto sobre o direcionamento estadunidense pouco foi alterado, apenas redefinindo a estratégia desestabilizadora (ou de baixa intensidade) para um incremento significativo do apoio à contrarrevolução armada.

A campanha sandinista focou-se nos resultados sociais iniciais da Junta de Governo, elucidando o cumprimento dos comícios como manifestação de vontade dos mesmos em prover mecanismos e normas que impulsassem e consolidassem a institucionalização do processo²⁸⁹. Assim, se o objetivo era confirmar e consolidar os instrumentos que legitimavam uma revolução que se entendia gestora da participação popular nas decisões socioculturais e político-econômicas, nada mais justo que reafirmar consigo a representatividade daqueles que, por sua vez, se viam como autênticos guias e portadores da “voz” das massas: os intelectuais comprometidos.

²⁸⁶ Desde o início do somozismo em 1936 até o triunfo revolucionário, por exemplo, todos os processos eleitorais foram controlados pela família Somoza, seja “nomeando” candidatos oficiais e/ou indicando opositores “fantoques” para concorrer nos pleitos.

²⁸⁷ MARTÍ I PUIG, Salvador. *Nicaragua (1979-1990)*. La revolución enredada. Salamanca: Salvador Martí i Puig, 2012. p. 71.

²⁸⁸ Formada pelo *Partido Liberal Constitucionalista (PLC)*, *Partido Social Cristiano (PSC)*, *Partido Social Demócrata (PSD)* e dissidentes do *Partido Conservador Demócrata (PCD)*. Reunia importantes figuras opositoras como Arturo Cruz, Alfonso Robelo, Violeta Chamorro e Adolfo Calero.

²⁸⁹ LOZANO, Lucrecia. Op. cit. p. 321-322.

Como apontamos, a confluência entre as esferas política e cultural era tratada como ponto nodal desde o período de gestação do movimento insurrecional. A elaboração da ideia de compromisso estava estreitamente ligada ao discurso emancipador da revolução, atrelando o projeto de “refundação” nacional à construção de uma comunidade utópica, onde a efetivação de uma cidadania possuía o povo como eixo fundamental de transformação.

Nesse esquema, a “autoridade” da voz e atuação do intelectual visava à concretização de um projeto cultural próprio ao novo governo. A preocupação com o moderno e com o universal (herança de Darío e dos vanguardistas) mesclava-se com a atenção ao aspecto histórico, mais precisamente sua reconstrução. Assim, na década de 1980, a importância da presença e ação da intelectualidade conformava a composição de um cenário de identidade e resistência, levar adiante um programa de afirmação no campo da cultura ao mesmo tempo em que essa proposta contribuía na reação à contrarrevolução (armada e política).

O paradigma que parecia ser desejado pela direção sandinista e pelos próprios letrados comprometidos girava em torno do intelectual como depositário de um saber que incluía uma nova legalidade a uma nova nação que então se construía. Se fizermos uma relação com os escritos e pensamentos de Carlos Fonseca precedentemente aqui apresentados, não seria um equívoco considerar que o sandinismo enquanto movimento sociopolítico implicou, desde seu início, a formação de uma camada social intelectual, composta principalmente pela juventude estudantil/universitária, que se tornaria fator essencial no surgimento do arranjo “moderno” do sandinismo²⁹⁰. Tais princípios estariam presentes, por sua vez, na estrutura político-militar da FSLN e influenciariam nas expressões letradas de suas experiências.

No momento do pleito eleitoral, Ramírez já possuía reconhecimento em amplos setores da sociedade nicaraguense e centro-americana, seja por seus contatos e encontros com revolucionários e simpatizantes da região desde sua atuação com o *Grupo de los Doce* ou pelo exercício de sua atividade intelectual como escritor. Apesar das críticas de alas mais “cruas” dos antigos combatentes que possuíam certa resistência à sua figura por não ter participado diretamente na luta armada, vislumbrava-se inegável o realce de sua imagem:

Ello lo distinguía de varios de los “enmontañados” líderes guerrilleros cuyos nombres y rostros se desconocían a causa misma de la clandestinidad del movimiento (salvo algunas excepciones como la de Edén Pastora quien había tomado El Congreso Nacional en agosto de 1978 y Tomás Borge cuya foto había aparecido constantemente en los periódicos por sus actividades

²⁹⁰ DELGADO ABURTO. Leonel. Op. cit. p. 110-111; MACKENBACK, Werner. El problema de la nación en el pensamiento juvenil de Carlos Fonseca. In: KINLOCH TIJERINO, Frances (ed.). **Nicaragua en busca de su identidad**. Managua: IHNCA/PNUD, 1995. p. 443.

*subversivas). [...] Con el impacto que tuvo el estallido revolucionario en la vida política, social e intelectual de Nicaragua durante las últimas tres décadas del siglo XX, la figura de Ramírez se volvió emblemática*²⁹¹.

A representatividade de Ramírez enquanto figura política e intelectual trouxe uma carga não apenas simbólica, mas realmente efetiva à posição de vice-presidente. Seguramente, na história nicaraguense, foi o período de maior influência e destaque de tal cargo. Fato que marcaria definitivamente a carreira do autor: *“ese título indeleble que ya nunca me va a abandonar, porque han pasado después de mí 15 o 10 personas ocupando ese cargo, pero yo sigo siendo el ‘vicepresidente’*²⁹²”. A partir dessa posição, as atividades de intelectual/escritor e político se tornaram quase inseparáveis e consubstanciais e, justamente enquanto tal, mesmo escrevendo apenas um romance no período, a relação história-ficção era tracejada como elemento fundamental de sua obra.

Nas eleições de 1990 (antecipadas em cerca de nove meses como resposta estratégica às pressões estadunidenses e à crescente insatisfação popular, além do marco das negociações regionais de pacificação), a chapa Ortega-Ramírez foi mantida. Porém, a representação de ambos sofreu pequenas modificações. A campanha da FSLN se balizava na conquista da paz no país, na reativação econômica pós-guerra e na constante ideia de defesa das conquistas democráticas do período revolucionário. O foco quase unidirecional na mobilização popular foi usado como parâmetro básico de medida do apoio da população, desconsiderando a confusão realizada entre militantes sandinistas e corpo eleitoral nicaraguense, o que resultou em excessivo otimismo na fase final da disputa²⁹³.

Na custosa campanha da Frente Sandinista, Daniel Ortega naturalmente era o centro das ações; contudo, se fazia perceptível um processo de personalização de sua dirigência (fruto também do emblemático entrelaçamento Estado-partido), de modo que o presidente se convertia em figura máxima da FSLN enquanto partido e do sandinismo enquanto movimento. A referência às alianças sociais e à direção colegiada/coletiva estava significativamente minimizada. Ainda assim, Ramírez participava dos comícios e sua figura era mais uma vez apresentada como liderança intelectual e demonstração da suposta redução da distância com as massas. Ortega abandonava a farda verde oliva e apresentava-se com

²⁹¹ RUEDA ESTRADA, Verónica. **Testimonio y confesión.** Épica y memoria de la Revolución Sandinista en La Marca del Zorro, Confesión de Amor y Adiós Muchachos de Sergio Ramírez Mercado. Dissertação de Mestrado em Estudos Latinoamericanos - Universidad Nacional Autónoma de México. Cidade do México, 2005. p. 31-32.

²⁹² RODRÍGUEZ MOYA, Daniel. Sergio Ramírez: “Los sueños de revolución en Nicaragua fueron muy caros”. **Cuadernos Hispanoamericanos**, n. 703, 2009. p. 118.

²⁹³ FONT, Joan; GOMÀ, Ricard. El proceso de democratización en Nicaragua: actores, estrategias y conflicto. **Revista CIDOB d’Afers Internacionals**, n. 20, 1991. p. 59.

trajes mais populares, sempre com o lenço rubro-negro envolto no pescoço como ligação a Sandino (a associação figurativa entre Ortega e Sandino foi explorada em tal campanha eleitoral, com o líder da FSLN direcionando lembranças aos retratos do símbolo pátrio nicaraguense, como demonstrado nas figuras 1 e 2 a seguir). Interessante notar que, se nos primeiros meses de Junta de Governo Ortega parecia minoria em meio a personalidades distantes da guerrilha (figura 3), com o avançar do governo, especialmente com a crescente centralização política da direção sandinista, Ramírez era quem aparentava estar fora do padrão (figura 4).

Figuras 1 e 2 – Daniel Ortega em comício para as eleições de 1990 e Augusto C. Sandino em um de seus retratos mais conhecidos



Fontes: Diario Octubre²⁹⁴ e La Prensa²⁹⁵.

Não nos atermos aos pormenores da derrota eleitoral da FSLN em 1990²⁹⁶; todavia, é elementar a consideração da guerra como fator decisivo, do desgaste social perante um prolongado conflito com a contrarrevolução armada e a agressão econômica imposta pelos

²⁹⁴ Disponível em: <<https://diario-octubre.com/?p=22608>>. Acessado em 24/05/2016.

²⁹⁵ Disponível em: <<http://www.laprensa.com.ni/2015/02/18/boletin/1784346-el-sandinio-de-niquinohomo>>. Acessado em 24/05/2016.

²⁹⁶ Realizadas em 25 de fevereiro de 1990, as eleições decretaram a vitória da coalização *Unión Nacional Opositora* (UNO), dos candidatos Violeta Chamorro e Virgilio Godoy (vice). A apuração final contabilizou 54,7% dos votos contra 40,8% da FSLN. Sobre o tema, ver: VILAS, Carlos. Nicaragua: el camino de la derrota electoral y el porvenir de la revolución sandinista. *Realidad*, n. 14, março-abril 1990; TORRES-RIVAS, Edelberto. La recomposición del orden: elecciones en Centroamérica. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 50, abril-junho 1990; ALTAMIRA, Jorge. *Porque o sandinismo fracassou*. São Paulo: Editora Outubro, 1990; ROVIRA MAS, Jorge. Nicaragua 1979-2007. Transición a la democracia y perspectivas de su consolidación. In: *Encuentro 2009*, ano XLI, nº 82. Costa Rica: Instituto de Investigaciones Sociales, 2009.

Estados Unidos. Além disso, é fato também que dito revés facilitou (ou mesmo forçou) o incentivo final para que alguns intelectuais saíssem do esquema ideológico-político dentro do qual vinham operando, possibilitando o irromper de novas vertentes de pensamento e o crescimento do debate dentro e fora da Frente Sandinista²⁹⁷.

A partir desse momento, Sergio Ramírez transformaria sua figura: retornava o escritor e gradativamente esmorecia o político-militante. Em nossa análise, justamente o período de confirmação do mesmo como gestor e difusor de uma ampla cultura política sandinista e especificamente de uma tradição política oriunda da mesma. Paralelamente a outras tradições e vertentes que reivindicavam o sandinismo – como a de Daniel Ortega e sua reconfiguração da FSLN –, ações, direcionamentos e escritos (contos, ensaios, romances) de Ramírez efetivavam tal cultura política, podendo ser utilizada como subsídio no entendimento da transição política a partir da década de 1990, de modo a perceber o fim de um programa/projeto político e não do sandinismo. A construção da proposição do sandinismo como uma cultura política será abordada nos próximos capítulos, buscando elucidar como esta forneceria símbolos e representações políticas com as quais Ramírez dialogou em sua obra. Tal qual um quadro de referências, o sandinismo pautaria as ações políticas e as elaborações intelectuais de Sergio Ramírez, influenciando a edificação de projetos políticos nicaraguenses.

Figura 3 – Alfonso Robelo, Jimmy Carter, Daniel Ortega e Sergio Ramírez em visita oficial da Junta de Governo à Casa Branca (setembro de 1979)



Fonte: Diario Trincheras de la Noticia²⁹⁸.

²⁹⁷ CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Op. cit. p. 147.

²⁹⁸ Disponível em: <<http://www.trincherasonline.com/?p=64597>>. Acessado em 24/05/2016.

Figura 4 – Sergio Ramírez e membros da Direção Nacional da FSLN (Humberto Ortega, Tomás Borge, Daniel Ortega e Bayardo Arce)



Fonte: Informatie Cuba²⁹⁹.

²⁹⁹ Disponível em: <<https://informatiecuba.wordpress.com/2012/05/04/voor-tomas-borge-was-fidel-de-eerste-en-de-laatste/>>. Acessado em 24/05/2016.

Capítulo 3 – Cultura política sandinista: formação e construção intelectual

Enquanto força mobilizadora, a ideia de reviver a figura de Augusto C. Sandino e suas ações e pensamentos tornou-se um marco na história político-cultural da Nicarágua. Por toda sua extensão e alcance, revelou-se tão significativa quanto a própria atuação do guerrilheiro entre o fim da década de 1920 e meados da seguinte. Trabalhado como cultura política (entendida como visão ampla e conjunta de mundo de determinado grupo ou sociedade, um feixe de orientações políticas com componentes afetivos e valorativos resultado de socializações e experiências), tal fenômeno parece sublinhar sua elasticidade na análise da história do país, uma persistência política envolta a mutações e adaptações, sob diferentes agentes relacionados às esferas de poder.

O início da luta de resistência de Sandino em 1927 esteve demarcado por um contexto específico, de ocupação de terras nicaraguenses por forças militares estadunidenses e reforçado pela oposição às atitudes subservientes das elites oligárquicas. Décadas depois, a recuperação da imagem do “*general de hombres libres*” aparecia vinculada a uma então incipiente organização político-militar que pretendia combater o regime autoritário da família Somoza. Compreender como referida retomada da figura de um antigo combatente foi aplicada e desenvolvida pela FSLN é fundamental para a identificação de uma cultura política sandinista, juntamente com suas posteriores transformações e vieses.

Nesse aspecto, destaca-se a relevância de Carlos Fonseca, mentor intelectual da Frente Sandinista e o primeiro a estudar a fundo as práticas de Sandino e promover seu resgate. Como já ressaltado no capítulo anterior, através do avanço dos estudos de Fonseca e de suas interpretações acerca do uso da representação de Sandino, a FSLN conseguiu erigir-se como depositária da simbologia de dito guerrilheiro, tratando de construir o imaginário de continuidade de luta e princípios.

Como apresentaremos mais adiante, a mitificação de Sandino por parte de Fonseca e da FSLN como um todo seria estendida amplamente à sociedade nicaraguense, seja ainda no período antiditatorial como forma de mobilização ao redor de um símbolo nacional comum ou posteriormente no regime encabeçado por essa mesma organização através de usos discursivos como exemplo a ser admirado e seguido. Dessa forma, ficaria evidenciado o emprego político da imagem de Sandino, retratando-o de acordo com os interesses dos dirigentes da FSLN e, inclusive, associando-o com ideais revolucionários e de ideologias de esquerda.

Nesse sentido, Sergio Ramírez traria um aporte essencial à cultura política em questão ao evocar um Sandino histórico, levando em consideração a importância do contexto e da situação da Nicarágua daquele período de sua luta. Ao impulsionar ações que fortaleciam tal projeto, como por exemplo, a publicação de textos biográficos e a recompilação de cartas, discursos e materiais de Sandino, Ramírez direcionava, de certa forma, uma nova faceta àquela figura praticamente santificada pela FSLN. Esta “humanização” de Sandino trouxe consigo a proposta de priorizar outras singularidades daquele nicaraguense que afrontou a presença de tropas estadunidenses no país, explorando sua retidão, senso de justiça e ética como grandes legados a serem observados e seguidos. O relevo de tais marcas não desconsideraria outras características do ideário de Sandino, tampouco poderia ser considerado mais correto ou fiel às propostas do líder guerrilheiro; preferimos ressaltá-las como traço prioritário e distintivo em comparação com diferentes interpretações e vertentes de uma ampla cultura política sandinista.

Assim, nesse capítulo buscaremos abordar a construção e desdobramento de mencionada cultura política sandinista, ponderando primeiramente sobre Sandino e seu repertório de ações e ideias que seriam a base do reavivamento de sua imagem. Em seguida, apresentaremos a origem da FSLN e a apropriação da representação e simbologia de Sandino. Adiante, tentaremos elucidar como Ramírez e o resgate de um Sandino histórico foram cruciais na trajetória intelectual e política do autor nicaraguense, de modo que a percepção do sandinismo como cultura política é parte importante na elaboração de projetos e representações que orientaram atuações e obras de Ramírez, tal qual sua participação na cisão interna da FSLN em meados dos anos 1990 e suas metáforas de poder e “mentiras verdadeiras” em seus romances e contos.

3.1 Sandino: ação e ideias

Quando remetemos a Augusto C. Sandino e suas ações, uma das principais preocupações é o recorrente determinismo histórico em torno de sua imagem, uma mitificação presente em inúmeras obras e estudos que o colocam como antecedente/predecessor direto de um processo linear que conduziria a elaborações conscientes e sofisticadas de uma possível revolução social. Superar as leituras exclusivamente ideologizadas, como mencionado anteriormente em relação à vitoriosa insurreição, revela-se um desafio recorrente na investigação da história nicaraguense. Como ressaltou o historiador alemão Volker Wunderlich:

*Cada vez más, el Sandino histórico desaparece detrás de las proyecciones desbordantes y de las percepciones ideales, corriendo el peligro de transformarse en un ícono vacío, al igual que ha sucedido con Ernesto Che Guevara: millones de jóvenes llevan su imagen impresa en camisetas sin saber siquiera quién fue en realidad*³⁰⁰.

A inserção e identificação em um contexto específico é uma necessidade frequentemente suplantada. De fato, entre os últimos anos da década de 1920 e os primeiros da seguinte, o líder guerrilheiro teve sua fama e repercussão em todo o continente. De origem humilde, fruto de uma relação entre um proprietário de terras e uma de suas empregadas, Augusto C. Sandino foi marcado pela peregrinação entre sua terra natal e outros países latino-americanos. Sua experiência no México (em meados dos anos 1920, trabalhando em grandes companhias petroleiras) foi determinante não apenas em seu amadurecimento como pessoa, mas principalmente onde se aproximou de leituras fundamentais que seriam incorporadas em seus atos posteriores, como a familiarização com a visão continental de José Vasconcelos³⁰¹ (em especial as ideias da mestiçagem como herança cultural espanhola e da raça cósmica) e com o sindicalismo desenvolvido entre operários petroleiros (que o conduziram a princípios do socialismo libertário e da teosofia de Joaquín Trincado³⁰²). Para além da assimilação de correntes da época e da formação de seu pensamento inorgânico³⁰³ que retomaremos adiante, é importante assinalar conjuntamente o panorama local da Nicarágua.

Dois traços parecem ser significantes no marco histórico das ações e ideias de Sandino: a ideologia liberal oriunda do governo de José Santos Zelaya (1893-1909) e a expansão estadunidense representada no interesse geoestratégico no país centro-americano. A chamada “Revolução Liberal de 1893” representava uma corrente progressista, com a possibilidade de formar e sedimentar uma burguesia nacional. A proteção por parte dos Estados Unidos de seus interesses manifestou-se em intervenções e ocupações militares. Pensados de maneira associada, não seria errôneo afirmar que tais fatos favoreceram uma incipiente consciência nacional e um progressivo potencial de resistência, culminados anos depois na imagem de Sandino. Produto de intensas disputas internas entre liberais e

³⁰⁰ WÜNDERICH, Volker. **Sandino, una biografía política**. Managua: IHNCA-UCA, 2010. p. 06.

³⁰¹ Intelectual mexicano, antigo ministro da Educação Pública e reitor da *Universidad Nacional Autónoma de México* (UNAM). Publicado em 1925, o ensaio *La Raza Cósmica* apresenta a ideia de uma quinta raça, resultado da fusão de outras quatro raças antecedentes (negra africana, indígena americana, amarela asiática e branca europeia), que emergiria como uma civilização plena e cheia de potencialidades. Tratado também como processo espiritual, a América Latina seria o local ideal a culminação de tal feito.

³⁰² Autor espiritualista espanhol fundador da *Escuela Magnético-Espiritual de la Comunidad Universal* em 1911. Seu “*espiritismo Luz y Verdad*” baseava-se na ideia de uma humanidade una solidarizada em uma fraternidade eterna e universal.

³⁰³ ARELLANO, Jorge Eduardo. Sandino ante la historia. **Boletín Nicaragüense de Bibliografía y Documentación**, n. 159, 2013.

conservadores (ademais dos interesses econômicos e estratégicos), as intervenções estadunidenses prolongaram-se de 1912 a 1925 e de 1926 a 1933. Foi justamente nesse último período, iniciado com chamada a “Guerra Constitucionalista”, que Sandino retornou ao país e se incorporou ao conflito. A adesão ao setor liberal liderado por Juan Bautista Sacasa e José María Moncada foi influenciada pelos aspectos tratados anteriormente:

*Las ideas progresistas con las que entró en contacto en México, unidas a las concepciones liberales, las cuales conoció en el país, es lo que lo llevan a tomar la determinación de incorporarse a las filas de lo que, hasta ese momento, era el sector político más progresista en Nicaragua*³⁰⁴.

A conclusão do conflito em 1927 por meio de um acordo com representantes estadunidenses e a decisão de Sandino em não depor as armas implicava a percepção de que a guerra civil se transformava em um confronto direto contra a intervenção militar estrangeira. Nesse quadro, envolto à ingerência estadunidense e à reivindicação por autonomia, Augusto C. Sandino desenvolveria seu ideário. Por um lado, o discurso de Sandino fundamenta-se em princípios éticos e convicções pessoais, como a honestidade, o completo desinteresse material (como possível recompensa), a dignidade patriótica, a defesa dos direitos dos mais fracos, e a honra nacional³⁰⁵. Todos esses componentes contribuíram na fundamentação de seu anti-imperialismo, parte central de um esboço ideológico. Nesse outro lado, construído como resposta e baseado na plena consciência da política de dominação estadunidense na Nicarágua e na região, destacam-se os traços de um indohispanismo e latino-americanismo (como base étnica e espiritual de uma América hispânica, que orientaria a formação de uma consciência local e sustentaria a idealização de uma aliança latino-americana), seu nacionalismo popular armado (enquanto defesa da soberania da pátria e como reação tanto à conjuntura nicaraguense como ao caráter continental) e as ideias de justiça social e redenção dos oprimidos (estabelecido em um caráter messiânico).

Tal ideário foi ativo e reconhecido até meados da década de 1930. Após o assassinato do líder guerrilheiro em 1934, sua imagem e ações foram forçadamente esquecidas pela população, em grande parte pelas atuações dos governantes do período que o indicavam como mero bandoleiro, sem relevância para conquistas nacionais³⁰⁶. A diluição das referências e

³⁰⁴ ESCOBAR, José Benito. **Ideário sandinista**. Managua: Departamento de Educación y Propaganda Política, 1984. p. 09.

³⁰⁵ ARELLANO, Jorge Eduardo. **Guerrillero de nuestra América**: Augusto C. Sandino (1895-1934). Managua: Hispamer, 2008; ARELLANO, Jorge Eduardo. Op. cit. 2013.

³⁰⁶ Em 1936, foi publicado o livro ‘El verdadero Sandino o el calvario de Las Segovias’, cujo autor era indicado como Anastasio Somoza García, então recém-ascendido ao poder após o golpe de Estado no mesmo ano

memórias de Sandino no período seguinte somente foram superadas em grande parte pelo trabalho de Carlos Fonseca, especialmente na década de 1960. Em função desse “hiato temporal”, não parece condizente tratar de uma continuidade política entre o chamado “sandinismo original” e aquele movimento antiditatorial atuante nos anos 60 e 70 que trazia consigo ao adjetivo “sandinista”³⁰⁷; para não mencionar, ademais, a distinção entre o *telos* de Sandino e o da realidade da segunda metade do século XX.

Sendo assim, antes de adentrarmos na questão da ampla difusão da conhecida representação de Sandino, faz-se necessário entender alguns pontos de seu ideário, sistematizado muito mais nas ações do que em elaborações intelectuais. Seus escritos, fundamentalmente cartas, declarações e informes de sua luta de resistência, possuem uma redação carregada de pronomes pessoais e possessivos reveladores de um “eu” extremamente patriótico e corajoso. Para o historiador nicaraguense Jorge Eduardo Arellano³⁰⁸, tais referências a si mesmo são reiterativas, produto de uma firme autoestima e ego determinado, exemplificado em lemas em primeira pessoa (“*Yo no me vendo ni me rindo*”). Ainda segundo Arellano:

*A pesar de que nunca se dedicó exclusivamente al ejercicio intelectual, Sandino llegaría a formular un pensamiento coherente de su país, relativo a su mismidad. Nicaragua ha producido pensadores, algunos sólidos y respetables; mas nadie, hasta Sandino, había reflexionado tan espontánea y directamente sobre nuestra patria como él. Por eso resulta uno de los creadores imaginarios de la nacionalidad nicaragüense*³⁰⁹.

Tendo a política de dominação dos Estados Unidos como orientação, Sandino construiu uma concepção idealista de anti-imperialismo alicerçada em um projeto de integração de uma aliança latino-americana como passo prévio para uma futura confederação e consagração do indohispanismo. Como indicamos, conhecedor das ingerências estadunidenses em âmbito nacional e latino-americano, Sandino demarcou sua oposição à dita política de dominação em um panorama internacional. Em carta escrita à Froylán Turcios, em 1928, ele afirmou:

(encomendada por ele, a verdadeira autoria pertence aos militares da Guarda Nacional Domingo Ibarra e Guillermo Cuadra). O objetivo da obra era desconstruir toda e qualquer imagem positiva em torno de Sandino. Ver: SOMOZA GARCÍA, Anastasio. **El verdadero Sandino o el calvario de Las Segovias**. Managua: Tipografía Robelo, 1936.

³⁰⁷ WÜNDERICH, Volker. Op. cit. p. 18.

³⁰⁸ ARELLANO, Jorge Eduardo. Op. cit. 2013. p. 21.

³⁰⁹ Ibid. p. 23.

Hablando de la Doctrina Monroe dicen: América para los americanos. Bueno: está bien dicho. Todos los que nacemos en América somos americanos. La equivocación que han tenido los imperialistas es que han interpretado la Doctrina Monroe así: América para los yankees. Ahora bien: para que las bestias rubias no continúen engañadas, yo reformo la frase en los términos siguientes: los Estados Unidos de Norte América para los yankees. La América Latina para los indolatinos³¹⁰.

Seu indohispanismo era uma base espiritual e étnica para a região hispano-americana, sempre em contraposição ao papel hegemônico estadunidense. Levando em consideração as particularidades históricas da região e sua característica mestiçagem, tal ideia ascendia o indohispano a sujeito da história local, demarcado em um espaço geográfico correspondente a todos as repúblicas hispano-americanas. Tal ideia fica evidente ao lermos um trecho do Manifesto escrito por ele em 1º de julho de 1927:

Mi mayor honra es surgir del seno de los oprimidos, que son alma y nervio de la Raza, y que hemos vivido postergados, a merced de los desvergonzados sicarios que ayudaron a incubar el crimen de alta traición, mostrándose indiferentes al dolor y la miseria del liberalismo, al cual perseguían encarnizadamente, como si no fuéramos de una misma Nación. [...] Quiero tener la satisfacción de convencer a mis compatriotas, a los Centroamericanos y a la Raza Indo-Hispana, de que en las montañas de la Cordillera Andina hay un grupo de patriotas que sabrá morir como hombres, en lucha abierta, defendiendo el decoro nacional³¹¹.

Orientado à formação de uma consciência hispano-americana, seu indohispanismo era complementado pela ideia de integração latino-americana, remontando às ações de Simon Bolívar. A construção de uma “nacionalidade latino-americana” estaria idealizada no estabelecimento de uma aliança continental, continuando a tradição identitária supostamente inaugurada por Bolívar. Nas palavras do próprio Sandino, expostas no documento síntese de seu pensamento latino-americanista, o ‘*Plan de realización del supremo sueño de Bolívar*’, de 1929:

Hondamente convencidos, como estamos, de que el capitalismo norteamericano ha llegado a la última etapa de su desarrollo, transformándose, como consecuencia, en imperialismo; y que ya no atiende a teorías de derecho y de justicia, pasando sin respeto alguno por sobre los incommovibles principios de independencia de las fracciones de la Nacionalidad Latinoamericana, consideramos indispensable, más aún, inaplazable, la Alianza de nuestros Estados Latinoamericanos para

³¹⁰ SANDINO, Augusto C. Carta a Froylán Turcios [10 de junio de 1928]. In: RAMÍREZ, Sergio. **El pensamiento vivo de Sandino**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984. Tomo 1. p. 271.

³¹¹ SANDINO, Augusto C. Manifiesto [1º julio de 1927]. In: Ibid. p. 117 e 119.

*mantener incólume esa independencia, frente a las pretensiones del imperialismo de los Estados Unidos de Norte América, o frente al de cualquiera otra potencia a cuyos intereses se nos pretenda someter*³¹².

Conforme notado, o fio condutor nas declarações e escritos de Sandino vinculava-se intimamente com a já mencionada noção de imperialismo, ou melhor, na sua convicta posição anti-imperialista. Considerando-se “filho de Bolívar³¹³” e exaltando heróis e próceres latino-americanos, inscreveu sua luta em motivações libertadoras e identitárias da América Latina, de modo que seu nacionalismo popular e armado evocava também princípios de autonomia e de redenção dos oprimidos. Desse modo, por um lado, Sandino reagia frente a uma situação de caráter continental, por outro, à particular conjuntura nicaraguense.

Arelado a uma visão telúrica de sua terra natal, o patriotismo de Sandino demonstrava não ser apenas produto de um projeto particular, mas toda uma interpretação da história nacional e continental. Ao se posicionar perante os problemas políticos, sociais e econômicos nicaraguenses e latino-americanos, evidenciava que seu pensamento poderia ser considerado consequência de uma apropriação intelectual da realidade, de uma concepção cultural que teria ampla repercussão internacional³¹⁴.

A dimensão mítica construída ao redor líder guerrilheiro foi reiterada pela profusão de sua documentação, bem como pela edificação de uma bem organizada e sustentada autoimagem. Ou seja, o mito construído em vida pelo próprio Sandino com as ações militares de seu *Ejército Defensor de la Soberanía Nacional de Nicaragua* (EDSNN) foi repassado por seguidores, escritores e jornalistas do período; permitindo posteriores leituras e reavaliações. Nesse sentido, de acordo com Ramírez:

Sandino es perdurable. Porque vivió como predicó. En esto, se debe ser también contemporáneo, aunque parezca obsoleto, o necio, como él mismo

³¹² SANDINO, Augusto C. Plan de realización del supremo sueño de Bolívar [20 de marzo de 1929]. In: Ibid. p. 341. Em vários textos de Sandino é possível identificar referências oriundas de movimentos da esquerda internacional. Sabe-se que a *Alianza Popular Revolucionaria Americana* (APRA) de Haya de la Torre e a Internacional Comunista abordaram o líder guerrilheiro e buscaram estabelecê-lo como aliado. Ao fim, Sandino preferiu não se afiliar aberta e concretamente a nenhum movimento internacional, mas essas relações resultaram importantes na divulgação das ações nicaraguenses de resistência. Ver: CERDAS CRUZ, Rodolfo. **Sandino, el APRA y la Internacional Comunista**. San José: CIAPA, 1980 e HODGES, Donald C. **Sandino's Communism: Spiritual Politics for the Twenty-First Century**. Austin: University of Texas Press, 1992.

³¹³ “*Diga usted a Hispanoamérica que mientras Sandino aliente, la independencia de Centro América tendrá un defensor. Jamás traicionaré mi causa. Por esto me llamo hijo de Bolívar*”. Ver: SANDINO, Augusto C. “Augusto C. Sandino, héroe de Hispanoamérica”, Max Grillo. [2 de junio de 1928]. In: Ibid. p. 269.

³¹⁴ ARELLANO, Jorge Eduardo. **Lecciones de sandinismo**: doce ensayos. Managua: Ministerio de Educación, MED, 1981. p. 121.

*dice. Y tampoco callar [...]. La firme idealidad, su firma indeleble. Habrá Sandino para el siglo XXI. Ya habrá atravesado ese umbral*³¹⁵.

Enfim, percebe-se que as ideias de Sandino não se articularam em ensaios e redações bem organizadas e/ou intelectualmente densas, já que, de acordo com o mesmo: “*Nunca he tenido pretensión de exhibirme como intelectual de gran talla, supuesto que mi humilde personalidad desconoce las tortuosidades del idioma de Cervantes [...]*”³¹⁶. Porém, a relevância e a intensidade de sua luta de resistência mostraram ser mais preponderantes na permanência e vigência de um futuro sandinismo enquanto ideologia mobilizadora e cultura política, passível dos reavivamentos e reusos que trataremos a seguir.

3.2 FSLN: origens e apropriação da imagem de Sandino

Após o assassinato de Sandino em 1934 por homens da Guarda Nacional a mando de Anastasio Somoza García (então comandante de dita força armada) e anos depois com o início do regime somozista (1936) o nome e a representação do anterior símbolo de luta e resistência nacional foram praticamente apagados da memória coletiva nicaraguense. A citada campanha governamental para apagar referências positivas a Sandino acentuava tal cenário. Curiosamente, o trabalho de levantamento de dados e documentos que culminou na obra ‘*El verdadero Sandino o el calvario de Las Segovias*’ (publicada em 1936) serviu muito mais como fonte ao pensamento do líder guerrilheiro do que para sedimentar a pretendida imagem de bandoleiro e criminoso, desejada por Somoza em tal projeto. Anos mais tarde, os primeiros livros e estudos acerca de Sandino utilizariam justamente tal obra como referência e acesso ao ideário do mesmo; por exemplo, como o fez Gregorio Selser³¹⁷ em suas marcantes publicações na década de 1950.

Sandino já havia sido inspiração para ações e movimentos regionais (como Agustín Farabundo Martí em El Salvador³¹⁸) e até mesmo em outro continente (Alberto Bayo³¹⁹, por

³¹⁵ RAMÍREZ, Sergio. Sandino contemporáneo. In: KINLOCH TIJERINO, Frances (ed.) **Nicaragua en busca de su identidad**. Managua: IHN-UCA/PNUD, 1995. p. 406.

³¹⁶ SANDINO, Augusto C. Carta a Adán Maradiaga [Septiembre de 1927]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1984. Tomo I. p. 139.

³¹⁷ O jornalista e historiador argentino foi autor de obras capitais na divulgação das ações e pensamentos de Augusto C. Sandino, fonte para posteriores combatentes sandinistas. Ver: SELSER, Gregorio. **Sandino, general de hombres libres**. Buenos Aires: Pueblos Unidos de América, 1955 e _____. **El pequeño ejército loco**. Buenos Aires: Editorial Triángulo, 1958.

³¹⁸ Líder comunista salvadorenho responsável por insurreições camponesas e indígenas no início dos anos 1930, tendo atuado também com Sandino anos antes na Nicarágua. Condenado e morto em 1932, foi inspiração para a *Frente Farabundo Martí para la Liberación Nacional* (FMLN), movimento guerrilheiro ativo em El Salvador nas décadas de 1970 e 1980 durante a guerra civil local e convertido em partido político desde 1992.

exemplo), mas óbvia e essencialmente sua herança seria recolhida na própria Nicarágua, por grupos e movimentos político-militares já na segunda metade do século XX, de maneira central por jovens combatentes que dariam origem à FSLN.

Como apontamos no primeiro capítulo, a emergência de Somoza García e do persistente regime familiar autoritário na Nicarágua teve como uma de suas causas a incapacidade de setores oligárquicos tradicionais de apresentar um projeto de nação e resolver demandas locais. Um panorama que não foi exclusividade local, como ressaltou o historiador Hugo Cancino Troncoso:

*Estas dictaduras desplazan de la escena política y del manejo de los aparatos de Estado a las oligarquías tradicionales, que enfrentadas en conflictos históricos por el Poder bajo la forma de pugnas liberales-conservadoras no han conseguido edificar un Estado nacional y un poder político legítimo*³²⁰.

Apesar disso, o estilo de dominação oligárquica permaneceu. Fruto da intervenção estadunidense e dos acordos combatidos por Sandino, Somoza era resultado também de uma sociedade substancialmente agrária e atrasada³²¹. A privatização do poder em meio a um regime com traços caudilhescos, militares e oligárquico-patrimoniais trouxe consigo novidades e mudanças estruturais significativas³²², destacando-se o surgimento de novos grupos sociais oriundos da concentração urbana e da expansão do trabalho assalariado, o domínio da chamada burguesia agroindustrial, e a crescente participação de setores médios e da pequena burguesia. Esses últimos tornar-se-iam protagonistas no conseqüente movimento antiditatorial e setor de apoio e recrutamento para a FSLN. É importante sublinhar que, mesmo com esses novos atores sociais, os principais ativos do movimento insurrecional ainda foram aqueles setores marginalizados, grupos de trabalhadores, que viviam em condições precárias, com mínima infraestrutura e poder aquisitivo.

Em meio a esse cenário, a associação entre recrudescimento das medidas autoritárias (especialmente após o assassinato de Somoza García na cidade de León em 1956 pelo jovem

³¹⁹ General republicano espanhol participante da Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Posteriormente, foi assessor e instrutor militar de guerrilheiros na Revolução Cubana. Considerando Sandino um dos maiores patriotas do mundo, Bayo foi um dos principais divulgadores de suas estratégias guerrilheiras, chegando inclusive a treinar combatentes nicaraguenses exilados em Honduras no fim dos anos 1940. Ver: BAYO, Alberto. **150 preguntas a un guerrillero**. Habana: [s.n.], 1959 (Publicado originalmente no México em 1955).

³²⁰ CANCINO TRONCOSO, Hugo. **Las raíces históricas e ideológicas del movimiento sandinista**. Antecedentes de la revolución nacional y popular nicaragüense. 1927-1979. Odense: Odense University Press, 1984. p. 85.

³²¹ TORRES-RIVAS, Edelberto. El Estado contra la sociedad. Las raíces de la Revolución Nicaragüense. **Estudios Sociales Centroamericanos**, v. 9, n. 27, 1980, p. 79-96.

³²² CANCINO TRONCOSO, Hugo. Op. cit. p. 104.

poeta Rigoberto López Pérez) e a influência do sucesso da Revolução Cubana alentou desejos e esperanças de transformações na Nicarágua. Segundo Juan José Monroy-García: “*A partir de 1959, los movimientos armados contra el régimen somocista se intensificaron. El triunfo de la revolución cubana alentó y estimuló las luchas populares y revolucionarias en Latinoamérica*³²³”. Interpelados por essa perspectiva, muitos jovens foram atraídos a exercer um papel mais ativo na oposição ao somozismo, ainda que, por vezes, dessem mostras de uma mera reprodução mecânica do movimento cubano. Nessa conjuntura, nos primeiros anos da década de 1960, ímpetus e disposições coletivas dariam origem à FSLN, então *Frente de Liberación Nacional*.

Os estudantes universitários Carlos Fonseca e Tomás Borge (ambos do curso de Direito da *Universidad de León*), Silvio Mayorga (companheiro de estudos de Fonseca em Matagalpa), Germán Pomares, Santos López (ex-combatente do EDSNN de Sandino) e outros jovens revolucionários foram nomes ativos nas primeiras ações de dito movimento opositor, que já possuía seu histórico de luta com outras organizações predecessoras, como a *Juventud Revolucionaria Nicaragüense* (1959) e o *Movimiento Nueva Nicaragua* (MNN).

Entre 1962 e 1963, por insistência de Carlos Fonseca, o termo/adjetivo ‘sandinista’ foi acrescentado ao nome e ao movimento como um todo. A justificativa era atrelar a ação guerrilheira à anterior luta e ideário de Sandino, recuperando-o como símbolo revolucionário aglutinador, convertido em um ícone da resistência armada perante uma situação de dominação no qual a população e a oposição ao regime somozista poderia se identificar.

Como apontamos previamente no segundo capítulo, Fonseca foi possivelmente o primeiro a estudar sistematicamente e reviver o pensamento de Sandino, sendo fundamental no progressivo processo de “heroicização” do mesmo. Segundo a historiadora Matilde Zimmermann:

A importante decisão de finalmente identificar a organização como sandinista foi resultado de três processos que já estavam se desenvolvendo em 1961 e 1962: o estudo organizado da vida e das ideias de Sandino, o compromisso crescente com a ideia de realizar uma revolução de caráter genuinamente nicaraguense e a emergência de Carlos Fonseca como indiscutível dirigente central do movimento³²⁴.

³²³ MONROY-GARCÍA, Juan José. **Tendencias ideológico-políticas del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) 1975-1990**. Toluca, México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2015. p. 39.

³²⁴ ZIMMERMANN, Matilde. **Carlos Fonseca e a Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 127.

A imprecisão das datas de fundação da FSLN e mesmo da adoção do epíteto ‘sandinista’ encontra sua explicação na percepção da necessidade primordial da ação, e que somente com base em suas primeiras experiências foi estruturando e reformulando sua base teórica e programa³²⁵. Nesse sentido, a clássica narrativa de um encontro fundacional em Honduras, em meados de 1961, não possui aportes fora da “história oficial” divulgada pela própria FSLN após o triunfo de 1979. É compreensível que no início do regime revolucionário os usos simbólicos do passado e dos feitos do período antiditatorial fossem exacerbados, principalmente se pensarmos na existência de um novo projeto de nação e de uma nova estrutura cultural, uma “Nova Nicarágua”. Dessa forma, não apenas Sandino, mas também Fonseca foi envolto em processos de mitificação. A escassa documentação e a morte prematura de Fonseca (em 1976, bem antes do desfecho revolucionário) permitiram que a direção sandinista, especificamente Tomás Borge, apresentasse a sua versão como verdadeira, produzindo obras que fundamentariam praticamente toda produção bibliográfica a respeito da Revolução Sandinista e seus antecedentes elaborada posteriormente.

Portanto, nos parece mais correto afirmar que a FSLN foi gestada em um intervalo relativamente longo de tempo, envolvendo anos de ações, reuniões e ideias políticas heterogêneas. As indefinições táticas e estratégicas, produzidas no calor do combate, resultaram em experiências frustradas e em uma lenta maturação do movimento.

A percepção da importância do trabalho político foi assumida justamente por Fonseca em meados dos anos 1960, período no qual iniciou seus estudos sobre a história nicaraguense e outras lutas revolucionárias ao redor do mundo. O momento de prisão, deportação e clandestinidade do líder revolucionário corresponde ao grosso da história do movimento guerrilheiro enquanto apenas um foco na região montanhosa central e do norte do país. A “mística das montanhas” desse íterim se converteria em uma das referências centrais a partir das quais se estabeleceria depois a mitologia sandinista³²⁶. Em geral, a década de 1960 foi uma fase de descoberta e experimentação tanto para Fonseca quanto para a FSLN³²⁷, culminando na elaboração do ‘*Programa Histórico del FSLN*’, marco da reestruturação da organização e prelúdio para a aplicação e uso sistemático da imagem de Sandino.

É importante mencionar que, desde o intervalo temporal mencionado acima, Carlos Fonseca já possuía escritos sobre Sandino; mas foi a partir dos anos 1970 que passou a aprofundar e divulgar tais análises. Isto porquê a proposta de Fonseca era a de apresentar a

³²⁵ FONSECA, Carlos. Antecedentes del FSLN. *Ventana* (Barricada Cultural), edição de 06 julho de 1985.

³²⁶ MARTÍ I PUIG, Salvador. *La izquierda revolucionaria en Centroamérica*: el FSLN desde su fundación a la insurrección popular. Barcelona: Institut de Ciències Polítiques i Socials, 2002. p. 09.

³²⁷ ZIMMERMANN, Matilde. Op. cit. p. 223.

FSLN como herdeira de uma tradição nacionalista e anti-imperialista e igualmente de um imaginário popular que remontava à atuação e figura de Sandino. As possibilidades abertas com essa perspectiva eram grandes, permitindo a sedimentação do trabalho político-ideológico junto à população: “*Para amplios sectores del pueblo el FSLN supuso la continuación, con nuevas estrategias y métodos, de una lucha contra el imperialismo y la opresión dictatorial que databa, por lo menos, de un siglo*”³²⁸. Assim sendo, a recuperação da própria história nicaraguense demonstrava a existência de componentes e esforços a favor da soberania nacional, contribuindo igualmente para a legitimação da luta armada, elucidando a histórica presença de uma cultura política de uso da força e violência como amparo às decisões e mudanças políticas, conforme apontamos nos capítulos anteriores.

A reconstrução da imagem de Sandino como símbolo revolucionário da luta armada e nacional contra uma situação de dominação visava também frisar uma continuidade histórica, em uma declarada qualidade aguerrida do povo nicaraguense. De acordo com a historiadora francesa Catherine Lacaze:

*El FSLN se apropió así de la figura de Sandino y lo transformó en su héroe. Desde los años 1960, el uso de su imagen intervino en la construcción de una “contra-memoria”, en oposición a la memoria oficial difundida por el régimen somocista. Después del triunfo de la revolución en 1979, cuando esta lectura alternativa del pasado se volvió constitutiva de la “historia oficial”, el gobierno sandinista puso en marcha mecanismos capaces de consolidar el proceso de heroización de Sandino como encarnación de la nación nicaragüense*³²⁹.

Referido processo, portanto, abrangia a aplicação de uma nova conotação aos momentos históricos de Augusto C. Sandino, remodelando sua representação dentro de uma renovada ideologia revolucionária. Como construção de Fonseca, o sandinismo apresentava-se como uma ideologia que tentou dar significado e motivação a uma sociedade, despertando a crença em um curso revolucionário liderado pela FSLN.

Carlos Fonseca não era um teórico marxista sofisticado ou um acadêmico erudito, mas um pensador e militante oriundo de setores subalternos. Na condição de “intelectual orgânico”, um de seus méritos foi insistir na avaliação de Sandino não apenas como um ator histórico estático, mas sim como trajetória e/ou caminho. Segundo o historiador Steven Palmer³³⁰, a dispersão e abrangência dos escritos de Sandino, combinados com a realidade de

³²⁸ MARTÍ I PUIG, Salvador. Op. cit. 2002. p. 08.

³²⁹ LACAZE, Catherine. El FSLN y la ‘iconización’ de Sandino. *Caravelle*, n. 98, 2012. p. 60.

³³⁰ PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of Sandinismo in Nicaragua. *Latin American Research Review*, v. 23, n.1, 1988. p. 97-98.

sua guerrilha anti-imperialista, ajudaram a “fazer” sua história passível de uma reinterpretação marxista, por mais que o mesmo nunca tenha se autointitulado socialista ou marxista. Para Palmer, o sandinismo pode ser compreendido como uma formação narrativa, envolta em uma produtiva rede de simbologias e encarnando muitos ingredientes “românticos” da mitologia e literatura popular. Ou seja, Fonseca deu conteúdo revolucionário à tradição de Sandino como um popular “bandido-herói”, figura recorrente no imaginário ocidental por milênios.

Parece notório o uso político de Sandino por Fonseca, buscando legitimar a ação da FSLN no caminho revolucionário. É claro que a mitificação sandinista, por vezes deslocando o contexto original da resistência guerrilheira do início do século XX, articulou elementos românticos, radicais e, principalmente, nacionalistas; retratando Sandino em termos amplamente ideologizados e politizados. Porém, da mesma forma, é preciso atentar para o contexto a partir dos anos 1960 na Nicarágua, com o regime autoritário somozista e a percepção das demandas e necessidades de um movimento político-militar para contemplar sua luta. Por isso, o viés apresentado por Matilde Zimmermann é pertinente para essa análise:

Não havia nada de acadêmico no interesse de Fonseca por Sandino. Ainda que tenha desenvolvido uma historiografia sandinista, única para seu país, não era um historiador. Não há indícios de que deliberadamente tenha falseado informações acerca de seu tema, e a maioria de seus escritos históricos são cuidadosamente documentados com extensas notas; mas tinha um propósito definido em mente quando selecionou e analisou as ideias e campanhas de Sandino. [...] Fonseca não escreveu para historiadores ou para a posteridade em geral, e sim para sua geração e a seguinte de revolucionários nicaraguenses, aqueles que ele estava convencido que derrubariam o regime somozista e devolveriam a Sandino seu pedestal de herói nacional do país. [...] O objetivo de Fonseca, ao estudar o passado, era transformar o presente e o futuro³³¹.

O que queremos elucidar é que Fonseca não cometeu um erro ao usar politicamente Sandino e aplicar sua interpretação na reconstrução de sua imagem. A figura de Sandino interessava a ele (e à FSLN) por sua capacidade mobilizadora e, refletindo a tradicional rebeldia do povo nicaraguense, encarnava a luta anti-intervencionista e pela soberania nacional. Estava aí o ícone revolucionário capaz de unir o sentimento de descontentamento e oposição sob uma visão comum da história e da nação, incorporando ambições de uma Nicarágua melhor³³².

Exemplo disso é a descrição biográfica e dos feitos de Sandino feita por Carlos Fonseca em ‘*Sandinista: Guerrillero Proletario*’, panfleto publicado originalmente em 1971,

³³¹ ZIMMERMANN, Matilde. Op. cit. p. 228-229.

³³² LACAZE, Catherine. Op. cit. p. 63-64.

que buscava atingir massivamente a população, tratando de convencer de que uma luta contra uma situação de dominação era possível e que, através do exemplo de Sandino, o apoio popular a uma liderança disposta a combater poderia alcançar a vitória. Nas palavras de Fonseca:

Sandino, el más preclaro hijo del pueblo nicaragüense, se irguió frente a la traición y continuó empuñando las armas. [...] Con lenguaje sencillo explicaba a los campesinos guerrilleros que los pueblos derrotarían definitivamente al imperialismo yanqui. [...] El albor de las ideas sociales que despuntó en esas luchas se proyectó en las ideas políticas del héroe guerrillero de Nicaragua. Sin embargo, las condiciones que imponía el carácter naciente del moderno movimiento anti-imperialista de los pueblos no permitió a Sandino que su correcta estrategia militar fuera correspondida con una estrategia política correcta que garantizara la continuidad del proceso revolucionario. Debe destacarse que el héroe nicaragüense tuvo clara conciencia del papel determinante de la lucha armada en el logro de la definitiva independencia nacional y además se identificó con las ideas avanzadas de reivindicación social³³³.

Do exposto nesse capítulo, desprende-se que o núcleo do sandinismo como força mobilizadora e consequente cultura política elaborado por Fonseca implicava uma visão que incorporava a luta anti-imperialista de Sandino (com a consideração de sua inevitável falha), o reassumido embate contra os chamados “traidores de Sandino”, e a possibilidade de vitória apenas através do correto caminho sandinista da FSLN³³⁴. Ou seja, aplicado em termos protosocialistas (“*El marxismo de Lenin, Fidel, el ‘Che’, Ho Chi Minh, fue acogido por el Frente Sandinista de Liberación Nacional, que ha emprendido de nuevo la difícil senda guerrillera³³⁵*”), Sandino teria um papel crucial ao iniciar um caminho revolucionário que a FSLN, enquanto legítima vanguarda, deveria resumir em um nível mais elevado³³⁶.

Apesar do apelo massivo tentado e aplicado por Fonseca, foi somente após o triunfo insurrecional de julho de 1979 que a representação de Sandino modificou-se de ícone revolucionário para modelo nacional, arquétipo do “verdadeiro” nicaraguense. Uma vez incorporado ao discurso oficial, se fazia necessário assimilar não apenas militantes e combatentes, mas toda a população. Apontada como sentido genuíno de nacionalidade, a figura de Sandino estaria imersa no então novo sistema de valores emergidos com o regime

³³³ FONSECA, Carlos. **Sandino**: Guerrillero Proletario. Managua: Secretaría Nacional de Propaganda y Educación Política del FSLN, 1980. p. 13, 23-24.

³³⁴ PALMER, Steven. Op. cit. p. 101.

³³⁵ FONSECA, Carlos. Op. cit. 1980. p. 32.

³³⁶ PALMER, Steven. Op. cit. p. 103. Ver também: ORTEGA, Humberto. **50 anos de luta sandinista**. São Paulo: Quilombo, 1980 e WHEELLOCK, Jaime. **Imperialismo y dictadura**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1982.

revolucionário que, como tratado no capítulo anterior, se pretendia completamente oposto ao do período somozista. O direcionamento ao elemento popular o posicionava como sinônimo do nacional, trazendo consigo princípios de justiça e sacrifício remontados a Sandino.

Posto isso, durante os anos 1980, foram os valores emanados pelo líder guerrilheiro, mais do que sua individualidade ou ações militares, que basearam a concepção de um novo moralismo, de um sandinismo como ideologia nacional, especificamente nicaraguense. Conforme expôs Catherine Lacaze:

Así se construye el lugar de la figura de Sandino dentro de la nación nicaragüense: es el modelo que se debe seguir, el arquetipo de los que de verdad se reconocen y pueden ser reconocidos como nicaragüenses. [...] Como arquetipo del “verdadero” nicaragüense, la figura de Sandino tiene una función movilizadora: incita a cada uno a comprometerse en el proceso de reconstrucción nacional para demostrar su pertenencia a la comunidad. El favorecer la creatividad de cada uno se funda en el ejemplo de Sandino. Sin embargo, con su utilización en proyectos masivos a escala nacional, su figura tiende a adquirir de manera oficial una dimensión mítica³³⁷.

Consideravelmente eficaz nos primeiros anos do novo governo, a permanência efetiva de tal esquema pode ser questionada no caminhar de referida década. Parece-nos que a força discursiva continuou vigente, mas a ação concreta foi se diluindo. É instigante que ditas normas e enunciados de padrões de comportamento iniciais podem ser recuperadas (ainda que parcialmente) justamente em Sergio Ramírez e sua defesa de um sandinismo de realce ético, como abordaremos mais adiante. O reforço da imagem mítica de Sandino condensava toda uma continuidade entre este último, Carlos Fonseca e FSLN, em uma justaposição que garantia legitimidade e exclusividade no manejo simbólico de representações e também do próprio passado enquanto construção e maturação de uma Nicarágua considerada ideal.

Mais do que consolidar uma referência, vislumbrava-se a afirmação de um discurso, que englobava um projeto político-social e, essencialmente, de poder. Para tanto, a recorrência a imagens de fácil assimilação e de conteúdo religioso foi valorosa no desenvolvimento desse plano. A sacralização de Sandino atendia aos traços culturais fortemente religiosos e providencialistas abordados no primeiro capítulo dessa tese. Consciente da importância desse fator religioso na sociedade nicaraguense, a direção da Frente Sandinista soube aplicar tal mecanismo de modo eficiente em suas ações, seja em pronunciamentos, festas e celebrações populares, ou na organização de cooperativas, movimentos de base e da Cruzada Nacional de Alfabetização. A proclamada “reconstrução

³³⁷ LACAZE, Catherine. Op. cit. p. 66, 67-68.

nacional” atuava igualmente como conversão: “*Construir al héroe Sandino en analogía con Cristo sería un mecanismo generalizado tendiente a cubrir de sacralidad la nación y su gobierno. [...] Sandino se transforma así, poco a poco, en la piedra angular del imaginario colectivo, religioso y político a la vez*³³⁸”. Nesse sentido, a pretensão era alçar a imagem de Sandino acima de qualquer crítica e, do mesmo modo, a FSLN enquanto depositária de sua tradição e única apta para tal.

Precisamente, esta exclusividade nos usos de Sandino e dos retratos e personagens da luta revolucionária antiditatorial se mantém até os dias atuais como importante ferramenta discursiva para Daniel Ortega alentar setores populares e angariar militantes para a FSLN, hoje um partido político transfigurado e consideravelmente de ordem personalista.

Por fim, reiteramos a necessidade da exposição de todo o quadro e argumentos aqui detalhados para compreender como Ramírez articulou e dialogou com uma cultura política sandinista que remontava logicamente aos ideais de Sandino, mas sempre ciente da relevância do contexto e situação da Nicarágua daquele período de sua luta. Remontando também a Fonseca, é identificável a diferenciação entre o Sandino mítico e imerso no objetivo político do mentor intelectual da FSLN e o Sandino histórico e ético recuperado por Ramírez. A disseminação das representações do líder guerrilheiro desde os anos 1970 sublinhou uma abrangente cultura política sandinista, de função mobilizadora e caráter mítico, alicerce do projeto de nação e governo que naquele momento se ambicionava e aplicaria. Nesses diferenciados retratos e usos da figura de Sandino, não existe um modelo correto ou verdadeiro, mas sim variadas construções e elaborações que atendiam e atendem a contextos específicos e projetos sortidos (individuais e coletivos, sejam eles políticos, culturais ou intelectuais).

A mencionada transformação nos usos de Sandino por parte da FSLN e seus líderes estimulou ressignificações e redirecionamentos, resultando em tradições e vertentes diversas ligadas a essa ampla cultura política que reivindicava(m) o referencial sandinista. Em termos gerais, a principal mutação foi a tendência da FSLN (especialmente a partir de meados da década de 1980) de esvaziar Sandino de sua complexidade humana e histórica; pontualmente o vestígio explorado por Ramírez, como trabalharemos na sequência.

³³⁸ LACAZE, Catherine. Op. cit. p. 70.

3.3 Sergio Ramírez e o resgate do Sandino histórico

Redescoberto, estudado e utilizado como figura necessária por Carlos Fonseca para aglutinar e desenvolver um ideal de luta, Sandino foi mobilizado de distintas maneiras com a progressiva ampliação do movimento liderado pela FSLN e seu consequente governo nos anos 1980. O que estamos tentando elucidar aqui é a percepção da elaboração de uma cultura política “primária” em torno da recuperação inicial da imagem e dos feitos de Augusto C. Sandino, envolta em uma geração de jovens e descontentes com o regime autoritário da família Somoza desde a passagem da década de 1950 para a de 1960, e que foi marcada pela criação da FSLN nos primeiros anos sessentistas. Principal articulador do reavivamento de Sandino, Fonseca deu o lastro “sandinista” à dita ampla cultura política. Após a morte do líder político em 1976, o desejo de pôr fim à ditadura e a posterior vitória insurrecional em 1979 e sua euforia e sentimento generalizado de esperança foram suficientes para coesionar a sociedade, mesmo com a heterogeneidade de pensamentos e condutas políticas. O desenrolar dos fatos, culminando na derrota eleitoral em 1990, facilitou a dispersão das tendências coletivas de ação e reflexão, de modo que as já existentes culturas políticas da sociedade se revelassem e se distinguissem em meio à reordenação das forças sociopolíticas do país.

Circundado por esse contexto, e integrante da aludida geração de jovens de meados do século XX, Ramírez apresenta-se como exemplo e personagem ativo dessas e nessas culturas políticas, especificamente de uma perspectiva orientada mais à valorização dos preceitos humanos e éticos do que políticos de Sandino. Conforme defendemos, a cultura política sandinista não é homogênea e possui tradições e representações diferentes em variados setores da sociedade, até mesmo elementos difusos impregnados no imaginário popular. Sendo assim, o papel de Ramírez, enquanto intelectual, foi o de articular e dar sentido a alguns desses vetores, produzindo uma nova interpretação sobre Sandino, capaz de revitalizar e reavivar a própria cultura política sandinista.

Conforme expomos em páginas anteriores, Carlos Fonseca aprofundou sua análise e divulgação do pensamento sandinista na década de 1970. Nesse mesmo período, nos primeiros anos de dito decênio, Sergio Ramírez já aportaria uma significativa e fundamental contribuição ao sandinismo: a publicação da primeira edição de seu trabalho de compilação dos escritos daquele que se tornaria o maior símbolo nacional nicaraguense, “*El pensamiento vivo de Sandino*”. Publicada na Costa Rica em 1974, a obra trazia o primeiro esforço de Ramírez em reunir as principais formas de expressão do pensamento de Sandino: cartas,

manifestos e documentos circulares às autoridades, comunicados e boletins de guerra, relatos autobiográficos, e entrevistas à imprensa.

Na nota explicativa dessa primeira edição, Ramírez apresentou alguns dos traços primordiais que assentariam tal discurso e a recuperação do Sandino histórico:

No debe perderse la perspectiva de que cada una de las ideas expresadas por Sandino, está en alguna medida respaldada por su lucha; hay una correspondencia directa entre su pensamiento y su acción. Nada hay aquí que esté dicho gratuitamente y es esa misma correspondencia vital y visceral la que despoja a su lenguaje de toda contaminación retórica, hermoso lenguaje, como toda expresión de la verdad.

Son pues los escritos de un humilde artesano, recolector de café en su infancia; trabajador agrícola en lecherías y plantaciones; cortador de banano, ayudante de mecánica, empleado en cuadrillas de limpieza de calles; minero, tornero, despachador de gasolina, y general de un ejército del pueblo, que sostuvo con su brazo armado su verdad y su sacrificio³³⁹.

Como indicado, a preponderância é a de uma figura humana imersa em seu contexto, exemplo de valores e desprendimento. Ao passo que Carlos Fonseca apresentava o pensamento de Sandino, devidamente referenciado e documentado, associado à análise político-social, visando difundir a imagem do mesmo; Ramírez buscava organizar as composições escritas de Sandino, que até então apareciam de maneira dispersa e fragmentada em várias publicações, sem um sistemático rigor. Na apresentação da edição ampliada e final de “*El pensamiento vivo de Sandino*”, de 1984, Ramírez valorizava esse seu esforço na circunstância do fortalecimento do movimento de oposição:

[...] tal intento tuvo la virtud de servir de pieza esencial en la lucha política e ideológica que en esa década decisiva para el triunfo revolucionario, debió librar el Frente Sandinista de Liberación Nacional, tanto dentro como fuera de Nicaragua: proyectar a Sandino y su pensamiento, era un objetivo de vital importancia³⁴⁰.

Portanto, quase concomitantemente a Fonseca, Ramírez empreendia seu empenho de preservar a devida ascensão da memória e histórico de Sandino, não esquecendo que, naquele momento, suas construções atendiam a propósitos intelectuais próprios e até mesmo partidários, sendo mais uma composição em meio a tantas outras que conformariam a pluralidade do sandinismo como cultura política e de seus reusos e aplicações. Todavia, as diferenças se evidenciavam na maneira de trabalhar com o uso do passado e da história

³³⁹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1984. p. 22.

³⁴⁰ Ibid. p. 25.

nicaraguenses. Nesse sentido, mostra-se relevante e proveitoso para nossa análise aqui proposta a comparação entre dois escritos basilares, um de Fonseca e outro de Ramírez, elaborados em um intervalo temporal próximo (meados dos anos 1970) e exemplificadores dos caminhos da cultura política sandinista e de suas tradições que se sedimentavam. “*Viva Sandino*”, extenso ensaio de Carlos Fonseca acerca de aspectos biográficos e político-ideológicos de Sandino, foi elaborado em 1974, mas publicado pela primeira vez somente em 1982, através do trabalho do então recém-criado *Instituto de Estudio del Sandinismo* (IES). Ramírez escreveu “*El muchacho de Niquinohomo*” entre 1973 e 1975, quando ainda estava em Berlim, e nele analisa o contexto e as circunstâncias nicaraguenses e latino-americanas que rodearam a luta do guerrilheiro, além de relatar toda a vida do mesmo. Ambos os documentos são representativos para entendermos o processo de composição da figura de Augusto C. Sandino como referência e conseqüentemente base de uma cultura política.

Tal qual adiantamos, a politização de Sandino é traço pronunciado no texto de Fonseca. A influência da Revolução Cubana permanece como orientação para o autor, repetidamente notada em “*Viva Sandino*”. As primeiras páginas já vinculavam a rebeldia de Sandino à Conferência Tricontinental realizada em Cuba em 1966, às inaugurais Declarações de Havana e ao próprio Ernesto “Che” Guevara. Nas palavras de Fonseca:

O lugar destacado de Sandino foi definido explicitamente por seu digno seguidor, Ernesto Che Guevara [...]. [D]urante longos anos, os próprios nicaraguenses ignoraram a si próprios. Talvez estejamos começando a recobrar a noção de nós mesmos, em consequência do início da nova batalha pela libertação cuja primeira vitória definitiva teve Cuba como cenário³⁴¹.

A inserção de Sandino em uma tradição revolucionária continental visava também reforçar o caráter extremamente elitista e oligárquico das etapas de mudanças ocorridas na Nicarágua. Apesar das “rebeldias seculares”, o atraso na chegada de opções e ideias marxistas e socialistas ao país (emergidas apenas após a experiência cubana) fez com que, de acordo com Fonseca, o único método de análise e resolução dos problemas nacionais fosse o liberal burguês³⁴². Dessa forma, o resultado recorrente seria a ausência de uma mínima noção científica por parte dos setores mais pobres quanto à causa de suas dificuldades e adversidades.

³⁴¹ FONSECA, Carlos. Viva Sandino. In: BALTODANO, Mónica; STEDILE, João Pedro (orgs.). **Sandinismo**: vida e obra. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 26-27.

³⁴² Ibid. p. 42-43.

Sergio Ramírez não faz nenhuma menção ao movimento cubano, optando por apresentar a luta sandinista original como circunscrita ao seu período e contexto. Ou seja, mais do que uma continuidade, a ação coletiva antiditatorial tomaria Sandino como exemplo e lição:

*Por eso, preguntarse por qué Sandino no prosiguió su lucha hasta la conquista del poder, no es más que una proposición romántica; cumplió con su tarea, fue incluso al sacrificio para que su vida y sus acciones, las de sus hombres, pudieran ser recordadas como ejemplo en el futuro latinoamericano*³⁴³.

Enquanto membro de uma geração, é evidente que Ramírez foi influenciado pela experiência cubana, assim como Fonseca foi um modelo intelectual para ele. Porém, sua preocupação parecia ser direcionada à composição de uma cultura nacional popular, um projeto de (re)construção da nação, com reduzidas ambições político-ideológicas em comparação com Fonseca.

Ambos reconheciam a motivação nacionalista e anti-imperialista de Sandino. A distinção está na abordagem da questão e suas motivações principais: para Fonseca, existia a identificação do líder guerrilheiro com ideais socialistas e revolucionários avançados; Ramírez, por sua vez, insiste na percepção do problema da nacionalidade, do desejo de rompimento da histórica dominação externa e oligárquica, fruto de um cenário vivido por ele de privações e pobreza. Segundo Carlos Fonseca:

Naquele tempo havia trevas na mente da multidão popular; mas havia ira no coração dos rebeldes, traídos no Espino Negro. Sandino que, como peregrino em outras terras, pudera acolher em Cerro Azul o ideal proletário vindo de longe, foi o catalisador dessa ira. [...] Ao longo dos anos que sua luta durou, nota-se que a identificação com as ideias sociais limítrofes com o socialismo estiveram presentes em Sandino³⁴⁴.

Por seu turno, Sergio Ramírez acentuava o senso de justiça e patriotismo de Sandino:

El Partido Liberal, en armas contra el gobierno en la Costa Atlántica, peleaba una guerra que, según la mira de Sandino, debía ser también una guerra contra la intervención extranjera, y por eso buscó dar su propia batalla dentro de esas filas. [...] Sandino decidió aquella noche resistir, más con ánimo de sacrificarse como un ejemplo futuro, que con pretensiones de una victoria militar. Aquella decisión transformaría una guerra civil de facciones oligárquicas, en una larga guerra de liberación nacional;

³⁴³ RAMÍREZ, Sergio. El muchacho de Niquinohomo. In: _____. Op. cit. 1984. p. 64.

³⁴⁴ FONSECA, Carlos. Op. cit. 2008. p. 58, 82.

*transformaría una guerra de soldados reclutados a la fuerza y de generales oportunistas, en una guerra en que generales y soldados serían todos pobres e hijos del pueblo, que andarían en harapos, que se llamarían unos a otros hermanos y cuya consigna escrita al pie de todos sus documentos oficiales, junto a un sello que representaba a un campesino decapitando con su machete a un soldado yanqui, sería la de Patria y Libertad; y aquella guerra convencional de montoneras, se transformaría en la primera guerra de guerrillas librada en el continente americano*³⁴⁵.

Em vista disso, não seria um equívoco afirmar que Fonseca pretendia ir além de Sandino, definindo uma espécie de “contra-história” que iria transformar os nicaraguenses em sujeitos revolucionários, capazes de serem os portadores não apenas do anti-imperialismo, mas da própria revolução socialista³⁴⁶. Por outro lado, a recuperação histórica de Sandino realizada por Ramírez, fundamentada quase que exclusivamente em seus escritos e biografia imersos no contexto do período, reiterava o lado humano do personagem, com seus valores éticos a favor da autonomia nacional nicaraguense. Vejamos:

*Para muchos, ese general de los humildes, en cuyo rostro de muchacho se pintaban las huellas de las durezas de la lucha, había conquistado un derecho que los políticos entregados a los intereses de las compañías yanquis nunca habían tenido en cuenta: el de la nacionalidad, el de poder llamarse nicaragüenses, centroamericanos, latinoamericanos, el derecho de no ser colonos de un imperio*³⁴⁷.

O interesse pelo poder talvez esclareça um pouco mais as diferenças de análise. Como buscamos demonstrar nas passagens citadas, Ramírez reafirmava o entendimento do papel de Sandino como luta pelos nicaraguenses, incluindo os setores liberais e conservadores³⁴⁸. Fonseca avançou nesse ponto, enxergando a FSLN – como vanguarda e continuadora da luta sandinista – combatendo pelo povo contra todos os demais grupos políticos tradicionais. Em outras palavras, Fonseca traçava em seu horizonte a revolução político-social como objetivo, algo expandido da meta nacionalista de fim das ingerências estrangeiras no país delineada por Sandino, reiterada por Ramírez em termos de um novo projeto de nação, livre, justa e ética³⁴⁹.

³⁴⁵ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1984. p. 45, 47.

³⁴⁶ BARACCO, Luciano. **Nicaragua**: the imagining of a nation. From Nineteenth-century Liberals to Twentieth-century Sandinistas. New York: Algora Publishing, 2005. p. 78.

³⁴⁷ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1984. p. 60.

³⁴⁸ O traço ‘legitimista’ de Sandino pode ser notado na aceitação e respeito ao governo de Juan Bautista Sacasa, eleito em 1933. Para Jorge Eduardo Arellano, Sandino acreditava lutar com um claro sentido legalista, tendo a constitucionalidade como elemento determinante e inerente ao seu conceito de soberania nacional. Ver: ARELLANO, Jorge Eduardo. Op. cit. 2008. p. 36-37.

³⁴⁹ Seria equivocado dizer que Sandino não possuía nenhuma ambição de poder. Contudo, nos parece que a relação com a questão se direcionava mais à retirada das esferas decisórias daqueles que historicamente iam contra os interesses nacionais (a quem Sandino chamava de “vendepatrias”) e o estabelecimento de uma forma

Para concluir a comparação, é significativo como os autores encerram seus textos. Carlos Fonseca optou por retomar a influência cubana e a necessidade de condução das massas e de todo o processo revolucionário pela FSLN. Assim:

Uma coisa não é uma incógnita: a definitiva libertação nacional e social da Nicarágua não será alcançada se não houver uma organização armada e apoiada nas massas populares e orientada pelos mais avançados princípios revolucionários. As trevas que caíram sobre a Nicarágua a partir do assassinato de Sandino, no crime de 1934, prolongaram-se por um quarto de século. [...] Foi com o advento da Revolução Cubana de 1959 que o marxismo chegou ao rebelde espírito nicaraguense [...sendo] acolhido pela Frente Sandinista de Libertação Nacional que empreendeu de novo a trilha guerrilheira que vem crescendo na Nicarágua desde os últimos meses do ano de 1958³⁵⁰.

Em contrapartida, Sergio Ramírez frisou o pensamento oriundo da prática cotidiana, modelado pelas circunstâncias de luta. Nele, desprovido de interesses pessoais ou de poder, estariam os grandes exemplos de senso de justiça e nacionalidade:

La lucha de seis años del general Sandino en las montañas nicaragüenses, a la cabeza de un puñado de campesinos y obreros, debe verse como resultado histórico de siglos de dominación extranjera en su patria y de la constante entrega de los grupos dominantes a esos mismos poderes extranjeros. Aquellos hombres [...] probaron algo que hasta antes de la aparición de ese ejército del pueblo, había quedado escondido en los vericuetos de la historia latinoamericana: la hermosa posibilidad de que unos campesinos, con sus líderes propios, con sus tácticas forjadas al golpe de la marcha, con su doctrina surgida del proceso mismo de la lucha, organizaron una resistencia exitosa por la autonomía nacional³⁵¹.

Desse modo, pensar em uma cultura política sandinista com a qual Ramírez dialogou e foi ao mesmo tempo difusor está atrelado substancialmente com essa restauração de um Sandino histórico, portador de valores éticos considerados puros e justos. A partir dessa consideração e da construção desse discurso, o fazer-se intelectual e político de Ramírez – seja antes, durante e/ou após o regime liderado pela FSLN – torna-se mais coeso e apreensível, como pontuaremos a continuação.

Diferente dos classificados “ideólogos” da revolução nicaraguense (Fonseca, Humberto Ortega, Tomás Borge, Jaime Wheelock), Ramírez pareceu não querer transformar radicalmente a herança de Sandino. O resgate do *corpus* deixado por ele foi o primeiro e

de poder de caráter popular e concernente a todos os setores nicaraguenses, não necessariamente com sua pessoa como mandatário.

³⁵⁰ FONSECA, Carlos. Op. cit. 2008. p. 101.

³⁵¹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1984. p. 63.

imprescindível ato a favor da sistematização de uma visão patriótica, mas também de uma proposta cultural e social. Em tal discurso de Ramírez, a remodelação da situação de dominação (a intervenção armada dos *marines* no início do século XX e o regime autoritário familiar na segunda metade do mesmo século) teria fortalecido a convicção da luta contra uma realidade de exclusão, a ser pautada em uma postura moral íntegra; rigorosamente, a crítica posterior de Ramírez e outros nomes e setores às mudanças na FSLN e no uso retórico do sandinismo. Ou seja, as elaborações e projetos de Ramírez tinham suas motivações próprias. Imerso em uma projeção histórica de acordos interelitistas e do uso do Estado como fruto desses pactos, alinhar uma proposta que se declarava ética e historicizada mostrava-se uma missão para si mesmo na condição de intelectual comprometido e que “falaria” pelos subalternos. A consciência do que fora a ditadura e a esperança de superar esse passado atuava como uma força centrífuga que Ramírez buscava envolver em diálogo com o rearranjo do país. Uma perspectiva que deu mostras de alentar constantemente seus esforços, adequando-se às situações e transições ocorridas, tal como uma marca de fidelidade por seus princípios.

Essa perspectiva sobre o uso da imagem de Sandino e mesmo sobre a condução política daquele momento em questão pode ser encontrada em outros escritos de Ramírez. Um, em especial, foi tão amplamente divulgado e reproduzido quanto “*El muchacho de Niquinohomo*” e os tomos de “*El pensamiento vivo de Sandino*”: trata-se de uma conferência intitulada “*Sandino: clase e ideología*”, proferida por Ramírez a jovens e militantes em maio de 1980 na *Escuela de Cuadros del Frente Sandinista de Liberación Nacional “Ricardo Morales Avilés”*, fundada em 1979. O trabalho aprofunda a análise do pensamento e das razões de Sandino já expostas em “*El muchacho...*”, dessa vez com a apropriação dando uma sustentação mais nítida ao discurso revolucionário, uma vez que naquele momento já era um dos membros da Junta de Governo que conduzia o país.

De maneira didática, Ramírez apresentou o contexto social da luta sandinista, remetendo ao fim do século XIX com a revolução liberal de 1893 e a incorporação tardia à divisão internacional do trabalho; e o posterior retorno ao poder da oligarquia pecuarista no início do século XX, com apoio direto dos Estados Unidos, de modo a facilitar a ocupação desses últimos baseada em uma justificativa ideológica condicionada a agradecer e a julgar a interferência estadunidense como salvadora e civilizadora³⁵². Segundo Ramírez, a submissão dos grupos oligárquicos, a debilidade dos setores médios e o não desenvolvimento de uma

³⁵² RAMÍREZ, Sergio. Sandino, classe e ideologia. In: BALTODANO, Mónica; STEDILE, João Pedro (orgs.). Op. cit. p. 107.

burguesia local confluíram para a inexistência da nacionalidade como cabeça de um espectro ideológico, fundamentando o estigma “*vendepatria*”: “E a complacência e cumplicidade dos grupos dominantes locais leva-os a encampar esse projeto ideológico [afã de demonstrar a excelência econômica que a dominação acarretava, superioridade racial estadunidense], buscando refleti-lo em todos os aspectos da vida nacional³⁵³”.

O problema da nacionalidade e a privação de uma cultura e ideologia próprias estariam, então, entre os principais impulsores da luta de Sandino, que, pela primeira vez, introduzia a variável popular em meio à tradição de guerras de facções de caudilhos e proprietários de terras:

A luta de Sandino contra os yankees não foi a luta da burguesia nacional contra a ocupação militar estadunidense, mas a luta do povo, como classe, que assumia em armas a defesa da nação e da nacionalidade [...]. E, devido à composição popular do exército libertador, à projeção ideológica que no fundo tem essa luta, ao momento histórico em que está inscrita, possui um caráter de classe, independente de que em um contexto teórico receba ou não orientações de caráter classista. [...] Mas na práxis, no combate diário, na expressão ideológica desse combate, a luta de Sandino foi uma luta de caráter nitidamente popular³⁵⁴.

O que Ramírez buscava projetar era o reconhecimento de Sandino como profundo entendedor da realidade nicaraguense, visto que o mesmo compreendeu a aliança entre as oligarquias e a dominação estrangeira, um pacto antipopular que resultava na motivação antioligárquica e anti-imperialista de sua luta de resistência. Isto é, para o intelectual, em caráter de sacrifício, Sandino encabeçou um reduzido setor popular que soube interpretar os interesses nacionais como uma vanguarda histórica³⁵⁵. Isso implica um pequeno avanço analítico de Ramírez, deixando mais claro que o movimento sandinista havia sido sim produto de um contexto específico, mas não foi estático ou estava confinado como um fenômeno histórico do fim dos anos 1920 e início dos 1930; possuindo uma dinâmica no panorama contemporâneo:

Só podemos ler Sandino no contexto dessa dinâmica, visto que a guerra contra a ocupação estrangeira não terminou em 1933, mas continuou em 1933, e que a luta de Sandino não foi mais do que uma parte de toda essa guerra, que desembocou na vitória de 19 de julho de 1979³⁵⁶.

³⁵³ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2008b. p. 111.

³⁵⁴ Ibid. p. 113-114.

³⁵⁵ Ibid. p. 115.

³⁵⁶ Ibid. p. 116.

É interessante notar como os primeiros anos de governo na década de 1980 remodelaram sensivelmente o discurso de Ramírez, tornando-o mais próximo do teor utilizado por Carlos Fonseca. Enquanto membro importante da FSLN e referência como figura intelectual do período, além da inegável euforia pós-vitória insurrecional, é compreensível o crescimento das referências à Frente Sandinista em seus discursos e escritos.

Nesse sentido, em “*Sandino: clase e ideología*” o tom “partidário” se alia aos seus recorrentes enunciados éticos e de reconstrução da nação. Os elementos fundamentais de Sandino foram apresentados de maneira mais propositiva, antefendo as ideias de soberania, autonomia e nacionalidade às de anti-imperialismo e antioligarquismo, por exemplo; apresentando-as como conceitos populares e de classe³⁵⁷. Emaranhar-se por essas ideias e pela dinâmica do pensamento de Sandino era necessário para reconhecer a atualidade das suas reivindicações e ações, em uma raiz popular comum:

Se analisássemos essa concepção da luta com um critério imediatista, iríamos considerá-la um fracasso. Mas se tomarmos a epopeia de Sandino como a base de uma luta histórica, que sequer começa ali, mas que tem antecedentes em todo nosso passado de resistência popular, então, verdadeiramente, ela adquire uma dimensão de eixo na história de libertação da Nicarágua: uma luta que vai desembocar mais tarde na Frente Sandinista³⁵⁸.

“*Bajo la sombra de Sandino*”, sob seu amparo e sob o controle daqueles que elaboraram essa lembrança, tratava-se de exprimir uma dinâmica histórica (com matriz na luta nas montanhas segovianas) escorada em um nacionalismo militante e armado e, sobretudo, em um caráter anti-imperialista.

Em uma perspectiva mais teórica é interessante que retomemos Serge Berstein³⁵⁹, quando este pontuou que os nascimentos das culturas políticas correspondem às respostas dadas a uma sociedade frente aos grandes problemas e crises, com fundamento suficiente para que se inscrevam na duração e atravessem gerações. Seguindo tal concepção, a cultura política sandinista e seu vetor difundido por Ramírez, e com o qual também dialoga, atende a esse critério ao proclamar-se como solução à situação de dominação e marginalização dos setores populares. Para aquele período, logo após a ascensão revolucionária ao poder, a

³⁵⁷ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2008b. p. 117.

³⁵⁸ Ibid. p. 123.

³⁵⁹ BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

idealização de uma leitura comum do passado e de uma projeção no futuro vivida em conjunto passava necessariamente pelo anti-imperialismo como aspecto de união.

Consideramos o destaque aos traços éticos e históricos mais relevantes na apreensão de Ramírez em tal trabalho com a cultura política sandinista, porém, é inegável que o componente ideológico associado às noções anti-imperialistas precisava ser usado, a fim de enraizar o projeto político da FSLN; já que seria através e dentro desse projeto que Ramírez poderia propagar suas propostas intelectuais. Em uma palestra ministrada em um evento³⁶⁰ sobre a herança de Sandino realizado na *Universidad Centroamericana* (UCA), pouco após a queda do somozismo, Ramírez ressaltou a constante anti-imperialista no histórico das lutas de libertação na Nicarágua, de maneira a vincular os esforços de Sandino diretamente às condições de injustiça vivenciadas no país. Mais uma vez, a consideração do contexto social e político-econômico exibiu-se como ponto vital na análise do intelectual.

Naquela oportunidade, um trecho de sua fala retrata o teor da elaboração de uma premissa básica para a vertente da cultura política que estamos tratando, conectando o fundamento ideológico aos valores éticos e históricos de sua ação:

Muchos historiadores y politólogos se preguntan si realmente existió un pensamiento de Sandino, un pensamiento sandinista. La respuesta es claramente, sí. La lucha sandinista de 7 años en las Segovias y lo que significó como consecuencia histórica en Nicaragua, tuvo una expresión ideológica; lo que habría que determinar es cuáles son los parámetros de esa expresión ideológica. [...] Lo que siempre he querido demostrar alrededor del pensamiento de Sandino es la carga de verdad, la carga de praxis que tiene el pensamiento sandinista, la cual le da un contexto ideológico³⁶¹.

Com características plurais e multifacetadas, as culturas políticas podem também ser percebidas como fenômenos dinâmicos, resultante de experiências e expectativas dos indivíduos e grupos em ação. Ademais, enquanto leituras do passado que conotam positiva ou negativamente períodos, personagens, eventos e textos referenciais, é viável o vínculo com a cultura histórica, a relação que uma sociedade mantém com seu passado. Nesse sentido, a noção de cultura política implicaria a identificação de uma espécie de um conjunto de

³⁶⁰ Ocorrido entre os dias 27 e 31 de agosto de 1979, o “*Seminario Político Educativo sobre Sandino, el Sandinismo y sus proyecciones en la determinación del Proceso Educativo*” teve como temática central o ideário político-social de Sandino, com participações de lideranças revolucionárias e intelectuais.

³⁶¹ RAMÍREZ, Sergio. El ideario político-social de Sandino y el sandinismo. Análisis histórico-social del movimiento sandinista desde el origen hasta la maduración. **Encuentro**: Revista Académica de la Universidad Centroamericana, n. 15, 1980. p. 10.

referenciais constituídos e formalizados em um grupo social ou a partir de uma tradição política; ou seja, um fator de agregação social, uma visão comum da vida em sociedade.

É nesse entendimento que a figura de Sandino foi retomada por Ramírez, conforme uma referência e exemplo de valores e atitudes humanas que historicamente poderiam ser reagrupadas. Vejamos:

Sandino no es un individuo, Sandino no es un caudillo en el sentido tradicional, no es una figura arbitraria de la historia nicaragüense, sino que Sandino resume siglos de explotación, de dominación colonial, de dominación extranjera en Nicaragua, de injusticias. Sandino representa el pensamiento de miles de campesinos, de miles de trabajadores humillados, explotados de esta tierra, que por primera vez pueden organizar en un contexto lúcido en Nicaragua, sus demandas, las demandas por las tierras, las demandas por las justicias, que a su vez tienen que ver mucho por la soberanía nacional. Es decir, no existe en el contexto sandinista soberanía nacional sin justicia social, son dos cosas que están íntimamente ligadas, o mejor dicho, son dos cosas que son la misma cosa³⁶².

Desse diálogo entre passado e presente o processo instituinte de uma nova sociedade poderia se tornar legível, é dele que poderia surgir uma compreensão sintética do mundo e especificamente uma tentativa de uma “nova Nicarágua” sandinista.

O reconhecimento de Ramírez como difusor dessa ampla cultura política sandinista, só que permeada pelo destaque aos valores tidos como éticos e históricos de Sandino, bem como baseada em um projeto de (re)construção da nação, carrega consigo a autofiguração como intelectual responsável por conduzir os setores subalternos da sociedade (tema exposto nos capítulos anteriores). Atuando como escritor preocupado em narrar a nação, em descrever figuras aglutinantes e em expressar o caráter cultural do país e da região, Ramírez percebia Sandino como fundamental para sedimentar e conjugar os novos ideais culturais e sociopolíticos:

*Porque no se ha profundizado verdaderamente en el pensamiento de Sandino, yo creo que una de las tareas principales de la revolución va a ser que cada día que pase, se pueda sistematizar el estudio del pensamiento de Sandino. Tendrá que haber en las universidades cátedras de estudios sandinistas; tendrá que haber seminarios de estudios sandinistas permanentes en Nicaragua. Cada día que pase, esto se volverá más importante, no sólo para explicar el pensamiento en sí de Sandino en sus cartas, proclamas, discursos, sino la influencia directa e indirecta que Sandino representa en el pensamiento revolucionario a partir de entonces; y esto es muy importante, es decir, **ninguno de los ideólogos del movimiento sandinista en Nicaragua, a partir de entonces, puede aplicarse a sí este***

³⁶² RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1980. p. 14.

pensamiento sandinista original. [...] Ningún revolucionario nicaragüense puede explicar su pensamiento sin estos orígenes del pensamiento sandinista. Es decir que toda la rueda de la revolución en Nicaragua, gira impulsada por este motor que es el pensamiento sandinista [...] ³⁶³.

O destaque na citação acima antecipa uma das principais críticas às transformações na FSLN e na condução política de Daniel Ortega ocorridas desde os últimos anos do século XX, relacionando-se com as ressignificações e reapropriações da cultura política sandinista e de suas diferentes tradições. Nesse caso, cisões internas, discordâncias na interpretação do poder e da noção de política, além da própria ação do tempo, compuseram contextos específicos, alterando o antes positivo e empolgado ambiente social nicaraguense. A despeito disso, não podemos refutar a presença de uma ampla cultura política sandinista nos anos 1980 (para além de orientações e vertentes mais específicas e direcionadas, como a conduzida por Ortega e a direção da FSLN ou a trabalhada por Ramírez), sendo as distintas interpretações e usos igualmente relevantes e importantes no fortalecimento e disseminação da mesma. Dessa forma, podemos refletir como, num dado momento histórico, uma cultura política constitui um todo homogêneo cujos elementos são interdependentes e cuja apreensão permite perceber o sentido dos acontecimentos em sua complexidade, graças à visão de mundo das pessoas que compartilham essa cultura.

Tal qual apresentamos, uma abrangente cultura política assentada na imagem referencial de Sandino cobria praticamente todos os setores sociais ligados direta ou indiretamente ao novo governo instaurado (incluindo não militantes), permitindo que interpretações particulares e/ou direcionamentos singulares (individuais ou coletivos) gerassem novas tradições a partir desta, à semelhança do que expomos ao redor de Ramírez.

Neste sentido, para o então membro da Junta de Governo, o pensamento de Sandino permanecia contemporâneo, suas ideias básicas eram o sustentáculo para o desenvolvimento de novas propostas a favor da soberania e nacionalidade nicaraguenses:

No podemos decir que todas las ideas que mueven el proyecto revolucionario sandinista estaban en la mente de Sandino, que estaban en el proyecto de Sandino. Tenemos que pensar que se trata de otra época, de circunstancias con matices diferentes; si bien es cierto que la intervención es la misma, que la contradicción es la misma y que el enemigo es el mismo, el desarrollo de las fuerzas productivas en el país es diferente, tiene otra calidad; el desarrollo de las fuerzas sociales en Nicaragua también está en otra etapa ³⁶⁴.

³⁶³ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 1980. p. 15-16. O grifo é nosso.

³⁶⁴ RAMÍREZ, Sergio. Vigencia del pensamiento sandinista. Conferencia pronunciada por el doctor Sergio Ramírez Mercado, miembro de la Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional, en el auditorio del diario

Ao menos para Ramírez, a possibilidade de sair de um antigo debate teórico sobre a conduta da esquerda latino-americana quando estava no poder marcava o sandinismo como um modelo de concepções próprias, após um longo período de frustrações: “[...] *y la novedad en Nicaragua, y la esperanza, era que se rompían los viejos moldes para dar paso a un proyecto novedoso, y por tanto, diferente*³⁶⁵”. Contudo, para o intelectual, toda essa potencialidade inovadora revelar-se-ia, ao fim, frustrada.

A análise dos escritos e discursos de Ramírez no período de auge do movimento sandinista (últimos períodos dos anos 1970 e primeira metade da década seguinte) retrata a relação de duas constantes: a profissão de escritor e a experiência militante revolucionária que o definem a si mesmo. De acordo com Diana Irma Moro³⁶⁶, tal amálgama sinaliza também a presença constante de um “eu” autoral que argumenta e fala de si mesmo, com discursos que monumentalizam atos e autofigurações como um escritor que participou heroicamente da etapa revolucionária.

O teor das sentenças de Ramírez apresentadas nas páginas antecedentes expõe um intelectual defensor da cultura política sandinista com um destaque ao que considerava um viés ético e humano, mas que, por sua posição e vivência, abarcava inevitavelmente uma carga ideológica que o aproximava naquele momento ao conteúdo classista e “politizado” de Carlos Fonseca e da liderança da FSLN. Ademais, como já apresentamos, a formação universitária de Ramírez coincide com o ambiente de confiança pós-Revolução Cubana e com a abundante elaboração de teoria social, econômica e política produzida desde fins dos 1950 em diante³⁶⁷.

O que pretendemos pontuar é que essa ligação não interfere ou impossibilita a reflexão mais histórica de Ramírez, mantendo sua interação com a cultura política sandinista indicada mesmo após a derrocada do regime liderado pela FSLN, e até mesmo tornando-se um dos principais críticos da gestão do processo e do que se estava fazendo conseqüentemente.

Nessa lógica, as obras e ensaios de Ramírez sobre a Revolução Sandinista podem ser ponderadas como parte essencial na assimilação da cultura política sandinista aqui tratada. Produzidas e publicadas quase em sua totalidade nos anos 1980, veiculavam discursos e relatos do autor apegados à ambição de uma independência cultural e de um nacionalismo

Barricada. Managua, 3 de febrero de 1983. In: INSTITUTO DE ESTUDIO DEL SANDINISMO. **El sandinismo: documentos básicos**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1983. p. 25.

³⁶⁵ RAMÍREZ, Sergio. Un sandinismo en el que creer. In: _____. **Oficios compartidos. Un sandinismo en el que creer**. Poitiers, França: Centre de Recherches Latino-Américaines-Archivos, 2000.

³⁶⁶ MORO, Diana Irma. Sergio Ramírez: ensayo y autofiguración. **Revista Pilquen**, Sección Ciencias Sociales, ano XVI, v. 17, n. 01, 2014. p. 07.

³⁶⁷ Ibid. p. 02.

comprometido, com estratégias ideológicas de criar e fortalecer uma imagem positiva do país e do processo revolucionário. “*El alba de oro*”, de 1983, por exemplo, reúne textos que constituem documentos da construção política e ideológica da situação revolucionária e de seu próprio crescimento como intelectual³⁶⁸. Na introdução do livro, Ramírez expôs um toque comum à maioria de suas publicações do período:

*Este libro, sin embargo, es el libro de un escritor pero concebido de una manera diferente: como las reflexiones e impresiones de un dirigente político sobre un proceso histórico crucial para la América Latina, como es la revolución popular sandinista, un proceso que todos los días suma nuevas experiencias, afina sus virtudes y corrige sobre la marcha sus errores. [...] Es el testimonio diario, sin pretensiones, de un intelectual en su aprendizaje constante con la revolución y con las masas que dirigidas por el Frente Sandinista, la llevan adelante*³⁶⁹.

É interessante notar que seu proclamado compromisso com a dignidade humana e com a soberania nacional (bases da visão da cultura política sandinista que difunde e dialoga) está presente tanto em seus ensaios e discursos quanto nas obras literárias, exteriorizando uma função ideológica do narrador, que busca recursos expressivos mais idôneos para descrever (ou ficcionalizar nos romances) a realidade histórica e política nicaraguense. Registrar e documentar sua versão das experiências passadas, garantir a memória e ratificar suas ideias de nação, esses pareceram ser objetivos de Ramírez ao fragmentar a realidade trabalhando com dicotomias (passado/presente, ditadura/sandinismo, atraso/progresso), de modo que não apenas o lado político, mas a cultura e a literatura constituíssem formas de representação do panorama sócio-histórico.

Defendemos a ideia de que o período pós-derrota eleitoral da FSLN foi o de confirmação de Ramírez como gestor e difusor da cultura política sandinista, notadamente de uma tradição específica oriunda da mesma. Para tanto, suas ações e decisões foram tão importantes quanto seus escritos e discursos. Assim, abordaremos algumas realizações do mesmo após o intervalo como vice-presidente e em meio às mudanças no contexto nicaraguense.

Mais do que a transição de governo, foram as alterações no seio do bloco sandinista que repercutiram de maneira intensa em Sergio Ramírez. Sabe-se que as diferenças de

³⁶⁸ MORO, Diana Irma. **La narrativa de Sergio Ramírez y las significaciones de la figura de Rubén Darío en la constitución de la literatura nicaragüense**. Tese de Doutorado em Letras. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. 2013. p. 192.

³⁶⁹ RAMÍREZ, Sergio. **El alba de oro: la historia viva de Nicaragua**. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1985. p. 09.

pensamento já existiam no interior da FSLN desde antes da vitória insurrecional de 1979, e que persistiram nos 1980 sobrepostas por um desejo comum de mudança. O desfecho das votações de fevereiro de 1990 serviu com uma espécie de pretexto para que tais discordâncias voltassem à tona. Nos anos ulteriores, Ramírez defenderia a premissa de que a queda sandinista se deu em grande parte pelo fim da ideia de projeto coletivo, com o isolamento da direção da Frente Sandinista em relação à população, principal motor de ascensão da FSLN e igualmente do regime da mesma. Ao fim, a democracia tornou-se o principal produto da etapa revolucionária. O reconhecimento da derrota em 1990 e a abertura da possibilidade de um caminho político mais democrático (via processo eleitoral) talvez tenham sido legados mais visíveis do que as tentativas de promoção de desenvolvimento e riqueza ao menos amparados.

Nas palavras de Ramírez:

Hay un abismo que empieza a ensancharse entre el idealismo revolucionario de la lucha, y el proyecto político, ya en el poder. Lo que pudo haber sido la nueva calidad de la izquierda en el poder, se perdió en los vericuetos de una cultura política tradicional y en muchos sentidos bastante elemental. Quienes habían llevado al sandinismo al poder por la fuerza de las armas, y detentaban el poder real, eran hijos de los manuales, donde los modelos políticos estaban predeterminados, y simplificados. Y no deja de ser éste un asunto cultural; los modelos reales eran Cuba y el campo soviético, aún en sus rituales. Copiarlos, o imitarlos, era más sencillo que inventar otros distintos dentro de la amplia gama de posibilidades que una revolución abre para crear. Y ese potencial creador, resultó frustrado³⁷⁰.

Para ele, a questão da manutenção do consenso foi deixada de lado pelos mandatários do país (“*se impusieron con más fuerza la arrogancia y los prejuicios ideológicos*³⁷¹”) e, a partir da ascensão de Violeta Chamorro à presidência, a obsessão por retornar ao poder transformou os direcionamentos da FSLN, fazendo da imagem de Sandino apenas um mero recurso retórico.

A derrota eleitoral da FSLN em fevereiro de 1990 não pôs fim ao sandinismo enquanto ideia de uma nação independente, democrática e livre de ingerências externas inspirada no pensamento e ações de Augusto C. Sandino, mas sim ao projeto político-social de uma organização sandinista (ainda que derivada de uma autoadjetivação) que deteve as esferas decisórias de poder por cerca de uma década.

Sob a perspectiva da FSLN, o governo Chamorro foi uma etapa interna de desorientação e debate, dando início ao processo de discussões entre grupos e linhas de

³⁷⁰ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2000.

³⁷¹ Idem.

orientação, muitas vezes com teores pessoais e violentos. A controvérsia em torno das reformas constitucionais que pretendiam pôr fim à fusão Estado-partido aplicada pelos sandinistas na década anterior, bem como eliminar a corrupção administrativa e o encobrimento de poderosos pode ser considerada um dos pontos altos da então latente cisão na FSLN. Porém, antes mesmo de tais debates em meados dos anos 1990, as diferenças e a decomposição interna já eram visíveis. Ainda em 1990, o primeiro congresso da Frente Sandinista foi realizado para tratar dos motivos da derrota eleitoral, assim como da necessidade de recomposição organizativa e discursiva, e do estabelecimento de uma estratégia agora como força de oposição³⁷².

A acelerada transformação de uma organização controladora de todos os aparatos estatais a um partido “normal” trouxe consigo distintas visões da condução dessa etapa. Por um lado, uma corrente renovadora, pragmática, representada principalmente por membros em cargos de representação e institucionais (como deputados, por exemplo), defensores de uma transformação que estabelecesse uma formação política ampla, que dialogasse com diferentes setores sociais e políticos, buscando um consenso. Os então líderes parlamentários Sergio Ramírez e Dora María Téllez, além de Henry Ruiz e Luis Carrión (dois dos nove comandantes da Direção Nacional durante o governo da FSLN) encabeçavam dita corrente, depois nomeada como “*Por un sandinismo que vuelva a las mayorías*”, em referência a um documento homônimo publicado por esse grupo em fevereiro de 1994.

A outra linha, conhecida como “*Izquierda Democrática*”, possuía características mais ortodoxas, principistas, decidida a manter as estruturas, estratégias e estilo político, ou seja, uma oposição beligerante e combativa, buscando manter o que consideravam uma vocação revolucionária e vanguardista. Liderados por outros membros históricos como Daniel Ortega e Tomás Borge, basicamente possuíam o controle das principais instâncias do aparato partidário e das bases organizadas.

O encargo de adaptar-se a um entorno adverso e impensável a partir de 1990 favoreceu a implementação de medidas teoricamente mais democráticas no interior da FSLN enquanto partido. O estatuto aprovado em 1991 elucidava o respeito à Constituição, definia a supremacia de um Congresso Nacional e de uma Assembleia Sandinista sobre a Direção Nacional (posteriormente dissolvida), além da autonomia orgânica de movimentos e organizações próximas à FSLN, inaugurando marcos realmente partidários.

³⁷² MARTÍ I PUIG, Salvador. Mutaciones orgánicas, adaptación y desinstitucionalización partidaria: el caso del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), 1980-2006. **Revista de Estudios Políticos** (nueva época), n. 143, 2009. p. 112.

Contudo, a ferrenha disputa pela manutenção de espaços e influências nucleares, especialmente por parte da linha comandada por Daniel Ortega, parece indicar que, mais do que reflexões acerca de valores e estratégias político-institucionais que beneficiariam a democracia nicaraguense, foi uma lógica crua de preservação de poder que permeou as cisões e mutações da Frente Sandinista. A esse respeito, afirmou o cientista político Nayar López Castellanos:

*El debate interno en el Frente, planteado inicialmente para mejorar la organización bajo una lógica democrática, terminó con una división que solo reflejó el peso de los intereses individuales y de grupo frente a las necesidades políticas que la sociedad nicaragüense, sobre todo aquella de filiación sandinista, esperaba de esta fuerza en el contexto de la ola neoliberal que pulverizó toda prioridad social para Nicaragua en un corto tiempo*³⁷³.

Os rompimentos no eixo partidário causaram saídas de antigos líderes e personagens relevantes no governo revolucionário, sendo a criação do *Movimiento Renovador Sandinista* (MRS) em 1995 um marco na tendência de condução personalista da FSLN. Reunindo, basicamente, a militância sandinista associada aos âmbitos intelectual, acadêmico e cultural-artístico, e sob a liderança de Sergio Ramírez, o MRS selou a ruptura do sandinismo como agrupação política unitária. O considerável apelo ideológico, mas com resultados pouco numerosos nos pleitos seguintes demonstraram que o MRS era uma força política em âmbito nacional, porém com reduzido vigor eleitoral³⁷⁴; resultando, em nível partidário, na manutenção de praticamente todo o patrimônio simbólico sandinista com a FSLN³⁷⁵. Apesar desta constatação acima, nos interessa notar a liderança de Ramírez na criação e no rumo proposto ao partido.

Como afirmado, defendemos a hipótese de Ramírez como interlocutor da cultura política sandinista e de uma tendência e tradição associada à ela, baseada no destaque e consideração de atributos éticos de Sandino e em sua valoração histórica. Na análise das culturas políticas, as esferas de socialização são elementos importantes na fundamentação das mesmas, e nesse ponto podemos incluir os partidos políticos. Tomando como premissa a ideia da inércia do político, existindo uma capacidade dos partidos de perdurar e originar uma

³⁷³ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. **Nicaragua, los avatares de una democracia pactada**. Managua: UCA Publicaciones, 2013. p. 31.

³⁷⁴ Em suas primeiras eleições em 1996, por exemplo, tendo Ramírez como candidato presidencial, obteve apenas 0,44% dos votos, menos de 8.000 eleitores. Também derrotado, Daniel Ortega, por sua vez, conseguiu 37,83%, quase 665.000 votos.

³⁷⁵ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. Op. cit.; MARTÍ I PUIG, Salvador. Op. cit. 2009.

tradição, Berstein³⁷⁶ apontou que a formação ideológica dos partidos políticos pode se dar sob a forma de uma cultura política difusa, se impondo aos membros de dita formação. Desse modo, as funções do partido político, segundo o mesmo Serge Berstein, são as de mediação e socialização política e seleção das elites políticas. Entende-se por socialização política o viés da cultura que portam. Ademais, caberia aos partidos estruturarem o eleitorado, dando-lhes uma identidade política; além de organizar a sociedade segundo novas clivagens, a das ideologias.

Em homenagem ao nascimento de Sandino, o MRS foi fundado em 21 de maio de 1995. Nessa mesma data foram aprovados seu estatuto, programa e regulamentos. As contradições sobre a política e atuação da FSLN foram retratadas principalmente em relação à democracia interna, às lutas político-sociais e às reformas constitucionais, condenando uma inclinação centralizadora e autoritária de Daniel Ortega e seu grupo. O programa aprovado em dito marco fundacional é expressivo na captação do viés ético proposto, em consonância com a cultura política sandinista trabalhada por Ramírez:

*Nicaragua vive una profunda crisis política, económica y social, pero que es sobre todo una **crisis moral**. El país parece haber perdido sus esperanzas y su visión de futuro, y al tiempo que regresan viejas formas de dominio y opresión, prosperan el egoísmo, la insensibilidad ante la miseria de las mayorías, la ausencia de solidaridad social, la ambición por el dinero fácil, la doble moral, la corrupción escandalosa, los negocios ilícitos, el culto al consumo, y la depredación de las riquezas naturales. [...] Es necesario romper para siempre con los esquemas autoritarios de poder, y **colocar al ser humano como el centro de la historia**, en una sociedad que recupere y promueva los valores fundamentales de solidaridad, desprendimiento y fraternidad. [...] Es así que nosotros, hombres y mujeres libres, en uso de nuestros derechos ciudadanos, y en el centenario del nacimiento de Sandino, hemos decidido constituirnos en partido político de inspiración social y democrática [...]*³⁷⁷.

Tais quais as passagens de escritos e discursos de Ramírez expostos nas páginas anteriores, a preocupação com os aspectos éticos, morais e humanos é fulcral na estruturação do MRS. Nesse ponto de vista, a defesa de princípios de justiça social, democracia plenamente igualitária, soberania nacional, transparência e honestidade nas decisões políticas pode ser compreendida como uma tentativa de restaurar uma postura ética do sandinismo

³⁷⁶ BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (org). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

³⁷⁷ MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. **Principios y programa aprobados por la Convención Constitutiva**. Managua: [s.n.], 1995. p. 02. O destaque é nosso.

enquanto cultura política, em contraposição às obsessões pessoais pelo poder conduzidas por outros setores oriundos da FSLN.

Os estatutos do MRS – aprovados em 1995 e posteriormente reformados – reiteravam a atenção aos traços morais, além de associá-los à influência direta de Sandino:

*Nos inspiran la gesta y los ideales de Sandino, nuestro héroe nacional, y hacemos nuestro el legado de las mujeres y hombres que con sus obras, su vida y sus luchas han engrandecido la Patria, han defendido su soberanía y su decoro, y han elevado al pueblo a lo largo de nuestra historia. Rescatar su ejemplo y sus virtudes más allá de sus filiaciones políticas, será propósito de nuestro Partido*³⁷⁸.

Por conseguinte, tendo Ramírez como líder, membro fundador e principal referência, o MRS atuou como um dos pilares da estabilização e difusão de uma tradição da cultura política sandinista aqui apresentada. Sob a leitura estritamente política, o surgimento do MRS e das divisões transpareceria na FSLN como um possível gradual abandono das posições revolucionárias para priorizar uma prática política pragmática encaminhada à proteção do poder do partido dentro das então novas condições irrompidas com a transição³⁷⁹.

Os posicionamentos de Ramírez nesse período ressaltavam discursivamente que o sandinismo como ideal nacional aglutinador sempre esteve presente, especialmente nos setores populares que sonharam com uma melhora substancial em suas condições de vida. O problema seria o “desvirtuamento” daqueles que detinham as esferas de poder e que focaram mais nos princípios político-partidários do que em valores básicos de uma incipiente democracia. Para Ramírez, a rigidez de pensamento dos dirigentes políticos se sobrepôs aos ideais morais recuperados de Sandino: “*En esto, el sandinismo, como prédica y como sentimiento, tuvo una calidad humanista, que al final debía terminar chocando con el rígido modelo propuesto que partía de la concepción de vanguardia dueña de la razón histórica total y que era, por lo tanto, antidemocrática*”³⁸⁰.

A etapa de renovação era percebida por Ramírez como necessária para manter o sandinismo como força popular, nacional e democrática. Pouco antes de se desligar da FSLN, o intelectual afirmou: “*El desafío es demostrar que existe un sandinismo nuevo, viable, un*

³⁷⁸ MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. **Estatutos MRS**. Managua: [s.n.], 2012. Arto. 3. p. 03.

³⁷⁹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Entre el Estado Conquistador y el Estado Nación**: providencialismo, pensamiento político y estructuras de poder en el desarrollo histórico de Nicaragua. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica – Universidad Centroamericana, 2003. p. 672.

³⁸⁰ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2000.

*sandinismo que sea alternativa de poder*³⁸¹”. Porém, como minoria dentro de um partido que se considerava rigidamente preso a tradições revolucionárias, sua posição foi suplantada por posturas mais ortodoxas de outros membros que insistiam na manutenção da mesma dinâmica partidária da década anterior, sem reconhecer erros ou atitudes equivocadas. Para Erick Aguirre³⁸², as separações e saídas de membros e grupos estavam associadas a não aceitação pela cúpula dirigente da posição da FSLN no novo cenário democrático e igualmente da importância dessa colocação para o aprimoramento político do país.

Estrategicamente, o MRS pretendia manter vivo o sandinismo enquanto gerador de consenso e unidade nacional, buscando resguardar os ideais de Sandino como a mais alta expressão de patriotismo nicaraguense. Com atuação mais destacada em meados dos anos 1990, nos primeiros anos como agrupação partidária, a prática política do MRS se proclamava direcionada ao estabelecimento de um Estado mais justo e de uma sociedade mais democrática, sempre reivindicando os princípios sandinistas como orientação. A questão é que tal recurso discursivo de manutenção e uso do sandinismo como ideal aglutinador também era aplicado pela FSLN e por outros grupos que surgissem de cisões dessa última, resultando em um complexo jogo de disputas pelo uso da imagem e ideário de Sandino.

As eleições de 1996, com Ramírez como candidato presidencial, revelou-se uma frustração para o grupo, tendo como consequência um natural enfraquecimento em seu vigor e na disposição de seus membros, principalmente em Ramírez. Distante das esferas de poder e progressivamente dos palcos políticos, ele retornaria ao ofício de escritor como atividade elementar, mas sem abandonar suas referências e a cultura política sandinista em que estava inserido e promovia. Acerca desse plano, em uma visão em perspectiva, indicou Ramírez:

Mi ruptura con la cúpula del FSLN tuvo antes que nada motivos éticos. No podría explicarlo de otra manera. Los presupuestos fundadores de la revolución habían sido rotos y la lucha popular había pasado a ser un concepto retórico detrás del que se ocultaban ya los negocios y los vicios de la política tradicional, como la historia ha seguido demostrando con creces. La defensa de cuotas de poder, para sostenerse de alguna manera en el poder, había abierto ya grandes boquetes a la credibilidad del sandinismo oficial, que empezaba a hacer agua sin remedio, y que terminó de naufragar en el pacto con el Partido Liberal. Y los grandes presupuestos morales del inicio, fraternidad, solidaridad, entrega, desprendimiento, humildad, rechazo a la acumulación de bienes materiales, habían sido malversados. [...] Ahora que me he retirado definitivamente de la política activa, y no tengo ninguna pretensión de regresar a ella porque he regresado para

³⁸¹ RAMÍREZ, Sergio apud AGUIRRE, Erick. **La espuma sucia del río: sandinismo y transición política** en Nicaragua. Managua: CIRA, 2001. p. 75.

³⁸² Ibid. p. 76.

*siempre a mi oficio de escritor, puedo aspirar quizás a que mis juicios sean más serenos. Un escritor, sin embargo, que no puede cerrar la ventana frente a la que escribe y negarse, por lo tanto, la visión de su país, por amarga y desolada que ésta sea*³⁸³.

A saída de Ramírez da FSLN, a fundação do MRS e o decorrente distanciamento da política institucionalizada e partidária foram momentos de certificação e refiguração de uma vertente vinculada à cultura política sandinista. Ao redobrar a atenção aos valores morais de Sandino e na vigência dos mesmos, Ramírez promovia uma orientação de condutas, permitindo uma forma de identidade de indivíduos que se aproximavam do ponto de vista divulgado por ele, favorecendo o reconhecimento tanto de uma tendência como o de uma ampla cultura política.

O afastamento dos partidos políticos (primeiro da FSLN e depois do MRS) pode ser entendido como modificação nas estratégias de socialização de dita cultura política: passava-se de esferas tradicionais como os partidos para a percepção da literatura como instrumento de difusão. Ou seja, aplicava-se a narração como artifício de imaginação vinculado a realidades concretas. Por meio de suas “mentiras verdadeiras”, de metáforas do poder e das “anormalidades da história”, Ramírez colocava em prática a perspectiva da literatura ficcionalizando a história e se nutrindo do que a “história oficial” deixou de contar³⁸⁴.

Desse modo, a cultura política sandinista se entrelaçava em uma projeção coletiva buscada pelas obras de Ramírez; uma promoção da cotidianidade da história através do uso literário como fonte de informação, conforme apresentaremos a seguir.

3.4 “*Mentiras verdaderas*” e a literatura como ação

No primeiro capítulo da presente tese apresentamos as ideias em torno do conceito de intelectual comprometido, uma figura que na América Central dominou o campo político-cultural dos anos 1960 aos 1980, principalmente nos países que enfrentaram conflitos armados internos. O surgimento de novas formas de expressão para superar antigos modelos trouxe consigo uma atenuada politização do plano cultural e, segundo Werner Mackenbach, “*la literatura ocupó un lugar privilegiado en esos proyectos de construcción de la nación*”³⁸⁵. O fim do período de embates e dos projetos revolucionários diminuiu o papel hegemônico do

³⁸³ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2000. O destaque é nosso.

³⁸⁴ TUVESON, Cecilia. **Novelas nicaragienses de contenido político**. Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez. Tese em Spanish Studies - Lunds Universitet. Lund, Suécia, 2012. p. 39.

³⁸⁵ MACKENBACK, Werner. ¿De la ira al asco? Reflexiones sobre el intelectual-escritor en Centroamérica “después de las bombas” y sus repercusiones en la literatura. **Centroamericana**, n. 25.2, 2015. p. 58.

intelectual-escriptor na região, mas ainda assim seus produtos podem ser considerados contribuições interessantes nas análises dos planos culturais e políticos.

Como figura ativa e líder político no cenário nicaraguense desde o fim da década de 1970, Sergio Ramírez teve um hiato na sua produção literária nesse intervalo temporal. Entre “*¿Te dio miedo la sangre?*” (romance publicado em 1977) e “*Castigo Divino*” (1988) foram mais de dez anos dedicados prioritariamente às atividades políticas e à liderança intelectual-cultural do que ao ofício de escritor. Nesse ínterim, ensaios e testemunhos direcionados ao projeto revolucionário sandinista e à legitimação do governo da FSLN foram a prevalência na produção de Ramírez. Sobre esse período, declarou o autor em duas entrevistas: “*Dejé de escribir diez años. Ese es el gran tributo que yo pagué a la revolución en Nicaragua. Quizá los mejores años de mi vida de escritor, entre mis 33 y mis 43 años, se los entregué al país, a la revolución*³⁸⁶”. “*Los diez años de silencio literario hasta Castigo Divino, habían sido demasiado en mi carrera literaria, y sentía una enorme necesidad de escribir*³⁸⁷”.

Ramírez sentia o dever de escrever, um desejo pessoal que também se convertia em instrumento de ação intelectual a favor de seu projeto de nação e de sua condução em meio à cultura política sandinista. Praticamente inexistente antes dos anos 1980, um mercado editorial conseguiu se estabelecer vagarosamente na Nicarágua; em grande parte pelo impulso de Ramírez com a criação da *Editorial Nueva Nicaragua* e o surgimento de outras pequenas editoras. A literatura de testemunho tornou-se a produção básica do período, sendo elevada à categoria de discurso histórico, supondo um espaço para a “refundação” da identidade nacional em pleno século XX³⁸⁸. Enquanto prática cultural idealizada a partir de esferas estatais, a integração de elementos testemunhais em romances facilitou a superação da fronteira entre ficção e realidade³⁸⁹, podendo ser aplicado como respaldo às plurais experiências históricas vivenciadas no país.

Ao explorar tal cenário, Ramírez pareceu posicionar-se entre a ficção literária e a responsabilidade política, denotando um realismo cotidiano que não possuía uma estrutura linear ou ordenada, com passado e presente se mesclando. Desse modo, os romances e contos de Ramírez exprimem complexas relações entre realidades extraliterárias e representações narrativas, através de reflexões metaficcionalis e autorreferenciais.

³⁸⁶ RODRÍGUEZ MOYA, Daniel. Sergio Ramírez: “Los sueños de revolución en Nicaragua fueron muy caros”. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n. 703, 2009. p. 117.

³⁸⁷ CHEREM, Silvia. *Una vida por la palabra*. Entrevista con Sergio Ramírez. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 204.

³⁸⁸ PALAZÓN SÁEZ, Gema. PALAZÓN SÁEZ, Gema. *Memoria y escrituras de Nicaragua*. Cultura y discurso testimonial en la Revolución Sandinista. Paris: Publibook, 2010. p. 160.

³⁸⁹ *Ibid.* p. 164.

No capítulo anterior mencionamos o traço fundamental para tentar compreender a produção literária de Ramírez: o elo entre história e ficção. A proposição a seguir do pesquisador alemão Werner Mackenbach é pertinente para nosso estudo, ao indicar nuances na escrita de Ramírez; segundo o mesmo, caminhava-se de uma literatura comprometida com a história e a política até o uso da história como pretexto/pré-texto de uma literatura que não renunciou seu afã de “*contar lo no contado*”³⁹⁰. Ou seja, a imaginação literária em conexão com as referências históricas exibia-se como recurso de socialização de ideias e comportamentos, bem como uma nova maneira de seguir propagando uma cultura política, dessa vez ligada ao ofício de escritor, função preferida de Ramírez.

A mediação pela palavra e pela ficção parte do pressuposto do fazer literário também como ação revolucionária, ou em defesa dela; imbuída pela força das convicções (pessoais ou coletivas) e fiel ao compromisso de mudança. Como resultado, podemos considerar que alguns romances e contos de Ramírez são permeados por um conceito de literatura que envolve, ao mesmo tempo, compromisso, criatividade artística e liberdade³⁹¹. Se recordarmos o papel do intelectual nessa etapa nicaraguense, encontraremos a ajuda a edificar uma cultura popular “autêntica” e “criativa” que refletisse a vida real. Ramírez embrenhou-se nesse meio e agregou a defesa de valores morais recuperados de Sandino. Portanto, as obras que comentaremos a seguir representam um amparo à sustentação da interpretação da cultura política sandinista tratada pelo autor e desenvolvida desde meados dos anos 1970; mantendo o interesse de escrever a história da nova Nicarágua, mas, dessa vez, substituindo a voz coletiva aplicada durante o período de militante e líder da FSLN pela individual, em um sentido mais crítico às experiências vividas.

É interessante notar que o uso da história pública como uma espécie de quadro negro, onde se movem personagens interligados à força dos acontecimentos e que têm suas vidas transformadas arbitrariamente³⁹², já estava presente em produções de Ramírez publicadas antes do triunfo revolucionário. Em “*¿Te dio miedo la sangre?*”, o autor retoma um realismo crítico, abarcando diferentes tramas e histórias paralelas que se relacionam com o período ditatorial nicaraguense. Ao expor estórias como o sequestro do coronel da *Guardia Nacional* Catalino López e as recordações do trio de músicos *Los Caballeros*, Ramírez tratava de todo o

³⁹⁰ MACKENBACH, Werner. Historia y ficción en la obra novelística de Sergio Ramírez. *Istmo* - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 4, julho-dezembro 2002. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n04/proyectos/ramirez.html>>. Acesso em: 28 março 2017.

³⁹¹ FROEHLING, Ortrun. Reflexiones sobre el escritor en Latinoamérica y el cambio social (Usar la palabra como fusil). *Nueva Sociedad*, n. 5, marzo-abril 1973.

³⁹² AGUIRRE, Erick. Ejercicios de estilo: la realidad alucinante de Centroamérica en la narrativa de Sergio Ramírez. *Encuentro*, ano XLI, n. 82, 2009. p. 80.

drama vivenciado pela Nicarágua durante o somozismo, exibindo duas facetas distintas do país: uma nação “oficial”, envolta pela ditadura, pela corrupção da *Guardia Nacional* e de seguidores dos Somoza que atuavam em troca de benefícios próprios; e outra, composta pelas massas nicaraguenses, sem voz ativa, mas que permaneciam dispostas a recomeçar a luta pela liberdade, mesmo com a aparente condenação ao fracasso.

Sergio Ramírez aparentava tentar dar sentido ao presente, entrelaçando fatos e acontecimentos aparentemente díspares para organizar um discurso verossímil ajustado ao tempo contemporâneo³⁹³. Tendo a história como processo acessível e compreensível, o projeto de Ramírez de (re)construção da nação alimentava a busca por opções que atingissem a sociedade nicaraguense, em uma perspectiva literária na qual os personagens se esforçam para ter em consideração os elementos da história como antecedentes para explicar o presente (e igualmente projetar um futuro coletivo). Para Claudia Schaefer, lembrar-se dos fatos é poder recuperar o passado a um nível pessoal e íntimo, sem vê-lo como algo fechado e perpétuo, fora do alcance do pensamento humano³⁹⁴. Nesse contexto, nos parece que desde seus primeiros romances, Sergio Ramírez convida indiretamente, através do jogo com as “mentiras verdadeiras”, os leitores a despertar sua curiosidade sobre a história literária e política nicaraguense e centro-americana; um artifício de consolidação para uma cultura política. Acerca dessa constante em sua escrita, pontuou Ramírez:

Yo tengo una ambición por contar la historia, algo que me parece que es genético en los escritores latinoamericanos, una tarea que no agotan ni con su propia vida. [...] ¿Qué historia se podría contar en América Latina de las vidas privadas si fuera, lejos o cerca de la ventana de la alcoba en la que se está desarrollando la historia, de pronto suenan unos tiros o unas explosiones? [...] ¿Cómo puedo evadir la historia? ¿Cómo puedo declararme neutral en esa historia? ¿Serviría mi literatura si yo me declaro neutral ante una historia de ese tamaño? [...] Sí me sentía, y esto lo digo sin temor, un escritor comprometido, y esa es la palabra. Ahora da mucho miedo decir eso, pero antes significaba mucho. Uno tenía un compromiso con la vida, con la realidad, en su literatura y en los propios actos de la existencia³⁹⁵.

A aplicação de tal contexto histórico determinado e determinante facilitava a descentralização e a desconstrução de mitos consagrados na memória nicaraguense, tornando, por exemplo, Rubén Darío e Sandino figuras mais humanas e com valores próximos de ser

³⁹³ SCHAEFER, Claudia. La recuperación del realismo: ¿Te dió miedo la sangre? de Sergio Ramírez. **Texto Crítico**, n. 36-37, janeiro-dezembro 1987. p. 147.

³⁹⁴ SCHAEFER, Claudia. Op. cit. p. 148.

³⁹⁵ RODRÍGUEZ MOYA, Daniel. Op. cit. p. 122-124.

assimilados e reproduzidos. Ademais, em romances como “*Castigo Divino*” e “*Margarita, está linda la mar*” a utilização de minuciosa documentação (reportagens e recortes de periódicos, material jurídico, reprodução de declarações orais) se envolve com o resgate de fatos e imerge ainda mais a imaginação em tons de veracidade; em um empenho de demonstrar a realidade da ficção e a ficção da realidade³⁹⁶.

Talvez as duas produções de Ramírez que mais evidenciem as reflexões sobre a relação história-ficção e dialoguem com os valores éticos e humanos sejam as citadas no parágrafo acima. Elaboradas com um intervalo de dez anos (“*Castigo Divino*” em 1988 e “*Margarita...*” em 1998), são também os romances mais conhecidos e elogiados do autor, com várias edições, traduções para outros idiomas e premiações.

Baseado em um fato real, o caso de envenenamentos ocorridos na cidade de León no início da década de 1930, em “*Castigo Divino*”, Ramírez representou inúmeras faces da sociedade nicaraguense, construindo o romance com intercalações de narrativas, descrições, peças jurídicas e relatos jornalísticos:

*El amor y el sexo, la pasión, el poder económico, la política y la corrupción se dan cita en estas páginas que pueden leerse como un reportaje periodístico, como un atestado jurídico, como una novela histórica o como una simple novela de aventuras. Castigo Divino es una radiografía y una obra realista al mismo tiempo, un folletín épico y puro, un estudio sociológico, un reportaje histórico, una lección moral y una apasionante novela al fin y al cabo*³⁹⁷.

Por meio do humor e da ironia, a escrita de Ramírez conta a história de um famoso crime sem deixar encoberto o problema sociopolítico, uma crítica à sociedade e aos valores locais travestida na sátira da comunidade leonesa do período. Através de um narrador onisciente, onipotente e onipresente³⁹⁸, o absurdo do poder na cotidianidade é explorado como forma de descrever as possibilidades do social e das vivências individuais na literatura, tal como um jogo discursivo com a realidade e a ficção.

Nessa tênue divisão entre verossímil e provável, entre histórico e historiado³⁹⁹, Ramírez toma as complexas relações de poder como marco contextual que permite observar a exclusão, o conflito, a instabilidade e o desencanto; subvertendo o esquema de uma verdade

³⁹⁶ AGUIRRE, Erick. Op. cit. 2009. p. 75.

³⁹⁷ Castigo Divino – 25 aniversario. Disponível em: <<http://www.sergioramirez.com/index.php/2012-08-27-18-07-32/novela/190-castigo-divino-premio-dashiell-hammett-1990>>. Acesso em: 30 março 2017.

³⁹⁸ KOZAK ROVERO, Gisela. Castigo Divino, de Sergio Ramírez. Novela policial, folletinesca, satírica y autorreflexiva. *Iberoamericana*, Nueva época, vol. 1, n. 2, 2001. p. 35.

³⁹⁹ URBINA, Nicasio. *La estructura de la novela nicaragüense*. Managua: Anamá Ediciones, 1995. p. 144.

única aceita por todos⁴⁰⁰. Parece-nos que a alusão a um discurso histórico se ateia à concepção de (re)constituição de uma “verdade” histórica como elemento impulsor do nacionalismo, fundado naquele citado projeto de Ramírez de (re)construção da nação. De acordo com Uriel Quesada:

En la postura ética de Ramírez, así como en la lectura que hacen los críticos de su obra, la historia tiene los rasgos de una forma de verdad, un conocimiento contra el cual se debe luchar. La novelística de Ramírez, desde Tiempo de fulgor (1970) hasta Margarita, está linda la mar (1998), ha sido un ejercicio constante de resistencia contra el saber oficial, una voz alternativa que procura desestabilizar al poder⁴⁰¹.

As sátiras multifacetadas e os traços histórico-culturais serviriam também para demonstrar a percepção da falta de ética em vários setores da sociedade; uma brecha que poderia ser coberta com a assimilação dos valores morais de Sandino, por exemplo. Passagens como “*que yo no me imaginaba la corrupción de costumbres existente en la sociedad de León [...]*” ou “*Entonces, exima de culpa a la mesa maldita; o acépteme que todo León es una mesa maldita⁴⁰²*” buscam agir no desmascaramento da corrupção e do poder de determinados setores, imersos em uma sociedade que cai em suas próprias contradições.

A releitura desmitificadora do passado retorna em “*Margarita, está linda la mar*”. Entrelaçando os momentos finais das vidas de Rubén Darío e Anastasio Somoza García com as histórias de outros personagens secundários, Ramírez criou um espaço metafórico onde os discursos circundados às grandes figuras se libertam de limitações ideológicas do passado, propiciando ao leitor o aprofundamento entre momentos pretéritos e a contemporaneidade⁴⁰³. Mais uma vez é perceptível o uso da ironia, da distorção temporal e do multiperspectivismo para mesclar o cotidiano e o incrível em uma alegoria da história política e cultural da Nicarágua. A apropriação da realidade extraliterária se molda como um palimpsesto, dissolvendo fronteiras entre o concreto e o fantástico, além de empregar recursos retóricos como a caricatura, a paródia e a ironia para dar um sentido épico à recontagem dos fatos.

De acordo com Mackenbach⁴⁰⁴, esse recurso consciente a técnicas narrativas experimentais (multiplicidade de perspectivas, intertextualidade, metatextualidade,

⁴⁰⁰ QUESADA, Uriel. La verdad, el poder y la ficción policiaca: el caso de Castigo Divino, de Sergio Ramírez. *Mester*, v. 31, n. 1, 2002. p. 17.

⁴⁰¹ Idem.

⁴⁰² RAMÍREZ, Sergio. *Castigo Divino*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988. p. 86 e 157.

⁴⁰³ CHANDLER, Brian T. La repolitización del autor en Margarita, está linda la mar de Sergio Ramírez. *The Coastal Review*, v. 4, n. 1, 2013. p. 01.

⁴⁰⁴ MACKENBACH, Werner. Op. cit. 2002.

metaficção, carnavalização, monólogo interior) funcionaria como estratégia para questionar e socavar concepções de apropriação da realidade extraliterária baseadas na representação mimética. Isto é, o desenvolvimento dos romances de Ramírez estaria vinculado com o próprio desenvolvimento do discurso historiográfico no país e na região, de forma a contestar a historiografia tradicional e colocar em dúvida a possibilidade de um conhecimento histórico objetivo e de uma verdade única. Em decorrência disso, o papel da imaginação literária ganharia novas dimensões e “*el novelista se convierte en escritor-historiador, en una palabra, en escritor de la Historia*”⁴⁰⁵. E, é justamente nesse âmbito que as ideias de “mentiras verdadeiras” são adotadas, combinando os elementos da imaginação para representar a realidade histórica.

Importante recurso de Ramírez, tais “mentiras verdadeiras” se configuram como construções da realidade que, no diálogo autor-leitor, são imaginadas e parecem verdadeiras em uma determinada sociedade, de modo que o leitor as aceita como possíveis sem mesmo chegar a verificar sua precisão ou falsidade.

Assim, em “*Margarita...*” (e em outros romances) o objetivo não é reconstruir fielmente partes da história nicaraguense, mas sim clarificar acerca dos processos pelos quais chegamos a saber do passado⁴⁰⁶, em uma espécie de consciência histórica⁴⁰⁷. Ao tentar sugerir que as representações do passado estão intimamente vinculadas com as necessidades do presente e com o caminhar da história, Ramírez vislumbra uma nova relação com esse olhar retrospectivo, com revalorizações e reinterpretações: “*Al reflexionar sobre la historia nicaragüense, Ramírez encuentra que no hay respuestas fáciles ni héroes tradicionales. Como los amigos de ‘la mesa maldita’ señalan en sus tertulias irreverentes, en la crítica histórica lo que más vale es cuestionar y ser creativo*”⁴⁰⁸. Mais do que propor soluções fáceis, o artifício literário em prol de uma cultura política insinua perguntas e questionamentos, enfraquecendo linguagens daqueles que estão no poder e impõem suas imagens e verdades.

Humanizar personagens históricos e aproximá-los da população comum permitiria descrever a sociedade desde o ponto de vista de várias vozes. Uma sociedade que, em meio às

⁴⁰⁵ MACKENBACH, Werner. Op. cit. p. 162.

⁴⁰⁶ CHANDLER, Brian. Op. cit. p. 05.

⁴⁰⁷ Na Teoria da História, tal temática foi abordada por Jörn Rüsen. Para o historiador alemão, o conhecimento histórico ultrapassa os limites acadêmicos da História, abrangendo também referências de vida e demais experiências. Tendo a memória e a linguagem como elos, a consciência histórica seria uma categoria relacionada a toda forma de pensamento histórico, uma atribuição de sentido para experiências passadas colocadas em relação ao tempo presente e às expectativas futuras, resultando em orientações e motivações para as ações. Ver: RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: teoria da história, fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Ed. da UnB, 2001.

⁴⁰⁸ RODRÍGUEZ, Sheila K.; COLLEGE, Messiah. La muerte del héroe tradicional: jugando con la historia nicaragüense en Margarita está linda la mar de Sergio Ramírez. **Latin American Essays/MACLAS**, vol. 21, 2007. p. 43.

suas vicissitudes, seria capaz de perceber que “*la historia no está en los nombres de las batallas ni en las fechas de las firmas, sino en las pequeñas historias*”⁴⁰⁹. Um possível distanciamento dos valores éticos e morais daqueles que circundam as esferas de poder estaria em contraste com o componente popular, para Ramírez o verdadeiro depositário dos aspectos nacionais nicaraguenses. Em “*Margarita...*”, a imagem de Quirón – personagem presente nos dois espaços temporais do romance e alçado ao status de herdeiro poético de Darío – como símbolo do popular, do subalterno, é significativa nas passagens de disputa pelo cérebro do poeta e pelos testículos de Rigoberto López Pérez (responsável pelo assassinato de Somoza García); uma alegoria da concorrência e recuperação do legado cultural e histórico nicaraguense:

*De esta forma la novela propone a Quirón como el salvador de los dos símbolos claves en esta representación de la historia de Nicaragua: el cerebro de Darío y los testículos de Rigoberto López Pérez. La inteligencia y el valor, la suave armonía de la palabra de Darío y la valentía del sacrificio ulterior del López Pérez. Ambos símbolos desgarrados por la violencia. Estos dos signos pretenden significar dos elementos clave en la historia e idiosincrasia del pueblo nicaragüense, un pueblo que se precia de ser un pueblo muy “vivo” y muy “valiente”*⁴¹⁰.

A centralidade do poder como fenômeno arbitrário é de grande importância na obra de Ramírez. Não se limitando a uma apresentação reducionista das relações de poder, o escritor nicaraguense explora uma visão irônica do mesmo, um acontecimento que constantemente muda sua forma e é manipulável. Se no viés político Ramírez direciona um tom mais pessimista e frustrado, a questão do poder é abordada em dois outros planos complementários nos romances e contos: um histórico, apresentando as relações de ambivalência com a ficção, as múltiplas formas como o poder se manifestou e o fracasso de um projeto que prometia um mundo utópico; e outro humano, exibindo os efeitos do poder como força que altera comportamentos individuais e coletivos⁴¹¹.

Outros romances de Ramírez como “*Un baile de máscaras*” (1995) e “*Sombras nada más*” (2002) também envolvem questionamentos éticos e metáforas dos males oriundos do poder. Retratar a realidade social em tons mais distanciados do discurso político-

⁴⁰⁹ RAMÍREZ, Sergio. **El autor y su obra – Confesiones de un fabricante de mentiras**. Universidad Internacional Menéndez Pelayo (UIMP), Santander, ESP, 13-17 julio 2015.

⁴¹⁰ URBINA, Nicasio. Violencia y estructura en Margarita está linda la mar de Sergio Ramírez. **Revista Iberoamericana**, vol. LXX, n. 207, 2004. p. 367.

⁴¹¹ VARGAS VARGAS, José Ángel. Sergio Ramírez: poder y desencanto. **Revista Pensamiento Actual**, v. 5, n. 6, 2005. p. 53.

revolucionário permitiu uma abordagem lúdica, mas ainda assim influenciada pelos reflexos do poder e da entendida ausência de valores morais.

Praticamente autobiográfico e intimista, “*Un baile de máscaras*” centra as ações no âmbito de sua família na cidade de Masatepe e nos acontecimentos prévios ao seu nascimento em 1942. A descrição do cenário da época e de seu mundo cultural possibilita inquirir sobre os códigos que regiam a sociedade, expondo a esfera familiar e as peculiaridades do núcleo local, bem como a atuação do poder religioso e político-econômico na modelação dos indivíduos. Por sua vez, “*Sombras nada más*” retorna à incursão temporal e ideológica no tema da revolução, exibindo a história de Alirio Martinica, um somozista capturado e colocado em júri popular por participação em supostos crimes ordenados pelo governo ditatorial.

A construção de personagens contraditórios dá mostras do esforço em enfatizar as contradições geradas pelas diferentes formas de poder, transcendendo ideologias e edificando a imagem de uma sociedade divergente e desencantada⁴¹². Para Nicasio Urbina⁴¹³, nesse romance de Ramírez podemos verificar os jogos de poder, sua percepção e manipulação, desmascarando a ambiguidade de discursos aplicados nos anos 1980 e as dúvidas resultantes da interferência decisiva do poder na inconclusão de um novo projeto de nação que então se pretendia.

Os usos políticos da memória estiveram presentes desde a etapa de luta antiditatorial, como abordamos anteriormente. Após a derrota eleitoral da FSLN em 1990, os embates com o passado permaneceram em tentativas governamentais de “apagar” a memória sandinista e dos feitos de anos anteriores. Novos programas de história e textos escolares, substituição de nomes de ruas, praças, colégios e exclusão de datas comemorativas se demonstravam igualmente como efeitos da conturbada relação na Nicarágua entre história e poder. Esse último sendo considerado elemento determinante para que as rupturas prevalecessem sobre as continuidades na trajetória do país centro-americano.

Ramírez pode ser considerado ator relevante no desenrolar desses conflitos e na compreensão do sandinismo como cultura política que atravessa interrupções, um marco para análise da história recente nicaraguense. O intelectual foi produto dessa época de conflitos e conseguiu posicionar-se de modo mais crítico somente com o distanciamento da vida política pública.

⁴¹² VARGAS VARGAS, José Ángel. Op. cit. 2005. p. 49.

⁴¹³ URBINA, Nicasio. Simulacro y significación en Sombras nada más de Sergio Ramírez. *Hispania*, v. 92, n. 1, 2009. p. 46.

Em meados da década de 1980, declarava acerca do compromisso enquanto escritor: “*Estamos en una batalla hasta la muerte contra nuestro pasado y contra nuestros enemigos*⁴¹⁴”. A necessária radicalização daquela geração se refletia também no trato com a história: “*El poder había sido conquistado por una generación aguerrida, que no estaba dispuesta a hacer concesiones al pasado*⁴¹⁵”. Porém, já como escritor consagrado e referência intelectual, foram justamente seu olhar retrospectivo e a utilização do passado ferramentas preciosas na avaliação da conjuntura do país, recaindo no diálogo e defesa de uma tradição mais histórica e humana da cultura política sandinista.

Uma de suas grandes ambições – a de contar a história nicaraguense – fez com que se colocasse em inúmeros interstícios da vida pública e, conseqüentemente, com as esferas de poder; esta última por sua participação militante. Enquanto testemunha e protagonista das mudanças político-sociais, Ramírez definiu o poder como “*un fascinante proceso que impulsa, deslumbra, discrimina, y luego enfrenta, y divide*⁴¹⁶”. Considerando que sua experiência política foi fruto exclusivo do processo revolucionário e não de ambições pessoais, Ramírez ponderou que, mais do que o exercício como dirigente partidário e do país, foi o poder e seus efeitos sobre as vidas privadas que demarcaram tal fase de sua vivência:

*Mi experiencia en la revolución fue una experiencia insustituible. Pero al fin y al cabo, una experiencia de poder. [...] Cuando se me pregunta qué me dejó el ejercicio de la política para la literatura, suelo responder que nada. [...] Pero la respuesta es diferente si se refiere al poder. [...] El poder termina modificando la vida de quien lo ejerce, y de los que están colocados bajo su dominio. Es un paisaje circundante que no puede pasar inadvertido, un juego con dados cargados*⁴¹⁷.

A constatação, para Ramírez, de que a força do poder tem capacidade de transformar comportamentos, condutas ideológicas e ideais político-culturais parece reforçar a disposição do autor em dialogar e difundir sua já tratada interpretação de fundamento ético, humano e histórico da cultura política sandinista.

É de se ressaltar que, mesmo após a derrota eleitoral da FSLN, o esquema de “autoridade” da voz do intelectual permaneceu inalterado. Os debates sobre a democratização da cultura foram encerrados, assim como o discurso emancipador revolucionário esvaziou-se;

⁴¹⁴ RAMÍREZ, Sergio. Sobre literatura, sobre compromisso. Entrevista a Steven White. **Ventana** (suplemento cultural del diario *Barricada*), n. 156, 1984.

⁴¹⁵ RAMÍREZ, Sergio. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). **Encuentro**, ano XL, n. 79, 2008a. p. 37.

⁴¹⁶ Ibid. p. 46.

⁴¹⁷ RAMÍREZ, Sergio Op. cit. 2008a. p. 43-45.

contudo, a despeito do fracasso da tentativa de estabelecer arranjos horizontais nos planos cultural e político, vislumbrou-se mais importante no período pós-revolucionário reconstruir o autor/emissor do que contradizer o “*status quo*” cultural⁴¹⁸. E nesse quadro podemos incluir vários intelectuais e personagens ativos no processo revolucionário, como o próprio Ramírez.

Entendemos que a não concretização de um projeto cultural próprio durante o governo sandinista fortificou, por um lado, a convicção (ou ao menos o discurso) universalista, realista e comprometida de Ramírez, de modo a projetar uma investida na reconexão dos letrados à utópica implantação do nacional emancipado. Por outro, indicou que, assim como outros atores, Ramírez cometeu erros e contradições, reforçando uma visão elitista e letrada da dinâmica cultural local. Nesse arranjo, raciocínios pessoais renovados caminharam ao lado de reelaborações narrativas dos escritores e intelectuais nicaraguenses, produto das circunstâncias e da acomodação da hegemonia letrada.

Sobre tal reordenamento e reiterada idealização dos sujeitos populares, Leonel Delgado Aburto fez uma proveitosa associação com a passagem final de “*Un baile de máscaras*”: o nascimento da criança (identificável no romance autobiográfico como o próprio Sergio Ramírez) e o malogro do baile de máscaras realizado remeteriam ao nascimento de um “novo” letrado, que se recodifica frente às circunstâncias, e ao fracasso do “baile de máscaras” revolucionário⁴¹⁹. Ademais, o ambiente regional pós-Guerra Fria testemunhou um arrefecimento do debate intelectual latino-americano em torno de questões antes primordiais como a revolução e o papel comprometido das figuras letradas. Ramírez não se silenciou, mas seu discurso e escritos pareciam carregar um tom frustrado e até mesmo fatalista, como abordaremos em sequência.

A respeito desse contexto e da reorganização de sua posição como intelectual, Ramírez pontuou a persistente imprescindibilidade de um posicionamento e conduta a manter:

Me parece que en la medida que un escritor tiene renombre y es conocido, su voz es más oída y está obligado a opinar. Eso sí, yo siento que el escritor está obligado a opinar, uno puede vivir en una cámara de vacío sobre los grandes temas contemporáneos. [...] Eso sí, creo mucho en el papel ciudadano del escritor. Parece que apartarse de los temas, cerrar la persiana, apagar la luz y quedar en oscuridad no sirve para la escritura, uno no puede escribir en oscuridad⁴²⁰.

⁴¹⁸ DELGADO ABURTO, Leonel. **Márgenes recorridos**: apuntes sobre procesos culturales y literatura nicaragüense del siglo XX. Managua: IHNCA, 2002. p. 44.

⁴¹⁹ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2002. p. 91. Nota 10.

⁴²⁰ ALCÁNTAR, Iliana; ARSOVA, Jasmina. Conversaciones con Sergio Ramírez. **Mester**, v. 32, n. 1, 2003. p. 49-50.

As memórias de Ramírez presentes na obra “*Adiós Muchachos*” (1999) sublinham um tom confessional do autor. Tomando como ponto de partida a experiência traumática da revolução e da guerra, Ramírez expôs algumas de suas recordações e, concomitantemente, avaliou suas ideias sobre o projeto revolucionário e seu alcance: “[...] *entonces yo diría que esto es un pájaro que vuela mediante dos alas, la de los recuerdos y la del análisis*”⁴²¹. Se no campo dos ensaios e dos escritos político-culturais “*Confesión de amor*” (1991) foi um fechamento da etapa de divulgação do fazer político revolucionário, de seu “dever” de deixar registrada sua versão dos fatos e resguardar a memória; por sua vez, “*Adiós Muchachos*”, como o próprio nome pode sugerir, marcou a transição do intelectual militante comprometido com um projeto político para um escritor autônomo e distanciado dessas esferas, tendencioso a reavaliar suas posturas. Para Diana Irma Moro⁴²², nessa obra Ramírez recupera recordações, não isentas de nostalgia, de um período de grandes responsabilidades, aliando críticas a antigos companheiros e configurando uma expressão estetizada e ideologizada da memória, enquanto construção discursiva, frente “*al exceso de olvido*”.

Exaltada em um texto presente em “*Confesión de amor*”, a figura de Daniel Ortega é um dos principais alvos de reprovações contidas em “*Adiós Muchachos*”. A exaltação como “*el mejor Presidente que ha conocido la historia de Nicaragua*”⁴²³ se esvaeceu e emergiu a sombra do caudilho, portador de uma “vocaçãõ regressiva”, obstinado por um projeto de poder pessoal e que “continua vendo o mesmo retrato parado de antes”⁴²⁴.

O desenvolvimento de certa heroicidade do processo revolucionário e da representação nostálgica do mesmo caminhou em direção à compreensão de que, para Ramírez, a militância política não era mais um encargo necessário para arquitetar seus projetos intelectuais. Ao tentar desconstruir para si mesmo a confusão entre a habilidade de expressar a mudança social e a habilidade de liderá-la, o escritor nicaraguense optava pelo caminho literário e pelo posicionamento menos radicalizado para expor ideias e propósitos; ressaltando que isso não o isentava de culpas por insucessos do projeto político revolucionário no poder.

Novamente, afirmamos que tal desígnio não significou o abandono daquela cultura política sandinista com a qual Ramírez esteve em contato desde seu período como jovem universitário. Isso quer dizer que, mesmo com o deslocamento que a crise pós-revolucionária impôs a ele e aos letrados de maneira geral, o discurso emancipador via refundação nacional e

⁴²¹ ALCÁNTAR, Iliana; ARSOVA, Jasmina. Op. cit. p. 35.

⁴²² MORO, Diana Irma. Op. cit. 2013. p. 353.

⁴²³ RAMÍREZ, Sergio. Retrato de Daniel. In: _____. **Confesión de amor**. Managua: Ediciones Nicaraõ, 1991. p.85.

⁴²⁴ RAMÍREZ, Sergio. **Adiós Muchachos** - A história da Revolução Sandinista e seus protagonistas. Rio de Janeiro: Record, 2011. p. 27.

construção de uma comunidade utopicamente ética respaldada no exemplo de Sandino seguiu sendo um emblema nas ações, pronunciamentos e escritos de Ramírez, seja de forma explícita ou apoiada em metáforas e outros recursos literários, conforme demonstramos anteriormente.

Nesse sentido, em meio a desilusões e frustrações políticas e pessoais, poder-se-ia perguntar por que seguir escrevendo, especialmente em um país (e região) ainda pouco afeito a um alcance cultural mais profundo, e decepcionado com uma experiência que não diminuiu a distância entre o grosso da população e as elites. Sergio Ramírez abordou o tema da seguinte maneira:

En mi caso personal, yo diría que escribo para un tipo de lector joven que, espero, pueda comprender el mensaje que quiero transmitir a través de la obra, y en un plano mucho más etéreo escribo para un lector del futuro, con la pretensión de que en el futuro, cuando una transformación social haga que en Centro América existan realmente lectores, la obra literaria cobre todo el significado colectivo que debe tener. Es decir, cuando el fenómeno se complete cíclicamente, en el sentido de que aquellos a quienes el escritor pretende interpretar y que no tienen voz porque no saben ni leer ni escribir, puedan, en determinado momento, hacer retornar la obra a ellos, como un producto cultural ya enteramente suyo⁴²⁵.

Ramírez mencionou os jovens por considerá-los o motor das grandes transformações, sendo a juventude uma marca indelével de toda revolução. A possível imaturidade seria compensada com a pureza e retidão nos valores, uma preponderância ética sobre a cobiça do poder. A declaração a seguir de Ramírez é mais um exemplo da manutenção da referida cultura política sandinista em seu pensamento; uma indicação de que o revés eleitoral de 1990 significou o término de um projeto político e não do sandinismo enquanto ideal aglutinador e conjunto de princípios a ser reproduzido. Argumentou o autor masatepino:

Finalmente, quiero decir que la revolución sandinista fue la obra de una generación que se declaró en rebeldía contra los viejos esquemas, no sólo contra la dictadura. La rebeldía representó novedad, originalidad, nuevas ideas, ruptura. Muchos de aquellos rebeldes, envejecieron pronto tentados por el poder, porque el poder por sí mismo, que no se utiliza como instrumento de transformación, es un asunto de viejos, y no de jóvenes. Con esto quiero decir que las transformaciones que vienen, porque necesariamente las habrá, serán un asunto de los jóvenes, otra vez, un asunto generacional. De los fracasos y los errores del pasado ellos deberán aprender lo necesario para no envejecer demasiado pronto. El pasado, por el momento, nos enseña que la pérdida de los valores éticos no es sólo la señal más ominosa

⁴²⁵ RAMÍREZ, Sergio. El escritor centroamericano. **Texto Crítico**, v. 10, n. 29, 1984. p. 71.

*de envejecimiento prematuro, sino de muerte prematura. Porque una revolución es moral, o no lo es del todo*⁴²⁶.

Diante das dificuldades políticas contemporâneas, juntamente com os valores éticos seria preciso agregar doses de utopia, outro componente básico no entendimento do intelectual: “¿La generación actual tiene utopía? No se puede vivir sin utopía. [...] La utopía es lo que no es posible hoy pero podrá serlo mañana⁴²⁷”.

Como apontado na outra citação de Ramírez, a questão geracional pode ser ponderada nesse diagnóstico, a ponto de considerá-la um segmento relevante na transmissão de uma cultura política. A crença em um pressuposto, em um intuito (“*Y me queda, para siempre, la fe en las utopías*⁴²⁸”) fundamentaria a passagem de preceitos e códigos para além da curta duração, de modo que diferentes gerações ou grupos etários mantivessem uma linha de pensamento homogênea, uma transferência de valores entre indivíduos tal qual a caracterização de cultura política aqui trabalhada. Na Nicarágua, esse movimento de ideias dá-se principalmente através do âmbito familiar e das comunidades locais⁴²⁹, e é nesse tópico que podemos discorrer sobre certa especificidade de Ramírez.

Advindo de uma família simples (seu pai era comerciante e sua mãe professora), com uma veia musical pelo lado paterno (seus tios formavam uma banda, a “Orquestra Ramírez”), Sergio Ramírez possui vínculos distantes das grandes e tradicionais famílias nicaraguenses, acostumadas às esferas de poder em toda a história do país. Um esquema que entrelaça desde os momentos coloniais as linhas de filiação familiar e afiliação política. Nele, configura-se uma espécie de encadeamento discursivo, em que a identidade de um sujeito modelo/exemplar adquire sentido através de um jogo de restituição da memória e de comunicação intergeracional⁴³⁰; um padrão aplicado e discutido de maneira significativa, por exemplo, pelos vanguardistas, como discorreremos no primeiro capítulo.

Notadamente no século XIX e início do XX, a condição da afiliação política tinha um sentido enormemente familiar e localista, de tal maneira que, segundo sua origem familiar e espaço geográfico natal, nascia-se conservador ou liberal. Uma possível fragmentação dessa natureza sociopolítica deu-se somente em meados do século XX, com o surgimento de novos

⁴²⁶ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2000.

⁴²⁷ BRAJOS MUÑOZ, Héctor. Sergio Ramírez. Aguas revueltas: ficción y realidad. **IntraHistoria.com**, 2015. Disponível em: <<http://intrahistoria.com/sergio-ramirez-aguas-revueltas-ficcion-y-realidad/>>. Acesso em: 06 abril 2017.

⁴²⁸ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2008a. p. 47.

⁴²⁹ Ver o Capítulo 1 dessa tese, item 1.5 A força da tradição: famílias e a questão de linhagem.

⁴³⁰ DELGADO ABURTO, Leonel. “Resistencia de la memoria”: (Pos)Vanguardia, ditadura y restitución afiliativa en José Coronel Urtecho. **Estudios. Revista de Investigaciones Literarias y Culturales**, v. 19, n. 38, 2011. p. 81.

grupos sociais e a diversificação do tecido populacional nicaraguense; contudo, é um traço ainda presente (mesmo diminuto e transfigurado) na organização contemporânea do país.

Dito “determinismo” era um dos argumentos usados na justificativa de supostas ausências de profundidade analítica das elites, da referida dificuldade de expor interesses comuns e arquitetar um amplo projeto nacional. O simples trânsito filiativo-afiliativo configurava certo vazio intelectual e aprofundava clivagens sociais, além de facilitar uma dominação oligárquica. O processo revolucionário, desde as resistências iniciais nos anos 1960, trouxe consigo o advento de setores médios e historicamente alheios às instâncias de poder. Nesse seguimento, o velho arranjo entre linhagem familiar e composição política recebeu componentes inéditos, produzindo novas formas de estabelecer as relações humanas através de uma abrangente afiliação, traduzida na liderança política da FSLN e do sandinismo como princípio aglutinador. Logo, a luta antiditatorial e a conseqüente ascensão de um governo renovado facilitaram que partidos políticos, movimentos coletivos e agrupações sociais diversas fossem percebidos como instâncias que substituem os vínculos antes atribuídos exclusivamente à filiação familiar⁴³¹.

Assim, consideramos que no caso de Sergio Ramírez a “ausência” de filiação (não pertencer a uma das grandes famílias nicaraguenses) reforçou a afiliação política. Nesse aspecto, soube articular a manutenção da posição de autoridade oriunda da figura como intelectual com a ideia de (re)construção da nação. Isto é, afiliado a um pensamento político de mudança (depois concebido como uma tradição mais específica da cultura política sandinista) e portador de uma “voz intelectual” (que por sua posição se entendia com o dever de “falar” aos “silenciados” e conduzi-los), reescrever a história e refundar a nação eram consideradas necessidades para dar sentido ao novo momento da Nicarágua. Nessa missão, o destaque aos valores éticos e ao exemplo humano de Sandino, bem como a palavra e a literatura, foram as ferramentas para os projetos intelectuais de Ramírez; contribuindo também para outras ressignificações culturais, políticas e sociais a partir de suas ações.

Para Ramírez, as possibilidades de reinterpretação da realidade nicaraguense tinham alguns modelos pessoais como referência identitária, uma espécie de “filiação” constantemente trabalhada por ele. Ao ser interrogado sobre quem eram esses modelos, respondeu:

Sandino, pero también Darío. Para mí ambos representan el paradigma de la identidad nicaraguense. Me resulta asombroso que un hombre como

⁴³¹ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. 2011. p. 85.

Darío, sin caballo y sin espada, un poeta, se haya convertido en un héroe nacional, que le haya dado identidad a Nicaragua a través de la palabra. Por desgracia, esto mismo no pasa con Sandino. Fue un David que peleó contra Goliat en la defensa del país y, sin embargo, no todos los nicaragüenses lo reconocen como fuente de su identidad. El error fue que el nombre de Sandino pasara a encarnar un partido político. [...] La vida y las hazañas de Sandino me conmueven siempre, y me llenan de orgullo, siento que Nicaragua no sería la misma sin su ejemplo, sin su gesta libertaria⁴³².

Diante do exposto, o paradigma letrado de Ramírez retoma atributos de referências anteriores e explora a interlocução com a história como base de uma projeção de reconstrução e reescrita ética e humana do país. A centralidade do intelectual, da sua importância na condução dos setores subalternos, alude a uma prática difundida pela geração vanguardista. O “poder das letras” também foi evocado em Darío, uma figura que buscava o encadeamento de elementos nacionais. Estes últimos adquiriam representação máxima em Sandino, um exemplo ampliado aos valores morais e éticos. Todos esses recursos confluíam em Ramírez para a articulação de um projeto de uma “nova nacionalidade”, de uma (re)construção da nação, estável e ética, superando o período ditatorial. Tal perspectiva de alargamento do horizonte nicaraguense se apoiaria com o entendimento de uma cultura política sandinista com a qual Ramírez dialogou em suas ações e obras e, ao mesmo tempo, foi interlocutor e fonte de verificação da mesma.

Portanto, é de se ressaltar o progressismo de Ramírez enquanto escritor e político. Porém, essa transgressão de margens socioculturais continuava sendo permeada por antigas características nicaraguenses que também se refletiam em Ramírez, como o cânone letrado da inquestionável liderança intelectual e a dificuldade no estabelecimento de consensos. A tentativa de reinscrever a pluralidade política na organização da história local encontrou obstáculos na tendência centralizadora e elitista/oligárquica nas tomadas de decisões diretivas. Do mesmo modo, a luta por singularizar um sujeito revolucionário, um símbolo militante da “nova Nicarágua”, foi complexificada com a percepção da necessidade de “historicidade” do processo como um todo, tarefa que não correspondeu às ânsias de superação da marginalidade dos setores populares.

A cisão parcial do padrão filiação familiar-afiliação política permitiu a diversificação social e política nas últimas décadas do século XX, com a ascensão de diferentes segmentos (essencialmente médios) no exercício público e nos debates de relevância nacional, sendo Sergio Ramírez e Daniel Ortega dois exemplos simbólicos. Com seus parâmetros pessoais

⁴³² CHEREM, Silvia. Op. cit. p. 198-199.

atrelados às figuras de Darío e, especialmente, Sandino, Ramírez tratou de “compensar” o aspecto filiativo com a militância e a atuação como intelectual comprometido.

As transições pós-governo da FSLN tornaram a vertente da cultura política sandinista discutida por Ramírez mais distanciada do discurso “oficial” da dirigência de referido agrupamento político (sem que isso signifique que tal vertente era mais correta ou fiel), ao mesmo tempo em que o sandinismo ganhava novos significados e interpretações. Tal qual uma herança político-cultural, Sandino e seus ideais foram (e seguem sendo) reivindicados por personagens, movimentos, partidos e até diluídos anonimamente em faixas da população nicaraguense. Notar o caminho contemporâneo do sandinismo, da cultura política sandinista e de suas tradições (antigas e novas) revela-se importante para identificarmos a singularidade das atuações e construções de Ramírez, e esse será o tema abordado no próximo e último capítulo dessa tese.

Capítulo 4 – Cultura política sandinista e suas tradições: persistência e ressignificações

“*Manejarse, cuánto hemos aprendido con esa palabrita*⁴³³”. Sergio Ramírez fazia referência ao período do governo revolucionário quando escreveu tal frase, mas as práticas de gestão, administração e “manuseio” do sandinismo como ideal aglutinador e ideologia em meio à sociedade nicaraguense talvez foram mais complexas após a década de 1980.

Como mencionado anteriormente, a derrota eleitoral de 1990 traduziu-se em uma crise identitária da FSLN, com questionamentos acerca de linhas de pensamento e dúvidas sobre apoios e representatividades. Para Verónica Rueda Estrada: “*Los sandinistas pretendieron paliar los efectos de la imprevista pérdida electoral, rehacer la identidad y el discurso del partido, y desarrollar un estilo y una práctica opositora para poder presentarse como una formación capaz de recuperar el poder*⁴³⁴”. Nessa perspectiva, alguns líderes procuraram manter-se visíveis e ativos no cenário político, ainda que uma dualidade de comportamento fosse o custo a se pagar; por exemplo, com o apoio a manifestações e greves junto à população e, ao mesmo tempo, estabelecendo acordos com o governo para evitar atividades de resistência; ou mantendo certa postura acrítica, identificando mais os erros alheios que os próprios, tal como várias figuras renomadas e intelectuais, incluindo Ramírez.

As divergências internas sobressaídas nesse período resultaram em fissuras partidárias e na reorganização da Frente Sandinista enquanto entidade política, tal como apresentamos no terceiro capítulo. Contudo, nos parece que a etapa pós-revolucionária não significou exatamente uma atualização das forças político-partidárias na Nicarágua, mas sim uma reacomodação das mesmas. Ou seja, a conjuntura de busca pelo retorno ao poder e a preponderância do grupo de Daniel Ortega em meio à FSLN configuraram mais um apelo discursivo do que uma transformação na dinâmica sócio-política do país. As polarizações se mantinham e a velha dificuldade de alcançar um consenso social ainda prevalecia. As referências a Sandino e às memórias da revolução também persistiram, porém, de maneira mais retórica do que prática. Se novos modos de agir politicamente não surgiam, se os modelos de liderança e condução social seguiam fiéis a padrões de séculos passados, torna-se difícil pensar em comportamentos substancialmente inovadores (nos setores próximos à FSLN ou cisões e opositores). Nesse sentido, a realidade do fim do século XX nicaraguense após um período marcante na história do país, trazia como novidades ressignificações de

⁴³³ RAMÍREZ, Sergio. **Estás en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986. p. 84.

⁴³⁴ RUEDA ESTRADA, Verónica. Sandinismo y pragmatismo político. *Generaciones militantes en Nicaragua 1979-2016. Palimpsesto*, v. VIII, n. 11, janeiro-junho 2017. p. 159.

ideais pré-existentes, entre eles a linha de pensamento que identificava um pragmatismo resignado e providencialismo e agora o sandinismo como grande parâmetro reivindicado por diferentes grupos, seja como identificação ou rechaço. Em tal cenário, e no âmbito que aqui nos interessa, a figura de Daniel Ortega ganharia enorme relevância, principalmente pelas apropriações da noção de sandinismo e das tradições derivadas ao redor. Nos dias atuais, falar de sandinismo inevitavelmente se associa às práticas partidárias e governistas da FSLN e à liderança de Ortega, por isso a importância de compreender os caminhos e a dimensão de tal elaboração, além de revelar-se uma contraposição às posturas de Ramírez.

4.1 Transição e estruturação do “danielismo/orteguismo”

No capítulo anterior, expusemos a ruptura na FSLN e o surgimento do MRS sob a liderança de Sergio Ramírez, pontuando a debilidade desse novo agrupamento em angariar a força simbólica do sandinismo, especialmente em números eleitorais. Se o MRS não conseguiu desvincular a imagem sandinista à FSLN e a Daniel Ortega, ademais de não consolidar uma alternativa político-programática sólida que convencesse a população, o tratado setor mais ortodoxo liderado pelo mesmo Ortega, em contrapartida, sedimentava cada vez mais o controle sobre a Frente Sandinista e seus militantes e seguidores. O processo que o cientista político espanhol Salvador Martí i Puig⁴³⁵ tratou como “desinstitucionalização” partidária reforçou a centralização em Ortega, um projeto personalista de longo prazo que suplantou uma lógica orgânica de renovação de quadros e desenvolvimento democrático.

Dessa forma, a partir de 1995, os instrumentos internos elaborados poucos anos antes eram deixados de lado, da mesma maneira que o consenso ao redor de seu líder se sobrepunha a qualquer órgão de regulação e deliberação coletiva. Na qualidade de Secretário Geral do partido, Ortega parecia controlar todos os mecanismos de decisão e direcionar as práticas em favor de um persistente discurso de teor revolucionário, anti-imperialista e orientado aos setores mais pobres e marginalizados. É verdade que os possíveis avanços no desenvolvimento de ideias e debates, na “qualidade” da FSLN como partido, foram (e ainda são) consideravelmente limitados; todavia, essa não é uma característica exclusiva ao cenário nicaraguense, sendo extensível a vários países latino-americanos. De acordo com Luis Serra Vázquez:

⁴³⁵ Ver: MARTÍ I PUIG, Salvador. Mutaciones orgánicas, adaptación y desinstitucionalización partidaria: el caso del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), 1980-2006. **Revista de Estudios Políticos** (nueva época), n. 143, p. 101-128, 2009 e _____. Nicaragua: desdemocratización y caudillismo. **Revista de Ciencia Política**, v. 36, n. 1, p. 239-258, 2016.

*En Nicaragua, los partidos políticos se han caracterizado por su débil institucionalidad, su organización vertical bajo caudillos carismáticos que oscilan entre el enfrentamiento y los pactos, destacándose la actividad partidaria en coyunturas electorales a fin de obtener votos para alcanzar cargos en un estado que visualizan como fuente de ganancias y de poder. Es notoria la debilidad programática y el eclecticismo ideológico de los partidos políticos, así como el predominio de una cultura pragmática y oportunista en la conducta de la élite política frente a los actores sociales y las fuerzas de la globalización*⁴³⁶.

Por esse ângulo, é possível compreender a existência de uma cultura política partidária identificada essencialmente com a concentração de poder nas cúpulas e com relações de lealdade delineadas pelo clientelismo político. O apoio nessa histórica cultura política local foi um dos instrumentos da persistência e ascensão de Daniel Ortega.

Ainda marcada pela polarização entre sandinistas e antissandinistas, as eleições de 1996 resultaram em nova derrota para Ortega e para a FSLN, renovando a governança neoliberal com Arnoldo Alemán, da coalizão *Alianza Liberal*, obtendo aproximadamente 51% dos votos válidos (cerca de 896.000). Figura representativa na história nicaraguense recente, Alemán era uma liderança liberal que havia sido eleito prefeito da capital Manágua nos primeiros anos da década em questão. Reconhecidamente autoritário e frequente usuário de ferramentas demagógicas, seu discurso antissandinista conseguiu capitalizar o desgaste do governo Chamorro e demonstrou ser suficiente diante do até então resistente receio popular no retorno de Ortega ao poder.

Tais eleições sinalizaram também uma mudança mais visível na FSLN, com tentativas de salientar uma imagem renovada. Segundo o historiador nicaraguense Andrés Pérez-Baltodano:

*Por primera vez en la historia de los actos del 19 de julio, Daniel se presentó al lado de su esposa Rosario Murillo y algunos de sus hijos. Los comandantes sandinistas -incluyendo a Humberto Ortega- abandonaron el verde olivo y las consignas con alusiones a la tradición guerrillera del FSLN. A Estados Unidos Daniel se refirió como al “gran vecino”, con quien el FSLN “está listo a seguir trabajando en un marco de respeto, de igualdad y de justicia”*⁴³⁷.

⁴³⁶ VÁZQUEZ, Luis Serra. La dinámica política en Nicaragua. In: MEDINA NÚÑEZ, Ignacio (coord.). **Centroamérica: democracia, militarismo y conflictos sociales en el siglo XXI**. Buenos Aires: Elaleph, 2010. p. 196-197.

⁴³⁷ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Entre el Estado Conquistador y el Estado Nación: providencialismo, pensamiento político y estructuras de poder en el desarrollo histórico de Nicaragua**. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica - Universidad Centroamericana, 2003. p. 686.

Em sua projetada representação antielitista, Alemán fomentou e favoreceu grupos econômicos que conseguissem competir com as elites econômicas conservadoras que se beneficiaram dos processos de privatização do governo anterior e também com as porções sandinistas convertidas em empresários e grandes proprietários após o episódio conhecido como “*La Piñata*”⁴³⁸. Contudo, as persistentes debilidades programáticas e a dificuldade de arquitetar um consenso social mais uma vez dificultaram a governabilidade democrática no país. Novamente, o que efetivamente se consumou foi a prevalência de interesses pessoais e corporativos: privilégios políticos e econômicos para poucos, em uma praticamente restauração oligárquica, e um montante acumulado via atividades de corrupção estimado em US\$ 60 milhões. A aliança com a Igreja Católica favoreceu igualmente a passividade e o conformismo da população, através da influência ideológica da mesma. Porém, outro acordo firmado no período seria mais impactante na recente história nicaraguense.

Idealizado entre o fim de 1999 e o início de 2000, o denominado “*Acuerdo de Gobernabilidad*” (mais conhecido como “*El Pacto*”) reafirmou a condução e o direcionamento da política institucionalizada na Nicarágua. Negociado pelo então presidente Alemán e por Daniel Ortega, efetivou-se um controle bipartidário das principais instituições estatais, incluindo o *Consejo Supremo Electoral* (CSE), a *Corte Suprema de Justicia* (CSJ) e a *Contraloría General de la República*. Fundamentado em um pragmatismo e na capacidade patriarcal-clientelista dos líderes da FSLN e do PLC (*Partido Liberal Constitucionalista*), o pacto praticamente consumou uma completa autonomia do Estado em relação à sociedade⁴³⁹, em uma lógica de apropriação e manutenção das esferas formais de poder. Amparado na premissa de garantir uma suposta governabilidade ao país, referido “*bicaudillismo*”⁴⁴⁰ trouxe como consequências a limitação ainda maior da participação popular e uma restrição no espaço de representação política, criando também condições para a corrupção administrativa. Ou seja, além da divisão de poder e dos benefícios para ambos os líderes, obstaculizou-se a

⁴³⁸ Através de leis e outros aparatos legais, inúmeras propriedades e bens foram distribuídos entre membros da cúpula sandinista pouco antes da FSLN deixar o poder. O nome é uma alusão às *piñatas*, balões presentes em festas que são golpeados para romperem e deixarem cair os presentes que estavam em seu interior, normalmente doces e pequenos brinquedos. Ver: NICARAGUA. Ley de transmisión de la propiedad de viviendas y otros inmuebles pertenecientes al estado y sus instituciones. Lei n. 85 (29 de março de 1990). Publicada em **La Gaceta** n. 64 de 30 de março de 1990; _____. Ley especial de legalización de viviendas y terrenos. Lei n. 86 (29 de março de 1990). Publicada em **La Gaceta** n. 66 de 03 de abril de 1990 e _____. Ley de protección a la propiedad agraria. Lei n. 88 (02 de abril de 1990). Publicada em **La Gaceta** n. 68 de 05 de abril de 1990.

⁴³⁹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2003. p. 706.

⁴⁴⁰ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. **Nicaragua, los avatares de una democracia pactada**. Managua: UCA Publicaciones, 2013.

formação e atuação de agrupações políticas alternativas⁴⁴¹; um controle das cúpulas partidárias que impedia o surgimento de lideranças locais e atentava contra toda possível descentralização no comando dos espaços políticos.

Além da partidarização de importantes órgãos públicos, reformas nas leis eleitorais também facilitaram o futuro retorno de Ortega à presidência. O acesso de partidos ao processo eleitoral foi consideravelmente reduzido e alterou-se a norma acerca da escolha presidencial: o candidato poderia ser eleito com 40% dos votos, ou com 35% caso obtivesse uma diferença maior de 5% para o segundo colocado⁴⁴². Considerando-se que a média de votação até então da FSLN nos pleitos anteriores aproximava-se de 40%, Daniel Ortega ampliava substancialmente as chances em sua obstinada corrida pelo poder.

As eleições presidenciais de 2001, porém, demonstraram naquele momento um fracasso na estratégia pactista. Em novembro de referido ano, Ortega foi derrotado pela terceira eleição consecutiva, sendo eleito Enrique Bolaños (PLC), vice-presidente no mandato de Alemán, com 56,3% dos votos. Empresário e antigo membro da contrarrevolução, Bolaños não era uma figura carismática, mas, sua imagem patriarcal (na ocasião, já estava com 73 anos) parecia se equivar à positiva representação patriarcal que contribuiu à vitória de Violeta Chamorro em 1990⁴⁴³. Semelhantemente ao ocorrido com *doña* Violeta, sua falta de autoridade política o conduziu a um governo quase inoperante⁴⁴⁴, expressado na incapacidade de estabelecer alianças políticas com as principais forças de então, especificamente Ortega e Alemán.

Ponto essencial na difícil governabilidade de Bolaños, a cisão entre os setores liberais nicaraguenses, ocasionada sobretudo pela denúncia por corrupção e consequente prisão de Alemán e aliados próximos, fragilizou e segmentou o aporte político ao então presidente. Conforme indicou Pérez-Baltodano⁴⁴⁵, nessa questão, Bolaños contava com apoio popular e dos Estados Unidos, ao mesmo tempo punindo os culpados e limpando a comprometida imagem do PLC. Para mais, havia o imperativo prático de tentar neutralizar o poder de seu antecessor, fortemente influente perante os deputados e uma ameaça aos seus poderes de decisão enquanto mandatário do país. Desse modo, a dissidência entre “alemanistas” e “bolañistas” firmou inúmeras disputas entre Assembleia e Executivo, por reformas e por

⁴⁴¹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Nicaragua: un experimento democrático en agonía. **Nueva Sociedad**, n. 199, 2005. p. 08.

⁴⁴² Ver: NICARAGUA. Ley Electoral. Lei n. 331 (aprovada em 19 de janeiro de 2000). Publicada em **La Gaceta** n. 16 de 24 de janeiro de 2000. Artigos 3 e 145.

⁴⁴³ NITLAPAN. Elecciones 2001: lo previsto, lo imprevisto, lo incierto. **Envío**, n. 236, novembro 2001. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/1116>>. Acesso em: 17 maio 2017.

⁴⁴⁴ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. Op. cit. p. 58.

⁴⁴⁵ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2005. p. 09.

controle político. A já fragmentada sociedade nicaraguense presenciava mais polarizações e os enfrentamentos pelo poder afastavam qualquer possibilidade de consenso e de atendimento de demandas dos setores mais pobres. Assim, ao projetar uma imagem elitista, favorável ao apoio estadunidense e de organismos financeiros internacionais, Bolaños não soube assentar uma base de apoio popular; e, ao cortar privilégios anteriormente aplicados por Alemán à Igreja Católica, desfez-se também de uma importante esfera de influência e de controle ideológico da população. Essa última, por sua vez, permanecia em condições precárias: dados de 2005⁴⁴⁶ informavam que quase metade da população (46%) vivia abaixo da linha de pobreza (com menos de US\$ 2 ao dia); sendo que aproximadamente 15% estava em pobreza extrema (menos de US\$ 1 ao dia)⁴⁴⁷.

Nesse cenário em que a crise política e a crise econômica se fomentavam mutuamente, buscar a estabilidade política e o consenso social pareciam cada vez mais distantes. O fragilizado setor popular, exposto pela FSLN como motor do processo revolucionário nos anos 1980, foi praticamente negligenciado pelos seguidos três governos neoliberais. E justamente nessa fraqueza podemos encontrar um dos pontos que justificaram o retorno de Daniel Ortega à presidência.

Sendo assim, o cenário pré-eleitoral para o pleito de 2006 apresentava uma desgastada divisão entre os liberais, estendida na prática a todas as instituições e espaços estatais; o grosso da população descontente com o retrocesso econômico-social e com o aumento nítido da pobreza; além de um constante quadro de falta de governabilidade permeado por conflitos políticos e usos de discursos essencialmente demagógicos. Nesse sentido, após reformas constitucionais e pactos entre cúpulas e líderes, a FSLN mostrava-se mais fortalecida e controladora de importantes esferas decisórias (graças a acordos com Alemán e Bolaños, por exemplo, membros próximos ao partido ocuparam a direção do CSE e da CSJ). Por um lado, relacionar-se com setores populares organizados e declarar-se oposto a ações dos governos neoliberais vigentes; por outro, negociar com esses mesmos tratos visando quotas estratégicas de poder. Essa conduta de Ortega enquanto oposição custou a transformação da FSLN e o afastamento de antigos companheiros do período revolucionário; contudo, dirigiu a volta ao poder do sandinismo, agora transfigurado.

⁴⁴⁶ BANCO MUNDIAL. **Nicaragua**: informe sobre la pobreza 1993-2005. Washington, DC: The World Bank, 2008.

⁴⁴⁷ Alguns autores corroboraram com esses dados, como Lykke Andersen (2007); outros, porém, foram além e apontaram que cerca de 80% da população vivia abaixo da linha da pobreza nesse período, com mais de dois milhões de nicaraguenses na situação de indigência (López Castellanos, 2013; Pérez-Baltodano, 2005). Ver: ANDERSEN, Lykke. **Análisis y proyecciones de población y pobreza para Nicaragua 2005-2025**. La Paz: Instituto de Estudios Avanzados en Desarrollo, 2007; LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. Op. cit. e PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2005.

4.1.1 Sandinismo ou orteguismo?

Em novembro de 2006, Daniel Ortega conseguiu ser novamente eleito presidente da Nicarágua após um persistente caminho para retornar ao poder. Foram três derrotas consecutivas nos pleitos anteriores (1990, 1996 e 2001) e uma viragem significativa na condução da FSLN, transformada em um partido político de orientação consideravelmente personalista.

A porcentagem de 38,07% foi uma das menores já recebidas pela FSLN, atrás apenas dos 37,83% computados nas eleições de 1996. Pela primeira vez, desde a passagem do regime revolucionário, a polarização sandinismo-antissandinismo foi dissolvida em outras cisões que aumentaram o número de candidatos com relativa força eleitoral. Além de Ortega, outros três postulantes à presidência angariaram consideráveis votos: Eduardo Montealegre (*Alianza Liberal Nicaragüense*) obteve 29% da votação; José Rizo (PLC), 26,51%; e Edmundo Jarquín (MRS), 6,44%. Parece claro que tal divisão foi um dos fatores que favoreceu a vitória de Ortega, especialmente a separação no interior dos setores liberais exteriorizada desde o início do governo Bolaños.

Desse modo, podemos indicar alguns fatores decisivos para dito resultado. Primeiramente, essa mencionada separação nos grupos liberais e o surgimento de novas forças políticas provenientes também de oposições ao pacto Alemán-Ortega. Acrescidos a isso, as tratadas reformas nas leis eleitorais que permitiram a eleição com margens menores de votos; o teor reconciliatório dos discursos da FSLN, com promessas de melhoras imediatas na situação socioeconômica da já desconte população mais pobre; e as estratégicas alianças de Ortega com a Igreja Católica e setores mais conservadores, imersas em sentenças desideologizadas, de retidão moral e de paz.

Em verdade, a condução da campanha promovida pela FSLN não foi notadamente diferente das anteriores; mas, o panorama favorável pelas questões anteriormente expostas garantiu a efetividade das ações e reafirmou definitivamente a transformação doutrinária da Frente Sandinista. A “revolução espiritual” da “Nicarágua cristã, socialista e solidária” declarada por Rosario Murillo somava-se ao uso de tons coloridos nos materiais partidários e na escolha de Jaime Morales Carazo para vice-presidente, um empresário ex-somozista, veterano chefe da Contra, conservador e abertamente pró-estadunidense.

O pesquisador guatemalteco Edelberto Torres-Rivas expôs um resumo desta situação:

La suma de anécdotas define un candidato revolucionario por su pasado, pero que pregona el olvido para el presente electoral. [...] Fueron tantos y tan sistemáticos los gestos de cambio que al final se volvieron muecas. Aunque quizás no ayude mucho, es bueno recordar que el sandinismo siempre fue más una denominación que una ideología, y que fue revolucionario mientras en su nombre se hacía la revolución. [...] Su victoria electoral fue objetivamente un triunfo popular, de masas que permanecen leales a los viejos ideales por los que murieron centenares de familiares y amigos. Ideales elementales que se resumen en el antisomocismo, el antiimperialismo, las demandas de participación libre y las esperanzas de una vida mejor⁴⁴⁸.

Assim, a nova eleição de Ortega certificava seu controle institucional, de influência e decisório sobre a debilitada democracia nicaraguense. A partir de então, até a atualidade com sua terceira reeleição consecutiva em 2016, o caminho personalista e de marca *caudillista* não teria volta ou mesmo desvios.

Novamente como presidente, Ortega e seu entorno mais próximo apropriaram-se de todo o aparato político-estatal na administração que então se iniciava, algo que já havia realizado com a aparelhagem partidária da FSLN. Paralelamente a essa tendência de concentração da autoridade, fazia-se necessário aplicar medidas que buscassem (ou ao menos demonstrassem) melhorar a situação socioeconômica do país, uma vez que o manejo da população parecia ser considerado parte importante do projeto orteguista.

A ideia do “poder cidadão”, com propostas de inclusão e igualdade social, foi exposta no *Plan Nacional de Desarrollo Humano* (PNDH), elaborado em 2007 e colocado em prática no ano seguinte. O documento base do plano indicava os exercícios neoliberais como principais causadores da ampliação da pobreza e dos problemas que afligiam grande parte da população. Baseado em valores elementares como solidariedade, comunidade, complementaridade, redistribuição, inclusão e igualdade⁴⁴⁹, visava-se promover um chamado “desenvolvimento humano estrutural”, a médio e longo prazo, superando a pobreza e sustentando um crescimento com transformações na organização do país. Para tanto, programas populares e sociais foram colocados em prática e mantidos como peças-chave em todos os mandatos de Ortega (alguns inspirados em outros exemplos latino-americanos, como o Brasil), com destaque para o *Hambre Cero* (bônus produtivo alimentário), *Usura Cero* (acesso facilitado a créditos e financiamentos), *Casas para el Pueblo* e *Plan Techo* (vinculados à moradia). Tais eixos centrais de acessibilidade a serviços públicos, subsídios em

⁴⁴⁸ TORRES-RIVAS, Edelberto. Nicaragua: el retorno del sandinismo transfigurado. *Nueva Sociedad*, n. 207, 2007. p. 08-09.

⁴⁴⁹ GOBIERNO DE NICARAGUA. *Plan Nacional de Desarrollo Humano 2008-2012*. Managua: [s.n.], 2008. p. 14.

diversos âmbitos e demais assistencialismos objetivavam aliviar, mesmo que provisoriamente, a população mais pobre, em um panorama de quase inexistência de ajuda nos governos anteriores. A real efetividade e os caminhos posteriores de tais programas podem ser questionados, porém, a atenção dada aos setores populares provou ser um instrumento relevante para o regime de Daniel Ortega.

Naquele momento, pesquisadores, analistas e jornalistas estrangeiros até consideraram o retorno de Ortega como a vitória de uma força progressista de esquerda, muito em função da imagem ainda mitificada do período revolucionário e da FSLN em si. Todavia, o complexo conjunto de ações, muitas delas contraditórias com o discurso nacionalista e democrático pregado, fizeram (e fazem) do antigo comandante guerrilheiro uma figura política indecifrável e multifacetada. A esse respeito pontuou Pérez-Baltodano:

En él [Daniel Ortega] se combinan un pasado revolucionario, un cuidadoso coqueteo con el neoliberalismo, un discurso antiimperialista, su colaboración con la derecha pro estadounidense que lidera Arnoldo Alemán, y su nueva y estrecha asociación con la jerarquía de la Iglesia católica nicaragüense que combatió ferozmente al FSLN en los años 80⁴⁵⁰.

A descrição de Ortega apresentada por Pérez-Baltodano acima foi elaborada antes de sua persistente continuidade no poder. Atualmente, algumas considerações podem ser acrescidas. Afirmamos anteriormente que antes mesmo da vitória eleitoral em 2006, Ortega já era decisivamente influente em diversas instâncias, de modo que, a partir de 2007, a direção do país tornou-se extremamente personalista e controladora. O trato clientelista com bases sociais e o recrudescimento de métodos autoritários remontam a traços de culturas políticas historicamente presentes na sociedade nicaraguense.

A magnitude do *caudillismo* e das lideranças locais enquanto representação quase absoluta de poder, por vezes acima até mesmo de instituições estatais e centros político-administrativos, poderiam remontar a características estabilizadas no período colonial. Segundo o historiador e analista político nicaraguense Oscar-René Vargas, desde a independência nicaraguense, a vida política local adotou um alcance clientelar na disputa política; de maneira que associar-se a uma referência mostrava-se o único meio disponível para resguardar-se dos efeitos de um exercício de poder mais rígido⁴⁵¹. Assim, a ampliação de esferas de influência foi uma consequência um tanto natural na política nacional nicaraguense,

⁴⁵⁰ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2005. p. 05.

⁴⁵¹ VARGAS, Oscar-René. **El síndrome de Pedrarias**: cultura política en Nicaragua. Managua: Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN), 1999. p. 196.

uma estrutura tradicional de mediação social que foi se adequando aos períodos e acontecimentos da história do país.

Se pensarmos que a concepção e desenvolvimento do Estado nicaraguense esteve substancialmente a serviço de elites (hegemonia entre liberais e conservadores), não seria um equívoco afirmar que inexistente uma clara separação entre o público e o privado na Nicarágua, tampouco o arranjo de uma possível ética na esfera pública⁴⁵². Desse modo, elites e oligarquias assentam sua superioridade não apenas nos fatores políticos e econômicos, mas também em função de aspectos culturais e históricos, que acabam legitimando o exercício do poder. Além disso, um perdurável pragmatismo político exprimido na obsessão por manter-se no poder contribui para a abordada ausência de produção teórico-programática entre partidos, que, em função disso e por sua vez, têm uma frágil institucionalidade democrática e diminuem ainda mais as possibilidades de um amplo consenso social. Nas palavras de López Castellanos:

*En Nicaragua, el caudillismo, el pragmatismo y la democracia pactada han deteriorado el nivel de la conciencia política de la sociedad, la discusión de las ideas y el debate sobre los grandes problemas nacionales, lo cual se refleja concretamente en la apatía política que prevalece entre la ciudadanía y la sociedad en su conjunto*⁴⁵³.

Em meio às mudanças de Ortega e da FSLN, é preciso sublinhar a fragilidade e o descrédito da política institucionalizada por grande parte da população e sua percepção como espaço utilitário de benefício pessoal. Nessa perspectiva, a democracia eleitoral se converteu em uma espécie de jogo político que ratifica esses referidos perduráveis traços político-culturais.

As eleições municipais de 2008 foram um símbolo da regressão das instâncias democráticas e da progressiva canalização das influências partidárias. Candidaturas de determinados partidos (como o MRS) foram vetadas, obstáculos foram impostos para a observação internacional e para pesquisas prévias, além do CSE ser reconhecidamente um aparato regido por adeptos danielistas. Mesmo com contestações nacionais e internacionais, os resultados confirmaram o domínio da FSLN, obtendo a vitória em 105 das 153 prefeituras do país. A negativa de uma possível revisão eleitoral agudizou contradições políticas internas, mas pouco afetaram a supremacia de Ortega e seus aliados, mesmo com a suspensão de

⁴⁵² VARGAS, Oscar-René. Op. cit. p. 61.

⁴⁵³ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. Op. cit. p. 72.

programas de assistência oriundos de governos estrangeiros que refutaram a conduta no processo eleitoral.

Três anos depois (2011), o pleito presidencial apenas reiterou a esperada manutenção de Ortega como principal liderança do país. Isso porque, em 2009, a partir de um recurso apresentado na CSJ pelo próprio Ortega amparado por vários prefeitos da FSLN, o artigo constitucional que proibia a reeleição consecutiva e a ocupação do cargo em mais de duas ocasiões não foi considerado aplicável, sendo sua derrogação confirmada em 2010.

Nesse cenário passível de crítica, Daniel Ortega foi reeleito com aproximadamente 62,5% dos votos, assegurando também 63 deputados da FSLN na Assembleia, uma maioria qualificada que, na prática, retirava a obrigação de concessões e negociações com opositores. Mais uma vez, organismos internacionais de observação foram proibidos e outras irregularidades indicadas durante a votação. Diante de uma oposição cada vez mais fraca e cansada, que ademais não conseguia firmar um discurso convincente e estruturado de mudança (recaindo insistentemente na histórica dificuldade programática e de elaboração de interesses comuns), a Nicarágua passava, como indicou Martí i Puig⁴⁵⁴, de eleições competitivas (1990-2006) a eleições contestadas (2008) e, por último, a eleições hegemônicas (2011-).

Parecia claro que o país caminhava para a depreciação do mecanismo eleitoral como alternativa de mudança. Especialmente se avaliarmos o progressivo controle e centralismo do regime orteguista sobre todas as instâncias sociopolíticas e de governabilidade. Paralelamente a isso, as práticas governistas retratam um avanço na luta contra a pobreza, proporcionando um lento crescimento econômico que mantém relativa calma no interior dos setores populares e uma ausência de conflitos mais agudos entre elites (tradicionais e econômicas) e o grupo de Ortega.

Conjuntamente, as administrações de Ortega souberam conciliar ações sociais e políticas econômicas voltadas ao capital estrangeiro (ainda que relute em confirmar tal quadro). Assim, os avanços incorporados em uma espécie de neoliberalismo e transformações populares progressivas são centrais para entender porque setores tradicionalmente antissandinistas e independentes possivelmente votariam em Ortega nas eleições seguintes, mesmo sem uma marcada identidade ideológica⁴⁵⁵. Outro ponto positivo de Ortega foram as questões envolvendo a segurança pública e o combate ao narcotráfico: a Nicarágua é o

⁴⁵⁴ MARTÍ I PUIG, Salvador. Op. cit. 2016. p. 244.

⁴⁵⁵ MACIEL, Fred. Orteguismo: a nova faceta governamental na Nicarágua. **Revista Mundorama**, 2011. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/2011/12/03/orteguismo-a-nova-faceta-governamental-na-nicaragua-por-fred-maciel/>>. Acesso em: 22 maio 2017.

segundo país da região com menor índice de homicídios (atrás apenas da Costa Rica) e aquele que mais faz apreensões em operações contra o narcotráfico.

Por outro lado, o plano econômico ainda é dependente de ajudas externas. O apoio venezuelano foi fundamental para a execução dos programas sociais e de fomento à infraestrutura nacional, com cifras não confirmadas oficialmente, mas estimadas em cerca de US\$ 3.500 milhões desde o regresso de Ortega em 2007. No entanto, a morte do líder venezuelano Hugo Chávez e os instáveis preços do petróleo fazem dessa cooperação uma plataforma incerta. O que parece certo é a manutenção da base macroeconômica assentada no modelo privado de produção e comércio iniciada após a vitória de Violeta Chamorro em 1990, agora apoiada na abertura ao comércio exterior e na ação de grandes grupos e empresas público-privados, como a ALBANISA, entidade criada em 2007 para gerir os fundos recebidos via ALBA (*Alianza Bolivariana para los Pueblos de Nuestra América*) e desenvolver um complexo industrial.

A reforma constitucional de 2014 estabeleceu a reeleição sem restrições e a permissão ao presidente em exercício para ditar decretos executivos, sem consultas prévias ou impedimentos. Ao mesmo tempo que a figura presidencial era fortalecida, desvigorava-se o Poder Legislativo, com as vagas da Assembleia pertencendo ao partido e não aos representantes eleitos. Outras medidas como a aplicação de uma maioria simples em decisões, as relações diretas entre presidente e Forças Armadas (sem mediação do Ministério da Defesa) buscavam ser contrabalanceadas com o incremento da democracia participativa. Os *Consejos de Poder Ciudadano* (CPC) direcionavam a corporativização das camadas populares, partidizando setores e organizações, e aumentando o controle das políticas públicas.

A confluência de todos esses fatores faz do regime Ortega uma mistura de estratégias plurifacetadas: participativo na retórica, neoliberal em seus fins e autoritário em seus meios⁴⁵⁶. A personalização e desinstitucionalização da FSLN feita por seu líder mostrou-se uma escolha eficaz para alcançar o poder; porém, gerou consigo todo um desgaste das instâncias políticas e de governabilidade de modo mais amplo, debilitando ainda mais a já frágil democracia nicaraguense. A opção do ‘poder pelo poder’ feita por Daniel Ortega demonstra estar alicerçada em um campo volátil, com medidas muito mais imediatistas do que propositivas em relação à sociedade. Atualmente, renovado no comando do país, é difícil afirmar quão duráveis serão os pactos com as elites político-econômicas e com setores da

⁴⁵⁶ ROCHA, José Luis. El proyecto Ortega-Murillo: cuatro claves de un éxito volátil. *Envío*, n. 416, 2016. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/5274>>. Acesso em: 22 maio 2017.

população. As mutações da Frente Sandinista e igualmente de seus líderes foram e são nítidas, buscar compreendê-las e justificá-las mostra-se necessário para a história nicaraguense e do istmo, por mais complexo que possa ser tal exercício analítico. E, para nossa análise, revela-se importante na percepção dos caminhos tomados pelo sandinismo “oficial”.

Apesar de todas essas distorções em relação aos seus ideais formativos, enquanto cultura política, Ortega e a FSLN configuram-se e autoproclamam-se como o “verdadeiro” sandinismo, como herdeiros diretos do repertório de Sandino e dos feitos da revolução. No entanto, assim como tratamos de abordar nos capítulos anteriores, a ampla influência e abrangente estímulo simbólico de Sandino fez com que o sandinismo não se efetivasse como uma dinâmica ou movimento único, resultando em uma ampla cultura política com distintas tradições e ascendências socioculturais, todas com suas importâncias e representatividades. Desse modo, outros grupos e setores seguem reivindicando o epíteto ‘sandinista’. Sendo a principal força política do país, a FSLN orteguista acabou por consumir praticamente todos os direcionamentos das menções ao ideário sandinista para sua organização. As críticas ao padrão centralizador e às ações autoritárias são ponto comum aos opositores, que ainda se esforçam para comprovar que existem outros sandinismos. Entre esses está Sergio Ramírez, por mais que tenha se distanciado da política partidária e focado em suas atividades como escritor.

4.2 Vertentes e atualizações da cultura política sandinista

A heterogeneidade é um traço recorrente e histórico na sociedade nicaraguense. Por mais que a polarização política seja uma característica marcante (liberais-conservadores, sandinistas-antissandinistas, orteguistas-antiorteguistas), isso não impede a existência da diversidade em meio às opções e caminhos tomados pelo sandinismo como movimento político-ideológico e aglutinador, tampouco possibilita a compreensão de uma vertente ou grupo mais fiel ou correto em relação à figura de Sandino.

As cisões internas na FSLN foram episódios destacados para a emergência de novos grupos que traziam consigo diferentes e/ou renovadas leituras da influência do ideário sandinista em suas ações e nos comportamentos de seus membros. Já pontuamos sobre o *Movimiento Renovador Sandinista* (MRS), surgido como primeira ruptura no antigo bloco governista após o regime nos anos 1980, e a importância do papel de Ramírez em sua organização, evidenciando a defesa de um destaque ético e histórico em contraposição aquilo que consideravam uma orientação mais ortodoxa e rígida liderada por Daniel Ortega.

Desde seu surgimento, o MRS focou seu discurso na moderação ideológica e no realce da democracia formal como caminho, incluindo a defesa das instituições democráticas e dos processos eleitorais íntegros e competitivos. Nas palavras do cientista político Héctor Cruz Feliciano e do historiador Armando Chaguaceda:

*El discurso del MRS corresponde a una propuesta socialdemócrata, limitada por sus debilidades organizativas y de recurso, ubicadas a la centroizquierda del espectro político local, que aboga por la institucionalidad democrática, la redistribución de riqueza y el mejoramiento de políticas fiscales*⁴⁵⁷.

A renúncia à violência armada e as desaprovações às atitudes do governo de Daniel Ortega, constantemente referido como “caudillista”, permearam a evolução do MRS como partido de oposição. Ramírez deixou a presidência do mesmo ainda no fim da década de 1990, sendo substituído por Dora María Téllez, ex-combatente e também dissidente da FSLN. A derrota eleitoral em 1996 – quando recebeu menos de 1% dos votos – foi o ponto final em sua participação na vida pública política. Se o poder transformador da política motivou Ramírez em décadas passadas à ação, a passagem para o século XXI foi o momento de direcionar seus projetos e suas propostas intelectuais para a escrita. De acordo com o mesmo: “*Puedo opinar en un artículo de prensa, pero yo cuido la soberanía del oficio literario. La tentación política no existe para mí. [...] Nunca la tuve. Nunca fui un político tradicional como [Giulio] Andreotti, uno de esos políticos que cae y se levanta*⁴⁵⁸”.

Mesmo com o distanciamento de Ramírez (alçado apenas como membro do Conselho de Honra da agremiação), os planos partidários e discursivos permaneceram pautados nas elaborações tratadas como éticas e democráticas estruturadas em meados dos anos 1990, com poucas alterações nos programas e regulamentos. O estatuto vigente, aprovado em 2012, reafirma antigos preceitos trazidos com os setores dissidentes da Frente Sandinista e que seguem sendo a base das críticas ao regime Ortega:

Arto. 4 La organización y la actividad del MRS se rigen por los siguientes principios: a) La democracia plenamente ejercida en la toma de sus decisiones partidistas y en sus relaciones con toda la sociedad; [...] d) La tolerancia, el diálogo y el debate respetuoso de las ideas y propuestas, sin

⁴⁵⁷ CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Los intelectuales públicos y el Frente Sandinista en Nicaragua: presencia, desencuentros y actualidad (1990-2012). **Cahiers des Amériques latines**, n. 74, 2014. p. 148, nota 22.

⁴⁵⁸ CONSTENLA, Tereixa. Sergio Ramírez: “La tentación política no existe para mí. Nunca la tuve”. **El País**, 10 maio 2013. Disponível em: <http://cultura.elpais.com/cultura/2013/05/09/actualidad/1368124090_250784.html>. Acesso em: 23 maio 2017.

*sectarismos, imposiciones verticales, ni descalificaciones personales; e) La transparencia y la honestidad en las actuaciones y decisiones políticas [...]*⁴⁵⁹.

Tal como apresentado, as orientações seguem próximas às características da vertente da cultura política sandinista que privilegia as considerações de aspectos humanos, éticos e históricos das influências de Sandino. Contudo, ao aprofundarmos a análise acerca do MRS e dos partidos opositores de maneira geral, percebemos a existência de algumas debilidades que comprometem o fortalecimento dos mesmos para um efetivo papel de alternativa à FSLN. Na seção anterior mencionamos a limitada produção teórica no seio dos partidos, um pragmatismo que fragiliza o debate e a busca de interesses comuns. Esse quadro reflete-se em um ambiente político muito mais personalista do que reflexivo. Dito de outra forma, com partidos, grupos e movimentos por vezes mais ligados a referências pessoais e lideranças do que a ideias renovadas e propostas diferentes e/ou inovadoras; além de priorizarem soluções imediatistas em detrimento de planos a longo prazo. O já citado historiador nicaraguense Andrés Pérez-Baltodano expôs sobre essa questão:

*La política que practica el MRS y la que se practica en Nicaragua en general es, exclusivamente, coyuntural. En este sentido, somos como un auto que se mueve con luces bajas; un auto que no tiene las luces altas que se requiere para visualizar el futuro; es decir, para ver más allá de la nariz. El auto de la política nacional también carece de espejo retrovisor para ver el pasado y aprender de él*⁴⁶⁰.

Dita visão a curto prazo é mais nítida na oposição justamente por sua necessidade de apresentar projetos que demonstrem ser opções melhores ao vigente governo da FSLN de Daniel Ortega. Porém, de acordo com o panorama apresentado em toda a tese até agora, é perceptível que esse atributo está historicamente arraigado na política nicaraguense, não sendo exclusividade de um único setor ou agrupamento. Uma possível solução ideal seria a composição de uma nova maneira de pensar e fazer a política na Nicarágua.

Todavia, sabe-se quão difícil é superar um traço cultural e estruturar um parâmetro original para substituí-lo, principalmente se refletirmos sobre as especificidades locais. Em concordância com isso, e até mesmo como representante dessa dificuldade de renovação discursiva e de atuação, Sergio Ramírez ressaltava em seus escritos o prisma histórico precisamente para fomentar a composição nacional na resolução de problemas e na

⁴⁵⁹ MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. **Estatutos MRS**. Managua: [s.n.], 2012. Arto. 4. p. 03.

⁴⁶⁰ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Postsandinismo**: crónica de un diálogo intergeneracional e interpretación del pensamiento político de la Generación XXI. Managua: IHNCA-UCA, 2013. p. 115.

compreensão das necessidades do país, recorrendo a Sandino como exemplo e inspiração. Suas considerações que pretendiam sublinhar traços éticos e seu projeto de (re)construção da nação chocavam-se com uma realidade notadamente avessa a consensos e realizações coletivas. E justamente aí podemos contestar concebíveis erros de Ramírez, ao não conseguir efetivamente fazer de seu discurso uma prática persuasiva e forte para propiciar mudanças, reincidindo em argumentos de dificuldades estruturais e culturais. De outra maneira, o afastamento da ação política pode ser considerado também uma consequência da frustração em conseguir espaços e de estabelecer diálogos fora do âmbito do poder; além de outros fatores como a não consolidação dos intelectuais nicaraguenses como um grupo homogêneo e o recurso da cultura política de uso da força e da violência como amparo a qualquer conflito.

É nesse cenário que a linha historiográfica que defende uma presumível passividade e pragmatismo-resignado na sociedade ampara suas justificativas, ressaltando um descrédito e uma desconfiança popular nas instituições políticas. Assim, o conturbado ambiente partidário seria acentuado por confusões ideológicas e morais que dificultariam qualquer aproximação de novas propostas à majoritária população mais pobre. Sem necessariamente ser adepto dessa perspectiva historiográfica, e já bem deslocado da esfera política, Ramírez apresentou a seguinte avaliação:

*Creo que la oposición ha equivocado constantemente el encuentro de las claves de un liderazgo en donde la gente pueda ver una alternativa diferente. Se necesita un liderazgo joven que pueda tocar los temas que le interesan a la gente. Una oposición basada en temas constitucionales, de legalidad, de separación de poderes, de falta de espacios democráticos, no es sensitivo para la mayoría de la población. Al ciudadano común que pertenece a este 70% de la gente que vive en el mundo laboral informal le ponen a elegir entre democracia participativa y salarios o posibilidad de llevar la comida a su casa, escoge lo último. ¿No?*⁴⁶¹

Além disso, a ausência de autocríticas dentro do sandinismo autoproclamado “oficial” de Ortega e da FSLN, com posturas contrárias sendo expostas somente quando membros expulsos e dissidentes decidiam apresentá-las, favoreceu a afirmação do mesmo Ortega como autoridade máxima nos campos discursivos, de reflexão e de práticas políticas⁴⁶². No entanto, tal falta de autocríticas pode ser estendida a demais setores que se vinculam e dialogam com a ampla cultura política sandinista, incluindo Ramírez e a intelectualidade do país; em uma

⁴⁶¹ RIVERA, Ernesto. En Nicaragua los índices de pobreza son pura ciencia ficción. Entrevista Sergio Ramírez Mercado. **Semanario Universidad**, 2016. Disponível em: <<http://semanariouniversidad.ucr.cr/mundo/nicaragua-los-indices-pobreza-pura-ciencia-ficcion/>>. Acesso em: 24 maio 2017.

⁴⁶² CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Op. cit. p. 156.

orientação que parece antepor as reprovações a diferentes participantes/setores em detrimento do reconhecimento de desacertos próprios. Um dos principais motivos dessa situação presente na oposição a Ortega remete a pontos trabalhados nessa presente pesquisa e sintetizados pela escritora e jornalista María López Vigil:

Nicaragua es un país en donde el recurso a la violencia es una experiencia muy cercana en el tiempo y muy habitual [...]. Quienes no simpatizan con Ortega le tienen miedo a las consecuencias de que vuelva a la oposición. Esto explicaría también una pasividad generalizada para organizarse y desafiar su poder⁴⁶³.

O viés conjuntural mostra-se predominantemente reativo, contrário a uma tônica proativa na qual visões estratégicas e planos nacionais direcionariam uma possível construção democrática e consensual. Se Ortega e a FSLN conseguem impor percepções próprias de poder e de democracia, a solução dos opositores parece limitar-se a reagir perante posicionamentos que consideram autoritários e personalistas. Ou seja, antes das iniciativas próprias de caráter amplo e nacional, são as respostas a questões imediatistas (e por vezes pessoais) que dão mostras de serem o fio condutor da política nicaraguense. E nesse ponto podemos encontrar um dos principais desafios de visões e tendências recentes da cultura política sandinista que aspiram ser alternativas viáveis na condução do país: o de superar ambições pessoais e articular interpretações e discursos políticos que consigam neutralizar as expressões da FSLN no poder, consequentemente diminuindo sua força simbólica de uso discursivo quase exclusivo do ideário de Sandino e das memórias da revolução.

Tal empreendimento foi projetado também em uma segunda cisão ocorrida na FSLN, aproximadamente dez anos após a primeira, quando surgiu o MRS. Em 2005, no início da preparação para as eleições presidenciais do ano seguinte, Herty Lewites (militante sandinista desde os anos 1970, ocupou cargos dirigentes no regime da FSLN e, naquele momento, último prefeito de Manágua) apresentava-se como pré-candidato do partido para referido pleito, propondo mudanças internas na FSLN. Contrário a ditos planeamentos, Daniel Ortega, enquanto Secretário Geral do partido, negou qualquer possibilidade de realização de prévias para a escolha do candidato à presidência, limitando espaços, autoproclamando-se candidato oficial da FSLN e expulsando Lewites e Victor Hugo Tinoco (membro da Direção Nacional e que liderava a campanha a favor de Herty) da agremiação. Discordantes dessas atitudes, outros membros, líderes e ideólogos deixaram a Frente Sandinista, juntando-se a Lewites na

⁴⁶³ VIGIL, María López apud CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Op. cit. p. 155.

organização do *Movimiento por el Rescate del Sandinismo* (MpRS), dentre eles destacando-se Luis Carrión, Henry Ruiz, René Vivas e Mónica Baltodano. A prolífica produção dessa última revela-se um aporte importante na compreensão da abordada linha política sandinista.

Nas palavras da ex-combatente e atual líder política, o MpRS foi criado como “*una fuerza política dispuesta a rescatar los valores e ideales sandinistas y a apostar por un proyecto que transforme integralmente la situación de nuestro país*”⁴⁶⁴. Como alternativa eleitoral, o MpRS aliou-se ao MRS e outros partidos da oposição em 2006, apoiando Herty Lewites como candidato à presidência e alcançando bons resultados em pesquisas prévias. Porém, a morte repentina de Lewites em julho do mesmo ano em função de um ataque cardíaco significou uma brusca queda nas chances da aliança; obtendo, ao fim, apenas cerca de 6,5% dos votos⁴⁶⁵.

Mesmo com o revés nas urnas, o MpRS manteve uma sólida postura reivindicando uma mudança profunda no país e a solidificação de um sandinismo que atendesse as transformações requeridas pela população nicaraguense. Em entrevista concedida em 2009, afirmou Baltodano:

*Nosotros estamos convencidos de que hay una necesidad de hacer una crítica y cristalización del proceso sandinista, tanto de los años 80 que son años de proceso revolucionario, como de la evolución posterior que tuvo el partido. Creemos que el partido transitó por un proceso de involución en donde se fueron cerrando los más elementales espacios democráticos, en donde se fue sustituyendo la lucha política y la lucha social por lo meramente electoral y la distribución del poder en el Estado y la construcción de un nuevo poder económico que se concentra en el empresariado de origen sandinista, que tiene que ver con una cúpula descompuesta que vinculamos con el Orteguismo. En este sentido nace Rescate, nuestra organización, al desprendernos ante una coyuntura electoral del Frente Sandinista con una visión crítica. Nosotros nos conformamos como una organización que busca abrir un nuevo espacio de organización y reorganización del sandinismo de base, abriendo un espacio de interpretación que queremos que sea un espacio construido colectivamente por los militantes sandinistas*⁴⁶⁶.

⁴⁶⁴ BALTODANO, Mónica. **Una nueva opción de izquierda en Nicaragua**. Disponível em: <<http://monicabaltodano.blogspot.com.br/2006/06/una-nueva-opcin-de-izquierda.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

⁴⁶⁵ Edmundo Jarquín, candidato a vice-presidente com Lewites, foi alçado como concorrente principal, tendo o músico Carlos Mejía Godoy como vice. Nessas eleições, tal como já indicamos, Daniel Ortega saiu vitorioso com pouco mais de 38% dos votos. Eduardo Montealegre (*Alianza Liberal Nicaragüense*) e José Rizo Castellón (*Partido Liberal Constitucionalista*) obtiveram 29% e 26,21%, respectivamente.

⁴⁶⁶ BALTODANO, Mónica. *Movimiento por el Rescate del Sandinismo: “Reorganizar desde la base”*. **Prensa de Frente**, 2009a. Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/active/28514>>. Acesso em: 25 maio 2017.

É interessante notar que o ponto referencial para Baltodano, e extensivamente para o MpRS, é um sandinismo atrelado essencialmente às camadas populares e suas ações e capacidades. De acordo com a linha de pensamento do movimento, fazia-se necessário separar o chamado “sandinismo de base” da cúpula partidária dirigida por Daniel Ortega, responsável pela decomposição da FSLN. Resguardar essa base popular e de apoio seria, então, um princípio básico no “resgate” do sandinismo. Ainda segundo Mónica Baltodano:

Es fundamental el rescate del sandinismo, entendiendo el sandinismo como la tradición de lucha de nuestro pueblo que implica movilización directa en las calles, organización desde los barrios, definición de los barrios de sus propias prioridades, el rescate de las luchas de los héroes y mártires, de los caídos y los revolucionarios. Nosotros reivindicamos la capacidad creativa del pueblo y la capacidad combativa del pueblo, ese es el rescate del sandinismo⁴⁶⁷.

Portanto, as propostas do MpRS atavam-se ao entendimento da necessidade de resgatar o sandinismo e começar a reconstruí-lo de maneira criativa, como uma nova forma de organização que se adequasse às novas necessidades populares. A mudança social dependeria da construção e efetivação desse movimento como realmente alternativa política, indo além da democracia formal que apenas apresenta opções eleitorais momentâneas e se abastece de promessas que não serão cumpridas, tal qual ocorria com outros partidos e grupos políticos.

Resolver a dissociação entre legalidade/direito e realidade, além da lógica oposição ao continuísmo de Ortega, apresentava-se como ponto comum compartilhado pelo MpRS e pelo MRS. Porém, podemos considerar (pelo menos discursivamente) o MpRS mais radicalizado e “ideologizado” do que o movimento criado por Sergio Ramírez. A consideração do sandinismo como força transformadora de esquerda fundamentada na elaboração de um projeto histórico de emancipação diferenciava-se do aspecto mais conciliador e até mesmo pragmático do MRS. Ao tratar do período pós-revolucionário, Baltodano mencionou o desacordo com as posturas do grupo liderado por Ramírez: “*Luchamos convencidos de que había fuerzas interesadas en ‘moderar’ al FSLN, para convertirlo en una fuerza de centro, cuestión que no compartíamos⁴⁶⁸*”. As indicações éticas também aparecem nos escritos de Baltodano e em documentos do partido, mas demonstram ser muito mais uma resposta ao controle de Ortega e suas atuações no poder; ao contrário de Ramírez e do MRS que a usam como perspectiva norteadora.

⁴⁶⁷ BALTODANO, Mónica. Op. cit. 2009a.

⁴⁶⁸ BALTODANO, Mónica. Por qué integramos el Movimiento por el Rescate del Sandinismo. In: _____. **Sandinismo, pactos, democracia y cambio revolucionario**. Managua: [s.n.], 2009b. p. 146.

Com a tentativa de apresentar a distinção entre o círculo orteguista e as bases populares, o movimento hoje liderado por Mónica Baltodano esboça a persistência de uma Frente Sandinista e de um sandinismo apegados ao que consideram “fiéis” valores oriundos do período revolucionário. Ou seja, a existência de sandinistas que teriam sido despojados de uma força de mudança que os represente⁴⁶⁹. Assim:

No obstante, sabemos que al interior de las estructuras actuales del Partido existen muchos compañeros revolucionarios que hacen denodados esfuerzos por mantenerse fiel a la herencia de Carlos Fonseca, por la educación política, por mantener la orientación popular del Frente. Son sanos y meritorios esfuerzos, inspirados en los colores de nuestra bandera, en una comprensible preocupación por preservar la unidad del partido y con la esperanza puesta en que Daniel algún día rectificará⁴⁷⁰.

Ao voltar-se a interesses particulares, Ortega e seus aliados teriam contrariado as aspirações de liberdade e democracia que moveram ações iniciais da FSLN no período antiditatorial. Apresentando-se como leais defensores de tais práticas revolucionárias, os membros do MpRS indicam a pretensão de aglutinar todos os sandinistas que não concordam com a condução de governo orteguista. A linha política desse movimento, de fato, pretende ser considerada direcionada à esquerda, com posições anticapitalistas, menções devotadas a Ernesto ‘Che’ Guevara e outras figuras revolucionárias, e a adesão a um possível eixo bolivariano. Ademais, é pertinente perceber que, dentre essas principais linhas sandinistas, o MpRS talvez seja o único a reconhecer a diversidade existente em um amplo espectro de cultura política sandinista. Novamente de acordo com sua dirigente:

Consideramos que no es posible la unanimidad absoluta del sandinismo amplio, pero que es urgente construir consensos sobre la base de la tolerancia, tomando en consideración que para Nicaragua, hoy es prioritario actuar para romper la lógica del pacto que sólo ha profundizado la falta de verdaderas alternativas a los graves problemas que vive la nación nicaragüense⁴⁷¹.

Com essa exposição das principais peculiaridades do MpRS e levando em consideração as demais marcas apontadas na presente tese, podemos afirmar que, no plano político-partidário, ao menos três tradições políticas dentro da cultura política sandinista possuem traços distintivos identificáveis: a FSLN sob a liderança de Daniel Ortega, com

⁴⁶⁹ BALTODANO, Mónica. Op. cit. 2009b. p. 151.

⁴⁷⁰ Ibid. p. 152.

⁴⁷¹ Ibid. p. 157.

características de tipo rígidos e ortodoxos, organizada com base em tradições revolucionárias e com uso discursivo-afetivo das memórias da vitoriosa insurreição de 1979 e dos bons feitos do governo consequente; outra, de tentativa discursiva de destaque do sinal ético e de valorização de aspectos humanos e históricos, atrelada à figura intelectual de Sergio Ramírez (substancialmente com os atributos apresentados no terceiro capítulo) e ao MRS proveniente da primeira cisão da Frente Sandinista; e uma terceira, também produto de dissidências na FSLN, porém podendo ter seu discurso considerado com realce mais radicalizado e ideologizado do que o do MRS, com referências aos parâmetros da esquerda latino-americana e ligada aos ideais mobilizadores do período revolucionário do país.

Em meio a ditas elaborações partidárias e de opções eleitorais, devemos salientar que não são as únicas a conformar o sandinismo como ideal mobilizador; o alcance e a complexidade do mesmo são bem elásticos, permeando grupos não necessariamente partidários e diluindo-se em ações (individuais e coletivas) de distintos membros da sociedade nicaraguense. Ou seja, existe uma ampla e abrangente cultura política sandinista composta por algumas tradições organizadas e outras manifestações mais espontâneas e não estruturadas, sem que se conforme uma vertente mais leal ou genuína ao ideário e ação de Sandino. Se em nossas análises é preciso tomar o devido cuidado de não impor vozes particulares e de grandes grupos/partidos aos inúmeros setores sociais, é igualmente necessário reconhecer o sandinismo como dinâmica essencialmente nicaraguense, uma identidade política hegemônica (mesmo que diversa) desde as últimas décadas do século passado. As vertentes e tradições que se ramificaram desse tronco central evidenciam as díspares relações que a sociedade nicaraguense mantém com seu passado. Nesse espaço, o exercício para tentar compreender o lugar da história e das valorizações das memórias implica a percepção do sandinismo como patrimônio coletivo da Nicarágua, indo além de orientações estabelecidas por aqueles assentados nos campos de poder. Nas palavras do cientista social Luis Miguel Uharte Pozas:

De cualquier manera, lo que resulta indudable es que uno de los mayores logros del sandinismo (en toda su diversidad) ha sido configurarse como una de las grandes identidades políticas de la historia contemporánea nicaragüense. El último medio siglo no se puede entender sin su presencia, la cual ha sido políticamente hegemónica en importantes periodos (fines de los 70, la década del 80 y la actualidad). El sandinismo permitió la ruptura con el pensamiento oligárquico (conservador o liberal) y la instauración de una identidad de corte popular y antiimperialista. Lo relevante, a día de hoy, es que el sandinismo sigue siendo la referencia identitaria fundamental de diversos partidos – en el Gobierno y en la oposición – que aglutinan a

una mayoría social. La disputa central se da en torno a la lucha por la apropiación simbólica de la “verdadera” identidad sandinista⁴⁷².

Desse modo, considerando a grande dimensão da cultura política sandinista e de suas tradições políticas, podemos constatar as representações sandinistas em inúmeras manifestações sociais. Nessa diversidade, a importância e singularidade de Ramírez foi a de erigir-se como articulador e difusor de uma tradição política reinterpretativa da figura de Sandino, aglutinando valores e ideias que fomentariam novos atores e vetores, como o MRS e seus membros, por exemplo.

Assim como apontamos, a força do sandinismo e sua capacidade de influência são extensas o suficiente para alcançar espaços além do político-partidário exposto nesse capítulo. Da mesma forma, movimentos sociais e diferentes organizações reivindicam a caracterização e a identificação como sandinistas, sejam eles de impacto ou não na sociedade nicaraguense. Com crescente destaque na conjuntura contemporânea, alguns setores de movimentos feministas corroboram o reconhecimento do sandinismo como ideal representativo de suas ações. O *Movimiento Autónomo de Mujeres* (MAM), a título de exemplo, é um dos coletivos que se declaram sandinistas e que, assim como outros setores e partidos, critica abertamente o governo de Daniel Ortega. Esses desacordos de agremiações com o grupo governamental da FSLN, além do claro teor político, vão contra a tentativa de hegemonização do sandinismo, uma admissível orientação da cúpula orteguista a desarticular organizações e discursos que se ensaiem como alternativas e reivindiquem ligações com o ideário e com a figura de Sandino.

Nessa lógica, o indício do sandinismo para o MAM é projetado entre dois pontos: como referente revolucionário e como ideal democrático. Segundo a socióloga francesa Delphine Lacombe, pesquisadora na área de gênero e ações políticas na América Latina:

¿De qué Sandinismo – y de qué proyecto revolucionario – nos consideramos herederas? Es lo que plantean tácitamente las militantes del MAM a través de su confrontación directa al orteguismo. Releyendo artículos de Sofía Montenegro, donde afirma que el FSLN obstaculizó la utopía de una verdadera transformación social en los años ochenta, y analizando a su vez los pronunciamientos públicos más recientes del movimiento, pareciera que las activistas se consideran herederas de un proyecto ideológico de democracia y de justicia social, que en realidad, nunca ha sido concretado en algún régimen político⁴⁷³.

⁴⁷² UHARTE POZAS, Luis Miguel. Los rostros del sandinismo en la Nicaragua del siglo XXI. **Gara** – Euskal Herriko egunkaria. Disponível em: <<http://gara.naiz.eus/paperezkoa/20131109/431976/es/Los-rostros-sandinismo-Nicaragua-siglo-XXI>>. Acesso em: 29 maio 2017.

⁴⁷³ LACOMBE, Delphine. El FSLN, “el peor de los escenarios”. Debates de la militancia feminista en el contexto preelectoral nicaraguense (2004-2006). **Trace** (México, DF), n. 66, dez. 2014. p. 54.

Posto isso, podemos considerar que os apelos das militantes do MAM correspondem a uma necessidade democrática que aglutina reivindicações feministas e oposições à condução governamental da FSLN. Além disso, de acordo com Lacombe, a pluralidade estratégica de lutas e evocações democráticas fazem referência não apenas ao passado revolucionário, mas principalmente aos projetos que aquele regime sandinista não conseguiu concretizar⁴⁷⁴. Por conseguinte, mais do que uma continuidade, seria uma resignificação da abrangência e dos possíveis frutos da revolução. O uso de referentes históricos revolucionários e de ideais democráticos realizado por grupos e movimentos divergentes à política governamental da FSLN revela-se uma motivação para possíveis alianças, porém, resvalam na citada dificuldade de construir um consenso que regule estratégias e caminhos a seguir.

O cansaço, a resignação e a desilusão (essa última bem nítida na postura recente de Sergio Ramírez) foram e seguem sendo os percursos mais comuns dos que ainda se consideram sandinistas frente à centralização política e simbólico-ideológica de Ortega e seu entorno. Diante de tal desarme teórico e de ação da oposição e do quadro político do sandinismo governamental, poderíamos questionar acerca dos “verdadeiros” herdeiros de Sandino, familiares e descendentes que carregam consigo o impactante sobrenome do “*General de hombres libres*”.

Augusto C. Sandino foi casado com Blanca Stella Aráuz Pineda e com ela teve uma filha, Blanca Segovia Sandino Aráuz, nascida em 1933. Por meio dela e de seus filhos foi organizada a *Fundación Augusto Nicolás Calderón Sandino* (FANCS). Criada e divulgada por volta de 2010, a FANCS se declara como uma iniciativa familiar que pretende garantir a preservação e projeção do ideário de Sandino, entendido como patrimônio nicaraguense e até mesmo mundial. Na página oficial da fundação, os objetivos são aprofundados:

*Nos planteamos un reto muy importante y una hermosa labor patriótica a cumplir, pues debemos convertirnos, en un aporte significativo al enriquecimiento del patrimonio cultural, patriótico y político-ideológico del pueblo nicaragüense, así como al fortalecimiento de los valores de abnegación espiritual, honradez, moral, amor a la Patria, particularmente a la gente humilde; en un aporte orientado a la defensa de la libertad y la soberanía de los pueblos latinoamericanos y del mundo*⁴⁷⁵.

Para os familiares de Sandino, os ideais do general triunfaram definitivamente em 1979, com o fim da ditadura somozista. As menções à FSLN como “legítima vanguarda do

⁴⁷⁴ LACOMBE, Delphine. Op. cit. p. 55.

⁴⁷⁵ FUNDACIÓN AUGUSTO NICOLÁS CALDERÓN SANDINO. Disponível em: <www.acsandino.org.ni>. Acesso em: 31 maio 2017.

povo nicaraguense” e a Daniel Ortega como “comandante” dão indícios da aproximação com o atual governo⁴⁷⁶. A pretensão de recuperar e difundir os feitos históricos de Sandino, notabilizando seus valores morais, espirituais e políticos, por vezes, parece ser exagerado e demasiadamente presunçoso, afirmando inclusive o dever de todos os nicaraguenses “honrados” e “patriotas” de conservar e adequar para usos pessoais tudo o que for relacionado à vida e obra de Sandino, sendo essa uma parte importante para o que consideram o “resgate pleno” da história local.

A despeito desse posicionamento, as ações da FANCS centram-se na pesquisa de materiais que valorizem a imagem e pensamento de Sandino, com publicações e palestras expondo aspectos biográficos e analíticos do mesmo; e na elaboração de um projeto para construção de um museu destinado aos feitos do combatente que se tornou símbolo nacional, o ‘Parque Luz y Verdad’. A respeito das obras produzidas, tem-se a revista ‘*Siempre más allá...*’, editorada por um neto do guerrilheiro, Walter Castillo Sandino, e destinada a disseminar o trabalho investigativo da família em torno do aprofundamento dos feitos de Sandino, sua biografia e seus pormenores⁴⁷⁷. Castillo Sandino também é responsável pelos livros com compilações de documentos elaborados por Sandino no decorrer de suas ações nas Segovias entre o fim dos anos 1920 e começos da década seguinte. A publicação de tais documentos era desejo do próprio guerrilheiro, atestado em uma carta assinada por ele em 1931, contendo inclusive os títulos das obras. Na apresentação do primeiro volume, Castillo Sandino apresentou as motivações do empreendimento:

El objetivo que pretendemos con esta obra es enriquecer el patrimonio cultural del pueblo nicaragüense y así fortalecer los valores de abnegación espiritual, honradez moral, de amor a la patria y su gente humilde; de la defensa de la libertad y la soberanía de los pueblos latinoamericanos y del mundo. Queremos dar a conocer a toda la sociedad nicaragüense y al mundo entero los valores morales y espirituales en el sentido más amplio, aquellos por los cuales nuestro abuelo dio hasta su propia vida. Es derecho del pueblo nicaragüense y deber de la descendencia del general Augusto César Sandino procurar salvaguardar, proteger, transmitir y proyectar todo indicio y testimonio que contribuya o conlleve a la toma de conciencia de la

⁴⁷⁶ Falecida após o parto complicado em 1933, Blanca Aráuz foi declarada Heroína Nacional da República pela Assembleia Nacional nicaraguense e condecorada com a Medalha de Honra da instituição em 2015. Na mesma sessão, Blanca Segovia Sandino também recebeu tal medalha. O governo de Ortega homenageou mais uma vez “Blanquita” em maio de 2017, no aniversário de 122 anos de seu pai, com a Ordem General José Dolores Estrada, por “*ser una mujer luchadora, consecuente toda su vida con el legado de su padre, de patriotismo, anti intervencionismo, reconciliación, unidad nacional y paz*” e “*por continuar en forma protagónica con la construcción del Modelo Cristiano, Socialista y Solidario, para garantizar la paz, la unidad y la reconciliación nacional, ideales que inmortalizó para Nicaragua, el General Augusto C. Sandino*”.

⁴⁷⁷ Até o momento, foram lançados três números da revista: o primeiro em agosto de 2013, o segundo em 2015 e o terceiro em maio de 2016.

*vida e historia del guerrillero de Las Segovias, iniciador de toda la gesta libertadora en nuestro País durante el siglo XX. Estamos seguros que la sociedad nicaragüense, en general, se llena de luz al lograr reconocer, honrar y presentar la esencia de los mejores valores de aquel nicaragüense que a través de la historia adquirió por cuenta propia un nivel Universal*⁴⁷⁸.

Assim, as recorrentes afirmações de defesa do legado de Sandino por parte de seus familiares, mesmo que eventualmente pareça um mero recurso retórico, reitera a importância representativa e simbólica do sandinismo como força aglutinadora e fundamento de identificação. Contudo, é preciso não recair em uma excessiva mitificação desse mesmo sandinismo e de seu principal produto (o processo revolucionário, envolvendo a insurreição de 1979 e o governo subsequente). Colocá-los em uma redoma de admiração popular e política pode prejudicar uma análise crítica de referido período da história nicaraguense, tão importante para tentar transformar um penoso quadro de persistência política. Abordaremos mais esse tema ainda nesse capítulo e, por hora, essa percepção analítica favorece o entendimento de outra vertente de derivação sandinista, estudada e chamada por Andrés Pérez-Baltodano de “pós-sandinismo”.

O historiador nicaraguense promoveu um diálogo com jovens do país através de postagens em um blog e, de acordo com as respostas recebidas, conseguiu identificar diferentes posicionamentos: apoio à FSLN ou pró-sandinista, oposição à FSLN ou antissandinista e posição antissistêmica ou “pós-sandinista”. As posturas referentes à Frente Sandinista também eram divididas entre fundamentadas ou não fundamentadas; ou seja, opiniões que ofereciam explicações e justificativas ao apoio/não apoio e às críticas recebidas; e opiniões que expressavam adesões acríticas e rechaços estritamente emocionais, seja sobre as críticas ao sandinismo no poder ou à oposição antissandinista. Por sua vez, o posicionamento “pós-sandinista” englobava jovens que percebiam a necessidade de transformações das estruturas de poder dentro das quais opera a política nicaraguense, indo além da mudança de políticos e governantes. Pérez-Baltodano detalhou o arranjo do “pós-sandinismo”:

Más concretamente, el postsandinismo hace referencia a una manera de pensar la realidad nicaragüense que transciende el maniqueísmo y la superficialidad que han dominado nuestra práctica política a través de su historia; y, particularmente, desde que el sandinismo de FSLN se erigió – a partir del triunfo revolucionario de 1979 –, en el principal eje de referencia del pensamiento y la práctica política nicaragüense. En este sentido, el

⁴⁷⁸ SANDINO, Walter C. **El libro de Sandino**. Tomo I – El bandolerismo de Sandino en Nicaragua. Managua: [s.n.], 2009. p. XVIII-XIX.

espíritu que domina la política de nuestros tiempos es sandinista, no en un sentido partidario, sino porque el Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) ha definido, desde 1979, la orientación ideológica y la organización política de la lucha por el poder del Estado en Nicaragua. En este sentido, todos somos “sandinistas”, porque el sandinismo del FSLN define, positiva o negativamente, lo que somos. Somos positivamente sandinistas, por apoyar al FSLN, o sandinistas en sentido negativo, por oponernos a éste partido⁴⁷⁹.

A apreciação do autor dá mostras de direcionar-se à significância da tentativa de superação de antigos e resistentes valores e modelos da atividade política no país. Nessa perspectiva, não seria errôneo considerar que, desde as últimas décadas do século XX, uma ampla cultura política sandinista (assim como apresentada no capítulo anterior) acabou por limitar o acesso e o crescimento de lógicas de pensamento que se postulassem como opções e/ou que não resvassem nas referências a Sandino e seu ideário. Ultrapassar ditos paradigmas político-culturais persistentes não significaria negar as influências positivas da cultura política sandinista e de suas decorrentes tradições políticas, mas sim conseguir desenvolver novas práticas políticas que ampliassem o escopo de atuação dos nicaraguenses e que permitissem respostas e soluções mais condizentes com a realidade do país, não recaindo em recursos retóricos ao passado. Desse modo:

“Matar al padre” y transcender el sandinismo, entonces, no significa rechazar el símbolo de la lucha de Augusto César Sandino; o el espíritu de justicia y libertad que hizo posible el triunfo del pueblo de Nicaragua el 19 de julio de 1979. El postsandinismo tampoco implica un rechazo a los aciertos del FSLN. Es decir, no significa un rechazo a lo que fue bueno y noble en la Revolución Sandinista; todo lo contrario: implica una recuperación de todo lo que fue positivo en esa dolorosa y difícil experiencia; una recuperación crítica, porque también se busca aprender a los grandes errores cometidos durante la misma⁴⁸⁰.

As reflexões de Pérez-Baltodano confluem para a necessidade do surgimento de novas formas de expressão e atuação dos diferentes setores sociais presentes na Nicarágua, levando em consideração os percalços históricos existentes desde o período colonial (acentuados nas últimas décadas) e “aprendendo” com eles. Valer-se da história como parâmetro de um novo projeto já havia sido uma iniciativa de Sergio Ramírez, só que ainda imersa no espaço ideológico sandinista, priorizando o que julgava como influências éticas e humanas recebidas de Sandino. A disparidade aqui é que o historiador nicaraguense Pérez-Baltodano não propôs

⁴⁷⁹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2013. p. 16-17.

⁴⁸⁰ Ibid. p. 25.

um modelo ou uma alternativa político-social, apenas expôs os resultados de análises provenientes de um debate com representantes da geração de jovens nicaraguenses.

Naquele momento, especialmente na década de 1980, Ramírez parecia sentir-se obrigado a conduzir ações perante a população, em função de seu papel como intelectual e também pelo contexto que favorecia a abordagem de novas ideias e caminhos. O panorama recente trabalhado por Pérez-Baltodano, por seu lado, relata uma outra configuração com o passado: lutar contra seu esquecimento. De maneira específica, preservar a memória da revolução em toda a sua amplitude, o que significa reconhecer os erros cometidos e assimilar a experiência para atitudes futuras, indo além das recorrentes lembranças exclusivamente positivas dos feitos revolucionários.

“Transformar la oscurana del pasado en claridad” e “preservar la memoria para construir un mañana diferente⁴⁸¹”. A perspectiva pode soar idealista, mas o desenvolvimento de uma perspectiva “pós-sandinista” seria uma orientação mais propositiva em meio às escolhas políticas atualmente presentes na Nicarágua. Ademais, lembremos que, historicamente, diante de uma sociedade insistentemente pouco letrada como a nicaraguense (que não significa uma população culturalmente débil), atribui-se aos intelectuais a tarefa de intervir sobre o inventário do “nacional”, inclusive no âmbito político. Reconhecer os jovens como atores importantes e capazes poderia facilitar o desmembramento/rompimento do viés acrítico sobre o inventário da cultura nacional nicaraguense, sedimentado em elites intelectuais e políticas que não conseguem dialogar entre si.

Indicamos em passagens anteriores como o próprio Ramírez asseverou a relevância da geração jovem, carregada de utopias e sentimentos renovados. Além da natural dinâmica temporal, o manejo da memória no país tornou esse setor distante de ideais e práticas passadas, relutante à participação política perante um conturbado cenário de corrupções e pactos. Segundo Ramírez: *“En un país donde la inmensa mayoría tiene menos de treinta años, la memoria de los hechos sigue enterrada para las nuevas generaciones, o ha sido adulterada. El olvido y el engaño se han impuesto desde arriba⁴⁸²”.*

Dessa forma, uma posição “pós-sandinista” representaria uma nova forma de pensar e praticar a política, de entendê-la e vivê-la para contribuir à organização do quebra-cabeças da identidade nacional nicaraguense⁴⁸³. Tal interpretação estaria alicerçada em uma visão

⁴⁸¹ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2013. p. 102.

⁴⁸² RAMÍREZ, Sergio. **Los hilos de la memoria**. 2016. Disponível em: <<http://www.sergioramirez.com/index.php/10-articulos/458-los-hilos-de-la-memoria>>. Acesso em: 05 junho 2017.

⁴⁸³ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. Op. cit. 2013. p. 369.

multidimensional e multicausal, articulando leituras da realidade local que se baseiam em exames críticos das práticas sociais e sentidos de responsabilidades éticas. Se todos são responsáveis pelo atraso vivido pelo país, cabe assumir uma íntima relação entre as dimensões objetivas e subjetivas do poder e da realidade. Ou seja, não apenas uma possível linha “pós-sandinista”, mas qualquer nova cultura política a surgir na Nicarágua deverá superar os obstáculos do discurso político tradicional para mostrar-se efetiva e tentar um mínimo diálogo na complexa e heterogênea sociedade nicaraguense.

Posto isso, podemos considerar que um dos grandes desafios presentes nos cenários político-social e cultural nicaraguenses é estimular e consolidar uma capacidade político-reflexiva. Tentamos demonstrar a amplidão do sandinismo e a existência de diferentes tradições derivadas da abrangente cultura política sandinista, todas com suas relevâncias e legitimidades, conformando um quadro de atuação não apenas intelectual, mas prolongada a inúmeros personagens e grupos. Nesse sentido, questionar como esse mesmo sandinismo perdurou e segue sendo compreendido por setores distantes das esferas de poder revela-se um elo interessante e discorreremos brevemente sobre esse ponto.

4.3 Sandinistas no século XXI (?)

É inegável que a derrota eleitoral da FSLN em 1990 foi um ponto de inflexão na história do país, sendo decisiva na acomodação das forças políticas e de seus respectivos discursos. Nesse capítulo, já apresentamos vertentes e tradições da cultura política sandinista que, direta ou indiretamente, possuem vínculos com o fim do projeto governista liderado pela FSLN na década de 1980. Porém, mais do que precisar uma data marcante, parece ser a percepção de uma suposta transformação de valores e propósitos que guiou as visões posteriores sobre aquele período e segmentou politicamente o sandinismo como ideal aglutinador. Em meio às idealizações do passado, as memórias escritas por personagens importantes foram cruciais para a propagação de imagens saudosistas que também repercutiram na população; e nesse bloco podemos incluir a obra “*Adiós Muchachos*” (1999) de Sergio Ramírez e as de outros intelectuais então atuantes (por exemplo, Ernesto Cardenal e seu “*La Revolución Perdida*” de 2003, e Gioconda Belli com “*El país bajo mi piel*” de 2001). O retrato da revolução como momento quase sagrado estimulou uma justaposição de narrativas que, inúmeras vezes, purificavam os erros cometidos. Para o pesquisador nicaraguense José Luis Rocha:

El mito de un antes y un después radicalmente opuestos en el FSLN emprende una suerte de maniqueísmo auto-exculpatorio que falsea el sentido de lo que sucedió, no ayuda a dar sentido a lo que sucede ni logrará procesar adecuadamente nuestra responsabilidad histórica. Es decir, no cumple con la finalidad de los mitos: reconciliar los polos para mitigar nuestra angustia⁴⁸⁴.

Nessa ótica, trata-se de levar em consideração que existiu e existe uma “outra” Nicarágua que não se identifica(ou) com os preceitos revolucionários e que pode reler aquela fase como um equívoco. Se “*el amor a la Revolución puso sordina a toda queja y cercenó las denuncias de raíz*”⁴⁸⁵, faz-se necessário rearticular as memórias revolucionárias, bem como os usos que se fazem delas. Ademais, se o heroísmo foi característica central dos atores sociais ativos na mudança do país e isso legitimava suas ações por si próprias, tal fator pode ser intensificado a respeito dos intelectuais engajados, portadores não apenas de tal heroísmo, mas acrescidamente da “autoridade” como voz e guia dos setores subalternos, como trabalhado nos primeiros capítulos dessa tese.

O que queremos dizer é que Ramírez, mesmo com todos os seus méritos intelectuais e seu discurso de atribuições éticas, não pode ser personagem isento diante de heranças não necessariamente revolucionárias e do atual panorama sandinista. Embora possua críticas pertinentes à situação do país e seus romances seguirem como aporte fundamental na compreensão histórica nicaraguense, o autor foi protagonista de uma revolução sandinista que foi única, por mais que o sandinismo como conjunto de ideias não fosse homogêneo ou lido de maneira igual. Novamente recorremos às palavras de José Luis Rocha para elucidar a questão:

[...] el problema es que no existe una Revolución – o un FSLN – que Ortega y su camarilla se robaron, y otra Revolución que anda por ahí flotando ingrávida, concebida impoluta y obra de arcángeles y querubines. No existe una Revolución de los Ortega que cometieron abusos y otra Revolución de los buenos que hicieron todo lo rescatable⁴⁸⁶.

Sendo assim, a adesão ao sandinismo e às atuais tradições da cultura política sandinista passa pelas releituras e “reimaginações” em torno das mesmas. Apoiada em aspectos sentimentais, a tendência de vários nicaraguenses que ainda se consideram

⁴⁸⁴ ROCHA, José Luis. Aniversario 34 de la Revolución: 34 años de olvido culpable, 23 de interesada memoria. *Envío*, n. 376, julho 2013. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4712>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

⁴⁸⁵ Idem.

⁴⁸⁶ ROCHA, José Luis. 34 Años de olvido culpable, 23 de interesada memoria: ¿Cómo justificamos lo que pasaba? *Envío*, n. 377, agosto 2013. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4721>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

sandinistas em simplificar o passado e o presente acaba comprometendo possíveis resoluções aos problemas políticos contemporâneos. O contexto de pobreza e exclusão ajuda a compreender a adesão aos discursos de teor paternalista e clientelista de Daniel Ortega, mas o assunto mostra-se mais complexo. A defesa das lembranças revolucionárias se constitui também como autodefesa, uma prática complacente de idealização daquele momento histórico e de reafirmação de antigas narrativas sandinistas que vai além de um possível pragmatismo-resignado e se vincula a traços emotivos e de apego sentimental.

Ao abordarmos o retorno de Ortega à presidência, reiteramos a força do discurso mantido pela FSLN, com contínuos e reformulados usos do passado e de memórias positivas do sandinismo no poder. Tal cenário segue vigente nos sucessivos mandatos orteguistas, apoiado em recursos retórico-discursivos que alimentam vínculos afetivos da população com as referências mais grandiosas à mobilização revolucionária e seus valores. A antropóloga hondurenha Fernanda Soto Joya tratou a questão:

La memoria colectiva sandinista, trazada por los líderes del FSLN, fortalece la relación de la población sandinista con la Revolución. El discurso evoca los sentimientos que aquel proyecto despertó, los sueños que entonces se dibujaron y los vínculos que en aquella época se construyeron. El discurso reproduce con nuevos tintes las historias con las que la población aprendió a verse y a ver a Nicaragua. Son historias que conciben la acción política sandinista como sinónimo de moralidad y que exaltan la identificación FSLN / Revolución / pueblo con metáforas religiosas y representaciones tradicionales⁴⁸⁷.

De acordo com a análise de Soto Joya, a narrativa do passado legitimaria o atual poder da FSLN, do mesmo modo que seu predomínio político-econômico legitimaria essa memória como lembrança “verdadeira” do sandinismo. Em outras palavras: “*Se trata de una memoria que no sólo evoca sentimientos. Es también una historia sentimental⁴⁸⁸*”.

É inegável que o processo revolucionário foi importante para os setores populares mais pobres da Nicarágua, trazendo uma atenção a eles nunca antes realizada, seja com programas sociais ou com o próprio teor “popular” pregado pelas lideranças sandinistas. Contudo, também foi perceptível que, mesmo com tal novo juízo em meio à população, antigos traços seguiam se manifestando, como o centralismo no poder, o peso do paternalismo e da religiosidade e a ainda considerável distância entre elites e sociedade. Essa dinâmica construída desde o período de luta antiditatorial fortaleceu a feição emotiva tratada por Soto

⁴⁸⁷ SOTO JOYA, Fernanda. **Ventanas en la memoria**: recuerdos de la Revolución en la Frontera Agrícola. Managua: UCA Publicaciones, 2011. p. 60.

⁴⁸⁸ Idem.

Joya, projetando que ser sandinista é sempre estar do lado bom da história, com valores pátrios considerados inquestionáveis e com privilégios justificados pelas responsabilidades⁴⁸⁹.

Portanto, essa “história sentimental” que associa a vertente “oficial” da cultura política sandinista liderada pela FSLN com as boas recordações revolucionárias é um dos elementos essenciais para entender o apoio a Daniel Ortega e sua permanência nas esferas de poder. Para muitos que vivenciaram as décadas de 1970 e 1980, o referencial sandinista remete a valores coletivos e de bondade/solidariedade. Assim, mais do que ideais políticos, são essas virtudes e marcas morais que representam o sandinismo para vários setores populares. Evocar o passado revolucionário como tentativa de demonstrar a persistência do compromisso popular tem-se mostrado uma estratégia eficaz para a atual Frente Sandinista, aliada a outros mecanismos e opções populistas expostas no início do capítulo. Do mesmo modo, outras vertentes (oppositoras ao regime Ortega) também apelam a esse sentimentalismo como recurso discursivo, em uma ampla estratégia de tentativa de convencimento para com setores populares.

A atitude instintiva se associa à reflexiva como característica de conexão a determinadas opções políticas, especificamente nas que se consideram sandinistas, de modo que apegos sentimentais se traduzem também na defesa de certos princípios atrelados ao político. A força de vontade exteriorizada via impulsos emotivos e ativismos (o que Pérez-Baltodano chama de “*voluntarismo heroico*”) evidenciaria uma premissa contínua na organização política nicaraguense. Dessa forma, as disputas pelas correspondências simbólicas a Sandino tornaram-se centrais entre as tradições políticas contemporâneas da cultura política sandinista. A concorrência na reivindicação como autênticos representantes dos ideais sandinistas retrata a mais uma vez citada dificuldade de consenso. Tais vertentes aparentam não querer reconhecer a pluralidade e amplitude do sandinismo, buscando a exclusividade de um conjunto de ideias e valores que, como vimos, está diluído em inúmeras faixas sociais, grupos, indivíduos e ações.

É nesse sentido que podemos assimilar os teores dos discursos da FSLN afirmando o desenvolvimento da “segunda etapa da Revolução”, do MRS atestando que continuará “lutando pelo povo” ou do MpRS acusando os atuais dirigentes da FSLN de traidores convertidos em “fundamentalistas” e “supersticiosos”. O controle e as lealdades parecem mais importantes do que atender os reais interesses da majoritária população mais pobre e superar

⁴⁸⁹ SOTO JOYA, Fernanda. Op. cit. p. 62.

os profundos níveis de desigualdade, assim como direcionar as críticas e possíveis desvirtuamentos se antepõem a elucidar como “renovar” ou “resgatar” o sandinismo.

Com todo esse quadro exposto, é possível notar a singularidade das elaborações de Sergio Ramírez e de seu discurso de destaque de uma tradição ética e histórica atrelada à cultura política sandinista com a qual dialogava e era difusor. O intelectual nicaraguense conseguiu, em meio às polarizações e dissensos (e até mesmo um dos responsáveis por tais conflitos), projetar suas reflexões e fazer-se ouvir, principalmente em âmbito internacional. Suas interpretações acerca da história do país e as interrogações direcionadas à (re)construção da identidade nacional revelaram que era viável utilizar as influências de Sandino, Darío e outros personagens locais sem necessariamente santificá-los e declará-los como verdade e caminho absoluto. Como homem público ou como escritor, a atuação de Ramírez e a percepção das distintas vertentes e tradições da cultura política sandinista aqui trabalhadas permite-nos captar a ideia de que a defesa da revolução e de suas memórias – ou mesmo do sandinismo como um todo – não significa a inexistência de insatisfações, frustrações ou desacordos.

Hoje distanciado de cargos estatais e da vida político-partidária, Ramírez sedimentou sua carreira renomada como escritor. Todavia, e como buscamos retratar, o abandono da prática institucionalizada não significou apatia ou indiferença em relação à política e ao político⁴⁹⁰. Seus romances mais recentes, ainda que indiretamente, seguem recorrendo a períodos importantes da história política nicaraguense e a fenômenos que os permearam: o poder essencialmente, as transições, a identidade nacional, etc. Em “*Sombras nada más*”, publicado em 2002, Ramírez usou como pano de fundo a etapa de transição entre a derrocada somozista e a ascensão revolucionária sandinista para explorar mais uma vez a questão do poder e os efeitos do regime ditatorial na sociedade, sublinhando a corrupção como uma das principais consequências. O contexto e os feitos envoltos ao julgamento do personagem Alirio Martinica fazem alusão ao potencial do poder na transformação de valores (nesse caso, reportando ao fim do projeto revolucionário).

O esvaziamento ético abordado pode ser vinculado à perspectiva de frustração que encaminha à imagem de fracasso de um projeto histórico. Tema esse localizável similarmente no romance seguinte de Ramírez, “*Mil y una muertes*”, de 2005. Nele, o autor reconstrói os caminhos de um fotógrafo nicaraguense nascido no século XIX, Castellón, e através de suas

⁴⁹⁰ VALERIO-HOLGUÍN, Fernando. Poética de la corrupción en *Sombras nada más* de Sergio Ramírez. In: COLÍN, José Juan (ed.). **Sergio Ramírez: acercamiento crítico a sus novelas**. Guatemala: F&G Editores, 2013. p. 153.

obras vão se produzindo retratos da nacionalidade nicaraguense e das fantasias derrotadas de seus ideais. As mortes representadas em fotografias do protagonista, entre outros significados, podem ser associadas às “mortes” das utopias em Ramírez, às desilusões do intelectual. A não conclusão de um projeto de (re)construção da nação, preconizado pelo próprio Ramírez em suas elaborações, pareceu marcar-se nos meandros de suas obras literárias, uma decepção dissolvida em denúncias e sátiras do poder que engrandece e corrompe. Os diferentes enfoques sobre a morte expõem as marcas intrínsecas à condição humana, em balanços tênues sobre o público e o privado, o ético e o estético.

Essa questão revela-se relevante na compreensão dos projetos e concepções de Ramírez, uma forma de refletir sobre sua construção intelectual. Esse mesmo romance (“*Mil y una muertes*”) pode ser considerado um marco das novas facetas exploradas pelo autor. A perspectiva paródica era mantida, mas, pela primeira vez de maneira mais clara, novos referentes se sobrepunham à ditadura somozista e seus meandros como cerne da elaboração narrativa. A inclusão do cenário europeu e as diferentes dimensões temporais caminham ao lado da interessante incorporação de Ramírez como personagem da obra. Sobre tal inserção ponderou José Ángel Vargas Vargas: “*Recuérdese que en otras obras suyas como Castigo Divino y Un baile de máscaras, se presentan algunos espacios metaficcionales, pero es hasta Mil y una muertes cuando el autor se incorpora de manera consciente, para verse reflejado como autor en su propia obra*⁴⁹¹”. Associado a isso, a mencionada abordagem da morte como elemento da condição humana corrobora para a formação de um cenário de reflexão acerca da própria trajetória de Ramírez. Como alusão intertextual em referido romance, a morte estaria atrelada aos desencantos do autor. Assim, os planos político e ideológico estariam imersos no contexto imaginário, de modo que a dimensão humana se revelaria uma dura realidade de decepção e insegurança, principalmente com a influência do poder enquanto fenômeno amplo e aplicável no cotidiano. Em vista disso, o uso de diferentes documentos e fotos (não apenas em “*Mil y una muertes*”, mas também em outros romances recentes do autor) permite a mistura de aspectos vividos com outros criados, como lembranças do passado que se diluem na linguagem e atravessam o limite realidade-ficção. Se “*al imaginar a Castellón, Ramírez lo encarna. Todas las fotos tomadas por Castellón son de Ramírez [...]*⁴⁹²”, é possível assimilar os fracassos dos personagens como correlatos das falhas de projetos históricos ou de

⁴⁹¹ VARGAS VARGAS, José Ángel. *Mil y una muertes: nuevos referentes en la novelística de Sergio Ramírez*. *Revista Comunicación*, año 27, v. 15, n. 1, enero-julio 2006. p. 24.

⁴⁹² MEJÍA, José. *La pena de los dioses*. *Centroamericana*, n. 13, 2007. p. 97.

aspirações pessoais. Ao tratar da obra, Alberto Ribas-Casasayas⁴⁹³ pontuou a “morte” dos personagens Francisco Castellón⁴⁹⁴ como fantasma político e a de seu filho (o fotógrafo Castellón) como fantasma artístico. Posto isso, tais representações não poderiam igualmente ser estendidas como traços das frustrações de Ramírez e de seu possível temor de “morrer” como fantasma intelectual? Parece-nos que as decepções e malogros dos personagens se vinculam às frustrações de uma considerada derrocada ética do sandinismo enquanto projeto político-governamental e do próprio alcance da figura da intelectualidade no país: desvalorizada, dissipada, desagregada e sobreposta pela persistência do conflito e de uma cultura política de uso da força e violência no amparo político.

O quase insuperável ressentimento com o passado ecoa uma ampla desilusão simbólica identificável especialmente nos textos e romances de Ramírez posteriores a seu distanciamento das esferas políticas e de poder. Uma marca que se entrecruza com as referências históricas locais e com as críticas às influências negativas do poder: “*Un fatalismo histórico se adueña de los acontecimientos, la historia aplasta a los contemporáneos como una rueda despiadada, el pasado pesa sobre el presente e impide un futuro que se libere del peso de las estructuras viejas*”⁴⁹⁵. As “sombas” e as “mortes” dos romances podem também atestar uma sorte e momentos perdidos, ambiguidades de uma realidade de referentes ausentes, ficções que sugerem representações e desencantos.

Aplastar-se da realidade e tentar assimilar as mudanças de valores foram temas retomados em “*El cielo llora por mí*” (2008). Reaproximando-se do gênero policial, Ramírez narra um cenário de crimes e delinquências em uma Manágua envolta em intrigas e corrupções, como uma crônica da capital da Nicarágua. Antigos guerrilheiros que se converteram em policiais, os detetives Dolores Morales e Bert Dixon vivenciam o rearranjo de pessoas e ideias, de ex-combatentes desacreditados a abusos de poder.

Dessa maneira, apreende-se como Sergio Ramírez continua apresentando um “universo de valores” imersos na história nicaraguense. Sua produção literária abarca referências desde o período colonial até modernas visões dos problemas do país. Se a

⁴⁹³ RIBAS-CASASAYAS, Alberto. Mil y una muertes de Sergio Ramírez y los fantasmas de la construcción nacional nicaragüense. **Revista de Estudios Hispánicos**, v. 48, n. 3, 2014. p. 498.

⁴⁹⁴ Em referência a Francisco Castellón Sanabria, político nicaraguense e líder liberal de León. Em meio à Guerra Civil de 1854 foi nomeado “*Supremo Director del Estado del Gobierno Provisorio de León*”. Castellón foi o responsável pela contratação de mercenários estadunidenses, entre eles William Walker, que depois se autointitulou presidente do país, dando início à chamada Guerra Nacional (1856-1857). Castellón morreu em 1855, antes do desfecho das incursões de Walker.

⁴⁹⁵ MACKENBACH, Werner. La revolución como novela – ¿la novela de la revolución? Sobre la metaforización de la revolución sandinista en la narrativa nicaragüense. **Revista Iberoamericana**, v. LXXIX, n. 242, 2013. p. 89.

literatura e os escritores não são/estão alheios às suas realidades, a valorização da humanidade de quem escreve e a literatura continuamente remetendo a dimensões políticas, sociais, culturais e históricas podem ser consideradas produtos da constante busca pela identidade nacional; essa última amparada no sandinismo e por vezes entrelaçada por fios de ficção, tragédia e desilusão.

A consciência da pluralidade do sandinismo e das tradições da cultura política sandinista é elementar no estudo da história política nicaraguense. Incontestavelmente, enquanto ideal aglutinador, o sandinismo foi a base (mais prática do que teórica) de uma transição que rearticulava e destacava (ao menos no discurso) os sentidos nacionais e populares. A passagem do século XX ao XXI trouxe consigo mudanças que exigiram readequações das vertentes e tradições políticas da cultura política sandinista aqui apresentadas. Uma das grandes questões é se tais “atualizações” conseguiram corresponder à presente lógica democrática e institucionalizada. Leonel Delgado Aburto, pesquisador nicaraguense nas áreas de literatura e filosofia, discorreu sobre o assunto:

En cierto sentido, sandinistas oficiales y disidentes, aunque casi siempre conscientes de su lugar fundacional en la política contemporánea nacional, la que reclaman con frecuencia, han dejado de teorizar la política (y, por supuesto, la revolución). Este impase lleva a preguntarse si el espacio político del presente no es sino el de la fragmentación del discurso revolucionario, que aparece anclado sinuosamente en espacios heterogéneos, hasta cierto punto, improductivos, padeciendo la nostalgia de articulación vanguardista entre cultura y política para la que no se ha encontrado el ímpetu necesario. Desde este punto de vista, el sandinismo puede ser pensado como correlato arcaico o regional (no necesariamente opositor) de la globalización capitalista⁴⁹⁶.

Talvez seja exagerado falar em uma crise subjetiva/ética e ideológica, mas nos parece que os sandinismos atuais possuem certa dificuldade de “recriação” diante das heranças revolucionárias e quando distantes dos âmbitos estatais e governamentais. As limitações nos diálogos e buscas de consensos implicam e favorecem frustrações e comportamentos resignados. Nesse ponto teríamos um caminho de justificativa para o afastamento de Ramírez da esfera político-partidária e sua dedicação exclusiva ao ofício de escritor; mas igualmente um ponto de crítica ao intelectual, que pareceu não conseguir superar tais hipotéticos obstáculos conjunturais e pessoais. Envolto em seu discurso autocelebrativo, é possível

⁴⁹⁶ DELGADO ABURTO, Leonel. Políticas culturales en la Nicaragua postsandinista: modelos letrados, genealogía y nuevas intervenciones. In: OCHOA BILBAO, Luis; ZIMMERMAN, Marc (coord.). **Giros culturales en la marea rosa de América Latina**. Houston/Puebla: Editorial LACASA/Universidad Autónoma de Puebla, 2014. p. 243.

reconhecer que Ramírez saiu da FSLN, mas as questões da FSLN não saíram dele. Produções literárias e ações demonstravam uma preocupação consideravelmente maior em acentuar erros alheios do que em interrogar-se no papel de elite letrada e política que teve seus projetos frustrados (não apenas pelo contexto, senão também por falhas individuais).

Ainda assim, a relevância de Ramírez foi manter-se, mesmo nos períodos mais recentes, como referência intelectual e de ação através de uma vertente de cultura política também articulada por ele que prioriza o que julga aspectos éticos e históricos das influências de Sandino. “*Alterar la historia haciéndola, no solo contándola*⁴⁹⁷”. Esse foi o mote de Ramírez em meio ao sandinismo e à (re)construção nacional. Sem isentá-lo de culpas e responsabilidades, alicerçado em e por uma cultura política sandinista específica, agir e escrever em função da representação de uma realidade histórico-social e como instrumento de criação de um projeto nacional foi – e dá mostras de seguir sendo – uma contribuição decisiva de Sergio Ramírez à conturbada história corrente da Nicarágua.

⁴⁹⁷ RAMÍREZ, Sergio. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). **Encuentro**, ano XL, n. 79, 2008a.p. 45.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após dez anos no cargo de presidente da República, Daniel Ortega alcançou sua segunda reeleição, fato inédito na história do país. Nas eleições realizadas em novembro de 2016, mais uma vez sob inúmeras acusações de irregularidades, obteve 72,5% dos votos válidos, uma porcentagem que a FSLN não alcançou nem no período revolucionário (cerca de 67% em 1984).

O contexto envolvendo a deposição de dezesseis deputados da oposição, partidos políticos não aliados colocados na ilegalidade, proibição de observação internacional e toda a estrutura ligada ao pleito controlada pela Frente Sandinista e militantes deu mostras de um processo com candidatos únicos e privilegiados, ganhadores por antecipação. O alto nível de participação e civismo declarado pelo presidente do CSE contrasta com a percepção de um crescente abstencionismo e do rumo autoritário e excludente tomado pelo país. Além de Ortega, outros cinco candidatos praticamente desconhecidos participaram das eleições, representantes de partidos com pouca expressão e/ou que se beneficiariam de acordos com o governo vigente (chamados na Nicarágua de partidos “*zancudos*” – mosquitos, em espanhol).

Para além dos enormes cartazes do casal e companheiros de chapa Ortega-Murillo espalhados pelo país, sobretudo na capital Manágua, o ambiente escassamente lembrava o de uma eleição presidencial. Não ocorreram debates entre os concorrentes ou mesmo propaganda política dos supostos adversários da FSLN. A aparente resignação e cansaço da população também favoreceu a vitória do modelo familiar, personalista e centralizador de Ortega. Com isso, a ascensão de Rosario Murillo garantiu e “legitimou” através das urnas a tão desejada sucessão no controle do país.

Aliás, desde o triunfo eleitoral de 2006, Murillo é figura relevante na gestão orteguista. Secretária de comunicação do governo e do partido, responsável pelas cerimônias e protocolos oficiais e chefe de gabinete são algumas das ocupações exercidas por ela. Além disso, toda a “*cosmética callejera*”, com cartazes e rótulos coloridos espalhados pelas cidades, remete à imagem de sua idealizadora e seu projeto de ressignificação dos espaços públicos. Eleita vice-presidente, até agora parece inseguro afirmar se sua participação aumentará ainda mais ou se terá sua imagem engrandecida a nível partidário, como possível sucessora de seu marido. O que sim vislumbra seguir garantido é a onipresença de sua marca pessoal e

partidária: “*salpicando el país de cabo a rabo con su paleta multicolor, Murillo ha construido un espacio hiperpolitizado, en permanente y ubicua campaña electoral*”⁴⁹⁸.

Apesar do extensivo controle, desafios são identificáveis na atual gestão da FSLN. Questões envolvendo a potencial construção de um canal interoceânico e os acordos para tal firmados com um grupo empresarial chinês geraram oposições e resistências populares. Contingentes de habitantes deslocados para execução do projeto, consequências ambientais e a relação entre custos e benefícios reais para o país são assuntos controversos a serem resolvidos. Para mais, o recrudescimento da repressão policial a atos contrários ao canal tem repercutido negativamente em âmbito nacional e regional. Não obstante, as principais fraquezas do regime orteguista residem na governabilidade democrática e no manejo de latentes tensões sociais. Apesar dos programas e assistências, a pobreza permanece uma preocupação; bem como a manutenção de ajudas externas que financiam referidos programas e outros empreendimentos governamentais. Como afirmamos anteriormente, o domínio político-social de Ortega é enorme, mas sustentado em uma base não tão sólida. Interrompido o assistencialismo e rescindidos alguns pactos com elites locais, um cenário consideravelmente instável e desfavorável estaria a ponto de eclodir.

Nesse panorama, tratar da principal resignificação do sandinismo é perceber as transformações essencialmente ocorridas em torno da FSLN e de seu líder. A abordada patrimonialização e domínio do aparato partidário e de seus instrumentos simbólicos aproximou as ações de Daniel Ortega a um tipo de *caudillismo* “atualizado”, com controle sobre a administração estatal e sobre esferas de influência, atuando através do manejo dos meios de comunicação e de marcas políticas sociais. O entorno desfavorável pós-1990 e a capacidade de mutação organizativa circunscreveram a igualmente eficiente habilidade de Ortega e seus aliados próximos em concentrar o mando do partido e o uso ideológico da figura de Sandino e da revolução de 1979. Para além de minorias e exceções, muitos consideram que ser sandinista hoje parece ser aceitar a liderança de Daniel Ortega. Contudo, justamente a perspicácia na utilização das memórias revolucionárias e o apego sentimental fazem com que setores mais longevos se misturem aos novos quadros exclusivamente “danielistas”.

Os amplos interesses e pactos fizeram da FSLN uma força extremamente heterogênea e complexa, muito diferente daquela organização estabelecida no início da década de 1960 com outras orientações e programas. Associado a isso, uma sociedade polarizada e dissociada

⁴⁹⁸ ROCHA, José Luis. El proyecto Ortega-Murillo: cuatro claves de un éxito volátil. *Envío*, n. 416, 2016. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/5274>>. Acesso em: 14 jun. 2017.

que se ampara em respostas imediatistas, uma “democracia pactada⁴⁹⁹” por elites substancialmente distante da maioria mais pobre. Imersa em impasses, a Nicarágua do século XXI segue com futuro incerto. Talvez a representação dessa incerteza política e democrática sejam as chamativas árvores de metal espalhadas pela capital Manágua a mando de Rosario Murillo, das quais resta apenas saber quando darão frutos.

Se o quadro atual permanece desfavorecendo o diálogo, as posições intelectuais poderiam representar o amparo para a busca de consensos. Porém, a também não efetivação como grupo coeso e autônomo faz da intelectualidade nicaraguense um setor não tão creditado quanto poderia e deveria. Prevalcem ações individuais que repercutem e ganham reconhecimento muito mais no exterior do que no país. Sergio Ramírez provavelmente é o grande nome intelectual do istmo centro-americano, especialmente no campo literário. Suas opiniões ecoadas na imprensa são críticas ao atual governo, mas a identificação da população com o discurso do premiado autor não demonstra ser a mesma de décadas passadas. A lembrança dos piores momentos e consequências do período revolucionário ainda refletem naqueles que então possuíam posições privilegiadas. Ramírez comentou a ação intelectual involucrada na política e especificamente as suas particularidades:

*Un intelectual, escritor o filósofo, tendría mejores oportunidades de poder en países con instituciones desarrolladas y mejor equilibrio democrático. No es que los intelectuales sean una raza aparte, pero no son, por lo general, “animales políticos”, y esto ayuda a explicar también la derrota electoral de Vargas Llosa en el Perú. Los políticos de “sangre caliente” actúan por puro instinto, se defienden con uñas y dientes para evitar ser degollados de un zarpazo, y a la vez, porque el cinismo es parte del juego, acusan a los intelectuales de no tener los pies en la tierra. Además, cuando estos animales políticos se sienten acorralados, imponen “las razones de Estado” y la **ética** se va al carajo. [...]*

En ese sentido, nunca he sido, a fondo, un político de “sangre caliente”. Al contrario, tras la derrota electoral que sufrí en 1996 como candidato del Movimiento Renovador Sandinista, la última de mi vida, más bien me sentí liberado⁵⁰⁰.

É claro que no decorrer do processo revolucionário identificamos o lado exclusivamente político de Ramírez e de outros intelectuais; porém, essas figuras – e Ramírez em particular – seguiram com a defesa de um discurso de teor mais moral e ético do que de ambição e manutenção do poder a qualquer custo. A construção de uma tradição guerrilheira,

⁴⁹⁹ LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. **Nicaragua, los avatares de una democracia pactada**. Managua: UCA Publicaciones, 2013.

⁵⁰⁰ CHEREM, Silvia. **Una vida por la palabra**. Entrevista con Sergio Ramírez. México: Fondo de Cultura Económica, 2004. p. 230-231. O destaque é nosso.

arquitetada pela FSLN tomando como base os feitos de Sandino e personagens históricos locais, aliada a uma reconhecida cultura política de uso recorrente da força e violência como amparo político favoreceu o prestígio de atores oriundos dessa esfera heroica armada mais do que dos homens das letras. Para o núcleo “duro” da FSLN, e conseqüentemente para seus seguidores e militantes, ser intelectual soava como um demérito. Muitas vezes considerado distante de uma população pouco letrada, Ramírez era tratado, de maneira jocosa, como “*el cuentista*”, uma visão de descrédito do ofício de escritor. Todavia, apesar de suas expressões contrárias, Ramírez foi sim uma figura política e que sempre demonstrou estar permeado pelas questões oriundas de tal esfera, seja em seus textos ou atitudes. Aliás, podemos até questionar se os seus escritos (romances ou não) da passagem para a século XXI não seriam como certa resposta às derrotas eleitorais em 1990 e 1996. A visão autocelebrativa corresponde com a construção cultural enquanto elite letrada que se percebia com o dever de guiar e dar voz aos setores subalternos; porém, como já indicado no início dessa tese, a faceta política é inegável e indissociável da carreira intelectual de Ramírez.

À contrapartida, tratamos de elucidar a orientação dos próprios letrados no reconhecimento de seus papéis de liderança e autoridade perante setores populares, entendendo-se como a “voz” para um histórico “silêncio” destinado aos subalternos. Além disso, se considerarmos a proposta incutida no projeto revolucionário sandinista de participação da intelectualidade, podemos analisar a marca nacionalista como uma espécie de teste para provar se através de meios letrados projetos nacionais poderiam ser refundados: “*Esto implicaba la interrelación entre literatura y política en torno a tareas pedagógicas y éticas, que se ampararía por la construcción de límites y fronteras (el territorio liberado y su versión en el espacio de la subjetividad: el hombre nuevo)*”⁵⁰¹.

No caso de Ramírez, a mencionada proposta de (re)construção da nação, fundamentada em uma tradição da cultura política sandinista de destaque do viés ético, humano e histórico, permearia suas ações políticas enquanto líder e vice-presidente nacional e alcançaria suas produções literárias, onde buscou despertar nos leitores o interesse histórico-cultural pelos aspectos nacionais nicaraguenses. O realismo de seus contos e romances, entrelaçando história e ficção até que se façam indistinguíveis, é o trunfo das “mentiras verdadeiras” do autor. O mesmo caracteriza seu estilo de escrita:

⁵⁰¹ DELGADO ABURTO, Leonel. Políticas culturales en la Nicaragua postsandinista: modelos letrados, genealogía y nuevas intervenciones. In: OCHOA BILBAO, Luis; ZIMMERMAN, Marc (coord.). **Giros culturales en la marea rosa de América Latina**. Houston/Puebla: Editorial LACASA/Universidad Autónoma de Puebla, 2014. p. 239.

“Es la novela que se inserta, como aparato de ficciones, dentro del esplendor de la Historia, y se funde con ella, en disputa. La disputa por arrebatarse todo lo que tiene de epopeya, de sorpresa, de terrible y de increíble”. A esto se añade “un sedimento ético que se parece a la esperanza”⁵⁰².

O panorama atual parece estar adaptado a um tipo diferente de “homem novo”, de fundamento mais tecnológico do que ético, tanto na condução quanto nos meios de agir na política. As plataformas de diálogo e os recursos utilizados pelos jovens, por exemplo, identificados por Andrés Pérez-Baltodano como “pós-sandinistas” são uma comprovação das mudanças e ressignificações da cultura política sandinista e suas tradições vigentes na Nicarágua.

Apesar dessas articulações intelectuais, sobressaem no país certa tensão entre tais elaborações letradas e políticas culturais de recurso discursivo, que evocam memórias e simbologias para um uso particular. Então, se retomarmos a construção histórica da Nicarágua, notaremos a marca nacionalista como busca central e em torno dela os ajustes entre interesses oligárquicos, políticos e intelectuais para tentar ampliar o próprio conceito e alcance do que seria o “nacional” e, através dele, alcançar espaços para intervenção e concretização de projetos (pessoais ou coletivos).

Um dos principais problemas foi a descontinuidade de debates e projetos no decorrer das mudanças governamentais. A assentada visão personalista entre as elites e grupos de interesse fez com que a cada troca de mandatários políticos fossem interrompidas as discussões socioculturais e retomadas do zero. Tal espécie de consciência “deshistoricizada” contribuiu à consolidação do dissenso político-social e da frágil confiança popular nas estruturas institucionais.

Nessa ótica, o surgimento e consolidação do sandinismo como ideal aglutinador configurou-se como um referencial fundamental na reorganização do país, especialmente após o fim do regime autoritário da família Somoza. Enquanto heranças do período revolucionário, as diferentes vertentes dessa cultura política sandinista revelaram a complexidade e heterogeneidade envolvendo as memórias da revolução, as influências da figura de Sandino e os entendimentos sobre os rumos a seguir na transição para o século XXI, todas com importâncias. Uma das principais relevâncias e singularidades de Sergio Ramírez foi justamente permanecer fiel a uma interpretação desses fatores. Como retratado, desde meados da década de 1970 embasou leituras e projeções da realidade nicaraguense com um olhar de

⁵⁰² RAMÍREZ, Sergio apud ACEVEDO MARRERO, Ramón Luis. Sergio Ramírez: ensayista y crítico literario. *Ceiba*, ano 6, n. 2 (Segunda época), agosto 2006 - maio 2007. p. 12.

ênfase ao que julgava marcas éticas e humanizadas, valorizando o contexto histórico das transformações que ocorriam. Ao erigir um Sandino histórico, dialogou e foi interlocutor de uma tradição atrelada à cultura política sandinista de enaltecimento de tais considerados traços éticos e morais, que reconhecia a importância do conhecimento histórico como ferramenta de (re)construção nacional.

Atualmente, questionar a respeito da história local pode redundar em ambiguidades para as novas gerações. Como pontuou o jovem escritor e poeta nicaraguense William Grigsby Vergara:

*No se respeta el presente, mucho menos el pasado. Los jóvenes no leemos nuestra propia historia. Estamos globalizados, pero descuidamos nuestra propia historia. ¿Nos dividimos o nos dividieron? La clase media nacional se resiente con la clase alta y no se mezcla con la clase baja. La clase baja, que es mayoría, se resiente con la clase media y con la clase alta. La juventud de más escasos recursos económicos es la más vulnerable a la manipulación política. Siempre ha sido así*⁵⁰³.

Não parece equivocado tratar de uma orfandade ideológica de grande parte da população após a derrota eleitoral da FSLN em 1990. O período de governos de traço liberal e as consequências da guerra e das agressões externas dos anos 1980 acentuaram desigualdades e um quadro de pobreza crescente. O retorno de Ortega ao posto presidencial, amparado em toda a carga simbólica de reerguimento da Frente Sandinista, era uma nova esperança (econômica, política e sentimental) para setores populares desprotegidos. Porém, em meio às inúmeras desinstitucionalizações da FSLN e reconversões do sandinismo associado à ela, a estruturação do poder exercido por Ortega na vida cotidiana redefiniu as distintas conjunturas de ação e de influência da cultura política sandinista e suas vertentes.

Reconhecer a multiplicidade do sandinismo, ou melhor, da ampla cultura política sandinista, incorre na percepção de diferentes fatores de identificação, assimilação e/ou simpatia. Apontamos a força emocional de setores da população no suporte ao discurso e ação da atual FSLN liderada por Ortega e Murillo, e isso não enfraquece ou desmerece na análise enquanto principal tradição política vigente de tal cultura política sandinista ou nos méritos de Daniel Ortega em se erigir como grande figura política da história recente do país. É certo que vários olhares críticos à condução governamental orteguista existem e são propagados dentro e fora da Nicarágua, focando em concebidas transformações de valores e ideais; e, ao

⁵⁰³ GRIGSBY VERGARA, William. 35 Aniversario de la Revolución: Mis preguntas para el 19 de Julio. **Envío**, n. 388, julho 2014. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4866>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

fim, se mostram proveitosos na análise do tema em questão, tal como expôs a pesquisadora mexicana Verónica Rueda Estrada:

Es evidente entonces que entre los sandinistas existe una fidelidad difícil de romper, y por ello son tratados por el FSLN como una clientela, con un discurso religioso muy poroso, casi mesiánico. Se puede concluir que la cultura política promovida por el FSLN para sus militantes fue de tintes claramente ideológicos por casi dos décadas –durante su lucha clandestina–, posteriormente fue doctrinaria y de obediencia militar durante su década en el poder, luego fue pragmática y acomodaticia durante los años liberales cuando fue partido de oposición y finalmente durante su regreso al poder ha sido religiosa y clientelar⁵⁰⁴.

A renovação da militância sandinista se inter-relacionada também com as remodelações das diferentes tradições e vertentes que reivindicam a herança do ideário de Sandino. A referência novamente remonta às eleições de 1990, com o confronto travado entre opções políticas e, após a derrota, as disputas internas na FSLN. De um lado, o caminho quase obsessivo pelo poder, de outro, a manutenção de um discurso mais conformado a adequar-se à nova realidade do país.

Enquanto figura central desse segundo rumo, ainda comprometido, Sergio Ramírez conseguiu articular sua projeção intelectual concomitantemente à defesa e diálogo com uma tradição da cultura política sandinista de aporte a marcas concebidas como éticas e de notabilização do aspecto histórico como bases da persistente busca pela (re)construção nicaraguense. Sua frustração pós-década de 1990 sinalizava a dificuldade de estabelecer espaços de interlocução intelectual e a própria debilidade da intelectualidade como coletividade e de Ramírez enquanto referência político-letrada que não conseguiu efetivar opções mais concretas. Por vezes, sobressai a sensação de que o sandinismo alcançou uma “profundidade dramática⁵⁰⁵” que dificulta uma rearticulação para além da rigidez e do discurso das políticas populares e uma redefinição de seus campos de intervenção. A memória revolucionária idealiza uma perspectiva de poder que parece incentivar e legitimar poucos atores a agirem, credenciando um restrito núcleo “duro” a atuar em nome do sandinismo.

Nesse sentido, o perdurável cenário de ausência de debates, de intercâmbio de ideias e propostas de modelos de governo, de mensagens e de uma dinâmica própria de concorrência pelo poder poderia reportar e favorecer os argumentos daqueles que defendem a suposta cultura política pragmática-resignada e providencialista existente desde o período colonial

⁵⁰⁴ RUEDA ESTRADA, Verónica. Sandinismo y pragmatismo político. Generaciones militantes en Nicaragua 1979-2016. *Palimpsesto*, v. VIII, n. 11, janeiro-junho 2017. p. 169.

⁵⁰⁵ DELGADO ABURTO, Leonel. Op. cit. p. 245.

nicaraguense. Tal cultura política, de acordo com Andrés Pérez-Baltodano⁵⁰⁶, representaria uma atitude cultural derivada de uma visão da história como processo alheio e que não pode ser governado, resultando em uma redução da força para enfrentar o atraso da sociedade nicaraguense e da capacidade para articular visões de futuro em função da descrença na eficiência para fazer e controlar a história. Contudo, a existência em si de um processo insurrecional revolucionário e o panorama recente de manifestações e ações contrárias a medidas governamentais se opõe a esse pragmatismo e resignação, revelando que mudanças são possíveis e que setores populares podem ter um rol protagônico no cenário político nicaraguense.

A ideia de uma miscelânea englobando os aspectos políticos, sociais e culturais seria uma compreensão plausível para a história – especialmente recente – da Nicarágua. Nas palavras do historiador chileno Eduardo Devés Valdés: “*Nicaragua se concentra en sí misma para poder entenderse y, en parte, no se entiende por no ser capaz de mirar más allá de sí misma*”⁵⁰⁷. E nessa perspectiva podemos igualmente incluir os intelectuais locais. Muitos transmitem um certo sentimento de incapacidade diante da realidade, desvelando uma insuficiência na compreensão e possível superação do panorama contemporâneo.

Ramírez também se enquadra em tal cenário, porém, com tentativas de rompimento com o mesmo. Ainda que desiludido com os projetos não realizados no campo político, sua produção literária e sua contribuição no entendimento e difusão da história nacional foram, e são, reflexo do comprometimento e da palavra como ação. De acordo com o próprio autor: “*No hay que olvidar que muchas veces la Historia contada por los novelistas viene a resultar más definitiva que la contada por los historiadores*”⁵⁰⁸. Sua consideração da política militante como uma experiência na vida de escritor expõe seu discurso de preponderância do ofício literário em relação ao fazer político pelo poder, por mais que não seja conveniente ou necessário separar tais atividades na análise de sua carreira intelectual.

No entrelaçar do público e privado, onde os intelectuais latino-americanos apresentavam-se com uma visão ecumênica, poderíamos contestar se a citada limitada capacidade político-reflexiva dos atores sociais nicaraguenses não estaria vinculada a uma baixa participação da intelectualidade. No caso específico da FSLN, a valorização da imagem

⁵⁰⁶ PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Postsandinismo**: crónica de un diálogo intergeneracional e interpretación del pensamiento político de la Generación XXI. Managua: IHNCA-UCA, 2013. p. 443-444.

⁵⁰⁷ DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Pensando (en) Nicaragua hacia el 2000. In: DEVÉS VALDÉS, Eduardo; LOBATO BLANCO, Luis Alfredo (eds). **Nicaragua. Ideas. Siglo XX**. Managua: Universidad Autónoma de Nicaragua, Academia de Geografía e Historia de Nicaragua, 2005. p. 178.

⁵⁰⁸ RAMÍREZ, Sergio. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). **Encuentro**, ano XL, n. 79, 2008a. p. 45.

do herói, do guerrilheiro e a depreciação do intelectual não comprovariam isso? Através do estudo da história da Nicarágua e de algumas considerações apresentadas nessa tese, parecem-nos que a questão adquire outra dimensão e complexidade. De fato, elites e partidos ainda demonstram dificuldades na identificação do marco das limitações e possibilidades históricas dentro das quais opera a sociedade, porém, nem mesmo a intelectualidade nicaraguense conseguiu promover e/ou articular um consenso nacional que integrasse diferentes grupos e setores.

E nesse ponto entramos na questão da importância do reconhecimento da pluralidade da cultura política sandinista e de suas tradições políticas, sem que exista uma linha verdadeira ou mais fiel. Reescrever, reimaginar ou ressignificar o sandinismo e as memórias da revolução não implica deixar de acreditar nos ideais aplicados por Sandino ou apagar os significativos feitos do processo revolucionário que depôs o regime somozista. Pelo contrário, as releituras são a reafirmação de posições sócio-políticas, muitas delas com suas especificidades próprias e reiterando a magnitude da influência sandinista na Nicarágua. Os discursos autorreferenciais e as visões a curto prazo são problemas históricos das elites do país, não exclusivamente um traço da recente oposição à FSLN. Ademais, além da refutação à conduta autoritária de Ortega, existem também segmentos da população que preferem distanciar-se do debate político para não serem envolvidos em possíveis incômodos. Ou seja, a aceitação do “menos pior” englobada em uma limitada percepção de futuro termina por restringir o alcance de políticas transformadoras e o surgimento de novas opções.

Em suma, diante das circunstâncias e cenários expostos no decorrer da tese, percebe-se que a valorização do sandinismo como principal marco referencial ideológico, político e cultural desde meados do século XX segue intimamente ligada à força simbólica de seus rearranjos no caminhar histórico nicaraguense. A questão de disputa pela legitimidade de uso do epíteto sandinista evidencia não apenas a expressividade e a carga representativa do nome Sandino, mas também as dificuldades de diálogo e consenso entre distintos indivíduos e grupos, não necessariamente limitados aqueles permeados pelas esferas de poder. De modo quase frequente, a competição pelo reconhecimento como “verdadeiros herdeiros” do “*General de hombres libres*” se sobrepõe ao valor de seu ideário:

Sandino es ya una estatua. Ya no es un hombre, ya no es un mártir. Es simple y llanamente una estatua. Su silueta luminosa palpita incluso en el viejo Banco Central, un sobreviviente de concreto que soportó el terremoto del 72 y el terremoto del 79. Porque en Nicaragua hubo dos grandes

*terremotos: el del 72 provocado por las placas tectónicas y el del 79 provocado por los nicaragüenses*⁵⁰⁹.

Justamente aí certificamos a relevância de Sergio Ramírez. O resgate de um Sandino histórico e humano, inserido numa tradição política de destaque ético atrelada à cultura política sandinista, demonstrou ser um caminho original diante de uma história política local marcada por pactos, personalismos e ânsias pelo poder. Aliás, o discurso de cunho ético talvez seja o registro elementar na identificação de Ramírez, de seus projetos e ações. Conforme relatou em menção à ruptura com a FSLN: *“Había entrado un día en sus filas por razones éticas, abandonando mi carrera de escritor, y salía por razones éticas, un ciclo de mi vida que se cerraba de la misma manera que se había abierto, sólo que al revés*⁵¹⁰”.

Lendo Ramírez conhecemos a Nicarágua e suas peculiaridades. A invenção como verdade passa pela ambivalência intelectual, tão presente em sua trajetória: *“Yo me reconozco en la calidad doble del intelectual que imagina y también piensa, que inventa y a la vez predica, que no pone freno a la creación [...]”*⁵¹¹. O entretecer da memória e do histórico na literatura, da intervenção política e da ação intelectual na vida pública: com tais artifícios, Sergio Ramírez conseguiu formar um tecido cujos fios são imprescindíveis na compreensão da história recente nicaraguense.

⁵⁰⁹ GRIGSBY VERGARA, William. Op. cit.

⁵¹⁰ CHEREM, Silvia. Op. cit. p. 239.

⁵¹¹ RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. 2008a. p. 43.

Fontes

DARÍO, Rubén. **Poesía**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1977.

_____. **El modernismo y otros ensayos**. Madrid: Alianza, 1989.

_____. **La vida de Rubén Darío escrita por él mismo**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1991.

FONSECA, Carlos. **Sandino: Guerrillero Proletario**. Managua: Secretaría Nacional de Propaganda y Educación Política del FSLN, 1980.

_____. **Obras**. 2 v. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1982.

_____. Antecedentes del FSLN. **Ventana** (Barricada Cultural), edição de 06 julho de 1985.

_____. Viva Sandino. In: BALODANO, Mónica; STEDILE, João Pedro (orgs.). **Sandino: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

FRENTE SANDINISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL. **Programas y proclamas del Frente Sandinista de Liberación Nacional**. Dirección Nacional del FSLN. Managua: Vanguardia, 1989.

GORDILLO, Fernando. **Obra**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.

MINISTERIO DE CULTURA. **Hacia una política cultural de la Revolución Popular Sandinista**. Managua: Ministerio de Cultura, 1982.

MORALES AVILÉS, Ricardo. **No pararemos de andar jamás**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1983.

MOVIMIENTO RENOVADOR SANDINISTA. **Principios y programa aprobados por la Convención Constitutiva**. Managua: [s.n.], 1995.

_____. **Estatutos MRS**. Managua: [s.n.], 2012.

NICARAGUA. Ley creadora de los ministerios de Estado. Decreto No. 6 (aprovado em 20 de julho de 1979). Publicado em **La Gaceta** No. 01 de 22 de agosto de 1979.

_____. Ley creadora de la Editorial Nueva Nicaragua. Decreto Ley No. 616 de 06 de janeiro de 1981. Publicado em **La Gaceta** No. 7 de 12 de janeiro de 1981.

_____. Declaración oficial de la Independencia Cultural, el día 18 de enero. Decreto No. 928 de 17 de janeiro de 1982. Publicado em **La Gaceta** No. 21 de 27 de janeiro de 1982.

_____. Ley Electoral. Lei n. 331 (aprovada em 19 de janeiro de 2000). Publicada em **La Gaceta** n. 16 de 24 de janeiro de 2000.

RAMÍREZ, Sergio; ROBLES, Alfonso; GORDILLO, Fernando. Proclama. Frente Ventana. **Ventana**, León, Nicaragua, ano 2, n. 8, p. 02, 1961.

RAMÍREZ, Sergio. El ideario político-social de Sandino y el sandinismo. Análisis histórico-social del movimiento sandinista desde el origen hasta la maduración. **Encuentro**: Revista Académica de la Universidad Centroamericana, n. 15, p. 10-20, 1980.

_____. Vigencia del pensamiento sandinista. Conferencia pronunciada por el doctor Sergio Ramírez Mercado, miembro de la Junta de Gobierno de Reconstrucción Nacional, en el auditorio del diario *Barricada*. Managua, 3 de febrero de 1983. In: INSTITUTO DE ESTUDIO DEL SANDINISMO. **El sandinismo**: documentos básicos. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1983.

_____. El escritor centroamericano. **Texto Crítico**, v. 10, n. 29, p. 66-74, 1984a.

_____. **El pensamiento vivo de Sandino**. 2 tomos. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1984b.

_____. El muchacho de Niquinohomo. In: _____. Op. cit. Tomo 1, 1984b.

_____. Sobre literatura, sobre compromiso. Entrevista a Steven White. **Ventana** (suplemento cultural del diario *Barricada*), n. 156, 1984c.

_____. **Balcanes y volcanes**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1985a.

_____. **Balcanes y volcanes**. Y otros ensayos y trabajos. Buenos Aires: Editorial Nueva América, 1985b.

_____. **El alba de oro**: la historia viva de Nicaragua. México, D.F.: Siglo Veintiuno Editores, 1985c.

_____. **Seguimos de frente**. Escritos sobre la revolución. Caracas: Ediciones Centauro, 1985d.

_____. **Estás en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1986.

_____. **Las armas del futuro**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1987.

_____. **Castigo Divino**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1988.

_____. Treinta años de Ventana. In: **VENTANA**. Publicación de arte y letras de los estudiantes de la Universidad Nacional Autónoma de Nicaragua. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1990.

_____. **Confesión de amor**. Managua: Ediciones Nicarao, 1991.

_____. **Oficios compartidos**. México: Siglo XXI Editores, 1994.

_____. Sandino contemporáneo. In: KINLOCH TIJERINO, Frances (ed.). **Nicaragua en busca de su identidad**. Managua: IHN-UCA/PNUD, 1995.

_____. Un sandinismo en el que creer. In: _____. **Oficios compartidos. Un sandinismo en el que creer**. Poitiers, França: Centre de Recherches Latino-Américaines-Archivos, 2000.

_____. La pasión crítica (Los intelectuales ante el espejo de su tiempo). **Encuentro**, ano XL, n. 79, p. 36-47, 2008a.

_____. Sandino, classe e ideologia. In: BALTODANO, Mónica; STEDILE, João Pedro (orgs.). Op. cit. 2008b.

_____. **Adiós Muchachos** – A história da Revolução Sandinista e seus protagonistas. Rio de Janeiro: Record, 2011.

_____. **El autor y su obra – Confesiones de un fabricante de mentiras**. Universidad Internacional Menéndez Pelayo (UIMP), Santander, ESP, 13-17 julio 2015.

_____. **Los hilos de la memoria**. 2016. Disponível em:
<<http://www.sergioramirez.com/index.php/10-articulos/458-los-hilos-de-la-memoria>>.
Acesso em: 05 jun. 2017.

SANDINO, Augusto C. Manifiesto [1º julio de 1927]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. Tomo 1. 1984b.

_____. Carta a Adán Maradiaga [Septiembre de 1927]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. Tomo 1. 1984b.

_____. “Augusto C. Sandino, héroe de Hispanoamérica”, Max Grillo. [2 de junio de 1928]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. Tomo 1. 1984b.

_____. Carta a Froylán Turcios [10 de junio de 1928]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. Tomo 1. 1984b.

_____. Plan de realización del supremo sueño de Bolívar [20 de marzo de 1929]. In: RAMÍREZ, Sergio. Op. cit. Tomo 1. 1984b.

SOMOZA GARCÍA, Anastasio. **El verdadeiro Sandino o el calvario de Las Segovias**. Managua: Tipografía Robelo, 1936.

Referências bibliográficas

ACEVEDO MARRERO, Ramón Luis. Sergio Ramírez: ensayista y crítico literario. **Ceiba**, ano 6, n. 2 (Segunda época), p. 08-15, agosto 2006 - maio 2007.

AGUIRRE, Erick. **La espuma sucia del río: sandinismo y transición política en Nicaragua**. Managua: CIRA, 2001.

_____. Ejercicios de estilo: la realidad alucinante de Centroamérica en la narrativa de Sergio Ramírez. **Encuentro**, ano XLI, n. 82, p. 69-86, 2009.

ALCÁNTAR, Iliana; ARSOVA, Jasmina. Conversaciones con Sergio Ramírez. **Mester**, v. 32, n. 1, p. 30-52, 2003.

ALTAMIRA, Jorge. **Porque o sandinismo fracassou**. São Paulo: Editora Outubro, 1990.

ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, Vol. I, 2008.

_____. (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, Vol. II, 2010.

ÁLVAREZ MONTALVÁN, Emilio. **Cultura política nicaragüense**. Managua: Colección Presidencial Enrique Bolaños Geyer, 2003.

ANDERSEN, Lykke. **Análisis y proyecciones de población y pobreza para Nicaragua 2005-2025**. La Paz: Instituto de Estudios Avanzados en Desarrollo, 2007.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARELLANO, Jorge Eduardo. **Lecciones de sandinismo: doce ensayos**. Managua: Ministerio de Educación, MED, 1981.

_____. El movimiento nicaragüense de vanguardia. **Boletín Nicaragüense de Bibliografía y Documentación**, Managua, Nicaragua, n. 63, p. 69-102, 1990.

_____. **Guerrillero de nuestra América: Augusto C. Sandino (1895-1934)**. Managua: Hispamer, 2008.

_____. Sandino ante la historia. **Boletín Nicaragüense de Bibliografía y Documentación**, n. 159, 2013.

ARROSA SOARES, Maria Susana (org.). **Os intelectuais nos processos políticos da América Latina**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1985.

BALTODANO, Mónica. **Una nueva opción de izquierda en Nicaragua**. 2006. Disponível em: <<http://monicabaltodano.blogspot.com.br/2006/06/una-nueva-opcin-de-izquierda.html>>. Acesso em: 25 maio 2017.

_____. Movimiento por el Rescate del Sandinismo: “Reorganizar desde la base”. **Prensa de Frente**, 2009a. Disponível em: <<http://www.alainet.org/es/active/28514>>. Acesso em: 25 maio 2017.

_____. Por qué integramos el Movimiento por el Rescate del Sandinismo. In: _____. **Sandinismo, pactos, democracia y cambio revolucionario**. Managua: [s.n.], 2009b.

_____. **Memorias de la Lucha Sandinista**. V. 4 – Rebeldía e Insurrección en el departamento de Carazo. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica, 2011.

BANCO MUNDIAL. **Nicaragua: informe sobre la pobreza 1993-2005**. Washington, DC: The World Bank, 2008.

BARACCO, Luciano. **Nicaragua: the imagining of a nation. From Nineteenth-century Liberals to Twentieth-century Sandinistas.** New York: Algora Publishing, 2005.

BELLINI, Giuseppe. Notas sobre la evolución de las vanguardias en Centroamérica: Nicaragua. In: SÁINZ DE MEDRANO, Luis. **Las vanguardias tardías en la poesía hispanoamericana.** Roma: Bulzoni Editore, 1993.

BELLUZO, Ana Maria de Moraes (org.). **Modernidade: vanguardas artísticas na América Latina.** São Paulo: Editora Unesp, 1990.

BELT, Thomas. **El naturalista en Nicaragua.** Managua: Banco Central de Nicaragua, 1976.

BENÍTEZ MANAUT, Raúl. Centroamérica: paz, desarrollo y democracia versus guerra y militarismo. El reto de los años noventa. In: FACULTAD LATINOAMERICANA DE CIENCIAS SOCIALES. **Seguridad, Paz y Desarme: Propuestas de Concertación Pacífica en América Latina y el Caribe – Estudio Estratégico de América Latina 1990-1991.** Santiago de Chile: CLADDE/FLACSO, 1992.

BERSTEIN, Serge. Os Partidos. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ/FGV, 1996.

_____. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma História Cultural.** Lisboa: Estampa, 1998.

_____. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al. **Cultura política, memória e historiografia.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

BEVERLEY, John. Post-literatura. **Nuevo Texto Crítico,** Stanford, CA, ano VII, n.14/15, p. 385-400, 1994-1995.

BEVERLEY, John; ZIMMERMAN, Marc. **Literature and politics in the Central American Revolutions.** Austin: University of Texas Press, 1990.

BLANDÓN GUEVARA, Erick. **Discursos transversales: la recepción de Rubén Darío en Nicaragua.** Managua: Banco Central de Nicaragua, 2011.

BOBBIO, Norberto. **Os intelectuais e o poder.** São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BRANDÃO, Letícia Araujo. **A utopia de Ernesto Cardenal: um poema de amor à Nicarágua Sandinista.** 2015. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

BRAJOS MUÑOZ, Héctor. Sergio Ramírez. Aguas revueltas: ficción y realidad. **IntraHistoria.com,** 2015. Disponível em: <<http://intrahistoria.com/sergio-ramirez-aguas-revueltas-ficcion-y-realidad/>>. Acesso em: 06 abril 2017.

BROWITT, Jeff. Amor perdido: Sergio Ramírez, la ciudad letrada y las fallas en el sandinismo gramsciano. **Istmo - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos,** n. 8, janeiro-junho 2004. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n08/articulos/amor.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

CANCINO TRONCOSO, Hugo. **Las raíces históricas e ideológicas del movimiento sandinista**. Antecedentes de la revolución nacional y popular nicaragüense. 1927-1979. Odense: Odense University Press, 1984.

CARDENAL, Ernesto. El grupo de vanguardia en Nicaragua. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, Peru, n. 15, año 8, p. 71-76, 1982.

_____ (et al.). **Nicarágua: a experiência da esperança**. Campinas: Papyrus, 1987.

CHAMORRO ZELAYA, Pedro Joaquín. **Fruto Chamorro**. Managua: Editorial Unión, 1960.

CHANDLER, Brian T. La repolitización del autor en Margarita, está linda la mar de Sergio Ramírez. **The Coastal Review**, v. 4, n. 1, p. 01-14, 2013.

CHEREM, Silvia. **Una vida por la palabra**. Entrevista con Sergio Ramírez. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

CHIRIBOGA HOLZHEU, Alessandra. Forma e ideología en la vanguardia nicaragüense. **Tiresias**, Ann Arbor, MI, n. 4, p. 66-87, 2010.

CONSTENLA, Tereixa. Sergio Ramírez: “La tentación política no existe para mí. Nunca la tuve”. **El País**, 10 maio 2013. Disponível em: <http://cultura.elpais.com/cultura/2013/05/09/actualidad/1368124090_250784.html>. Acesso em: 23 maio 2017.

CORTÁZAR, Julio. **Nicaragua, tan violentamente dulce**. Buenos Aires: Muchnik Editores, 1984.

COSTA, Adriane Vidal. **Intelectuais, política e literatura na América Latina: o debate sobre revolução e socialismo em Cortázar, García Márquez e Vargas Llosa (1958-2005)**. 2009. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CRUZ FELICIANO, Héctor; CHAGUACEDA, Armando. Los intelectuales públicos y el Frente Sandinista en Nicaragua: presencia, desencuentros y actualidad (1990-2012). **Cahiers des Amériques latines**, Paris, França, n. 74, p. 139-159, 2014.

CUADRA, Pablo Antonio. Hacia nuestra poesía vernácula. vanguardia. **El Correo**, Granada, Nicarágua, n. 55, 1932.

D'CIOFALO, Giovanni. Predendarismo: significados y consecuencias. **La Prensa**, Managua, Nicarágua. 24 jul. 2015. Opinión. Disponível em: <<http://www.laprensa.com.ni/2015/07/24/opinion/1871388-prebendarismo-significados-y-consecuencias>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

DE LEÓN, Olver Gilberto (org.). **Literaturas ibéricas y latinoamericanas contemporáneas: una introducción**. Paris: Ophrys, 1981.

DELGADO ABURTO, Leonel. Textualidades de la nación en el proceso cultural vanguardista. **Revista de Historia de Nicaragua**, Managua, Nicarágua, n. 10, p. 19-33, 1997.

_____. Proceso cultural y fronteras del testimonio nicaragüense. **Istmo** - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 2, julho-dezembro 2001. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n02/articulos/proceso.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. **Márgenes recorridos**: apuntes sobre procesos culturales y literatura nicaragüense del siglo XX. Managua: IHNCA, 2002.

_____. Postvanguardia y nostalgia modernista: ciudades americanas y crónica de sí en *Rápido tránsito* de José Coronel Urtecho. **Istmo** - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 16, 2008. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n16/articulos/delgado.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

_____. “Resistencia de la memoria”: (Pos) Vanguardia, dictadura y restitución afiliativa en José Coronel Urtecho. **Estudios**: Revista de investigaciones literarias y culturales, Caracas, Venezuela, v. 19, n. 38, p. 73-94, 2011.

_____. Políticas culturales en la Nicaragua postsandinista: modelos letrados, genealogía y nuevas intervenciones. In: OCHOA BILBAO, Luis; ZIMMERMAN, Marc (coord.). **Giros culturales en la marea rosa de América Latina**. Houston/Puebla: Editorial LACASA/Universidad Autónoma de Puebla, 2014.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. Pensando (en) Nicaragua hacia el 2000. In: DEVÉS VALDÉS, Eduardo; LOBATO BLANCO, Luis Alfredo (eds). **Nicaragua. Ideas. Siglo XX**. Managua: Universidad Autónoma de Nicaragua, Academia de Geografía e Historia de Nicaragua, 2005.

ESCOBAR, José Benito. **Ideario sandinista**. Managua: Departamento de Educación y Propaganda Política, 1984.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FONT, Joan; GOMÀ, Ricard. El proceso de democratización en Nicaragua: actores, estrategias y conflicto. **Revista CIDOB d’Afers Internacionals**, Barcelona, Espanha, n. 20, p. 49-75, 1991.

FROEHLING, Ortrun. Reflexiones sobre el escritor en Latinoamérica y el cambio social (Usar la palabra como fusil). **Nueva Sociedad**, n. 5, p. 03-12, marzo-abril 1973.

FUNDACIÓN AUGUSTO NICOLÁS CALDERÓN SANDINO. Disponível em: <www.acsandino.org.ni>. Acesso em: 31 maio 2017.

GILMAN, Claudia. **Entre la pluma y el fusil**. Debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2003.

GOBAT, Michel. **Confronting the American Dream**. Nicaragua under U.S. imperial rule. Durham, NC: Duke University Press, 2005.

GOBIERNO DE NICARAGUA. **Plan Nacional de Desarrollo Humano 2008-2012**. Managua: [s.n.], 2008.

GOMES, Ângela de Castro. História, historiografia e cultura política no Brasil: algumas reflexões. In: SOIHET, Rachel; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima (org). **Culturas Políticas**: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2005.

GONÇALVES, Felipe Canova. **A TV dos sandinistas**: identidade nacional e televisão na Revolução Nicaraguense (1979-1990). 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GONÇALVES, Felipe Canova; GERALDES, Elen Cristina. Entre a democratização e a sobrevivência: possibilidades e desafios da política cultural da Nicarágua sandinista. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, BA, v. 8, n. 1, p. 58-75, 2015.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel, BICALHO, Maria Fernanda, GOUVÊA, Maria de Fátima (org). **Culturas Políticas**: Ensaio de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, 2005.

GRANADOS GARCÍA, Aimer. Alfonso Reyes en Sur América: diplomacia y campo intelectual en América Latina, 1927-1939. **Historia y espacio**, Cali, Colombia, n. 38, p. 06-22, 2012.

GRIGSBY VERGARA, William. 35 Aniversario de la Revolución: Mis preguntas para el 19 de Julio. **Envío**, n. 388, julho 2014. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4866>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALPERIN DONGHI, Tulio. Intelectuales, sociedad y vida pública en Hispanoamérica a través de la literatura autobiográfica. In: HALPERIN DONGHI, Tulio. **El espejo de la historia**. Buenos Aires: Sudamericana, 1987.

KOZAK ROVERO, Gisela. Castigo Divino, de Sergio Ramírez. Novela policial, folletinesca, satírica y autorreflexiva. **Iberoamericana**, Nueva época, vol. 1, n. 2, p. 27-42, 2001.

LACAZE, Catherine. El FSLN y la ‘iconización’ de Sandino. **Caravelle**, n. 98, p. 59-75, 2012.

LACOMBE, Delphine. El FSLN, “el peor de los escenarios”. Debates de la militancia feminista en el contexto preelectoral nicaraguense (2004-2006). **Trace** (México, DF), n. 66, p. 38-61, dez. 2014.

LLERA, Francisco J. Enfoques en el estudio de la cultura política. In: CASTILLO, Pilar del; CRESPO, Ismael (org.). **Cultura Política - enfoques teóricos y análisis empíricos**. Valencia: Tirant lo Blanch, 1997.

LÓPEZ CASTELLANOS, Nayar. **Nicaragua, los avatares de una democracia pactada**. Managua: UCA Publicaciones, 2013.

LOZANO, Lucrecia. **De Sandino al triunfo de la revolución**. México: Siglo XXI Editores, 1985.

MACIEL, Fred. Ortegismo: a nova faceta governamental na Nicarágua. **Revista Mundorama**, 2011. Disponível em: <<https://www.mundorama.net/2011/12/03/orteguismo-a-nova-faceta-governamental-na-nicaragua-por-fred-maciel/>>. Acesso em: 22 maio 2017.

MACKENBACK, Werner. El problema de la nación en el pensamiento juvenil de Carlos Fonseca. In: KINLOCH TIJERINO, Frances (ed.). **Nicaragua en busca de su identidad**. Managua: IHNCA/PNUD, 1995.

_____. Historia y ficción en la obra novelística de Sergio Ramírez. **Istmo - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos**, n. 4, julho-dezembro 2002. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n04/proyectos/ramirez.html>>. Acesso em: 28 março 2017.

_____. La revolución como novela – ¿la novela de la revolución? Sobre la metaforización de la revolución sandinista en la narrativa nicaragüense. **Revista Iberoamericana**, v. LXXIX, n. 242, p. 75-94, 2013.

_____. ¿De la ira al asco? Reflexiones sobre el intelectual-escritor en Centroamérica “después de las bombas” y sus repercusiones en la literatura. **Centroamericana**, n. 25.2, p. 55-78, 2015.

MANSILLA, Hugo Celso Felipe (et al.). **Os intelectuais e a política na América Latina**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

MARSAL, Juan (et al.). **Los intelectuales políticos**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1971.

MARTÍ I PUIG, Salvador. **La izquierda revolucionaria en Centroamérica: el FSLN desde su fundación a la insurrección popular**. Barcelona: Institut de Ciències Polítiques i Socials, 2002.

_____. Mutaciones orgánicas, adaptación y desinstitucionalización partidaria: el caso del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN), 1980-2006. **Revista de Estudios Políticos (nueva época)**, n. 143, p. 101-128, 2009.

_____. **Nicaragua (1979-1990)**. La revolución enredada. Salamanca: Salvador Martí i Puig, 2012.

_____. Nicaragua: desdemocratización y caudillismo. **Revista de Ciencia Política**, v. 36, n. 1, p. 239-258, 2016.

MATO, Daniel. Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder. In: MATO, Daniel (org.). **Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas en cultura y poder**. Caracas: CLACSO, 2002.

MEJÍA, José. La pena de los dioses. **Centroamericana**, n. 13, p. 87-103, 2007.

MIRES, Fernando. **La rebelión permanente: las revoluciones sociales en América Latina**. Delegación Coyoacán: Siglo Veintiuno, 2005.

MONROY-GARCÍA, Juan José. **Tendencias ideológico-políticas del Frente Sandinista de Liberación Nacional (FSLN) 1975-1990**. Toluca, México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2015.

MONTÁLVAN, Gustavo Adolfo. Historia del periodismo en Nicaragua. **Revista Conservadora**, Managua, Nicaragua, n. 76, p. 54-64, 1967.

MONTEFORTE TOLEDO, Mario. Los intelectuales y la integración centroamericana. **Revista Mexicana de Sociología**, México, D.F., v. 29, n. 4, p. 831-852, 1967.

MONTEFORTE TOLEDO, Mario; VILLAGRÁN KRAMER, Francisco. **Izquierdas y derechas**. Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1968.

MORAES, Isabella Lígia. Modernidade e modernismo em Rubén Darío. **Cadernos CESPUC**, Série Ensaio, Belo Horizonte, MG, n. 22, p. 107-114, 2013.

MORALES, Arqueles. Sergio Ramírez: gobernar con el mismo esmero con que escribo. **Casa de las Américas**, Havana, Cuba, v. 25, n. 151, p. 70-74, 1985.

MORLINA, Fabio Clauz. **Teologia da libertação na Nicarágua sandinista**. 2009. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

MORO, Diana Irma. **La narrativa de Sergio Ramírez y las significaciones de la figura de Rubén Darío en la constitución de la literatura nicaragüense**. Tese [Letras]. Universidad Nacional de La Plata, Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación, 2013.

_____. Sergio Ramírez: ensayo y autfiguración. **Revista Pilquen**, Sección Ciencias Sociales, ano XVI, v. 17, n. 01, p. 01-10, 2014.

MYERS, Jorge. Los intelectuales latinoamericanos desde la colonia hasta el inicio del siglo XX. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, Vol. I, 2008.

NEPOMUCENO, Eric. **Nicarágua – um país acossado**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

NITLAPAN. Elecciones 2001: lo previsto, lo imprevisto, lo incierto. **Envío**, n. 236, noviembre 2001. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/1116>>. Acesso em: 17 maio 2017.

ORTEGA HEGG, Manuel. **Cultura política, gobierno local y descentralización**. San Salvador: FLACSO, 2001.

ORTEGA SAAVEDRA, Humberto. **50 anos de luta sandinista**. São Paulo: Quilombo, 1980.

PALAZÓN SÁEZ, Gema. **Memoria y escrituras de Nicaragua**. Cultura y discurso testimonial en la Revolución Sandinista. Paris: Publibook, 2010.

_____. El grupo vanguardista y la articulación de la nación. Estética y política en la vanguardia nicaragüense. In: FUENTES, Manuel; TOVAR, Paco. **A través de la vanguardia**

hispanoamericana: orígenes, desarrollo, transformaciones. Tarragona: Publicacions URV, 2011.

PALMER, Steven. Carlos Fonseca and the construction of Sandinismo in Nicaragua. **Latin American Research Review**, v. 23, n.1, p. 91-109, 1988.

PARTIDOS y movimientos políticos en Nicaragua. **Revista Envío**, Managua, Nicaragua, n. 38, 1984. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/428>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

PASTRANA HERNÁNDEZ, Guadalupe Xochitlanetzin. Los Talleres de Poesía del Ministerio de Cultura en la Nicaragua de los años ochenta. **Revista Humanismo y Cambio Social**, Managua, Nicarágua, n. 5, ano 3, p. 17-22, janeiro-junho 2015.

PÉREZ-BALTODANO, Andrés. **Entre el Estado Conquistador y el Estado Nación**: providencialismo, pensamiento político y estructuras de poder en el desarrollo histórico de Nicaragua. Managua: Instituto de Historia de Nicaragua y Centroamérica – Universidad Centroamericana, 2003.

_____. Nicaragua: un experimento democrático en agonía. **Nueva Sociedad**, n. 199, p. 04-11, 2005.

_____. **Postsandinismo**: crónica de un diálogo intergeneracional e interpretación del pensamiento político de la Generación XXI. Managua: IHNCA-UCA, 2013.

PÉREZ CUADRA, María del Carmen. La imagen de Rubén Darío en dos momentos de la historia literaria nicaragüense: la generación de vanguardia y la generación de los años sessenta. **Istmo** - Revista virtual de estudios literarios y culturales centroamericanos, n. 01, 2001. Disponível em: <<http://istmo.denison.edu/n01/articulos/dario.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

PIVA, Márcia. **Nicarágua, um povo e sua história**: 1552-1984. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

PIVA, Marco Antonio. **A Revolução Sandinista e a política internacionalista do Partido dos Trabalhadores para a América Latina na década de 1980**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PIZARRO, Ana. Sobre la vanguardia en América Latina. Vicente Huidobro. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, Peru, n. 15, ano 8, p. 109-121, 1982.

_____. (org.). **América Latina**: palavra, literatura e cultura. Volume III. São Paulo/Campinas: Memorial/Editora Unicamp, 1994.

QUESADA, Uriel. La verdad, el poder y la ficción policiaca: el caso de Castigo Divino, de Sergio Ramírez. **Mester**, v. 31, n. 1, p. 17-31, 2002.

RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Montevideo: Arca, 1998.

RAMÍREZ, Sergio. Enciclopedia de Literatuta Nicaragüense. Disponível em: <<http://www.nicaraguaportal.de/kunst-und-kultur/sergio-ramirez/enciclopedia-de-literatura-nicaraguense.html>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

REICHEL, Heloisa Jochims. A identidade latino-americana na visão dos intelectuais da década de 1960. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, RS, v. XXXIII, n. 2, p. 116-133, 2007.

REYES, Alfonso. Notas sobre la inteligencia americana. **Sur**, Buenos Aires, Argentina, n. 24, p. 07-15, 1936.

RIBAS-CASASAYAS, Alberto. Mil y una muertes de Sergio Ramírez y los fantasmas de la construcción nacional nicaragüense. **Revista de Estudios Hispánicos**, v. 48, n. 3, p. 493-517, 2014.

RIVERA, Ernesto. En Nicaragua los índices de pobreza son pura ciencia ficción. Entrevista Sergio Ramírez Mercado. **Semanario Universidad**, 2016. Disponível em: <<http://semanariouniversidad.ucr.cr/mundo/nicaragua-los-indices-pobreza-pura-ciencia-ficcion/>>. Acesso em: 24 maio 2017.

ROCHA, José Luis. Aniversario 34 de la Revolución: 34 años de olvido culpable, 23 de interesada memoria. **Envío**, n. 376, julho 2013. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4712>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

_____. 34 Años de olvido culpable, 23 de interesada memoria: ¿Cómo justificamos lo que pasaba? **Envío**, n. 377, agosto 2013. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/4721>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

_____. El proyecto Ortega-Murillo: cuatro claves de un éxito volátil. **Envío**, n. 416, 2016. Disponível em: <<http://www.envio.org.ni/articulo/5274>>. Acesso em: 22 maio 2017.

RODRIGUES, Lygia. O Sandinismo e a Revolução Nacional e Democrática na Nicarágua. In: DAYRELL, Eliane; IOKOI, Zilda (orgs.). **América Latina Contemporânea: desafios e perspectivas**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1996.

RODRÍGUEZ, Sheila K.; COLLEGE, Messiah. La muerte del héroe tradicional: jugando con la historia nicaragüense en Margarita está linda la mar de Sergio Ramírez. **Latin American Essays/MACLAS**, vol. 21, n. 1, p. 36-45, 2007.

RODRÍGUEZ MOYA, Daniel. Sergio Ramírez: “Los sueños de revolución en Nicaragua fueron muy caros”. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, Espanha, n. 703, p. 117-130, 2009.

RODRÍGUEZ MURILLO, Marco Antonio. Modernismo y sociedad en la obra poética de Rubén Darío. **Temas Antropológicos**, Revista Científica de Investigaciones Regionales, Mérida, México, v. 35, n. 1, p. 81-107, 2012/2013.

RODRÍGUEZ NÚÑEZ, Víctor (org.). Carlos Fonseca en *Segovia*. **Casa de las Américas**, Havana, Cuba, n. 174, p. 03-11, 1989.

RODRÍGUEZ ROSALES, Isolda. La Restauración Conservadora y la creación de colegios religiosos. **Encuentro**, Managua, Nicaragua, n. 71, ano XXXVIII, p. 119-135, 2005.

ROSS, Peter. Cultural policy in a transitional society: Nicaragua 1979-89. **Third World Quarterly**, Abingdon, Inglaterra, v. 12, n. 2, p. 110-129, 1990.

ROSSET, Peter; VANDERMEER, John. **Nicaragua, unfinished revolution: the new Nicaragua reader**. New York: Grove Press, 1986.

ROVIRA MAS, Jorge. Nicaragua 1979-2007. Transición a la democracia y perspectivas de su consolidación. **Encuentro**, San José, Costa Rica, ano XLI, nº 82, p. 06-24, 2009.

RUEDA ESTRADA, Verónica. **Testimonio y confesión**. Épica y memoria de la Revolución Sandinista en La Marca del Zorro, Confesión de Amor y Adiós Muchachos de Sergio Ramírez Mercado. Dissertação [Estudios Latinoamericanos]. Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México, 2005.

_____. Sandinismo y pragmatismo político. Generaciones militantes en Nicaragua 1979-2016. **Palimpsesto**, v. VIII, n. 11, p. 147-171, janeiro-junho 2017.

SÁ, Roger dos Anjos de. **A Revolução Sandinista: do triunfo à derrota (1979-1990)**. 2014. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

SALGADO, Maria Mercedes. **Recrutamento em movimentos de alto risco: o caso da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) da Nicarágua**. 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

SÁNCHEZ, Edwin. "Mi generación sigue siendo traicionada". Entrevista com Iván Uriarte. **El Nuevo Diario**, Managua, Nicaragua, 21 abr. 2007. Disponível em: <<http://archivo.elnuevodiario.com.ni/nacional/208161-mi-generacion-sigue-siendo-traicionada/>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

SANDINO, Walter C. **El libro de Sandino**. Tomo I – El bandolerismo de Sandino en Nicaragua. Managua: [s.n.], 2009.

SCHAEFER, Claudia. La recuperación del realismo: ¿Te dió miedo la sangre? de Sergio Ramírez. **Texto Crítico**, n. 36-37, p. 146-152, janeiro-dezembro 1987.

SCHERER GARCÍA, Julio. Sergio Ramírez, de la Junta de Gobierno de Nicaragua: El asedio de Estados Unidos pone en peligro el pluralismo político, la economía mixta y la libertad de prensa. **Proceso**, Ciudad de México, n. 228, mar. 1981. Disponível em: <<http://www.proceso.com.mx/130635/sergio-ramirez-no-228>>. Acesso em: 02 jun. 2016.

SCHWARTZ, Jorge. **Las vanguardias latinoamericanas**. Textos programáticos y críticos. México: Fondo de Cultura Económico, 2002.

SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **A repercussão do movimento sandinista na imprensa brasileira: 1926-1934**. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Assis, 2005.

SELSER, Gregorio. **Sandinino, general de hombres libres**. Buenos Aires: Pueblos Unidos de América, 1955.

_____. **El pequeño ejército loco**. Buenos Aires: Editorial Triángulo, 1958.

SERRANO CALDERA, Alejandro. En busca de la nación. In: ARÉVALO CUADRA, Elisa (et al.). **Historia y violencia en Nicaragua**. Managua: UNESCO/UPOLI, 1997.

_____. **Desde la universidad, 1957-1974**: un enfoque de la universidad y la sociedad nicaragüense. León: Editorial Universitaria/UNAN, 2007.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

SOLÍS, Pedro Xavier. **El movimiento de vanguardia de Nicaragua**: análisis y antología. Managua: Fundación Vida, 2001.

SOTO JOYA, Fernanda. **Ventanas en la memoria**: recuerdos de la Revolución en la Frontera Agrícola. Managua: UCA Publicaciones, 2011.

SQUIER, Ephraim George. **Nicaragua, sus gentes y paisajes**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1989.

STOPPINO, Mario. Poder. In: BOBBIO, Norberto (org.). **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

TÉLLEZ, Fanor. Poesía de los años sesenta: el fenómeno de irrupción. In: AA.VV. **Encuentro de poesía actual en Nicaragua**. Managua: Instituto Nicaragüense de Seguridad Social y Bienestar, 1994.

TORRES ESPINOSA, Edelberto. **La dramática vida de Rubén Darío**. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1982.

TORRES-RIVAS, Edelberto. El Estado contra la sociedad. Las raíces de la Revolución Nicaragüense. **Estudios Sociales Centroamericanos**, v. 9, n. 27, p. 79-96, 1980.

_____. La recomposición del orden: elecciones en Centroamérica. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, Madrid, Espanha, n. 50, p. 111-121, abril-junho 1990.

_____. Nicaragua: el retorno del sandinismo transfigurado. **Nueva Sociedad**, n. 207, p. 04-10, 2007.

_____. La difícil existencia de las izquierdas centroamericanas. **A Contracorriente**, v. 6, n. 2, p. 01-20, 2009.

TOURAINÉ, Alain. **Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina**. São Paulo: Trajetória Cultural/Editora da Unicamp, 1989.

TREBITSCH, Michel; GRANJON, Marie-Christine (org). **Pour une histoire comparée des intellectuels**. Bruxelas: Éditions Complexe/IHTP-CNRS, 1998.

TÜNNERMANN, Carlos. **Perspectivas del desarrollo de la educación superior en Nicaragua**. Managua: Editorial Nueva Nicaragua, 1993.

TUVESSON, Cecilia. **Novelas nicaragüenses de contenido político**. Un estudio de obras literarias de Gioconda Belli y Sergio Ramírez. Tese [Spanish Studies]. Lunds Universitet, Suécia, 2012.

UHARTE POZAS, Luis Miguel. Los rostros del sandinismo en la Nicaragua del siglo XXI. **Gara** – Euskal Herriko egunkaria. Disponível em: <<http://gara.naiz.eus/paperezkoa/20131109/431976/es/Los-rostros-sandinismo-Nicaragua-siglo-XXI>>. Acesso em: 29 maio 2017.

URBINA, Nicasio. **La estructura de la novela nicaragüense**. Managua: Anamá Ediciones, 1995.

_____. Violencia y estructura en Margarita está linda la mar de Sergio Ramírez. **Revista Iberoamericana**, vol. LXX, n. 207, p. 359-370, 2004.

_____. Simulacro y significación en Sombras nada más de Sergio Ramírez. **Hispania**, v. 92, n. 1, p. 46-53, 2009.

VALERIO-HOLGUÍN, Fernando. Poética de la corrupción en Sombras nada más de Sergio Ramírez. In: COLÍN, José Juan (ed.). **Sergio Ramírez: acercamiento crítico a sus novelas**. Guatemala: F&G Editores, 2013.

VALLEJOS ESCOTO, Irvin. **La vanguardia nicaragüense**. Ciudad Darío: Instituto Franciscano Rubén Darío, 2012.

VANNINI, Margarita. Políticas públicas de la memoria en Nicaragua. **A Contracorriente**, Raleigh, NC, v. 12, n. 1, p. 73-88, 2014.

VARGAS, Oscar-René. **El síndrome de Pedrarias: cultura política en Nicaragua**. Managua: Centro de Estudios de la Realidad Nacional (CEREN), 1999.

VARGAS VARGAS, José Ángel. Sergio Ramírez: escritor y político. **InterSedes** – Revista Electrónica de las Sedes Regionales de la Universidad de Costa Rica, San José, v. 3, n. 5, p. 213-238, 2002.

_____. Sergio Ramírez: poder y desencanto. **Revista Pensamiento Actual**, v. 5, n. 6, p. 49-54, 2005.

_____. Mil y una muertes: nuevos referentes en la novelística de Sergio Ramírez. **Revista Comunicación**, año 27, v. 15, n. 1, p. 20-25, enero-julio 2006.

VÁZQUEZ, Luis Serra. La dinámica política en Nicaragua. In: MEDINA NÚÑEZ, Ignacio (coord.). **Centroamérica: democracia, militarismo y conflictos sociales en el siglo XXI**. Buenos Aires: Elaleph, 2010.

VERANI, Hugo. Manifiestos de la vanguardia en Nicaragua. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, Lima, Peru, n. 15, año 8, p. 181-192, 1982.

VILAS, Carlos María. **Nicarágua hoje: análise da Revolução Sandinista**. São Paulo: Vértice, 1986.

_____. Nicaragua: el camino de la derrota electoral y el porvenir de la revolución sandinista. **Realidad**, San Salvador, El Salvador, n. 14, p. 135-164, março-abril 1990.

_____. Asuntos de familia: clases, linajes y política en la Nicaragua contemporánea. **Desarrollo Económico**, Buenos Aires, Argentina, v. 32, n. 27, p. 411-437, 1992.

_____. **El legado de una década**. Managua: Lea Grupo Editorial, 2005.

WEBER, Max. **Ensaaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

WELLINGA, Klaas. Los intelectuales y el sandinismo: una relación crispada. In: ÁNGEL, Raquel (org.). **Rebeldes y domesticados: los intelectuales frente al poder**. Buenos Aires: Ediciones El Cielo por Asalto, 1992.

_____. **Entre la poesía y la pared: política cultural sandinista, 1979-1990**. Amsterdam: Thela Publishers, 1994.

WHEELOCK, Jaime. **Imperialismo y dictadura**. México: Siglo Veintiuno Editores, 1982.

WHISNANT, David E. **Rascally signs in sacred places: the politics of culture in Nicaragua**. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1995.

WÜNDERICH, Volker. **Sandinista, una biografía política**. Managua: IHNCA-UCA, 2010.

ZANETTI, Susana. El modernismo y el intelectual como artista: Rubén Darío. In: ALTAMIRANO, Carlos (org.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: Katz Editores, Vol. I, 2008.

ZIMMERMANN, Matilde. **A Revolução Nicaraguense**. São Paulo: Editora Unesp, 2006.

_____. **Carlos Fonseca e a revolução nicaraguense**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.